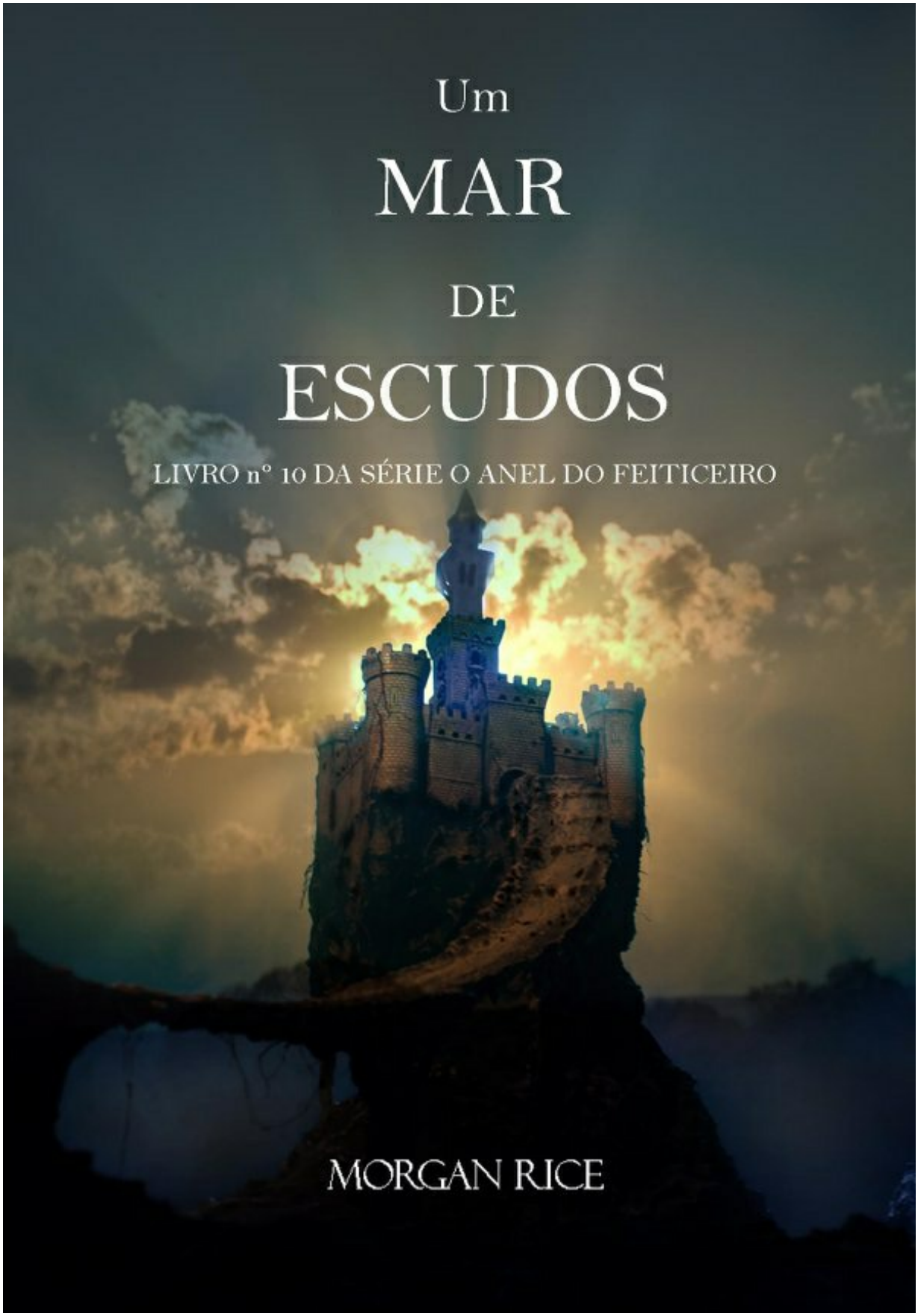
Um MAR DE ESCUDOS

LIVRO nº 10 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO





Um MAR DE ESCUDOS

(LIVRO nº 10 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO)

Morgan Rice

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

TRANSFORMADA (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), ARENA UM (Livro Nº1 da série Trilogia de Sobrevivência) e EM

BUSCA DE HERÓIS (Livro Nº1 da série O Anel do Feiticeiro) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sinta-se à vontade em visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebooke o Twitter, e manter contato!

Críticas aos livros de Morgan Rice

“Uma fantasia espirituosa que inclui elementos de mistérios e intriga em sua trama. *Em Busca de Heróis* mostra onde nasce a coragem e como a busca por um propósito leva ao crescimento, amadurecimento e excelência... Para aqueles que buscam aventuras, os protagonistas, acontecimentos e ação oferecem uma série de acontecimentos relacionados à evolução de Thor de uma criança sonhadora a um jovem adulto e sua busca pela sobrevivência apesar de todas as dificuldades... Este é apenas o começo de uma série de literatura juvenil épica.”

Midwest Book Review (D. Donovan, Crítica de E-livros)

“O ANEL DO FEITICEIRO reúne todos os ingredientes para um sucesso

instantâneo: tramas, intrigas, mistério, bravos cavaleiros e relacionamentos repletos de corações partidos, decepções e traições. O livro manterá o leitor entretido por horas e agradará a pessoas de todas as idades. Recomendado para fazer parte da biblioteca permanente de todos os leitores do gênero de fantasia."

-- *Books and Movie Reviews*, Roberto Mattos.

"A fantasia épica de Rice [O ANEL DO FEITICEIRO] inclui as características clássicas do gênero - um lugar marcante, altamente inspirado pela antiga Escócia e sua história, e uma boa medida de intriga da corte."

— *Kirkus Reviews*

"Adorei como Morgan Rice construiu o personagem de Thor e o mundo em que ele vive. A paisagem e as criaturas que vivem no lugar são bem descritas... Eu gostei de trama, curta e doce... A quantidade ideal de personagens secundários me ajudou a não ficar confusa.

Há bastante aventura e momentos angustiantes, mas a ação contida no livro não é excessivamente violenta. O livro é ideal para leitores adolescentes... Há indícios de algo realmente marcante no primeiro livro da série..."

--*San Francisco Book Review*

"Neste livro recheado de ação, o primeiro da série de fantasia O Anel do Feiticeiro (que atualmente conta com 14 livros), Rice introduz os leitores ao garoto de 14 anos Thorgrin "Thor" McLeod, cujo sonho é juntar-se ao Exército Prata, os cavaleiros de elite do rei... A narrativa de Rice é sólida e intrigante."

--*Publishers Weekly*

"[EM BUSCA DE HERÓIS] é de leitura rápida e fácil. Os finais dos capítulos fazem com que você queira ler mais e é impossível deixar o livro de lado. Há alguns erros ortográficos no livro e alguns nomes estão trocados, mas isso não interfere no andamento da história. O final do livro fez com que eu adquirisse o livro seguinte imediatamente. Todos os livros disponíveis da série O Anel do Feiticeiro podem atualmente ser adquiridos na loja da Kindle e Em Busca de Heróis está disponível gratuitamente para que você comece a ler! Se estiver à procura de algo rápido e divertido para ler nas férias, este é o livro ideal."

--*FantasyOnline.net*

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)



[Faça o download dos livros de Morgan Rice agora mesmo!]



Ouça a série O ANEL DO FEITICEIRO em áudio livro!

Copyright © 2013 por Morgan Rice

Todos os direitos reservados. Exceto conforme permitido pela Lei de Direitos Autorais dos EUA de 1976, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um banco de dados ou sistema de recuperação, sem a autorização prévia da autora.

Este e-book é licenciado para o seu uso pessoal. Este e-book não pode ser revendido ou cedido a outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, por favor, compre uma cópia adicional para cada destinatário. Se você estiver lendo este livro sem tê-lo comprado, ou se ele não foi comprado

apenas para seu uso pessoal, por favor, devolva-o e adquira sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho da autora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, entidades, eventos e incidentes são produto da imaginação do autor ou foram usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

Imagem da capa Copyright da Razzomgame, usada com autorização da Shutterstock.com

ÍNDICE

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CAPÍTULO QUARENTA

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Conde: “A se tivéssemos aqui agora

Um décimo dos homens da Inglaterra…”

Henrique V: “Não, meu caro primo…

Quanto menos homens, maior a honra.

A vontade divina! Rogo-te, não peça por mais homens.”

--William Shakespeare

Henrique V

CAPÍTULO UM

Gwendolyn solta um grito ensurdecedor quando a dor atravessa seu corpo. Ela está deitada de

costas no campo de flores silvestres, e seu estômago dói mais do que ela imaginava ser possível,

enquanto seu corpo se contorce e empurrando, tentando colocar o bebê para fora. Uma parte dela

gostaria que tudo aquilo parasse, gostaria de chegar a um lugar seguro antes que seu bebê venha ao

mundo. Mas uma grande parte dela sabe que seu filho está prestes a nascer, quer ela queira ou não.

Por favor, Deus, agora não, ela *reza. Só mais algumas horas. Só até que eu esteja em segurança em algum lugar.*

Mas não é para ser. Gwendolyn sente outra pontada de dor atravessar seu corpo,

e ela se inclina

para trás e grita quando sente o bebê girar dentro dela, prestes a nascer. Ela sabe que não será

possível detê-lo.

Em vez disso, Gwen passa a empurrar, forçando-se a respirar como as enfermeiras haviam lhe

ensinado, tentando ajudar o bebê a sair. Mas tudo aquilo parece não estar funcionando, e ela geme em

agonia.

Gwen se senta mais uma vez e olha em volta procurando qualquer sinal de vida.

"Socorro!" Ela grita com toda a força que ainda lhe resta.

Mas não há qualquer resposta. Gwen está no meio dos campos, muito longe de qualquer pessoa, e

seu grito sem perde em meio às árvores, carregado pelo vento.

Gwen sempre tentava se manter firme, mas ela tem que admitir que ela agora está apavorada. Ela

não teme tanto por si mesma, e sim pelo bebê. E se ninguém os encontrasse? Mesmo que ela

conseguisse parir sozinha, como ela seria capaz de sair daquele lugar com o bebê? Ela tem a terrível

sensação de que ela e o bebê morreriam ali.

Gwen repassa os últimos acontecimentos em sua mente, relembrando aquele momento fatídico

com Argon, em que o tinha libertado, sobre o que ela tinha feito. O sacrifício. A escolha insuportável

que ela tinha sido forçada a fazer, tendo que escolher entre seu bebê e seu marido. Ela agora chora,

recordando a decisão que tinha feito. Por que a vida sempre exigia sacrifícios

dela?

Gwendolyn prende a respiração quando o bebê de repente se vira dentro dela, uma dor tão

intensa que reverbera do topo de sua cabeça até os dedos de seus pés. Ela sente como se ela fosse um

carvalho sendo partido em dois, de dentro para fora.

Gwendolyn arqueia o corpo para trás e geme olhando para o céu, tentando imaginar-se em

qualquer outro lugar, menos ali. Ela tenta se agarrar a algo em sua mente, algo que possa lhe dar uma

sensação de paz.

Ela pensa em Thor. Ela vê eles dois juntos, quando eles se conheceram, andando por aqueles

mesmos campos de mãos dadas, enquanto Krohn pulava ao redor de seus pés. Ela tenta trazer a

imagem à vida em sua mente, tentando se concentrar nos detalhes.

Mas aquilo não está funcionando. Ela abre os olhos de repente, quando a dor a traz de volta à

realidade. Ela se pergunta como ido parar ali, sozinha naquele lugar, e então se lembra de Aberthol,

dizendo-lhe que sua mãe estava morrendo, e se lembra de ter saído correndo para vê-la. Sua mãe

também estaria morrendo, naquele mesmo instante?

De repente, Gwen grita, sentindo-se como se estivesse morrendo, e ao olhar para baixo e ela vê a

cabeça do bebê, começando a coroar. Ela joga o corpo para trás e grita enquanto empurra sem parar,

transpirando e com o rosto vermelho pelo esforço.

Depois de um último empurrão, de repente, um grito atravessa o ar.

O choro de um bebê.

De repente, o céu escurece. Gwen olha para cima e observa assustada quando o dia perfeito de

verão, sem aviso, se transforma em noite. Ela vê quando os dois sóis de repente são eclipsados pelas

duas luas.

Um eclipse total de ambos os sóis. Gwen mal pode acreditar: isso só acontecia, ela sabe, uma vez

a cada 10 mil anos.

Gwen assiste em terror enquanto tudo à sua volta é imerso na escuridão. De repente, o céu se

enche de relâmpagos, estrias atravessando a imensidão escura, e Gwen se sente bombardeada por

pequenas pedras de gelo. Ela não consegue entender o que está acontecendo, até que ela finalmente

percebe que é uma chuva de granizos.

Tudo isso, ela sabe, é um grande presságio, e acontece no momento exato do nascimento de seu

bebê. Ela olha para a criança e sabe imediatamente que ele é mais poderoso do que ela poderia

imaginar. Ela sabe que ele é de outra esfera do universo.

Quando ela finalmente sai, chorando, Gwen instintivamente estende a mão e pega o bebê no colo,

puxando-o contra o peito antes que ele possa deslizar na grama e na lama, protegendo-o do granizo

ao colocar os braços ao redor dele.

Ele chora, e assim que ele faz isso, a terra começa a tremer. Ela sente o chão

tremendo e, ao

longe, ela vê pedras rolando para baixo das encostas. Ela pode sentir o poder daquela criança

correndo por ela, afetando todo o universo ao seu redor.

Enquanto Gwen segura a criança com força, ela se sente mais fraca a cada segundo; perdendo

muito sangue. Ela fica com a cabeça leve, fraca demais para se mover, apenas forte o suficiente para

segurar seu bebê, que não para de chorar em seu peito. Ela mal consegue sentir as próprias pernas.

Gwen tem a terrível sensação de que iria morrer ali, naqueles campos, com aquele bebê. Ela não

se importa mais consigo mesma, mas não consegue cogitar a ideia de que seu bebê morreria também.

"NÃO!" Gwen grita, invocando toda a força que ainda lhe resta para protestar contra aquela

situação.

Quando Gwen joga a cabeça para trás, deitando-se no chão, um grito surge em resposta. Não é um

grito humano, e sim o de uma criatura antiga.

Gwen começando a perder a consciência. Ela olha para cima, se seus olhos começam a se fechar

apesar de seus esforços, mas ela vê o que parece ser uma aparição dos céus. É um animal enorme,

descendo na direção dela, e ela se lembra vagamente que aquela é uma criatura que ela ama.

Ralibar.

A última coisa que Gwen vê antes que seus olhos se fechem é Ralibar, descendo

com seus

grandes olhos verdes brilhantes e suas escamas vermelhas antigas, com as garras estendidas, - indo

diretamente até ela.

CAPÍTULO DOIS

Luanda fica paralisada em estado de choque, olhando para o cadáver de Koovia, ainda segurando

o punhal sangrento em sua mão, mal acreditando no que ela tinha acabado de fazer.

Todo o salão de festas se cala e olha para ela; todos estão espantados, e ninguém se atreve a se

mover. Todos olham para o cadáver de Koovia aos seus pés, o intocável Koovia, o grande guerreiro

do reino McCloud, perdendo em proezas apenas para o Rei McCloud, e a tensão no quarto é tão

pesada que poderia ser cortada com uma faca.

Luanda é a mais chocada de todos. Ela sente a palma de sua mão queimando, ainda segurando a

adaga, e sente uma onda de calor em cima dela, eufórica e aterrorizada por ter acabado de matar um

homem. Ela se sente, acima de tudo, orgulhosa por ter feito aquilo, orgulhosa por ter impedido que

aquele monstro colocasse as mãos sobre seu marido ou sobre a noiva. Ele teve o que merecia. Todos

aqueles McCloud são uns selvagens.

De repente ouve-se um grito e, ao olhar para cima, Luanda vê o guerreiro líder de Koovia, a

poucos metros de distância dela, de repente partir para a ação, com o desejo de

vingança estampado

em seus olhos, e correr até ela. Ele ergue sua espada alta e aponta para o peito de Luanda.

Luanda ainda está atordoada demais para reagir, e o guerreiro avança rapidamente. Ela se

prepara, sabendo que em apenas alguns instantes, ela sentiria o aço frio perfurando seu coração. Mas

Luanda não se importa; não importa o que aconteça com ela agora que ela havia matado aquele

homem.

Luanda fecha os olhos quando a espada desce na direção dela, preparada para encarar a própria

morte – e fica surpresa ao ouvir o barulho de metal batendo contra metal.

Ela abre os olhos e vê Bronson dar um passo à frente, erguendo a espada e bloqueando o golpe

do guerreiro. Luanda se surpreende; ela não achava que ele fosse capaz disso, ou que ele, com sua

única mão boa, poderia parar um golpe poderoso como aquele. Acima de tudo, ela fica tocada ao

perceber o quanto ele realmente se importa com ela, o suficiente para arriscar sua própria vida.

Bronson golpeia habilmente com sua espada em torno dele, e mesmo com apenas uma mão, ele

tem tanta habilidade e força que consegue perfurar o coração do guerreiro, matando-o no local.

Luanda mal pode acreditar. Bronson, mais uma vez, havia salvado a vida dela. Ela se sente

profundamente grata a ele, e uma nova onda de amor por ele surge dentro dela. Talvez ele seja mais

forte do que ela imaginava.

Gritos irrompem em ambos os lados do salão de festas quando os McCloud e MacGil se

aproximam mutuamente, ansiosos para ver quem poderia matar o outro primeiro. Todos os pretextos

de civilidade observados durante todo a cerimônia e festa do casamento de repente são

esquecidos. Agora é a guerra: guerreiro contra guerreiro, todos aquecidos pela bebida, alimentados

pela raiva, pela indignidade que os McCloud tinham tentado perpetrar ao tentarem violar a sua noiva.

Homens saltam sobre a mesa de madeira grossa, ansiosos para matar uns aos outros,

apunhalando-se, pegando no rosto um do outro, caindo juntos sobre a mesa e derrubando comida e

vinho. A sala está apertada, completamente tomada pelos guerreiros que se amontoam ombro a

ombro, quase sem qualquer espaço para manobra, enquanto os homens grunhem e se esfaqueiam,

gritando e gemendo à medida que a cena se transforma em um caos sangrento.

Luanda tenta se recompor. A luta é tão rápida e tão intensa, os homens estão com tamanha sede de

sangue, tão focados em matar uns aos outros, que ninguém exceto ela tem tempo para olhar ao redor e

observar o que acontece na periferia da sala. Luanda observa por uns instantes, e assimila tudo com

uma perspectiva maior. Ela é a única pessoa que vê quando os McCloud deslizam pelos cantos da

sala, lentamente barrando as portas, uma de cada vez e, em seguida, esgueiram-

se para fora sem que

ninguém perceba.

Os cabelos na parte de trás do pescoço de Luanda se arrepiam quando ela de repente percebe o

que está acontecendo. Os McCloud estão trancando todos na sala - e fugindo por alguma razão. Ela

observa quando eles pegam as tochas das paredes e seus olhos se arregalam de pânico. Ela percebe

com horror que os McCloud pretendem incendiar o salão com todos eles presos ali dentro - até

mesmo os próprios membros de seu clã.

Luanda deveria ter imaginado que isso aconteceria. Os McCloud eram implacáveis, e fariam

qualquer coisa para ganhar.

Luanda olha à sua volta, vendo tudo se desenrolar diante dela, e vê uma porta que ainda não tinha

sido barrada.

Luanda virou, se distancia da luta corpo a corpo e corre para a porta, desferindo cotoveladas e

empurrões para tirar os homens para fora de seu caminho. Ela vê um McCloud, que também corre

para a porta do outro lado da sala, e ela corre mais rápido, com pulmões prestes a estourar,

determinada a chegar até a porta antes dele.

O McCloud não vê Luanda quando ele chega à porta, pega uma barra grossa de madeira e se

prepara para barrá-la. Luanda o ataca pela lateral, levantando sua adaga e esfaqueando as costas do

homem.

O McCloud grita, arqueando o corpo, e cai no chão.

Luanda remove a barra de madeira da porta, abrindo-a, e corre para fora.

Lá fora, enquanto seus olhos se ajustam à escuridão, Luanda olha para a esquerda e para a direita

e vê vários McCloud, todos fazendo fila do lado de fora do salão, empunhando tochas, se preparando

para incendiá-lo. Luanda entra em pânico. Ela não pode deixar que isso aconteça.

Luanda vira, corre de volta para a sala, pega Bronson, e o puxa para longe da confusão.

"Os McCloud!" Ela grita urgentemente. "Eles estão se preparando para incendiar o salão! Me ajude! Leve todos para fora! AGORA!"

Bronson, compreendendo o que ela diz, arregala os olhos de medo, e para o seu crédito, sem

hesitar, ele corre até os líderes MacGil e os afasta da luta, gesticulando em direção à porta

aberta. Todos se viram e percebem o plano McCloud, e então gritam ordens para seus homens.

Para a satisfação de Luanda, ela vê quando os homens MacGil de repente se afastam da luta e

correu para a porta aberta que ela tinha encontrado.

Enquanto eles se organizam, Luanda e Bronson não perdem tempo. Eles correm para a porta, e ela

fica horrorizada ao ver outro McCloud correr na direção dela, pegar a tábua, e tentar trancá-la. Ela

não acha que seja possível impedi-lo desta vez.

Mas então, Bronson reage; ele levanta sua espada, se inclina para frente, e a

atira.

Ela atravessa o ar, dando voltas, até finalmente ser empalada nas costas do McCloud.

O guerreiro grita e cai no chão, e Bronson corre até a porta e a abre bem na hora.

Dezenas de MacGil saem do salão pela porta aberta, e Luanda e Bronson se juntam a

eles. Lentamente, todos os MacGil saem do salão, e os McCloud que ainda estão ali observam

espantados e começam a se perguntar porque seus inimigos estão recuando.

Quando todos conseguem sair, Luanda bate a porta, pega uma tábua de madeira junto com os

outros, e barra a porta pelo lado de fora, de modo que nenhum McCloud pudesse segui-los.

Os McCloud que estão ali fora percebem o que está acontecendo, e começam a soltar suas tochas

e pegam suas espadas para lutar.

Mas Bronson e os outros não lhes dá a chance. Eles atacam os soldados McCloud em volta deles,

esfaqueando e matando-os assim que eles baixam as tochas e se preparam para pegar suas armas. A

maioria dos McCloud ainda está do lado de dentro, e as poucas dúzias ali fora não seriam capazes de

enfrentar a fúria dos MacGil que, com sangue nos olhos, matam todos eles rapidamente.

Luanda fica ali, com Bronson ao seu lado, cercada pelos membros do clã MacGil, todos

respirando com dificuldade, emocionada por estar viva. Todos olham para Luanda com respeito,

sabendo que lhe devem sua vida.

Enquanto continuam ali, eles começam a ouvir o barulho das McCloud dentro do salão, tentando

sair. Os MacGil lentamente se viram e, sem saber o que fazer, olham para Bronson esperando sua

decisão.

"Você tem que acabar com a rebelião," Luanda diz com força. "Você deve tratá-los com a mesma brutalidade com que tinham a intenção de tratá-lo."

Bronson olha para ela, em dúvida, e ela pode ver a hesitação em seus olhos.

"O plano deles não deu certo," ele diz. "Eles estão presos lá dentro. Presos. Vamos colocá-los na prisão."

Luanda balança a cabeça com ferocidade.

"NÃO!" Ela grita. "Estes homens olham para você como um líder. Esta é uma região brutal do mundo. Nós não estamos na Corte do Rei. A brutalidade reina aqui. A brutalidade comanda

respeito. Aqueles homens ali dentro não podem viver. Um exemplo deve ser feito deles!"

Bronson olha para ela, horrorizado.

"O que você está dizendo?" ele pergunta. "Você quer queimá-los vivos? Deseja lhes dar o mesmo tratamento brutal que eles planejaram para nós?"

Luanda trava sua mandíbula.

"Se você não fizer isso, marque minhas palavras: certamente um dia eles irão matá-lo."

Os homens MacGil se reúnem em torno deles, testemunhando aquela discussão, e Luanda fica ali,

fumegando de raiva. Ela adora Bronson - afinal, ele tinha salvado sua vida. E ainda assim ela odeia

como ele às vezes poderia ser fraco e ingênuo.

Luanda já tinha tido o bastante de homens no poder, tomando decisões ruins. Ela gostaria de

poder governar ela mesma; ela sabe que seria melhor do que qualquer um deles. Às vezes, ela

acredita, é preciso uma mulher para governar um mundo de homens.

Luanda, banida e marginalizada durante toda a sua vida, sente que não pode mais viver à margem

das coisas. Afinal, é graças a ela que todos aqueles homens estão vivos no momento. E ela é a filha

primogênita de um rei, afinal.

Bronson fica ali olhando para ela, em dúvida, e Luanda pode ver que ele não tomaria medidas.

Ela não aguenta mais. Luanda grita de frustração, corre pra frente, pega uma tocha da mão de um

atendente e, enquanto todos os homens a observam em silêncio atordoado, ela corre para a frente

deles, segura a tocha bem alto, e a atira.

A tocha ilumina a noite, voando pelo ar até cair em cima do telhado de palha do salão de festas.

Luanda observa com satisfação quando as chamas começam a se espalhar.

Os MacGil em torno dela dão um grito, e todos seguem seu exemplo. Cada um deles pega uma

tocha e a joga, e logo as chamas se levantam e o calor se intensifica, chamuscando seu rosto,

iluminando a noite. Logo, todo o salão está envolto em chamas.

Os gritos dos McCloud presos ali dentro atravessam a noite, e enquanto Bronson parece recuar,

Luanda, com as mãos nos quadris, fica parada - fria, dura, impiedosa,

observando com satisfação.

Ela se vira para Bronson, que fica ali, de boca aberta em estado de choque.

"Isso," afirma ela, desafiante, "é o que significa governar."

CAPÍTULO TRÊS

Reece caminha com Stara, lado a lado, com os braços balançando e se encostando, mas sem dar

as mãos. Eles atravessam intermináveis campos de flores no alto da serra, cheios de cor, com uma

imponente vista das ilhas Superiores. Eles caminham em silêncio, Reece sobrecarregado com

pensamentos conflitantes; ele mal sabe o que dizer.

Reece volta a pensar naquele momento fatídico em que ele havia cruzado os olhos com Stara no

lago da montanha. Ele tinha enviado sua comitiva longe, precisando de um tempo a sós com ela. Eles

tinham ficado relutantes em deixar os dois sozinhos - especialmente Matus, que conhecia muito bem a

história deles, - mas Reece havia insistido. Stara era como um ímã, atraindo Reece, e ele não queria

mais ninguém ao seu redor. Ele precisava de tempo para alcançá-la, conversar com ela, para entender

por que ela olhava para ele com o mesmo olhar de amor que ele sentia por ela. Para entender se tudo

aquilo era real, e o que estava acontecendo com eles.

O coração de Reece bate enquanto eles caminham, sem saber por onde começar, o que fazer a

seguir. Seu lado racional grita para ele se virar e correr, para correr o mais longe possível de Stara,

pegar o próximo navio de volta para o continente e nunca mais pensar nela. Para voltar para casa

onde sua futura esposa, que estava em casa à sua espera. Afinal, ele adora Selese, ela sente o mesmo

por ele, e seu casamento seria celebrado em apenas alguns dias.

Reece sabe que isso seria a coisa sensata a fazer. A coisa *certa* a fazer.

Mas a parte lógica dele está sendo oprimida por suas emoções, por paixões que ele não consegue

controlar, que se recusam a ser subservientes ao seu lado racional. São paixões que o obrigam a ficar

ali ao lado de Stara, caminhando com ela através daqueles campos. É uma parte incontrolável dele,

algo que ele nunca tinha entendido e que o levara, durante toda a sua vida, a fazer coisas impulsivas,

a seguir o seu coração. Ele nem sempre tomava as melhores decisões, mas Reece possuía um lado

apaixonado e intenso - e nem era capaz de controlá-lo.

Enquanto Reece caminha ao lado de Stara, ele se pergunta se ela está se sentindo da mesma

maneira que ele. A parte de trás da mão dela encosta na sua enquanto ela anda, e ele acha que pode

detectar um leve sorriso no canto dos lábios dela. Mas ela é difícil de interpretar - Stara sempre tinha

sido assim. A primeira vez que ele a tinha conhecido, enquanto eram crianças, ele se lembra que tinha

fica espantado, incapaz de se mover, incapaz de pensar em outra coisa exceto nela por dias a fio.

Havia algo em seus olhos translúcidos, algo sobre a maneira como ela se portava, tão orgulhosa e

nobre, como um lobo olhando para ele, que era hipnotizante.

Quando crianças, eles sabiam que uma relação entre primos era proibida, mas isso nunca os tinha

perturbado. Algo existia entre eles, algo muito forte, aproximando-os um do outro, apesar de

tudo. Eles brincavam juntos, melhores amigos desde o começo, preferindo a companhia um do outro

acima de qualquer um de seus primos ou amigos. Quando eles visitavam as ilhas Superiores, Reece

passava todo o tempo com ela; ela tinha correspondido, apressando-se para o seu lado, esperando na

costa por dias a fio até que seu barco chegasse.

No início, eles eram apenas melhores amigos. Mas, então, à medida que cresciam, em uma noite

fatídica sob as estrelas, tudo tinha mudado. Apesar de ser proibido, a sua amizade havia se tornado

algo mais forte, maior que os dois, e nenhum deles tinha sido capaz de resistir.

Reece deixava as Ilhas sonhando com ela, distraído a ponto de ter depressão, encarando noites

sem dormir durante os meses seguintes. Ele via o rosto deles todas as noites na cama, desejando que

um oceano, e um costume da família, não estivesse entre eles.

Reece sabia que ela sentia o mesmo; ele havia recebido inúmeras cartas dela, carregadas pelas

asas de um exército de falcões, expressando seu amor por ele. Ele havia respondido, embora não

fosse tão eloquente quanto ela.

O dia em que as duas famílias MacGil tiveram uma briga foi um dos piores dias

da vida de

Reece. Foi o dia em que o filho mais velho de Tirus havia morrido, envenenado pelo mesmo veneno

que Tirus planejava usar contra o pai de Reece. No entanto, Tirus culpava o Rei MacGil. A rixa

havia começado, e o coração de Reece – e de Stara –tinha se partido. Seu pai era poderoso, assim

como o pai de Stara, e ambos haviam sido proibidos de se comunicar com qualquer outro

MacGil. Eles nunca mais viajaram para lá, e Reece tinha passado noites inteiras acordado, pensando

e sonhando com maneiras para poder ver Stara novamente. Ele sabia pelas cartas dela que ela sentia

o mesmo.

Um dia, as cartas dela pararam de chegar. Reece acreditava que elas tinham sido interceptadas de

alguma forma, mas ele nunca soube ao certo. Ele suspeitava que suas cartas também já não chegavam

à ela. Ao longo do tempo, Reece, incapaz de seguir em frente, teve que tomar a decisão dolorosa de

tirar Stara de seu coração, tendo que aprender a tirar os pensamentos dela de sua mente. O rosto de

Stara surgia em sua mente nos momentos mais estranhos, e ele nunca havia deixado de se perguntar o

que teria acontecido com ela. Será que ela ainda pensava nele, também? Ela teria se casado com

outra pessoa?

Agora, naquele dia, vê-la novamente traz tudo de volta. Reece percebe a intensidade dos

sentimentos em seu coração, como se ele nunca tivesse saído do lado dela. Ela agora é uma versão

mais completa e ainda mais bela de si mesma, se isso fosse possível. Ela é uma mulher. E seu olhar é

ainda mais arrebatador do que antes. Naquele olhar, Reece detecta amor, e ele se sente revigorado ao

ver que ela sente por ele o mesmo amor que ele tem por ela.

Reece gostaria de pensar em Selese. Ele deve isso a ela. Mas por mais que ele tente, é

impossível.

Reece anda com Stara ao longo do cume da montanha, ambos em silêncio, sem saber muito bem o

que dizer. Onde ele deveria começar a preencher o vazio de todos aqueles anos perdidos?

"Ouvi dizer que você deve se casar em breve," Stara fala finalmente, quebrando o silêncio.

Reece sente um vazio na boca do estômago. O casamento com Selese sempre lhe causava uma

onda de amor e emoção; mas agora, quando Stara menciona o fato, ele se sente arrasado, como se ele

a estivesse traindo.

"Eu sinto muito," Reece responde.

Ele não sabe mais o que dizer. Ele gostaria de falar: *Eu não a amo. Vejo agora que foi um*

erro. Eu quero mudar tudo. Eu quero me casar com você acima de tudo.

Mas ele realmente *ama* Selese. Ele tem que admitir isso para si mesmo. É um tipo diferente de

amor, talvez não tão intenso quanto seu amor por Stara. Reece se sente confuso.

Ele não sabe ao certo

o que está pensando ou sentindo. Qual amor é mais forte? Será que havia diferentes intensidades para

o amor? Quando amamos alguém, não significa que você simplesmente ama, não importa o que

aconteça? Como um amor pode ser mais forte que outro?

"Você a ama?" Pergunta Stara.

Reece respira fundo, em meio à uma tempestade emocional, sem saber o que responder. Eles

caminham por um tempo, e ele organiza seus pensamentos até que finalmente é capaz de responder.

"Eu a amo," responde ele, angustiado. "Eu não posso mentir."

Reece para e pega a mão de Stara pela primeira vez.

Ela para e se vira para encará-lo.

"Mas eu também amo você," ele acrescenta.

Ele vê seus olhos se encherem de esperança.

"Você me ama mais?" Ela pergunta em voz baixa, esperançosa.

Reece pensa bastante.

"Eu te amei durante toda a minha vida," diz ele, por fim. "Você é a único lado do amor que eu já tinha conhecido. Você é o que o amor significa para mim. Eu amo Selese. Mas com você... é como se

você fosse uma parte de mim. Tal como o meu próprio eu, algo que eu não posso viver sem."

Stara sorri. Ela pega a mão dele e eles continuam caminhando lado a lado, ela balançando seus

braços ligeiramente, com um sorriso no rosto.

"Você não sabe quantas noites passei sentindo sua falta," admite ela, desviando o

olhar. "Minhas palavras foram enviadas nas asas de muitos falcões - apenas para serem removidas pelo meu

pai. Depois da briga, eu não consegui entrar em contato com você. Eu até tentei uma ou duas vezes

escapar em um navio para o continente, mas fui descoberta."

Reece fica transtornado ao ouvir tudo aquilo. Ele não tinha ideia. Ele sempre quis saber como

Stara se sentia a respeito dele após a briga e, ao ouvir suas palavras, ele se sente ainda mais apegado

a ela. Ele agora sabe que não é só ele que se sente daquela forma. Ele não se sente tão louco. O que

existe entre eles é, de fato, real.

"E eu nunca deixei de sonhar com você," responde Reece.

Eles finalmente chegam ao topo do cume da montanha e ficam ali, lado a lado, olhando juntos

para as Ilhas Superiores. A partir daquele ponto de vista, eles podem ver todas as ilhas até oceano e

a névoa acima dele, as ondas que arrebentam abaixo, e centenas dos navios de Gwendolyn alinhados

ao longo das costas rochosas.

Eles ficam em silêncio por muito tempo, de mãos dadas, saboreando o momento. Saboreando

estar juntos, finalmente, depois de todos aqueles anos e todas as pessoas e eventos de vida que

haviam mantido os dois separados.

"Finalmente, estamos aqui, juntos - e ainda assim, ironicamente, agora você está mais preso do

que nunca, com seu casamento a dias de distância. Parece que há sempre algo

destinado a ficar entre

nós."

"E ainda estou aqui hoje, Reece respondeu. "Talvez o destino esteja nos dizendo alguma coisa?"

Ela aperta sua mão como força, e Reece aperta a dela de volta. Quando eles olham para fora, o

coração de Reece bate acelerado, e ele se sente mais confuso do que nunca. Tudo isso estava

destinado a acontecer? Ele estava destinado a encontrar Stara ali, a vê-la antes de seu casamento,

para impedi-lo de cometer um erro e se casar com outra pessoa? O destino estava, depois de todos

aqueles anos, tentando aproximá-los novamente depois de tudo que havia acontecido?

Reece não consegue deixar de acreditar que sim. Ele sente que a havia encontrado por algum

golpe do destino, talvez para dar a eles uma última chance antes de seu casamento.

"O que o destino reuniu, nenhum homem pode separar," diz Stara.

Suas palavras atingem Reece enquanto ela olha em seus olhos, hipnotizando-o.

"Muitas coisas na vida nos mantiveram afastados um do outro," continua Stara. "Os nossos

clãs. Nossas terras natais. Um oceano. O tempo... No entanto, nada foi capaz de nos manter

separados. Tantos anos se passaram, e nosso amor continua tão forte quanto antes. É uma

coincidência o fato de você ter me encontrado antes de se casar? O destino está nos dizendo

algo. Não é tarde demais."

Reece olha para ela com seu coração acelerado. Ela olha para ele com olhos translúcidos que

refletem o céu acima deles e o oceano abaixo, comunicando todo o amor que ela sente por ele. Ele se

sente mais confuso do que nunca, e incapaz de pensar com clareza.

"Talvez eu deva cancelar o casamento," ele declara.

"Isso não sou eu quem tem que decidir," responde ela. "Você deve procurar a resposta dentro de seu próprio coração."

"Nesse momento," ele diz, "meu coração me diz que *você* é a pessoa que eu amo. Você é a pessoa que eu sempre amei. "

Ela olha para ele com sinceridade.

"Eu nunca amei outro homem," ela responde.

Reece não se contém. Ele se inclina, e seus lábios se encontram. Ele sente o mundo derretendo

tudo à sua volta, sentindo-se cercado de amor quando ela retribui o beijo.

Eles continuam se beijando até quase perderem o fôlego, até Reece perceber, apesar de tudo

dentro dele protestar o contrário, que ele nunca poderia se casar com qualquer outra pessoa, exceto

Stara.

CAPÍTULO QUATRO

Gwendolyn está em cima de uma ponte de ouro. Ela se inclina sobre a grade e vê um rio que

corre movimentado abaixo dela. As corredeiras avançam furiosamente, espirrando água cada vez

mais alto enquanto ela observa. Ela pode sentir o spray de onde está.

"Gwendolyn, meu amor."

Gwen se vira e vê Thorgrin na costa diante dela, talvez a seis metros de distância, sorrindo, com

o braço esticado na direção dela.

"Venha," ele implora. "Atravesse o rio."

Aliviada ao vê-lo, Gwen começa a caminhar na direção dele, até que uma outra voz a faz parar

no meio do caminho.

"Mamãe," diz uma voz, baixinho.

Gwen olha para trás e vê um menino na margem oposta. Aparentando ter dez anos, ele é alto,

orgulhoso, de ombros largos, com um queixo esculpido, traços fortes, e olhos cinzentos

brilhantes. Assim como seu pai. Ele está vestindo uma linda armadura brilhante, feita de um material

que ela não reconhece, e tem armas de um guerreiro ao redor de sua cintura. Ela pode sentir sua

força, mesmo dali. Um poder insuperável.

"Mãe, eu preciso de você," ele diz.

O menino estende a mão, e Gwen começa a andar em direção a ele.

Gwen para e olha para um lado e para o outro, entre Thor e seu filho, enquanto ambos estendem a

mão, e se sente dividida, em conflito. Ela não sabe que caminho seguir.

De repente, enquanto fica ali, a ponte desaba sob seus pés.

Gwendolyn grita quando ela quando mergulha nas corredeiras abaixo.

Gwen cai na água gelada com um choque e é levada pelas águas turbulentas. Ela consegue

emergir, com falta de ar, e vê seu filho e seu marido, de pé em margens opostas com as mãos

estendidas, ambos precisando dela.

"Thorgrin!" Ela grita, e então: "Filho!"

Gwen estende a mão para os dois, gritando, mas ela logo despenca de cima de uma cachoeira.

Gwen grita quando perde a visão deles, caindo dezenas de metros na direção das pedras afiadas

abaixo.

Gwendolyn acorda gritando.

Ela olha ao seu redor, suando frio, confusa, se perguntando onde ela estava.

Ela lentamente percebe que está deitada em uma cama, em um quarto escuro do castelo, com

tochas acesas ao longo das paredes. Ela pisca várias vezes, tentando entender o que havia

acontecido, ainda respirando com dificuldade. Lentamente, ela percebe que tinha sido apenas um

sonho. Um sonho horrível.

Os olhos de Gwen se ajustam à escuridão, e ela vê vários atendentes em pé ao redor o quarto. Ela

vê Illepra e Selese em pé em cada lado dela, passando compressas frias ao longo de seus braços e

pernas. Selese limpa suavemente sua testa.

"Shhh," Selese diz suavemente. "Foi apenas um sonho, minha senhora."

Gwendolyn sente uma mão apertar a dela, e seu coração se alegra ao ver Thorgrin. Ele se ajoelha

ao lado da cama, segurando a mão dela, com os olhos brilhando de alegria por vê-la acordada.

"Meu amor," ele diz. "Está tudo bem."

Gwendolyn pisca, tentando descobrir onde está, por que ela está na cama, o que todas aquelas

pessoas estão fazendo ali. Então, de repente, ao tentar se mover, ela sente uma dor terrível no

estômago e se lembra.

"Meu bebê!" Ela grita, de repente histérica. "Onde ele está? Ele está vivo?"

Gwen, desesperada, estuda os rostos ao redor dela. Thor aperta sua mão com firmeza e dá um

grande sorriso, e ela sabe que tudo está bem. Ela sente toda a sua vida tranquilizada por aquele

sorriso.

"Ele está vivo, é verdade," Thor responde. "Graças a Deus. E a Ralibar. Ralibar trouxe você até aqui, e bem na hora. "

"Ele é perfeitamente saudável," acrescenta Selese.

De repente, um grito corta o ar, e Gwendolyn vê Illepra dar um passo à frente, segurando o bebê

chorando enrolado em um cobertor nos braços.

O coração de Gwendolyn se enche de alívio, e ela começa a chorar. Ela começa a chorar

histericamente, emocionada ao vê-lo. Ela fica tão aliviada, que lágrimas de alegria tomam conta

dela. O bebê está vivo. Ela está viva. Eles haviam sobrevivido. De alguma forma, eles tinham

conseguido sobreviver aquele terrível pesadelo.

Ela nunca se havia se sentido tão grata em toda sua vida.

Illepra se inclina pra frente e coloca o bebê no peito de Gwen.

Gwendolyn senta e olha para baixo, examinando-o. Ela se sente renascer com o toque dele, o

peso do bebê em seus braços, seu cheiro e o jeito que ele olha para ela. Ela o embala, segurando com

força envolto em mantas. Gwendolyn é tomada por ondas de amor por ele, e sente gratidão. Ela mal

pode acreditar; ela agora tem um bebê.

Quando ele é colocado em seus braços, o bebê de repente para de chorar. Ele fica completamente

imóvel e, virando-se, olha para ela com os olhos bem abertos.

Gwen sente uma corrente atravessar o seu corpo quando seus olhos se cruzam. O bebê tem olhos

de Thor – olhos cinza brilhantes que parecem vir de outra dimensão. Eles olham através dela, e

quando Gwen olha para ele, sente como se o conhecesse de outra vida.

Naquele instante, Gwen sente um vínculo mais forte com o bebê do que ela tinha com qualquer

outra coisa ou pessoa em sua vida. Ela o aperta com força, e promete nunca abandoná-lo. Ela seria

capaz de mover montanhas por ele.

"Ele tem os seus traços, minha querida," Thor fala para ela, sorrindo ao mesmo tempo em que se

inclina para olhar o bebê junto com ela.

Gwen sorri, chorando, tomada pela emoção. Ela nunca tinha sido tão feliz em sua vida. Isso é

tudo o que ela sempre quis, estar ali com Thorgrin e seu filho.

"Ele tem seus olhos," Gwen responde.

"A única coisa que ele ainda não tem é um nome," diz Thor.

"Talvez devêssemos dar a ele o seu nome," Gwendolyn diz para Thor.

Thor balança a cabeça, inflexível.

"Não. Ele é o seu filho, e carrega suas características. Um verdadeiro guerreiro deve ter o

espírito de sua mãe, e as habilidades de seu pai. Ele precisa de ambos para servir bem. Ele terá

minhas habilidades. E ele deve ser nomeado em sua homenagem."

"Então o que você propõe?" Pergunta ela.

Thor fica pensativo.

"O nome dele parecer com o seu. O filho de Gwendolyn deve se chamar... Guwayne. "

Gwen sorri. Ela instantaneamente ama o som daquele nome.

"Guwayne," ela repete. "Eu gosto."

Gwen abre um largo sorriso, enquanto segura o bebê contra o peito.

"Guwayne," ela fala para o filho.

Guwayne se vira e abre os olhos de novo, e quando ele olhou para ela, ela seria capaz de jurar

que o vê sorrir. Ela sabe que ele ainda é jovem demais para isso, mas ela vê um lampejo de algo, e

tem certeza de que ele aprova o nome.

Selese se inclina para frente e passa uma pomada nos lábios de Gwen, e lhe dá algo para beber,

um líquido espesso e escuro. Gwen se anima imediatamente, e sente que está lentamente se

recuperando.

"Há quanto tempo estou aqui?" Pergunta Gwen.

"Você dormiu quase por dois dias, minha senhora," responde Illepra. "Desde que o grande

eclipse."

Gwen fecha os olhos, e se lembra de tudo. As lembranças rapidamente voltam para ela. Ela se

lembra do eclipse, do granizo, do terremoto... Ela nunca tinha visto nada parecido.

"Nosso bebê prenuncia grandes mudanças," diz Thor. "Todo o reino testemunhou os eventos. Seu nascimento já é comentado, mesmo em terras distantes."

Quando Gwen abraça o menino apertado, ela sente um calor espalhar pelo seu corpo, e sente

como ele é especial. Seu corpo inteiro formiga enquanto ela o segura, e ela entende que ele não é

uma criança comum. Ela se pergunta que tipo de poderes corria em seu sangue.

Ela olha para Thor, pensando. Seu filho também seria um druida?

"Você ficou aqui o tempo todo?" Ela pergunta para Thor, percebendo que ele havia permanecido

ao seu lado todo aquele tempo e repleta de gratidão com ele.

"Eu fiquei, minha querida. Vim assim que soube, mas passei a noite no Lago das Dores, orando

por sua recuperação."

Gwen começa a chorar novamente, incapaz de controlar suas emoções. Ela nunca havia se

sentido mais satisfeita em toda sua vida; segurar aquela criança a faz se sentir completa de uma

maneira que ela antes não acreditava ser possível.

Apesar de seus esforços, Gwen se lembra daquele momento fatídico no Submundo, da escolha

terrível que ela tinha sido forçada a fazer. Ela aperta a mão de Thor e segura o bebê com força,

querendo ambos perto dela, querendo que os dois fiquem com ela para sempre.

No entanto, ela sabe que um deles teria que morrer, e chora descontroladamente.

"O que está errado, meu amor?" Thor finalmente pergunta.

Gwen balança a cabeça, incapaz de dizer a ele.

"Não se preocupe," ele fala. "Sua mãe ainda vive. Se é por isso que você está chorando. "

Gwen de repente olha para ele.

"Ela está gravemente doente," acrescenta Thor. "Mas ainda há tempo para vê-la."

Gwen sabe que precisa fazer isso.

"Eu preciso vê-la," ela diz. "Leve-me até ela agora."

"Você tem certeza, minha senhora?" Pergunta Selese.

"Em sua condição, você não deveria fazer esforço," acrescenta Illepra. "Seu parto foi muito incomum, e você deve se recuperar. Você tem sorte de estar viva."

Gwen balança a cabeça, inflexível.

"Eu verei minha mãe antes que ela morra. Leve-me até ela. Agora ".

CAPÍTULO CINCO

Godfrey se senta no centro da longa mesa de madeira no Salão de Bebidas com uma caneca de

cerveja em cada mão, cantando com um grupo grande de homens MacGil e McCloud, batendo suas

canecas sobre a mesa com o restante deles. Todos estão balançando para frente e para trás, batendo

suas canecas para pontuar cada frase, derramando bebida sobre a palma das mãos e em cima da

mesa. Mas Godfrey não se importa. Ele está profundamente bêbado, como tinha sido todas as noites

durante toda aquela semana, e ele está se sentindo muito bem.

Akorth e Fulton se sentam em ambos os lados dele, e quando ele olha para os lados, fica

satisfeito aover dezenas de MacGil e McCloud ao redor da mesa, antigos inimigos reunidos para

aquele evento que ele tinha organizado. Godfrey tinha levado vários dias atravessando as Highlands

para chegar até ali. A princípio, os homens tinham sido cautelosos; mas quando Godfrey havia

mostrado os barris de cerveja, e então as mulheres, eles haviam começado a chegar.

A princípio eram apenas alguns homens, desconfiados uns dos outros, mantendo-se em seus

próprios lados do salão. Mas, quando Godfrey havia conseguido lotar o salão, naquele pico perdido

no meio das Highlands, os homens tinham começado a se soltar, e a interagir mais uns com os

outros. Não havia nada, Godfrey sabia, como oferta de cerveja grátis para unir os homens.

O que realmente havia ajudado, fazendo os homens agirem como irmãos, foi quando Godfrey

tinha trazido as mulheres. Godfrey tinha usado todos os seus contatos em ambos os lados das

Highlands para limpar os bordéis, e havia pagado as mulheres muito bem. Elas agora lotam o salão

com os soldados, a maioria sentada no colo de um dos homens, e todos parecem estar satisfeitos. As

mulheres bem remuneradas, estão felizes, os homens estão felizes, e todo o salão transmite alegria e

satisfação à medida que os homens param de se concentrar um no outro e passam a prestar atenção na

bebida e nas mulheres.

À medida que a noite avança, Godfrey começa a ouvir uma conversa entre certos MacGil e

McCloud de se tornarem amigos, fazendo planos para ir em patrulha juntos. É exatamente isso que

sua irmã o havia enviado ali para fazer, e Godfrey sente orgulho de si mesmo por ter conseguido

fazer aquilo. Ele também se diverte enquanto isso, e suas bochechas estão coradas pela

cerveja. Havia algo diferente, ele percebe, com aquela cerveja McCloud; ela é mais forte do lado de

cá das Highlands, e sobe direto para a cabeça.

Godfrey sabe que há várias coisas envolvidas no processo de fortalecer um exército, de

aproximar as pessoas, e de governar. A política é uma delas; o governo é outra; a aplicação da lei,

outra. Mas nenhuma delas é capaz de atingir o coração dos homens. Godfrey, apesar de todos os seus

defeitos, sabe como falar ao homem comum. Ele *é* um homem comum. Enquanto ele tem a nobreza da

família real, seu coração sempre esteve com as massas. Ele sempre teve certa sabedoria, nascida das

ruas, que todos aqueles cavaleiros com armaduras de prata brilhante nunca teriam. Eles vivem acima

de tudo, e Godfrey os admira por isso. Mas, Godfrey percebe, há uma certa

vantagem em estar abaixo

de tudo isso, também. Sua situação lhe dá uma perspectiva diferente sobre a humanidade e, por

vezes, uma visão necessária para compreender plenamente as pessoas. Afinal, os maiores erros dos

Reis sempre tinham sido perder o contato com as pessoas.

"Esses McCloud realmente sabem beber," diz Akorth.

"Eles não decepcionam," acrescenta Fulton, quando mais duas canecas deslizam pela mesa e

param diante deles.

"Esta bebida é muito forte," diz Akorth, dando um grande arroto.

"Eu não sinto falta de casa de forma alguma," acrescenta Fulton.

Godfrey é empurrado nas costelas, e vê alguns homens McCloud, balançando com muita força,

rindo muito alto, bêbados enquanto acariciam as mulheres. Aqueles McCloud, Godfrey percebe, são

mais grosseiros do que os MacGil. Os MacGil são difíceis, mas os McCloud - há algo a respeito

deles, algo um pouco primitivo. Ao inspecionar o salão com um olhar crítico, Godfrey vê os

McCloud segurando suas mulheres um pouco forte demais, fazendo um pouco mais de barulho com

suas canecas e acotovelando-se com maldade. Algo sobre aqueles homens deixa Godfrey no limite,

apesar de todos os dias que já havia passado com eles. De alguma forma, ele não confia plenamente

naquelas pessoas. E quanto mais tempo passa com eles, mais ele começa a entender por que os dois

clãs viviam separados. Ele se pergunta se realmente seria possível viverem juntos.

O consumo de bebida chega ao auge, e mais canecas vão sendo passadas, o dobro do que antes, e

os McCloud não diminuem o ritmo, como soldados normalmente faziam naquele momento. Em vez

disso, eles começam a beber ainda mais, de forma excessiva. Godfrey, apesar de seus esforços,

começa a se sentir um pouco nervoso.

"Você imaginava que homens pudessem beber tanto?" Godfrey pergunta para Akorth.

Akorth faz uma careta.

"Mas que pergunta ofensiva!" Ele responde. "O que deu em você?" Fulton pergunta.

Mas Godfrey observa de perto quando um McCloud, tão bêbado que mal consegue enxergar,

tropeça em um grupo de companheiros, derrubando todos com um estrondo.

Há uma pausa por um segundo, enquanto todos no salão param para olhar para o grupo de

soldados no chão.

Mas, em seguida, os soldados se levantam – gritando, rindo e aplaudindo, - e para alívio de

Godfrey, as festividades continuam.

"Você acha que já foi o suficiente?" Pergunta Godfrey, começando a se perguntar se tudo aquilo

teria sido uma má ideia.

Akorth olha fixamente para ele.

"O suficiente?" ele pergunta. "Acha realmente que existe uma coisa dessas?"

Godfrey percebe que ele mesmo está arrastando a fala, e sua mente não está tão desperta quanto

ele gostaria. Ainda assim, ele começa a sentir algo estranho no salão, como se algo não estivesse

exatamente como ele deveria ser. É tudo um pouco excessivo, como se o salão tivesse perdido todo o

autocontrole.

"Não toque nela!" Alguém grita de repente. "Ela é minha!"

O tom da voz é sombrio, perigoso, atravessando o ar e fazendo Godfrey se virar.

Do outro lado do salão, um soldado MacGil fica em pé, com o peito estufado, discutindo com um

McCloud; o McCloud estende a mão e tira uma mulher do colo do MacGil, colocando um braço em

volta da cintura dela e puxando-a para junto dele.

"Ela *era* a sua. Ela é minha agora! Vá encontrar outra!"

A expressão do MacGil escurece, e ele saca a espada. O som característico atravessa o salão,

fazendo todos olharem naquela direção.

"Eu disse que ela é *minha*!" ele grita.

Seu rosto está vermelho e seu cabelo emaranhado com suor, e todos observam fascinados pelo

tom ameaçador que ele usa.

Tudo para abruptamente e o salão entra em silêncio, como ambos os lados observando,

paralisados. O McCloud, um homem grande, corpulento, faz uma careta, pega a mulher, e a empurra

bruscamente para o lado. Ela sai voando no meio da multidão, tropeça, e cai.

O McCloud claramente não se preocupa com a mulher; agora fica óbvio para todos que derramar

sangue era seu único intuito, e não a mulher.

O McCloud saca sua própria espada, e eles se enfrentam.

"Vai ser a sua vida pela dela!" o McCloud dispara.

Soldados recuam em todos os lados, abrindo uma pequena clareira para eles lutarem, e Godfrey

vê todos ficarem tensos. Ele sabe que precisa impedir aquilo antes que aquele confronto se

transforme em uma verdadeira guerra.

Godfrey salta sobre a mesa, tropeçando em canecas de cerveja, corre outro lado do salão, e vai

até o meio da clareira. Quando ele fica entre os dois homens, Godfrey estende as mãos para mantê-

los afastados.

"Homens!" ele grita, arrastando as palavras. Ele tenta manter o foco, esforçando-se para pensar com clareza, e sinceramente lamenta ter bebido tanto.

"Somos todos homens aqui!" ele grita. "Somos todos um só povo! Um exército! Não há

necessidade de uma luta! Há mulheres suficientes para todos! Nenhum de vocês teve a intenção de

insultar ninguém!"

Godfrey olha para o MacGil e o homem fica ali, franzindo a testa, segurando sua espada.

"Se ele se desculpar, irei aceitar," MacGil diz.

O McCloud fica parado, confuso, e então, de repente sua expressão se suaviza, e ele abre um

sorriso.

"Então, eu peço desculpas!" O McCloud grita, esticando a sua mão esquerda.

Godfrey abre caminho, MacGil aceita a mão estendida com cautela, e ambos apertam as mãos.

Assim que eles fazem isso, porém, o soldado McCloud puxa o soldado MacGil para perto, ergue

sua espada e perfura o peito dele.

"Peço desculpas," acrescenta ele, "por não matá-lo mais cedo! Seu MacGil inútil!"

O soldado MacGil cai no chão, morto, e seu sangue escorre pelo chão.

Godfrey fica parado em estado de choque. Ele estava apenas um metro de distância dos soldados,

e não consegue evitar a sensação de que tudo aquilo de alguma forma tinha sido sua culpa. Ele havia

incentivado o MacGil a baixar a guarda; ele é o único que tinha tentado intermediar uma trégua. Ele

havia sido traído por aquele McCloud, feito de bobo na frente de todos os seus homens.

Godfrey não está pensando claramente, e alimentado pela bebida, algo dentro dele explode.

Em um movimento rápido, Godfrey se abaixa, pega a espada do MacGil morto e, levantando-se,

esfaqueia o McCloud através do coração.

O McCloud olha pra frente com os olhos arregalados de choque e, em seguida, cai no chão –

morto e com a espada ainda enfiada em seu peito.

Godfrey olha para sua própria mão sangrenta, e não consegue acreditar no que tinha acabado de

fazer. É a primeira vez que ele havia matado um homem de tão perto. Ele não

sabia que era capaz

disso.

Godfrey não tinha a intenção de matá-lo; ele não tinha pensado sobre aquilo com cuidado. Sua

reação tinha surgido em uma parte profunda de si mesmo, alguma parte que exigia vingança pela

injustiça.

O salão de repente se transforma em um caos. De todos os lados, homens gritam e se atacam,

enfurecidos. O som de espadas sendo empunhadas enche a sala, e Godfrey é empurrado com força

para fora do caminho por Akorth, logo antes de uma espada acertar sua cabeça.

Outro soldado - Godfrey não consegue se lembrar quem ou por quê, pela ele no colo e arremessa

seu corpo em cima de uma mesa forrada de cerveja, e a última coisa que Godfrey se lembra é de

estar deslizando pela mesa de madeira, com a cabeça batendo em cada caneca pelo caminho até

finalmente cair no chão, batendo a cabeça e desejando estar em qualquer lugar, menos ali.

CAPÍTULO SEIS

Gwendolyn, sentada na cadeira de rodas com Guwayne nos braços, se prepara para o encontro

quando criados abrem as portas e Thor entra nos aposentos de sua mãe doente. Os soldados da

Guarda da Rainha curvam a cabeça e dão um passo para o lado, e Gwen segura o bebê mais apertado

quando eles entram no quarto escuro. O local está em silêncio, sufocante, sem ar.

Tochas ardem nas

paredes, e Gwen pode sentir a morte no ar.

Guwayne, ela pensa. *Guwayne. Guwayne.*

Ela repete o nome silenciosamente em sua cabeça, repetidas vezes, tentando se concentrar em

qualquer coisa que não a sua mãe moribunda. Ao pensar no nome, ela se sente confortada, como se

uma onda de calor tomasse conta de seu corpo. *Guwayne*. Um verdadeiro milagre. Ela ama o filho

mais do que jamais seria capaz de dizer.

Gwen quer que sua mãe o veja antes de morrer. Ela quer que sua mãe sinta orgulho dela, e que lhe

dê sua benção. Ela precisa admitir que, apesar de seu passado conturbado, Gwen quer paz e

resolução em seu relacionamento com a mãe antes que ela morra. A rainha está fragilizada, e o fato

de terem se aproximado durante as últimas luas apenas deixa Gwen mais perturbada.

Gwen sente seu coração apertado quando as portas se fecham atrás dela. Ela olha ao redor do

quarto e vê uma dúzia de atendentes perto de sua mãe, pessoas da antiga guarda que ele consegue

reconhecer, e que também costumavam cuidar de seu pai. O quarto está lotado, todos à espera da

morte da rainha. Ao lado de sua mãe, é claro, está Hafold, sua leal criada, que a protege sem deixar

que qualquer outra pessoa se aproxime, como sempre havia feito durante toda a vida.

Quando Thor empurra a cadeira de Gwendolyn para perto da cabeceira de sua mãe, Gwen tem

vontade de se levantar, de se inclina sobre a mãe para lhe dar um abraço. Mas seu corpo ainda está

dolorido e, naquela condição, ela não consegue.

Em vez disso, ela estende o braço e segura o pulso de sua mãe. Ele está frio ao toque.

Quando ela faz isso, sua mãe, deitada inconsciente, lentamente abre um olho. A rainha se mostra

surpresa e satisfeita ao ver Gwen, abrindo lentamente ambos os olhos e tentando falar.

Ela balbucia algumas palavras, que soam como um suspiro. Gwen não consegue entendê-la.

Sua mãe limpa a garganta e acena com a mão para Hafold.

Hafold imediatamente se aproxima, colocando o ouvido perto da boca da rainha.

"Sim, minha senhora?" pergunta Hafold.

"Envie todos para fora. Eu quero ficar sozinha com minha filha e Thorgrin."

Hafold olha para Gwen ressentida, e em seguida responde: "Como quiser, minha senhora."

Hafold imediatamente reúne os presentes e os leva para fora do quarto; em seguida, ela volta e

toma sua posição novamente ao lado da rainha.

"Sozinha," a Rainha repete para Hafold, com um olhar compreensivo.

Hafold olha para baixo, surpresa, em seguida, lança um olhar ciumento para Gwen e sai do

quarto, fechando a porta firmemente atrás dela.

Gwen fica ao lado de Thor, aliviada que todos tenham ido embora. O manto da morte paira no ar,

e Gwendolyn sente que sua mãe não estaria com ela por muito tempo.

A rainha aperta a mão de Gwen, e Gwen aperta a dela. Sua mãe sorri, e uma lágrima escorre pelo

seu rosto.

"Estou feliz em vê-los," sua mãe fala. Suas palavras saem como um sussurro quase inaudível.

Gwen sente vontade de chorar de novo, e tenta ser mais forte, segurando as lágrimas por causa de

sua mãe. No entanto, ela não se contém; lágrimas de repente escorrem pelo seu rosto e ela chora sem

parar.

"Mãe," ela diz. "Sinto muito. Eu realmente sinto muito, por tudo."

Gwen é tomada pela tristeza por não terem sido próximas durante toda a sua vida. Elas nunca

haviam totalmente se compreendido. Suas personalidades viviam sempre em confronto, e eles nunca

conseguiam ver as coisas da mesma maneira. Gwen se arrepende da sua relação, mesmo que não

tenha sido sua culpa. Ela queria que houvesse algo que ela poderia ter feito ou falado para que as

coisas fossem diferentes. Mas elas sempre ficaram em lados opostos em relação a tudo em suas

vidas. E nenhum esforço de qualquer uma delas poderia mudar isso. Elas eram apenas dois seres

humanos muito diferentes, presos na mesma família, presos em uma relação mãe e filha. Gwen nunca

tinha sido a filha que ela queria, e a Rainha nunca foi mãe que Gwen gostaria de ter tido. Gwen se

pergunta por que elas tinham sido destinadas a ficar juntas.

A rainha acena com a cabeça, e Gwen pode ver que ela entende.

"Eu é que sinto muito," ela responde. "Você é uma filha excepcional. E uma rainha

excepcional. Uma rainha melhor do que eu jamais consegui ser. E uma governante ainda maior que o

seu pai. Ele ficaria orgulhoso. Você merecia uma mãe melhor do que eu."

Gwen se perde em lágrimas.

"Você foi uma boa mãe."

Sua mãe balança a cabeça.

"Eu fui uma boa rainha, e uma esposa dedicada. Mas eu não fui uma boa mãe. Não para você, pelo

menos. Eu acho que vi muito de mim em você. E isso me assustou."

Gwen aperta a mão dela, chorando, desejando que elas tivessem mais tempo juntas, desejando

que eles pudessem ter conversado assim antes. Agora que ela é a rainha, agora que ambas estão mais

velhas, e agora que ela tem um filho, Gwen gostaria de ter sua mãe ao seu lado, e gostaria de

transformá-la em sua conselheira. No entanto, ironicamente, ela quer a presença de sua mãe

justamente quando já não é mais possível.

"Mãe, eu quero que você conheça o meu filho. Meu filho, Guwayne."

Os olhos da Rainha se arregalam de surpresa, e ela apoia a cabeça nos travesseiros e vê, pela

primeira vez, Gwen segurando Guwayne em seus braços.

A rainha respira fundo e se senta, pondo-se a soluçar.

"Oh, Gwendolyn," ela diz. "Ele é o bebê mais lindo que eu já vi."

Ela estende a mão e acaricia Guwayne, colocando as pontas dos dedos em sua testa. Quando ela

faz isso, começa a chorar ainda mais.

Sua mãe se vira lentamente e olha para Thor.

"Você será um ótimo pai," ela fala. "Meu ex-marido o amava. Eu passei a entender o porquê. Eu estava errada a seu respeito, perdoe-me. Estou feliz por você estar com Gwendolyn."

Thor assente solenemente, estende a mão, e aperta o ombro da rainha quando ela estende a mão

para ele.

"Não há nada a perdoar," afirma ele.

A rainha vira e olha para Gwendolyn, e seus olhos endurecem; Gwen vê algo dentro mudando

neles, vê a antiga rainha voltar à vida.

"Você terá muitos desafios agora," diz sua mãe. "Eu tenho me mantido a par de tudo, ainda tenho meus informantes em todos os lugares, e temo por você."

Gwendolyn acaricia a mão dela.

"Mãe, não se incomode com isso agora. Não é o momento para negócios de Estado."

Sua mãe balança a cabeça.

"É *sempre* hora de discutir assuntos de Estado - e agora mais do que nunca. Funerais, não se

esqueça, são assuntos de Estado. Eles não são eventos familiares; eles são políticos."

A rainha tosse por bastante tempo, e então respira fundo.

"Eu não tenho muito tempo, então escute o que vou lhe dizer," ela pede, com a voz fraca. "E nunca se esqueça dessas palavras, mesmo que lhe doa ouvi-las."

Gwen chega mais perto e assente solenemente.

"Qualquer coisa, mãe."

"Não confie em Tirus. Ele vai te trair. Não confie em seu povo. Esses MacGil, não são como

nós. Eles apenas carregam o nosso nome. Não se esqueça disso. "

Sua mãe se esforça, tentando recuperar o fôlego.

"Não confie nos McCloud, também. Não pense que você pode trazer a paz."

Sua mãe suspira, e Gwen pensa sobre aquilo, tentando compreender o seu significado mais

profundo.

"Mantenha o seu exército forte e suas defesas fortalecidas. Quanto mais você perceber que a paz

é uma ilusão, mais você será capaz de assegurar a paz."

Sua mãe suspira novamente, por um longo tempo, fechando os olhos, e o coração de Gwen se

parte ao ver o esforço que ela está fazendo para falar.

Por um lado, Gwen pensa que talvez aquelas sejam apenas as palavras de uma rainha moribunda

que estava cansado há muito tempo; mas, por outro lado, ela não pode deixar de admitir que há

alguma sabedoria nelas, talvez uma sabedoria que ela mesma não queira reconhecer.

Sua mãe abre os olhos de novo.

"Sua irmã, Luanda," ela sussurra. "Quero ela no meu funeral. Ela é minha filha, minha

primogênita."

Gwendolyn respira fundo, surpresa.

"Ela fez coisas terríveis, e merece o exílio. Mas permita que ela volte, apenas uma vez. Quando

eles me colocarem na terra, eu quero ela lá. Não recuse o pedido de uma mãe à beira da morte."

Gwendolyn suspira, dividida. Ela quer agradar sua mãe, no entanto, ela não quer permitir que

Luanda volte, não depois do que ela tinha feito.

"Prometa-me," sua mãe pede, apertando a mão de Gwen com firmeza. *"Prometa-me."*

Finalmente, Gwendolyn assente, percebendo que não poderia dizer não.

"Eu prometo, mãe."

Sua mãe suspira e acena com a cabeça, satisfeita, então se recosta em seu travesseiro.

"Mãe," Gwen diz, limpando a garganta. "Gostaria que você abençoasse o meu filho."

Sua mãe abre os olhos fracamente e olha para ela, em seguida, volta e fechá-los e balança a

cabeça lentamente.

"Esse bebê já possui todas as bênçãos que uma criança poderia desejar. Ele tem a minha bênção,

mas não precisa dela. Você vai ver, minha filha, que seu filho é muito mais poderoso do que você ou

Thorgrin ou qualquer pessoa que já existiu, ou que ainda está por nascer. Tudo foi profetizado, anos

atrás."

Sua mãe inspira por um longo tempo, e justo quando Gwen acredita que ela havia terminado,

quando ela está se preparando para sair, sua mãe abre os olhos pela última vez.

"Não se esqueça o que o seu pai lhe ensinou," ela diz, com a voz tão fraca que mal consegue

falar. "Às vezes, um reino vive mais em paz quando está em guerra."

CAPÍTULO SETE

Steffen galopa pela estrada empoeirada, seguindo à Leste da Corte do Rei, como fazia há dias,

seguido por uma dúzia dos membros da guarda da rainha. Sentindo-se horando que a Rainha tenha lhe

dado esta missão e determinado a cumpri-la, Steffen tinha cavalgado de cidade em cidade,

acompanhado por uma caravana de carruagens reais carregadas com ouro e prata, moeda real,

materiais de construção, milho, grãos, trigo, e de diversas provisões e materiais de construção de

todo tipo. A rainha estava determinada a levar ajuda a todos os pequenos vilarejos do Anel e a ajudá-

los na reconstrução; em Steffen, ela havia encontrado um missionário determinado.

Steffen já tinha visitado muitas aldeias, distribuindo carroças cheias de suprimentos em nome da

rainha, com cuidado e precisão direcionando-os para as aldeias e famílias mais necessitadas. Ele

havia sentido orgulho ao ver a alegria em seus rostos enquanto ele distribuía suprimentos e recursos

humanos alocados para ajudar a reconstruir as aldeias da Corte do Rei. Uma vila de cada vez, em

nome de Gwendolyn, Steffen estava ajudando a restaurar a fé no poder da Rainha, no poder da

reconstrução do Anel. Pela primeira vez em sua vida, seu povo estava ignorando sua aparência e o

tratando com respeito, como uma pessoa normal. Ele adora a sensação. As pessoas estavam

começando a perceber que eles também não tinham sido esquecidos pela atual Rainha, e Steffen se

sente honrado por fazer parte daquela transformação e por espalhar o seu amor e devoção por

ela. Não há nada que ele queira mais.

Por capricho do destino, a rota que a rainha havia determinado estava levando Steffen, depois de

muitas aldeias, de volta até sua própria aldeia, para o lugar onde ele havia crescido. Steffen é

tomado por uma sensação de pavor, um vazio em seu estômago, ao perceber que sua própria aldeia é

a próxima da lista. Ele gostaria de dar a volta, fazer alguma coisa para desviar dela.

Mas ele sabe que não poderia. Ela havia prometido a Gwendolyn que cumpriria o seu dever, e

sua honra estava em jogo, mesmo que isso implicasse na sua volta para o mesmo lugar que povoava

seus pesadelos. Ali viviam todas as pessoas que zombavam dele enquanto ele crescia, pessoas que

tinham grande prazer em atormentá-lo, em zombar do jeito como ele havia nascido. Aquelas pessoas

o faziam sentir profunda vergonha de si mesmo, e assim que ele havia deixado a aldeia, Steffen havia

jurado nunca mais colocar os olhos em sua família novamente. Agora, ironicamente, sua missão o

trazia até ali, o obrigando a destinar-lhes os recursos que fossem necessários. O destino tinha sido

muito cruel.

Steffen atinge o topo de um monte e tem seu primeiro vislumbre de sua aldeia. Ele imediatamente

de transforma; apenas ao vê-la, já começa a pensar menos de si mesmo. Ele está começando a se

fechar, a se tornar ainda mais introspectivo - uma sensação que ele odeia. Ele estava se sentindo tão

bem, melhor do que se sentia há muito tempo, especialmente dada sua nova posição, seu séquito, seu

contato direto com a própria rainha. Mas agora, vendo este lugar, ele imediatamente se lembra da

forma como as pessoas costumavam tratá-lo. Ele detesta aquela sensação.

Aquelas pessoas ainda estavam ali? Ele se pergunta. Ainda eram tão cruéis quanto costumavam

ser? Ele espera que não.

Se Steffen encontrasse sua família ali, o que diria a eles? O que eles diriam? Quando vissem o

posto que havia conquistado, se orgulhariam dele? Ele havia conseguido posto e posição mais

elevados do que qualquer outra pessoa de sua família, ou aldeia, jamais tinha conseguido. Ele é um

dos mais altos assessores da rainha, um membro do conselho real interno. Eles ficariam espantados

ao ouvir o que ele tinha conquistado. Finalmente, eles teriam que admitir que estavam errados a

respeito dele o tempo todo – e que ele tinha algum valor, afinal.

Steffen espera que, talvez, seja assim que as coisas aconteçam. Que talvez, finalmente, sua família

fosse admirá-lo, e ele pudesse conseguir uma pequena vingança contra seu povo.

Steffen e sua caravana real se aproximam dos portões da pequena cidade, e Steffen faz sinal para

que todos parem.

Ele vira e olha para seus homens, uma dúzia de soldados da guarda real, sob seu comando.

"Vocês devem esperar aqui," Steffen ordena. "Fora dos portões da cidade. Eu não quero que meu povo os veja ainda, quero enfrentá-los sozinho."

"Sim, comandante," respondem eles.

Steffen desmonta, querendo andar o restante do caminho, para entrar na cidade a pé. Ele não quer

que sua família veja seu cavalo, ou qualquer membro de sua comitiva real. Ele quer ver como eles

reagiriam a ele como ele é, sem saber seu posto ou posição. Ele remove os símbolos reais de seu

novo vestuário, guardando-os na sela.

Steffen passa pelos portões e entra na aldeia feia de que ele se lembrava, com cheiro de cães

selvagens, galinhas correndo soltas nas ruas com senhoras idosas e crianças a persegui-las. Ele passa

por fileiras e fileiras de casas, algumas feitas de pedra, mas a maioria feita de palha. As ruas estão

em péssimas condições, cheias de buracos e resíduos animais.

Nada havia mudado. Depois de todos aqueles anos, absolutamente nada havia mudado.

Steffen finalmente chega ao fim da rua e, virando à esquerda, seu estômago se

aperta ao ver a

casa de seu Pai. Ela está com a mesma aparência que sempre teve, uma pequena cabana de madeira

com um telhado inclinado e uma porta torta. O puxadinho nos fundos é onde Steffen tinha sido

obrigado a dormir. A visão do lugar o faz querer destruí-lo.

Steffen caminha até a porta da frente, que está aberta, e fica parado na entrada, olhando para

dentro.

Ele fica sem fôlego ao ver toda sua família lá dentro: seu pai e sua mãe, todos os seus irmãos e

irmãs, todos eles lotando a pequena cabana, como sempre faziam. Todos estão reunidos em volta da

mesa, como sempre, lutando por restos, rindo entre si. Mas eles nunca tinham rido *com* Steffen;

costumavam rir *dele*.

Todos parecem estar mais velhos, mas por outro lado, iguais. Ele os observa com admiração. Ele

tinha mesmo crescido com aquelas pessoas?

A mãe de Steffen é a primeira a avistá-lo. Ela se vira e, ao vê-lo, engasga, deixando seu prato

cair no chão.

Seu pai vira em seguida, e então os demais olham para trás, em estado de choque ao vê-lo

novamente. Todos demonstram uma expressão desagradável nos rostos, como se um hóspede

indesejável tivesse chegado.

"Então," seu pai diz lentamente, franzindo o cenho, dando a volta na mesa em

direção a ele,

limpando a graxa das mãos com um guardanapo de forma ameaçadora, " você voltou."

Steffen lembra que seu pai costumava dar um nó no guardanapo, molhá-lo, e chicoteá-lo com ele.

"Qual é o problema?" Seu pai acrescenta, com um sorriso sinistro no rosto. "Você não conseguiu sobreviver na cidade grande?"

"Ele achou que era bom demais para nós. E agora ele acha que pode voltar correndo para casa

como um cão!" Um de seus irmãos grita.

"Como um cachorro sem dono!" Completa uma de suas irmãs.

Steffen está fervendo, respirando com dificuldade, mas se esforça a segurar a língua, para não se

rebaixar ao mesmo nível. Afinal de contas, aquelas pessoas são ignorantes, cheias de preconceito, o

resultado de uma vida trancados em uma pequena aldeia; ele, porém, tinha visto o mundo, e havia

aprendido que as coisas não eram como eles pensavam.

Seus irmãos – na verdade, todos na sala, – riem dele dentro da pequena cabana.

A única pessoa que não ri e fica apenas olhando para ele com os olhos arregalados, é sua

mãe. Ele se pergunta se talvez ela seja a única pessoa ali que poderia estar feliz em vê-lo.

Mas ela apenas balança a cabeça lentamente.

"Oh, Steffen," ela diz, "Você não deveria ter vindo para cá. Você não faz parte desta família."

Suas palavras, proferidas com tanta calma, sem malícia, machucam mais Steffen do que qualquer

outra coisa.

"Ele nunca fez parte da família," seu pai fala. "Ele é um animal. O que você está fazendo aqui, rapaz? Está querendo mais restos?"

Steffen não responde. Ele não tem o dom da palavra, de respostas espirituosas, de pensamento

rápido, e certamente não em uma situação emocional como aquela. Ele está tão perturbado, que mal

consegue falar qualquer coisa. Há tantas coisas que ele gostaria de dizer a todos eles, mas ele

simplesmente não consegue formar as palavras.

Então, ao invés disso ele apenas fica parado, fervendo de raiva em silêncio.

"O gato comeu sua língua?" Seu pai zomba. "Então, saia da minha frente. Você está desperdiçando meu tempo. Este é o nosso grande dia, e você não conseguirá arruiná-lo para nós."

O pai de Steffen passa correndo por ele, empurrando-o para fora do caminho ao sair pela porta.

Seu pai olha para os dois lados enquanto a família inteira observa, esperando, mas ele suspira e

volta para dentro, decepcionado.

"Eles já chegaram?" Pergunta sua mãe esperançosa.

Ele balança a cabeça.

"Não sei onde eles poderiam estar," responde seu pai.

Em seguida, ele se vira para Steffen, irritado, e seu rosto fica corado de raiva.

"Saia já dessa porta," ele grita. "Estamos à espera de um homem muito importante, e você está bloqueando o caminho. Você vai estragar tudo, não é mesmo, como sempre fez? Mas que ideia a sua,

aparecer justo em um momento como este. O comandante da Rainha vai chegar aqui a qualquer

momento, para distribuir alimentos e suprimentos para a nossa aldeia. Essa é a hora de conversarmos

com ele. E olhe para você," seu pai zomba, “parado aí, no meio do caminho. Basta um olhar para

você, e ele vai pular a nossa casa. Ele vai achar que nós somos uma casa de loucos."

Seus irmãos e irmãs caem na gargalhada.

"Uma casa de anormais!" Um deles grita.

Steffen fica ali, também corado pela raiva, olhando para seu pai, que o enfrenta com um olhar

ameaçador.

Steffen, transtornado demais para responder, lentamente lhes dá as costas, balança a cabeça, e sai

pela porta.

Steffen sai para a rua e, então, faz um sinal para seus homens.

De repente, dezenas de carruagens reais reluzentes aparecem, atravessando a aldeia.

"Eles estão vindo!" o pai de Steffen grita.

A família inteira de Steffen sai em disparada, passado correndo por Steffen, e se alinham diante

da casa, admirando as carroças e a guarda real.

A guarda se coloca a postos e todos olham para Steffen.

"Meu senhor," um deles diz, "Vamos distribuir aqui ou vamos continuar?"

Steffen fica parado com as mãos nos quadris, e olha de volta para sua família.

Sua família inteira o encara, chocada além das palavras. Eles não param de olhar pra frente e pra

trás, entre Steffen e a guarda real, completamente espantados, como se fossem

incapazes de

compreender o que está acontecendo.

Steffen caminha lentamente, monta em seu cavalo real, e fica diante de todos os outros, sentado

em sua sela de ouro e prata, olhando para sua família

"Meu senhor?" O pai dele repete. "Isso é algum tipo de piada de mau gosto? *Você?* O

comandante real?"

Steffen simplesmente fica ali, olhando para seu Pai, e balança a cabeça.

"É isso mesmo, meu pai," Steffen responde. "Eu sou o comandante real."

"Não pode ser," diz seu pai. "Não é possível, como um animal como você pode ter sido escolhido para guarda da rainha?"

De repente, dois guardas reais desmontam, sacam suas espadas, e correm até seu Pai. Eles

seguram as pontas de suas espadas contra a garganta dele com firmeza, pressionando com força

suficiente para que seu pai arregale os olhos de medo.

"Insultar um homem da rainha é insultar a própria rainha," um dos homens rosna para o pai de

Steffen.

Seu pai engole em seco, apavorado.

"Meu senhor, devemos prender este homem?" Outro soldado pergunta para Steffen.

Steffen observa sua família, vê o choque em todos os seus rostos, e reflete.

"Steffen!" Sua mãe corre para a frente, e se joga nas pernas dele, implorando. "Por favor! Não prenda seu pai! E por favor, nos dê provisões. Precisamos delas!"

"Você nos deve ao menos isso!" Seu pai retruca. "Por tudo o que eu te dei durante toda a sua vida. Você nos deve isso."

"Por favor!" Sua mãe pede. "Nós não tínhamos ideia. Não sabíamos quem você havia se

tornado! Por favor, não machuque o seu pai!"

Ela cai de joelhos e começa a chorar.

Steffen apenas balança enquanto olha para aquelas pessoas mentirosas e traiçoeiras, pessoas que

sempre haviam sido cruéis com ele, durante toda sua vida. Agora que perceberam que ele é alguém

importante, eles querem algo dele.

Steffen decide que eles sequer merecem uma resposta.

E percebe outra coisa, também: toda a sua vida ele havia admirado sua família, colocando-a em

um pedestal como se eles fossem exemplos, pessoas perfeitas e bem sucedidas – como alguém que

um dia ele gostaria de se tornar. Mas agora ele percebe que o oposto é verdade. Ele percebe que tudo

aquilo tinha sido apenas uma ilusão sua, e que aquelas pessoas eram simplesmente patéticas. Apesar

de sua aparência, ele está acima de todos eles. Pela primeira vez, ele percebe isso.

Ele olha para o seu pai, acuado pela ponta de uma espada, e uma parte dele gostaria de machucá-

lo, mas outra parte percebe uma última coisa: eles não eram dignos de sua vingança, também. Eles

teriam que ser alguém para merecer seu empenho, - e eles não são ninguém.

Ele se vira para seus homens.

"Eu acho que esta aldeia se virar muito bem por conta própria," ele declara.

Ele chuta seu cavalo e, em uma grande nuvem de poeira, todos deixam a aldeia - Steffen

determinado a nunca mais voltar.

CAPÍTULO OITO

As portas de carvalho antigo se abrem e Reece entra correndo, trocando o vento e a chuva das

Ilhas Superiores, e pelo refúgio do forte de Srog. Ele fica aliviado assim que as portas se fecham

atrás dele, e começa a tirar a água dos cabelos e do rosto quanto Srog se aproxima correndo para

abraçá-lo.

Reece retribui o abraço; sempre teve um lugar especial em seu coração para aquele grande

guerreiro e líder, aquele homem que havia liderado Silésia tão bem, que tinha sido leal ao pai de

Reece, e ainda mais leal a sua irmã. Vendo Srog, com sua barba dura, ombros largos, e um sorriso

amigável, lhe traz de volta memórias de seu Pai, da antiga guarda.

Srog se afasta e coloca uma mão carnuda no ombro de Reece.

"Você fica cada vez mais parecido com seu pai muito à medida que envelhece," ele declara

calorosamente.

Reece sorri.

"Eu espero que isso seja uma coisa boa."

"É, de verdade," respondeu Srog. "Não havia nenhum homem mais fino. Eu teria feito qualquer coisa por ele."

Srog se vira e leva Reece pelo Hall, e seus homens entram em fila atrás deles à medida que

abrem caminho através do forte.

"Você é sempre muito bem vindo aqui neste lugar miserável," diz Srog. "Sou grato a sua irmã por ter lhe enviado."

"Parece que eu escolhi um péssimo dia para visitar," Reece fala enquanto passam diante de uma

janela aberta, a chuva caindo a poucos metros de distância.

Srog sorri.

"Todos os dias são assim aqui," ele responde. "No entanto, tudo pode mudar em um segundo. Eles dizem que as Ilhas Superiores experimentam as quatro estações em um único dia, e eu vim para ver

se é verdade."

Reece observa um pequeno pátio vazio do castelo, preenchido com um punhado de antigas

construções de pedra que parecem se misturar à chuva. Poucas pessoas estão do lado de fora, e elas

protegem suas cabeças contra o vento e correm de um lado para o outro. Esta ilha parece ser um

lugar solitário e desolado.

"Onde estão todas as pessoas?" Pergunta Reece.

Srog suspira.

"Os habitantes das Ilhas Superiores ficam dentro de casa. Eles não costumam se misturar, e vivem

esparramados. Este lugar não é como Silésia, ou a Corte do Rei. Aqui, eles vivem por toda a ilha,

não se reúnem em cidades. Eles são um povo estranho, de pessoas reclusas. Teimosos e difíceis -

como o clima."

Srog leva Reece por um corredor e eles viram uma esquina e entram no Salão Principal.

Ali, há uma dúzia dos homens de Srog, soldados vestindo suas botas e armaduras, sentados com

semblante sério ao redor de uma mesa perto de um fogo. Cães dormem ao redor do fogo, e os homens

comem pedaços de carne e jogam restos para os cães. Eles olham na direção de Reece e resmungam.

Srog se aproxima do fogo com Reece. Reece esfrega as mãos diante das chamas, grato pelo seu

calor.

"Eu sei que você não tem muito tempo antes da partida do navio," Srog diz. "Mas eu, pelo menos, queria me despedir de você com algum calor e roupas secas."

Um criado se aproxima e entrega para Reece uma troca de roupa seca exatamente do seu

tamanho. Reece olha para Srog com surpresa e gratidão, tirando a roupa molhada e trocando-as pelas

que havia recebido.

Srog sorri. "Nós tratamos nossos homens bem aqui," ele diz. "Eu presumi que você fosse precisar disso, dadas as condições desse lugar."

"Obrigado," diz Reece, já se sentindo muito mais quente. "Eu nunca precisei tanto de algo." Ele estava com receio de navegar de volta com a roupa molhada, e isso é exatamente o que ele precisava.

Srog começa falando de política, um longo monólogo, e Reece assente educadamente, fingindo

ouvir. Mas no fundo, Reece está distraído. Ele ainda está distraído por pensamentos de Stara, e não

consegue tirar ela da cabeça. Ele não consegue parar de pensar em seu encontro,

e cada vez que

pensa nela, seu coração acelera de excitação.

Ele não consegue parar de pensar - com medo - nas tarefas que estão diante dele, no continente,

em contar para Selese - e todos os outros, que o casamento seria cancelado. Ele não quer machucá-la,

mas ele não vê outra escolha.

"Reece?" Srog pergunta.

Reece olha para ele e pisca os olhos.

"Você ouviu o que eu disse?" Questiona Srog.

"Eu sinto muito," responde Reece. "O que é que que você disse?"

"Eu disse que imagino que sua irmã tenha recebido meus despachos?" Srog repete.

Reece assente, tentando se concentrar.

"De fato," Reece responde. "É por isso que ela me enviou aqui. Ela me pediu para conversar com você, para ouvir em primeira mão o que está acontecendo ".

Srog suspira, olhando para as chamas.

"Estou aqui há seis luas agora," ele diz, "e eu posso te dizer, os habitantes da Ilhas Superiores não são como nós. Eles são MacGil apenas no nome, e não têm as qualidades de seu pai. Eles não são

apenas teimosos, eles não são de confiança. Eles sabotam navios da Rainha diariamente; na verdade,

eles sabotam tudo o que fazemos aqui. Eles não nos querem aqui. Eles não querem qualquer parte do

continente, a menos que eles o estejam invadindo, é claro. Cheguei à conclusão de que viver em

harmonia simplesmente não é o seu caminho."

Srog suspira.

"Nós desperdiçamos nosso tempo aqui. Sua irmã deve se retirar e deixá-los à própria sorte."

Reece assente, ouvindo enquanto esfrega as mãos diante do fogo, quando de repente, o sol sai de

trás das nuvens, e o clima escuro e úmido se transforma em um dia claro de verão. Um alarme

distante toca.

"O seu navio!" Srog grita. "Temos que ir. Você deve partir antes que o clima mude

novamente. Vou acompanha-lo."

Srog lidera Reece por uma porta lateral na fortaleza, e Reece fica surpreso com a claridade,

como se aquele dia estivesse ensolarado desde o início.

Reece e Srog caminham rapidamente, lado a lado, seguidos por vários dos homens de Srog,

esmagando rochas sob suas botas ao atravessarem as colinas e abrirem caminho pelas trilhas

sinuosas em direção à costa distante abaixo. Eles passam por rochas cinzentas e colinas e penhascos

rochosos repletos de cabras que se agarram às encostas e mastigam ervas daninhas. Quando se

aproximam da costa, sinos tocam ao redor deles, avisando navios da aproximação do nevoeiro.

"Eu posso ver em primeira mão as condições com que você está lidando," diz Reece quando eles

finalmente passam a caminhar. "Eles não são fáceis. Você conseguir controlar coisas aqui por muito

mais tempo que muitos teriam conseguido, eu tenho certeza. Você fez seu trabalho muito bem, e pode

estar certo de que direi isso a rainha."

Srog acena com a cabeça, agradecido.

"Fico feliz em ouviu isso," ele fala.

"Qual é a razão do descontentamento deste povo?" Pergunta Reece. "Eles são livres, afinal de contas. Não lhes desejamos mal algum - na verdade, nós oferecemos apenas suprimentos e proteção."

Srog balança a cabeça.

"Eles não vão descansar até Tirus ser libertado. Eles consideram isso uma afronta que seu líder

tenha sido preso."

"No entanto, eles estão com sorte que ele esteja apenas na prisão, e não tenha sido executado por

sua traição."

Srog assente.

"É verdade. Mas essas pessoas não entendem isso."

"E se o libertarmos?" Pergunta Reece. "Isso resolveria os problemas?"

Srog balança a cabeça.

"Eu duvido. Acredito que somente lhes daríamos motivos para encontrar outra fonte de

descontentamento."

"Então, o que deve ser feito?" Pergunta Reece.

Srog suspira.

"Abandone este lugar," ele afirma. "E o mais rapidamente possível. Eu não gosto do que

vejo. Sinto uma revolta sendo acalentada."

"No entanto, estamos em muito maior número de homens e navios."

Srog balança a cabeça.

"Isso é apenas uma ilusão," declara ele. "Eles são bem organizados e estamos no seu terreno. Eles têm um milhão de maneiras sutis de sabotagem que não podemos antecipar. Estamos sentados aqui em

um covil de cobras."

"Exceto por Matus," diz Reece.

"É verdade," responde Srog. "Mas ele é o único que se salva."

Há uma outra pessoa, Reece pensa. Stara. Mas ele guarda seus pensamentos para si. Ouvir tudo

aquilo o faz querer resgatar Stara, levá-la para longe daquele lugar o mais rápido possível. Ele

promete para si mesmo que o faria, mas primeiro ele precisa voltar e resolver seus assuntos. E então,

ele poderia voltar para ela.

Assim que eles pisam na areia, Reece olha para cima e vê seu navio diante dele, com os homens

à sua espera.

Ele para diante do navio e Srog vira para ele e aperta seus ombros calorosamente.

"Vou dividir tudo isso com Gwendolyn," Reece promete. "Eu vou contar a ela sobre suas

preocupações. No entanto, eu sei que ela está decidida em relação a estas ilhas. Ela as vê como parte

de uma estratégia maior para o Anel. Por enquanto, pelo menos, você deve tentar manter a harmonia

aqui. O que for preciso. O que você precisa? Mais navios? Mais homens?"

Srog balança a cabeça.

"Todos os homens e navios do mundo não vão conseguir mudar os habitantes daqui. A única coisa

capaz disso é o fio da espada."

Reece olha para ele, horrorizado.

"Gwendolyn nunca mataria pessoas inocentes," declara Reece.

"Isso eu sei," responde Srog. "É por isso mesmo que eu suspeito que muitos de nossos homens morrerão."

CAPÍTULO NOVE

Stara caminha nos parapeitos do forte de sua mãe, uma fortaleza de pedra quadrada tão antiga

quanto a ilha, o lugar onde Stara vivia desde que sua mãe havia morrido. Stara vai até a beirada,

grata que o sol havia finalmente surgido naquele dia dramático, e olha para o horizonte, com

excepcional visibilidade, e observa quando o navio de Reece começa a se afastar à distância. Ela

assiste seu navio se separar da frota, e acompanha o máximo que consegue à medida que o navio

segue em direção ao horizonte, ficando cada vez mais longe dela.

Ela seria capaz de assistir o navio de Reece durante todo o dia, se soubesse que ele estava lá

dentro. Ela não suporta vê-lo partir, e sente como se uma parte de seu coração, uma parte de si

mesma, estivesse deixando a ilha.

Finalmente, após todos aqueles anos tão solitários, naquela ilha terrível e estéril, Stara se sente

tomada pela alegria. Seu encontro com Reece a tinha feito se sentir viva novamente. Ele havia

restaurado um vazio dentro dela que ela sequer havia percebido estar corroendo o seu coração

durante todos aqueles anos. Agora que ela sabe que Reece iria cancelar seu casamento, que voltaria

para ela, e que os dois se casariam e finalmente ficariam juntos para sempre, Stara sente que tudo vai

ficar bem. Toda a miséria que ela teve que aturar em sua vida tinha valido a pena.

Obviamente, ela tem que admitir, uma pequena parte dela se sente mal por Selese. Stara nunca

quis ferir os sentimentos de outra pessoa, mas, ao mesmo tempo, Stara sente que sua própria vida

está em jogo, seu futuro, seu marido - e ela acredita que aquilo é tudo é justo. Afinal de contas, ela,

Stara, conhecia Reece desde criança, e tinha sido o primeiro e único amor de Reece. Essa nova

garota, Selese, mal conhece Reece, e apenas por pouco tempo. Certamente ela não o conhece como

Stara conhecia.

Stara deduz que Selese logo superaria aquilo e encontraria alguém. Mas se Stara perder, nunca

seria capaz de superar a perda. Reece é sua vida. O destino dela. Eles tinham sido feitos um para o

outro, tinha sido assim a vida toda. Reece tinha sido seu primeiro, e pela forma como ela analisa as

coisas, é Selese quem está errada. Stara está apenas pegando de volta o que é dela por direito.

Independentemente disso, Stara não poderia ter tomado uma decisão diferente mesmo se tivesse

tentado. Independentemente do que fosse certo ou errado, ela não se importa. Toda a sua vida, todos

ao seu redor - e sua própria razão, - haviam lhe dito que era errado primos ficarem juntos. E mesmo

assim, ela não tinha sido capaz de ouvi-los. Ela absolutamente ama Reece, e nada que alguém

pudesse dizer ou poderia mudar isso. Ela *tem* que ficar com ele. Não há outra opção em sua vida.

Enquanto Stara fica ali observando o navio ficar cada vez menor no horizonte, ela ouve passos

bruscos de alguém no telhado do forte, e ao se virar encontra seu irmão, Matus, caminhando

rapidamente em direção a ela. Ela fica feliz vê-lo, como sempre. Stara e Matus eram praticamente

melhores amigos desde pequenos. Rejeitados pelo restante da família e pelos habitantes das Ilhas

Superiores, Stara e Matus desprezavam seus irmãos e seu pai. Stara pensa em si mesma e em Matus

como sendo mais refinados e mais nobres do que os outros; considera os outros membros da família

traiçoeiros e indignos de confiança. É como se ela e Matus tivessem sua própria pequena família

dentro da família.

Stara e Matus moram no forte de sua mãe, separados dos outros que vivem no castelo de

Tirus. Agora que seu pai estava na prisão, sua família estava dividida, e seus outros dois irmãos,

Karus e Falus, os culpam. Ela sabe que pode confiar em Matus para defendê-la, embora ela também

esteja disposta a fazer o mesmo por ele.

Eles sempre conversavam sobre abandonar as Ilhas Superiores, e irem até o continente para se

juntarem aos outros MacGil. E agora, finalmente, toda aquela conversa está finalmente começando a

parecer que pode se tornar uma realidade, especialmente com toda a sabotagem dos habitantes das

ilhas contra a frota de Gwendolyn. Stara não consegue suportar a ideia de permanecer ali por muito

mais tempo.

"Meu irmão," Stara o cumprimenta, sentindo-se plenamente feliz.

Mas a expressão de Matus está extraordinariamente sombria, e ela pode ver que ele está

preocupado com alguma coisa.

"O que foi?" Ela pergunta. "O que há de errado?"

Ele balança a cabeça em desaprovação para ela.

"Eu acho que você sabe o que está errado, minha irmã," ele responde. "Nosso primo. Reece. O

que aconteceu entre vocês dois?"

Stara enrubesce e vira as costas para Matus, olhando para o oceano. Ela se esforça para ver o

navio de Reece na distância, mas ele já tinha ido embora. Uma onda de raiva recai sobre ela; ela

havia perdido o último vislumbre dele.

"Não é da sua conta," ela retruca.

Matus sempre havia desaprovado seu relacionamento com o primo, e ela está farta

daquilo. Aquele é o único ponto de discórdia entre eles, e poderia resultar em brigas. Ela não se

importa com o que Matus – e mais ninguém- pense sobre seu relacionamento. Isso é problema dela, e

Stara não quer que eles se intrometam.

"Você sabe que ele está com o casamento marcado, não é?" Matus pergunta para ela em tom

acusativo, chegando mais perto.

Stara balança a cabeça, como se quisesse empurrar o pensamento terrível de sua mente.

"Ele não vai se casar com ela," ela responde.

Matus parece surpreso.

"E como você sabe disso?" Ele pressiona.

Ela se vira para ele, determinada.

"Ele me disse, e Reece não mente."

Matus olha para ela, chocado. Em seguida, sua expressão se transforma.

“Então você o fez mudar de ideia?"

Ela olha para ele, desafiante, agora sentindo raiva.

"Eu não preciso convencê-lo de qualquer coisa," declara ela. "É o que ele queria, o que ele escolheu fazer. Ele me ama, e sempre me amou. E eu também o amo.”

Matus franze a testa.

"E você não se incomoda em destruir o coração dessa garota? Quem é ela?"

Ela faz uma careta, sem querer ouvir aquilo.

"Reece me ama há muito mais tempo do que ele ama essa nova garota."

Matus não cede.

"E o que será de todos os planos cuidadosamente feitos para o reino? Você sabe que este não é

apenas um casamento. É um teatro político. Um espetáculo para as massas. Gwendolyn é a Rainha, e

esse é o seu casamento, também. O reino inteiro, e terras distantes, estará lá para assistir. O que vai

acontecer quando Reece cancelar tudo? Você acha que a Rainha vai gostar disso? E o que você acha

que os MacGil irão pensar? Você vai deixar todo o Anel em desordem. Você vai colocar todos eles

contra nós. Suas paixões valem tudo isso?"

Stara olha para Matus, com um olhar frio e duro.

"O nosso amor é mais forte do que qualquer espetáculo. Do que qualquer reino. Você não

entenderia. Você nunca teve um amor como o nosso."

Agora Matus enrubesce. Ele balança a cabeça, visivelmente furioso.

"Você está cometendo o mais grave erro de sua vida," ele diz. "E da de Reece. Você está levando todos à ruína com você. Essa é uma decisão, infantil, egoísta e tola. Seu amor infantil deve ficar no

passado."

Matus suspira, exasperado.

"Você vai redigir uma carta e enviá-la no próximo falcão para Reece. Você vai dizer a ele que

você mudou de ideia. Você vai instruí-lo a se casar com essa menina. Quem quer que seja."

Stara se sente tomada de ódio por seu irmão, uma raiva mais forte do que ela já

havia sentido.

"Você está se intrometendo," ela fala. "Não tenha a pretensão de me dar conselhos. Você não é meu pai. Você é meu irmão. Fale dessa maneira comigo mais uma vez, e nunca mais falará comigo."

Matus a encara, claramente atordoado. Stara nunca havia falado com ele assim antes, e ele

percebe que ela não está brincando. Seus sentimentos por Reece são muito mais profundos do que o

seu vínculo com o irmão. Muito mais profundo do que qualquer coisa em sua vida.

Matus, chocado e magoado, finalmente se vira e sai do telhado.

Stara olha para o mar, procurando por algum sinal do navio de Reece. Mas ela sabe que ele já

está muito longe.

Reece, ela pensa. *Eu te amo. Mantenha o curso, independente dos obstáculos que enfrentar,*

mantenha o curso. Seja forte. Cancele seu casamento. Faça isso por mim. Por nós.

Stara fecha os olhos e junta as mãos, rezando e pedindo a Deus que Reece tenha força para seguir

adiante. Para voltar para ela, e para que os dois finalmente fiquem juntos para sempre.

Custe o que custar.

CAPÍTULO DEZ

Karus e Falus, os dois filhos de Tirus, caminham rapidamente para baixo da escada de pedra em

espiral, descendo cada vez mais na direção da masmorra onde seu pai está preso. Eles odeiam a

indignidade de ter que descer até aquele lugar para ver o seu pai, um grande

guerreiro que tinha sido

o legítimo Rei das Ilhas Superiores, e eles silenciosamente juram vingança.

No entanto, desta vez, eles trazem notícias, algo que poderia mudar tudo. Notícias que,

finalmente, lhes dão motivos para ter esperança.

Karus e Falus marcham até os soldados de guarda na entrada para a prisão, homens leais à

rainha. Eles param diante dos guardas, corados, detestando ter que sofrer a humilhação de pedir

permissão para ver seu pai.

Os homens de Gwendolyn os observam como se estivessem debatendo, em seguida, fazem um

sinal e dão um passo à frente.

"Abram os braços e mantenham eles afastados," eles ordenam para Karus e Falus.

Karus e Falus obedecem, irritados quando os soldados retiram suas armas.

Então, eles abrem as portas de ferro lentamente e os deixam entrar, fechando e trancando as

portas atrás deles.

Karus e Falus sabem que não têm muito tempo; eles só seriam autorizados a passar alguns

minutos com seu pai, como já faziam, uma vez por semana, desde que ele tinha sido preso. Depois

disso, os homens de Gwendolyn pediriam que eles saíssem.

Eles caminham até o final do longo corredor do calabouço; todas as celas estão vazias, seu pai é

o único prisioneiro naquele calabouço antigo. Finalmente, eles chegam à última cela à esquerda, mal

iluminada por uma tocha pendurada na parede, e se aproximam das barras e procuram seu pai na

escuridão.

Lentamente, Tirus surge a partir dos cantos escuros da cela e se aproxima deles. Ele olha para

fora com o rosto magro e a barba por fazer, e sua aparência é desagradável. Ele carrega a expressão

desesperada de um homem que sabe que nunca mais veria a luz do dia novamente.

Os corações de Falus e Karus se partem ao testemunhar aquilo. A cena os deixa ainda mais

decididos a encontrar uma maneira de libertá-lo, e a conseguir vingança contra Gwendolyn.

"Pai," Falus começa, esperançoso.

"Trazemos notícias urgentes," completa Karus.

Tirus olha para eles com um lampejo de esperança.

"Diga logo de uma vez, então," ele ordena.

Falus pigarreia.

"Nossa irmã, ao que parece, se apaixonou novamente pelo nosso primo, Reece. Nossos espiões

nos dizem que os dois planejam se casar. Reece pretende cancelar seu casamento no continente, e se

casar com Stara em vez disso."

"Temos de encontrar uma maneira de impedir isso," diz Karus, indignado.

Tirus olha para eles, sem expressão, mas eles podem ver seus olhos se mexendo, absorvendo

tudo.

"Devemos?" pergunta Tirus lentamente. "E por quê?"

Eles olham para o pai, confusos.

"Por quê?" Pergunta Karus. "Não podemos ter a nossa família se unir à de Reece. Isso

favoreceria os planos da rainha. Se nossas famílias se unirem, ela terá controle completo."

"E resultaria no fim de qualquer pingo de independência que nosso povo ainda tem," Falus

entrana conversa.

"Os planos já estão em andamento," acrescenta Karus. "E nós temos que encontrar uma maneira de impedi-los."

Eles esperam por uma resposta, mas Tirus balança a cabeça lentamente.

"Garotos estúpidos," ele diz lentamente, sua voz escura, balançando a cabeça várias vezes. "Por que eu criei garotos tão estúpidos? Eu não lhes ensinei nada durante todos esses anos? Vocês ainda

olham apenas para o que está diante de vocês, e não o que está além."

"Nós não entendemos, Pai."

Tirus faz uma careta.

"E é por isso que eu estou nesta situação. É por isso que você não está no poder agora. Impedir

essa união seria a coisa mais estúpida que você já fez, e a pior coisa que poderia acontecer para a

nossa ilha. Se a nossa Stara se casar com Reece, seria a melhor coisa que poderia acontecer para

todos nós."

Eles olham para Tirus, confusos, sem compreender.

"A melhor coisa? Como assim?"

Tirus suspira, impaciente.

"Se as nossas duas famílias se unirem, Gwendolyn não poderá me manter preso aqui. Ela não

teria outra escolha, a não ser me libertar. Isso mudaria tudo, e não resultaria e menos poder para nós

– pelo contrário. Nós nos tornaríamos MacGil legítimos, em pé de igualdade com os habitantes do

continente. Gwendolyn ficaria em dívida conosco, você não vê?" Ele pergunta. "Um filho de Reece e Stara seria parte da nossa família tanto quanto da deles."

"Mas pai, isso não é normal - eles são primos. "

Tirus balança a cabeça.

"A política não é normal, meu filho. Mas essa união vai acontecer," ele insiste com determinação em sua voz. "E vocês dois vão fazer tudo ao seu alcance para que isso aconteça."

Karus pigarreia, nervoso, sem saber como reagir.

"Mas Reece já partiu para o continente," ele diz. "É tarde demais. Pelo que sabemos, Reece já se decidiu."

Tirus estende a mão e bate nas barras de ferro, como se quisesse acertar o rosto de Karus, que

recua assustado.

"Você é ainda mais estúpido do que eu pensava," grita Tirus. "Você vai se certificar de que isso aconteça. Homens mudam de opinião sobre coisas menos importantes do que essa. E vocês vão

garantir que Reece cancele seu casamento."

"Como?" Pergunta Falus.

Tirus fica pensando, cofiando a barba por um longo tempo. Pela primeira vez em muitas luas,

seus olhos estão ativos, pensando, formulando um plano. Pela primeira vez, há

esperança e otimismo

em seus olhos.

"Esta menina, Selese, com quem ele está prestes a se casar," Tirus finalmente fala. "Ela precisa ser encontrada. Vocês devem ir até ela, e levar... evidências do amor de Reece e Stara. Vocês vão

lhe contar em primeira mão, antes que ele chegue até ela. Vocês devem garantir que ela saiba que

Reece está apaixonado por outra pessoa. Dessa forma, caso Reece mude de ideia antes que ele

chegue a ela, será tarde demais. Vamos garantir essa separação."

"Mas que prova temos do seu amor?" questiona Karus.

Tirus esfrega a barba, pensando. Finalmente, ele se anima.

"Você se lembra daqueles pergaminhos? As cartas que interceptamos quando Stara era

jovem? As cartas de amor que ela escrevia para Reece? As cartas que ele escrevia de volta para

ela?"

Karus e Falus assentem.

"Sim," responde Falus. "Nós interceptávamos os falcões."

Tirus assente.

"Elas estão guardadas no meu castelo. Leve as cartas para ela. Diga a ela que são recentes, e

conte uma história convincente. Ela nunca vai adivinhar a verdade e tudo estará terminado."

Karus e Falus finalmente balançam a cabeça, sorrindo, percebendo a profundidade da sabedoria

e astúcia de seu pai.

Tirus sorriu de volta, pela primeira vez desde que eles conseguem se lembrar.

"Nossa Ilha terá o poder novamente."

CAPÍTULO ONZE

Thor, montando em seu cavalo, movimenta-se para cima e para baixo das filas de recrutas da

Legião, analisando todos os garotos que ansiosos que se alinham em posição de sentido diante dele

na nova arena da Legião.

Thor olha para as dezenas e dezenas de caras novas, examinando cuidadosamente cada uma

delas, e sente o peso da responsabilidade. Novos recrutas haviam chegado, vindos de todo o Anel,

todos ansiosos para se juntar à Legião recentemente reconstruída. Tinha sido uma tarefa difícil

escolher a próxima safra de guerreiros, os homens com quem o Anel contaria nos próximos anos.

Uma parte de Thorgrin sente que ele não merece estar ali; afinal de contas, há apenas algumas

luas, ele mesmo estava esperando para ser escolhido pela Legião. Enquanto pensa sobre isso, ele tem

a sensação de que tudo aconteceu há muito tempo, antes de ter conhecido Gwen, antes que eles

tivessem um filho, antes que ele se tornasse um guerreiro. Agora ali está ele, com a tarefa de

reconstruí-lo, tendo que encontrar substitutos para todas as almas corajosas que tinham sido mortas

defendendo o Anel.

Quando Thor olha além das fileiras de garotos, ele vê o cemitério que tinha sido

erguido, todos

os marcadores enfiados na terra brilhando sob a luz dos sóis no final da tarde, uma lembrança

constante para a Legião do que havia acontecido. Thor tinha tido ideia de enterrá-los ali, na periferia

da nova arena, para que os antigos membros da Legião pudessem estar sempre com eles, sempre

lembrados, e para a proteção dos novos recrutas. Thor consegue sentir a presença de seus espíritos

pairando sobre ele, ajudando-o, motivando-o a seguir em frente.

Sabendo que seus companheiros da Legião, Reece e Conven e Elden e O'Connor, estão todos

espalhados pelo Anel em suas próprias missões, Thor se sente aliviado, ao menos, por ter sido

escolhido para permanecer ali, perto de casa, para concentrar-se naquela tarefa. Ele costumava ser o

Capitão da Legião, então, naturalmente, a tarefa de reconstruí-lo cabe a ele.

Thor olha para as dezenas de meninos diante dele, e tem grandes esperanças para alguns, mas não

para outros. Eles fazem o máximo para estar a postos quando ele se aproxima, e ele percebe

imediatamente que muitos deles simplesmente não são guerreiros; enquanto outros poderiam um dia

se tornar guerreiros, ainda que muito treinamento fosse necessário. Seus olhares transmitem inocência

- um olhar de ansiedade, de medo pelo que está por vir.

"Homens!" Thor grita. "Porque vocês são todos *homens* agora, independentemente da idade. O dia que vocês pegarem armas para defender a sua terra natal, e arriscarem suas vidas junto com seus

irmãos, vocês se tornam homens. Se você se juntar a Legião, lutará com honra e coragem. Isso é o que

faz um homem, e não a sua idade. Entendido?"

"SIM SENHOR!" Todos gritam de volta.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



"Eu lutei ao lado de homens com o dobro da minha idade e que morreram diante de meus olhos,"

continua Thor. "Ser mais velho não os tornou mais homens do que eu – e também não fez deles

melhores guerreiros. Você se torna um homem, assumindo funções viris; e você se torna um guerreiro

melhor ao melhorar a si mesmo."

"SIM SENHOR!"

Thor guia seu cavalo lentamente para cima e para baixo das fileiras, observando, analisando cada

recruta, olhando-os nos olhos.

"Um lugar na Legião é uma coisa sagrada. Não há maior honra que o Anel pode conceder. Ele não

será dado a ninguém, - é mais do que uma posição: é um código. Um código de fraternidade. Uma vez

que você fizer parte dele, você vive mais para se defender. Você vive para defender seus irmãos."

"SIM SENHOR!"

Thor desmonta. Ele caminha lentamente, se vira e olha para o campo atrás dele, para a arena

recém-reconstruída.

"Ali, à distância, encontram-se uma dúzia de alvos, e há lanças no chão diante de vocês. Há uma

lança para cada um, e vocês terão apenas uma chance de acertar o alvo. Mostrem-me do que são

capazes," ordena Thor, caminhando para o lado enquanto continua observando.

Os rapazes correm para a frente, adiantando-se para pegar uma das lanças colocadas no

chão. Animados, eles jogam suas lanças, cada um deles querendo ser o primeiro a acertar o alvo de

feno a cerca de trinta metros de distância.

Thor observa a técnica de cada recruta com um olhar profissional. Ele não fica surpreso ao ver

que quase todos eles erram.

Só um pequeno punhado de meninos consegue acertar seus alvos, - e nenhum deles atinge o

centro.

Thor balança a cabeça lentamente. Este seria um processo longo e doloroso, ele sabe. Ele se

pergunta se encontraria meninos habilidosos o suficiente para preencher as vagas dos outros. Ele

precisa se esforçar para lembrar como ele e seus irmãos eram em seu primeiro dia.

"Peguem suas lanças, voltem e tentem novamente."

"SIM SENHOR!"

Eles correm em toda a arena, buscando suas lanças, e enquanto Thor observa, uma voz o assusta:

"Thorgrin."

Thor vê o rosto de um menino que ele reconhece vagamente, um menino que olha para ele com

esperança.

"Você se lembra de mim?"

Thor se esforça, tentando atribuir um nome ao rosto.

"Eu me lembro de você," o menino fala. "Você salvou minha vida. Você pode ter esquecido, mas isso é algo que eu nunca vou esquecer. "

Thor franze a testa, começando a se lembrar.

"Onde foi isso?" Pergunta Thor.

"Nós nos conhecemos no calabouço," o menino diz. "Você tinha sido acusado de matar o rei

MacGil. Eu estava lá sob a acusação de roubo. Você me salvou de ter minha mão amputada. É uma

bondade que eu nunca vou esquecer."

Thor de repente se lembra de tudo.

"Merek!" Thor diz. "O ladrão!"

Merekacena e sorri. Ele estende a mão, e Thor o cumprimenta.

"Eu vim para retribuir o favor," afirma Merek. "Ouvi dizer que você está recrutando para a Legião, e quero ser voluntário."

Thor olha para ele com surpresa.

"Eu pensei que você fosse um ladrão?" Thor pergunta.

Merek sorri para ele.

"E que melhor de habilidade você poderia querer para a Legião? Afinal, ganhar uma batalha

significa roubar as armas dos homens, e tirar sua coragem. Um ladrão é rápido e corajoso, disposto a

ir onde outros não vão; ladrões têm astúcia, e são destemidos. Um ladrão leva o que os outros querem

sem pedir permissão - e ele não hesita. Não são estes os traços de uma vitória?"

Thor o examina com cuidado, pensando no assunto.

"Você tem o dom das palavras," Thor diz, "tenho ao menos que admitir isso. E você já pensou nisso com cuidado, mas algo ainda lhe falta. É a coisa mais importante, na verdade, e algo que um

ladrão não tem. Honra. O coração e a alma de um guerreiro são repletos de

honra. E honra é

justamente algo que um ladrão não tem."

Thor suspira.

"Você pode ser o melhor guerreiro aqui," afirma Thor. "Mas eu não posso permitir que manche a nossa honra."

Thor se vira, mas Merekcoloca a mão em seu ombro.

"Por favor," Merekimplora. "Me dê uma chance. Eu sei que minhas escolhas não têm sido

honrosas. No entanto, minha família estava passando por dificuldades, e eu não tinha escolha, se

pretendia apoiá-los. Certamente eu não posso ser responsabilizado por isso. É fácil falar de honra

quando se tem o luxo de sentar-se em uma torre e olhar para os outros que não têm nada. Ninguém me

deu qualquer coisa nessa vida, sempre tive que tomar o que era meu."

Thor fazuma careta.

"Ninguém me deu nada, garoto," ele responde. "No entanto, eu nunca precisei roubar ninguém."

Merekengole em seco, desesperado.

"E é por isso que eu estou pedindo perdão," diz Merek. "Estou prometendo mudar meu

comportamento."

Thor olha para ele.

"É isso mesmo," continua Merek. "Eu me comprometo a nunca mais roubar, se você me aceitar em sua Legião. Eu vim aqui para não roubar. Eu vim aqui porque eu quero uma vida melhor. Eu quero

deixar a minha vida de crimes para trás, e quero me tornar uma pessoa melhor."

Thor olha para ele, pensativo. Ele se lembra de quando ele mesmo havia implorado uma vaga,

apenas uma chance, independente de merecê-la ou não.

"Você está muito determinado," Thor fala. "E você parece sincero. E eu suponho que você esteja correto ao dizer que todos cometem erros, e todos merecem uma segunda chance." Thor assente. "Eu

vou te dar essa chance, você pode tentar. Abuse dessa chance, e eu garanto a você que irei expulsá-lo

de nossa arena."

Merek sorri e aperta o ombro de Thor.

"Obrigado!" ele diz. "Obrigado, muito obrigado!"

Thor retribui o sorriso.

"Agora vá e pegue uma lança com os outros, e vamos ver o que você é capaz fazer."

Merek, eufórico, corre para o grupo de meninos e pega uma lança.

Merek é o último a jogar, e Thor assiste com interesse quando a lança de Merek navega através

do ar e acerta o alvo perfeitamente.

Na mosca.

Todos os outros meninos olham para ele em choque, e Thor o observa com admiração. Ele

também está chocado, e parece impressionado.

"Mais uma vez!" Thor grita, querendo ver se aquilo tinha sido apenas um acaso, e se os outros

meninos poderiam chegar mais perto.

Os rapazes correm para recuperar as suas lanças de novo, e quando fazem isso, Thor vê um

menino solitário atravessar as portas do campo de treinamento da Legião, e caminhar até ele. Thor

também reconhece aquele menino, em pé diante dele com o rosto e as roupas cobertas de sujeira, mas

de onde, ele não consegue se lembrar.

O menino olha para ele.

"Eu vim tentar fazer parte de sua Legião, como você me convidou."

Thor estuda o garoto, mais jovem e menor do que os outros, e tenta lembrar onde o tinha

conhecido.

"Eu convidei você?" Pergunta Thor.

"Você me disse que eu poderia tentar. Não se lembra? No Império. Na casa de meu pai. Salvei o

seu grupo dos monstros da selva. Eu cruzei o oceano para encontrá-lo. Eu sei que eu sou jovem, e

pequeno. Mas deixe-me tentar com os outros."

Thor encara o garoto, estupefato, enquanto as lembranças inundam a sua mente.

"Ario?" Thor pergunta.

Ario assente.

Thor fica em estado de choque; ele mal pode acreditar que aquele menino tinha atravessado o

mundo para vir até ali. Isso diz mais para Thor do que qualquer outra coisa. Ele se lembra que aquele

garoto do Império é ágil, destemido, e em sintonia com todos os ruídos da selva, e se recorda da

ocasião em que ele os tinha salvado dos monstros. Se não fosse por ele, todos estariam mortos.

No entanto, ao mesmo tempo, Ario parece pequeno, e muito jovem.

Thor fica de olho no grande grupo de rapazes que tinha acabado de atirar outra rodada de

lanças. Todos chegam mais perto desta vez, muito mais garotos acertam seus alvos, e Thor começa a

sentir um pouco de esperança.

"Arcos e flechas!" Thor ordena.

Todos os meninos se viram e correm para a longa fileira de arcos e flechas alinhados ao redor da

arena, e todos miram nos alvos distantes.

Um de cada vez, eles disparam, e Thor balança a cabeça, quando a maioria das flechas é

desperdiçada.

Thor olha para Ario, ainda em pé diante dele.

"Eu me lembro," ele finalmente diz. "E nós realmente lhe devemos nossas vidas. No entanto, você é muito jovem. E pequeno. Eu temo que você se vá se machucar, rapaz. Eu lhe pedi para voltar

quando estivesse mais velho, e você dificilmente está mais velho. Lamento que você tenha cruzado o

oceano, mas eu não quero ver você se machucar."

Ario franze a testa.

"Eu sou mais capaz do que qualquer um desses outros garotos!" Ele grita, determinado.

Thor sorri.

"É mesmo?"

Thor acena para os arcos.

"Sua capacidade de acertar o alvo é superior à dos outros, então?"

Ario retribui o sorriso.

"Dê-me uma chance para lhe mostrar."

Thor suspira.

"Tudo bem," ele diz, concordando. "Uma chance."

Ario se adianta, pega um arco, prepara uma flecha, e dispara, quase sem parar para mirar.

Thor observa quando a flecha atravessa o ar, em direção ao alvo, e percebe que o menino tinha

escolhido o alvo mais distante no campo e acertado em cheio.

Thor olha para o menino, boquiaberto. Ele nunca tinha visto um tiro como aquele.

"Como você fez isso?" questiona Thor.

O menino dá de ombros.

"Na selva, você aprende a atirar. É um modo de vida. Com esses outros garotos, é apenas um

treinamento; para mim, isso é questão de sobrevivência."

Thor acena de volta com aprovação.

"Você provou que eu estava errado," ele diz. "Junte-se aos outros."

Ario sorri abertamente.

"Obrigado, senhor," ele diz, exultante. "Não vou desapontá-lo!"

Ario corre e se junta aos outros.

"Busquem suas flechas e atirem de novo!" Thor ordena, e todos eles partem para a ação.

"Thorgrin!"

Thor se vira, reconhecendo a voz, e se surpreende ao ver Erec e Kendrick em pé vestindo suas

armaduras, e encarando-o com seriedade.

"Você pode deixar os assuntos da Legião por alguns momentos?" eles perguntam. "Temos

negócios a tratar, junte-se a nós. Nós temos um assunto importante para discutir com você."

Thor se pergunta que assunto eles poderiam querer discutir com ele; eles nunca o tinham chamado

para conversar antes.

Thor olha por cima do ombro para os meninos.

"Não se preocupe," diz Kendrick. "Você vai voltar em breve."

Thor se dirige aos garotos.

"Homens, continuem a disparar!" Ele ordena. "E não parem até que eu volte."

Thor lhes dá as costas e sai com Kendricke Erec, seu coração batendo acelerado enquanto ele se

pergunta onde aqueles dois homens, a quem ele respeita mais do que qualquer outro homem na terra,

o poderiam estar levando.

CAPÍTULO DOZE

Thor segue Erec e Kendrick, que o levam por um caminho sinuoso através da floresta, querendo

saber onde eles o estão levando. Thor sabe que Kendricke Erec estão ocupados com o seu trabalho

com os Prata, e se pergunta se algo estaria errado, se eles precisam de sua ajuda de alguma forma.

Kendrick, geralmente falante, mal tinha dito uma palavra para Thor, aprofundando ainda mais o

mistério à medida que eles continuam caminhando. Ele e Erec não dizem para

onde estão indo, o que

também deixa Thor surpreso. Desde que Thor, Erec e Kendrickhaviam se conhecido, Thor tinha sido

aceito como se fosse um irmão, e era tradado com respeito. Ele não entende do que aquilo se

trata. Seria uma reprimenda? Ele teria feito alguma coisa de errado ao reconstruir a Legião? Eles

tinham decidido escolher outra pessoa?

Kendrick finalmente limpa a garganta.

"Antes de casar com a minha irmã," Kendrick finalmente diz, caminhando ao lado de Thor, "algo muito importante deve acontecer. Minha irmã encontrou em você, um homem digno de seu status. E

agora você também deve ter uma posição digna."

Thor olha para eles confuso, ainda sem compreender.

A floresta se abre diante deles, e Thor fica surpreso ao ver uma dúzia de membros da Prata

parados ali, esperando para cumprimentá-lo em suas armaduras brilhantes que refletem a luz do

entardecer. Eles estão todos sem expressão, e o senso de apreensão de Thor se aprofunda. O que

poderia ser? Eles estariam de alguma forma perturbados por ele ser filho de Andronicus?

Para aumentar ainda mais a confusão de Thor, Aberthol está entre eles, junto com vários

membros do Conselho Superior da Rainha. Ainda mais surpreendente, Argon está entre eles, e olha

para Thor com grande intensidade, com os olhos brilhando enquanto ele segura seu cajado.

Thor não consegue deixar de se perguntar se seria julgado por alguma coisa.

"Fiz algo errado?" Thor pergunta para Erec e Kendrick quando eles se aproximam ao lado dele.

Kendrick balança a cabeça.

"Pelo contrário," ele responde. "Você tem sido um verdadeiro e nobre guerreiro desde o dia em que chegou a Corte do Rei. Você defendeu nossa pátria desinteressadamente. Você lutou contra o

Império, e nos trouxe dragões. Você restaurou o Escudo e retornou a Espada Destino. E tudo isso em

apenas algumas luas."

Erec se adianta e coloca a mão no ombro de Thor.

"Thorgrin, já está mais que na hora de você receber um título condizente com quem você é. Você

não é mais um mero menino, ou um simples membro da Legião."

Erec o estuda, e o coração de Thor bate enquanto ele se pergunta o que está acontecendo.

"Thorgrin," Kendrick diz, "é hora de você se juntar a nós. É hora de você se juntar à força de combate de elite do Anel. É hora de você se juntar aos Prata."

Thor fica parado, encarando seus companheiros, incapaz de pensar com clareza enquanto as

palavras soam em seus ouvidos. A Prata. Não é isso que ele esperava - não é *mesmo* o que ele achava que aconteceria. Aquela é uma honra reservada para a elite do reino, para filhos de nobres, filhos de

reis e guerreiros lendários. Os maiores guerreiros que já haviam servido ao Anel. É uma honra com a

qual a maioria das pessoas apenas sonha, uma honra que Thor não poderia imaginar, e que nunca

tinha esperado conquistar em sua vida.

Enquanto ele fica ali, de frente para eles, as palavras ficam presas em sua garganta. Ele não sabe

o que dizer.

"Juntar-me aos Prata?" Thor repete. "Eu?"

Erec e Kendrick sorriem, acenando com a cabeça.

Se não fosse por todos aqueles grandes homens presentes ali naquela clareira no meio da

floresta, diante do lago, Thor teria pensado que aquilo tudo era apenas uma brincadeira.

Mas ele percebe pela seriedade de suas expressões que aquilo não é brincadeira.

Thor olha para todos os homens, e sabe que nunca tinha sentido mais aceito, mais honrado, em

toda sua vida. Não há maior privilégio com o qual ele pudesse sonhar do que ser um daqueles

grandes homens, junta-se a suas fileiras, vestir sua armadura, suas insígnias e suas as armas; não há

nada mais honroso do que ser conhecido como um membro dos Prata.

"Você aceita esta honra?" Pergunta Kendrick.

Thor balança a cabeça, mal conseguindo se conter.

"Não consigo pensar em maior honra, meu senhor," ele diz, inclinando a cabeça.

Kendrick se afasta com os outros à medida que os demais abrem caminho e, quando eles o fazem,

Thor vê atrás deles o lago vermelho brilhante. Ele é pequeno, místico, e uma névoa de luz sai de

dentro dele, fazendo com que Thor reconheça o lugar imediatamente: o Lago Sagrado. Aquele é um

lugar mágico, reservado para a elite, escondido no fundo da floresta, onde as pessoas iam apenas

para rezar para os deuses e para se transformar.

Argon dá um passo para a lateral do lago.

"Venha," ele acena para Thor.

Thor caminha lentamente até ele, e os homens abrem caminho para ele, que logo chega à beira da

água. Argon estende o braço, coloca a mão na testa de Thor, e fecha os olhos.

Thor sente uma energia intensa, um calor escaldante percorrendo a palma de Argon e irradiando

através de seu corpo quando ele fecha os olhos e se concentra.

Argon começa a murmurar um canto antigo, e sua voz forte e profunda corta o silêncio daquela

tarde de verão.

"Pela luz das sete madrugadas, pela graça do vento oeste..."

A cantiga da Argon para e é retomada enquanto Thor se vê pedido em meio a cerimônia. Argon

passa a usar a antiga língua perdida, e Thor já não entende mais suas palavras; mas ele reconhece sua

entonação, reconhece que aquelas palavras fazem parte da linguagem formal e ritualizada do Anel, a

antiga língua reservada para os reis e para eventos sagrados.

Argon canta várias vezes, e Thor sente como se estivesse derretendo embaixo da palma de

Argon, como se seu cérebro estivesse se rendendo e ele estivesse se transformando, tornando-se

outra pessoa.

Finalmente, Argon faz uma pausa e, em seguida, remove lentamente a palma da mão da testa de

Thor.

Thor abre os olhos lentamente e o mundo é tomado por uma luz intensa e brilhante. Ele vê Argon

ali de pé, olhando para ele.

"Thorgrin do Reino Ocidental do Anel," Argon proclama formalmente. "Você está sendo dotado com a mais alta honraria do Anel. Você está sendo introduzido em uma sociedade a qual todos os reis

fizeram parte. Você está se juntando a uma irmandade sagrada, e será um guerreiro para sempre.

Você será o membro mais jovem a ser aceito como membro dos Prata. Esta é uma honra que jamais

lhe será tirada, por toda a sua vida, e pelas vidas que virão. Agora eu lhe pergunto: Esta é uma honra

que você pretende aceitar?"

"Sim," Thor responde.

"Você se compromete a defender os princípios dos Prata, a proteger os fracos, a defender os

pobres, a colocar sua vida em defesa da de sua família, do seu povo, e de qualquer mulher indefesa?"

"Sim, eu me comprometo," Thor responde.

"Você promete proteger seus irmãos, e a dar a sua vida para salvar a deles?"

"Eu prometo."

"Você promete que qualquer ataque aos seus irmãos será como um ataque a si mesmo?"

"Eu prometo."

Argon faz uma pausa, absorvendo o silêncio e fechando os olhos.

Finalmente, ele assente.

"Siga-me," ele pede.

Argon se vira e Thor observa, maravilhado, quando Argon entra na água. Thor não consegue

acreditar no que está vendo: Argon continua andando para o lago sem afundar, com os pés em cima

da água, como se estivesse andando em terra firme.

Thorgrin continua observando, e então o segue, dando um passo adiante. Thor entra no lago,

incapaz de flutuar como Argon, e a água está estranhamente fria para aquele dia de verão. Ele

continua a caminhar, cada vez mais fundo, com os dentes rangendo, até que finalmente a água alcança

seu peito, e ele fica em pé ao lado Argon.

Argon estende seu cajado, coloca a parte inferior em cima da cabeça de Thor, e empurra Thor

para baixo.

"Mergulhe, Thorgrin," ele ordena: "e ao subir você será um membro da Prata. Ao emergir, você será um Senhor, um verdadeiro Cavaleiro."

Thor sente Argon empurrando sua testa para baixo, e então ele mergulha.

Thor submerge, e logo sua cabeça fica completamente debaixo d'água, e todo o seu corpo sente

frio. Ele fica lá por alguns segundos, com o cajado de Argon segurando-o para baixo.

Enquanto permanece embaixo d'água, Thor sente toda a sua vida se transformando, passando

diante de seus olhos. Ele sente como se estivesse deixando uma pessoa para trás, e tornando-se

alguém totalmente novo.

Argon levanta o cajado e Thor sai, com falta de ar, para fora da água. Ele fica parado enquanto a

água escorre em seus olhos, respirando fundo.

Ao se levantar, o sol brilha no céu sobre o lago, e Thor já não sente frio. Ele se vira e olha para

todos os seus companheiros, que o observam da costa com olhares de aprovação, e Thor se sente

renascido.

Finalmente, Thor tem a sensação de ser aceito.

Todos eles levantam seus punhos no ar.

"THORGRIN!" Eles gritam. "THORGRIN!"

*

Thorgrin, ainda eufórico depois da cerimônia, se senta na pequena oficina de pedra de Brendan, o

armeiro real, se aquecendo ao lado do fogo crepitante que arde na lareira, vestindo roupas novas e

secas que lhe tinham sido dadas, enquanto observa o armeiro trabalhando. No quarto com ele estão

Erec e Kendrick, que o tinham levado até ali logo após a cerimônia, e que também assistem o

trabalho do armeiro.

Brendan, um homem baixo e corpulento na casa dos cinquenta anos, orgulhoso, com uma barriga

grande, uma cabeça careca, e uma longa barba escura, se debruça sobre sua forja, examinando sua

obra como se ela fosse seu único filho. Enquanto fica sentado ali, Brendan meticulosamente explica

cada peça da armadura, sua finalidade e como ela tinha sido feita. Ele trabalha

em uma dúzia de

pequenos pedaços de uma só vez, segurando-os, examinando-os repetidas vezes e encaixando-os em

Thor para, em seguida, tirá-los e ajustá-los mais um pouco.

Brendan está dando os últimos retoques no mais brilhante, mais bonito e mais ornamentado

conjunto de armadura dos Prata que Thor já tinha visto. Ela brilha ao lado da lareira, e Thor mal

pode acreditar no que está sendo feito apenas para ele. Enquanto Brendan bate na armadura com um

martelo, achatando-a contra a pedra no ângulo exato, o som ecoa por toda a sala.

"Os membros da Prata devem vestir a melhor armadura conhecida pelo homem," explica Erec,

sentando-se perto de Thor, e observando o trabalho do armeiro ao lado das chamas.

"Uma armadura comum não será suficiente. Ela será mais forte, mil vezes mais reforçada do que

qualquer outra armadura de qualquer lugar."

"E também mais leve," acrescenta Kendrick.

"Sem falar que ela também é a mais brilhante," completa Brendan, voltando-se para eles com um

sorriso enquanto enxuga o suor da testa. "A armadura não deve ser apenas a melhor, ela também deve

parecer ser melhor. A aparência é um ponto de orgulho para os Prata."

"Orgulhe-se de sua aparência," diz Kendrick, "e você terá orgulho de si mesmo."

Thor observa paralisado, animado em poder usá-la, à medida que o armeiro continua o seu

trabalho.

"Este metal vem de um lugar muito especial," continua ele, "antes de ser revestido com prata. O

processo de refinação leva anos."

O armeiro finalmente termina uma peça com satisfação, e estende a mão para colocá-la no ombro

de Thor, tomando outra medida do ombro e do braço de Thor, e fazendo ajustes mais detalhados.

"A brafoneira," Brendan explica, avaliando-a com os olhos. "Ela protege o seu ombro, e também deve proteger suas articulações. Uma boa armadura permite que os guerreiros se movam e

respirem. Ela também protege seus pontos mais vulneráveis."

Brendan abaixa a brafoneira, colocando-a sobre pedra e, pegando uma ferramenta de alisamento,

começa o polimento, trabalhando tão rápido, que tudo parece mágica para Thor. A sala está tomada

pelos sons de seu trabalho, e os cheiros de metal incandescente. Thor assiste com admiração

enquanto Brendan trabalha.

Logo, Brendan se levanta, encosta a couraça no peito de Thor e, então, corre para trás de Thor e a

amarra firmemente em torno dele. Ele então coloca a brafoneira sobre o ombro e braço de Thor,

afixando-a com firmeza.

"E como é que se sente agora?" ele pergunta.

Thor dobra o cotovelo várias vezes, movimentando o braço para cima e para baixo, e para a

esquerda e direita, e fica impressionado. Ele nunca tinha usado uma armadura tão leve, ou tão

forte. Enquanto se move, seu braço brilha na luz, como um peixe que salta fora da água. Ele se sente

diferente apenas ao vesti-la – como se ele fosse invencível.

"Ela é perfeita," responde Thorgrin.

"É claro," Brendan responde, com uma piscada e um sorriso, "meu trabalho é sempre perfeito."

Brendan recolhe toda a armadura a coloca diante de Thor.

"Estamos prontos, meus senhores," ele fala para Erec e Kendrick.

Kendrick se adianta.

"É uma tradição, quando um cavaleiro recebe o seu primeiro conjunto de armadura, que seu pai o

ajude a vesti-la," Kendrick explica para Thor. "Mas como seu pai não está aqui, Erec e eu faremos isso por você. Se você nos der esta honra."

Thor se sente extremamente grato a eles pela oferta.

"Eu não poderia ficar mais honrado," ele responde.

Erec e Kendrick começam a colocar todas as peças da armadura de Thor juntos, vestindo-as uma

de cada vez. Quando eles fazem isso, Thor sente como se estivesse sendo reconstruído. Ele se sente

protegido não apenas pela armadura, mas também por aqueles dois homens, que são como pais para

ele. A presença deles compensa a ausência da aprovação de seu verdadeiro pai.

"Mesmo se ele estivesse vivo," afirma Thor, "com o pai que eu tenho, não gostaria que ele

estivesse aqui para testemunhar isso. De certa forma," ele completa, "eu não tenho pai. "

Kendrick assente.

"Eu entendo," ele fala. "Eu não tenho mãe - pelo menos não que tenha conhecido. Sou conhecido como o bastardo da corte, e sei que há um vazio dentro de você quando você perde um de seus pais, -

ou ainda pior, quando você tem um pai que você não entende, ou de quem você não gosta."

Kendrick suspira.

"Mas eu vou lhe contar uma coisa que me disseram quando eu era jovem, algo que ficou comigo

toda a minha vida, algo que tem me servido de apoio. Depois que eu aprendi isso, minha maneira de

olhar o mundo mudou."

Thor olha para ele, curioso, e vê Kendrick pensando com as sobrancelhas franzidas, sério.

"Nós podemos escolher nossos pais," ele declara.

Thor o encara, intrigado.

"Escolher?" Thor pergunta.

"Nós temos pais biológicos, mas por dentro, mentalmente," Kendrick diz, apontando o dedo para

a cabeça de Thor, “em sua mente, você pode escolher seus pais. Você pode um homem que você

admira, uma pessoa que você respeite. E você não precisa apenas ter um pai, você pode escolher ter

muitos pais. Em sua mente, eles podem se sentar em torno de uma mesa, como um conselho. Como o

Conselho Real. Juntos, eles podem ser o seu novo pai, dignos de sua admiração e respeito. Pais que

também admiram e respeitam você, e homens em quem se espelhar."

Thor pensa sobre aquilo.

"Sempre que você pensar no pai que você não tem, ou não gosta," Kendrick acrescenta, "pense nesses homens em vez disso. Imagine-os claramente em sua mente. Coloque-os em sua cabeça, como

se eles fossem o seu pai, - seu pai de verdade. Com o tempo, eles se tornarão seu verdadeiro pai.

Eles serão reais para você –talvez ainda mais do que o seu pai biológico. E então você vai ver que

seu pai biológico não é tão importante, afinal. Ele não tem qualquer autoridade sobre

você. Eventualmente, você irá perceber que estes outros homens também não têm nenhuma autoridade

sobre você. Você escolhe a sua própria autoridade."

Thor pondera tudo aquilo com cuidado, e tenta fazer o que Kendrick havia dito. Ele visualiza a

mesa do conselho e, em torno dela, coloca pessoas que ele ama, admira e respeita. Ele coloca

Kendrick lá, e Erec também. Ele coloca Argon, o Rei MacGil e Aberthol sentados em seu

Conselho. E também coloca alguns dos grandes guerreiros que tinha conhecido e com quem havia

lutado...

Thor fecha os olhos e, em sua mente, todos aqueles homens se sentam na mesa e Thor lentamente

começa a vê-los como seus pais. Cada um deles representa partes do pai que ele nunca

teve. Lentamente, ele sente que tem um pai, e sabe que Kendrick estava certo.

Eles terminam de colocar a armadura em Thor, e ele não consegue acreditar na sensação dela

contra seu corpo, na leveza do material e em como ela parece moldar-se ao seu

corpo. Ele observa

seu reflexo diante de um espelho alto, e fica chocado. A visão que ele vê diante de si é alguém que

ele não conhece. Ele já não vê um menino, e sim um homem. Um membro da Prata. Um grande

guerreiro e cavaleiro. Ele fica sem fôlego, e a visão lhe dá outra impressão a respeito de si mesmo.

Thor coloca seu capacete ornamentado, cortado em ângulos agudos com um nariz pontiagudo, e

acha que é o capacete mais bonito que ele já tinha visto. Ao vesti-lo, ele vê que ele agora é um

homem a ser temido.

Thor tira o capacete e o segura em suas mãos, sentindo o poder que irradia dele.

"A armadura não está completa sem isso," Kendrick fala.

Thor olha para baixo e vê Erec colocar um punhal em sua mão, - um punhal belo e detalhado,

esculpido com a insígnia do Rei.

"Ele carrega a insígnia da família MacGil. Em breve você vai se casar com minha irmã. Você é

um membro da família real agora. Somos irmãos, e você merece isso."

Thor sente seus olhos lacrimejarem enquanto ele segura a adaga, sentindo o seu peso, a honra de

segurá-la e de ter aqueles grandes homens em sua vida. Não há mais nada que ele possa querer.

Eles abrem a porta e guiam Thor pelo antigo salão do armeiro. As novas esporas de Thor tilintam

pelo caminho, e ele se sente como um homem entre homens. Quando Thor começa a se perguntar onde

eles o estavam levando, dois atendentes abrem as enormes portas duplas, e Thor se vê diante de um

grande salão.

Ele fica chocado com o que vê: lá dentro estão todos os membros da Prata, centenas de homens,

todos vestindo suas armaduras, esperando para cumprimentá-lo, e apreciando a nova armadura de

Thor com grande respeito. Os maiores guerreiros do reino, todos ansiosos para recebê-lo em suas

fileiras.

"Thorgrinson!" Todos gritam juntos, levantando as suas espadas em sua homenagem.

"Thorgrinson!"

"THORGRINSON!"

CAPÍTULO TREZE

Romulus marcha pela trilha de cascalho, através do deserto estéril nos arredores da capital do

império, ladeado por seus novos vereadores e uma dúzia de generais. Ele está preocupado enquanto

avança, e sua mente fervilha com todos os relatos que haviam chegado durante todo o dia da rebelião

que está se formando por todo o Império. As notícias da ascensão de Andronicus e Romulus

continuam se espalhando, e em todos os lugares as províncias viam isso como uma oportunidade para

a liberdade. Alguns de seus próprios comandantes, seus próprios batalhões, também haviam

encenado rebeliões, e Romulus estava despachando seus soldados para todos os

cantos do Império

para acabar com elas. Parecia estar funcionando, mas, a cada dia, novas notícias de revolta chegam

até ele. Romulus sabe que ele precisa de alguma ação decisiva para pôr fim à instabilidade de uma

vez por todas, - e para reafirmar seu domínio sobre o Império. Sem isso, ele teme, o Império poderia

começar a se fragmentar.

As revoltas não preocupam Romulus demais. Seu exército é vasto e, até agora, leal, e com o

tempo ele tem certeza de que ele esmagaria todos eles impiedosamente e estabeleceria o seu

domínio. O que o preocupa mais - muito mais - são os relatos sobre dragões. Os boatos diziam que

eles estavam empenhados em buscar vingança pelo roubo da espada, e que estavam espalhando o

caos por todo o Império, colocando fogo em vilas e cidades atrás de sua vingança. Uma grande ira

tinha sido desencadeada, como não se via desde o tempo de seu pai, e estava se espalhando cada vez

mais a cada dia. Com o medo, o clamor do povo para que eles colocassem um fim em tudo aquilo

também aumentava. Romulus sabe que se ele não fizer algo em breve, os dragões chegariam à capital,

- e mesmo seus companheiros mais leais se revoltariam contra ele.

Ao longo das últimas luas, Romulus havia enviado seus homens em uma missão em todos os

cantos do Império para encontrar um feitiço mágico para combater os dragões. Ele havia seguido

inúmeras pistas falsas, através de pântanos turvos e florestas, ouvindo pacientemente os feiticeiros

que lhe deram vários feitiços, poções e armas. Todas aquelas coisas tinham sido becos sem saída e,

com raiva, Romulus havia assassinado todos os feiticeiros – e as pistas haviam parado de chegar.

No entanto, agora, outra pista havia chegado, e Romulus faz uma careta enquanto anda, seguindo

mais uma vez uma pista ao atravessar aquelas terras desoladas. Ele tem pouca esperança; muito

provavelmente, ele seria apenas mais um charlatão. Ele marcha rapidamente, impaciente,

serpenteando pela trilha sinuosa através de um campo de espinhos, já de mau humor. Se este

feiticeiro fosse falso, Romulus iria assassiná-lo com suas próprias mãos.

Finalmente, Romulus atinge o cume de uma pequena montanha, e vê diante de si uma caverna de

calcário que emite um estranho brilho esverdeado.

Ele para diante dela, e alguma coisa sobre aquele lugar deixa Romulus desconfiado. Aquele lugar

parece diferente dos outros – e um arrepio percorre o seu corpo. Seu conselheiro aparece ao lado

dele.

"Este é o lugar, Comandante Supremo," relata ele. "O feiticeiro mora dentro dessa caverna."

Romulus o encara.

"Se este homem também desperdiçar meu tempo, irei matar não só a ele, mas você também."

Seu conselheiro engole em seco.

"Muitas pessoas acreditam nele, Comandante. Há rumores de que ele é o maior feiticeiro do

Império."

Romulus avança na frente, liderando o grupo de homens diretamente para dentro da caverna. As

paredes verdes luminescentes liberam um brilho, apenas o suficiente para que eles possam enxergar,

e Romulus abre caminho entrando cada vez mais fundo na caverna. Barulhos estranhos ecoam nas

paredes, soando como gemidos, gritando como espíritos aprisionados, e isso deixa Romulus, um

homem que não costuma ter medo de nada, pensar duas vezes. O ar está pesado, úmido, e um fedor

flutua no ar vindo de algum lugar distante.

Romulus tem a crescente sensação de mau agouro, e está começando a perder a paciência

enquanto eles entram cada vez mais fundo na escuridão.

"Se você estiver desperdiçando meu tempo," Romulus diz, dirigindo-se ao seu conselheiro,

corando de raiva e se preparando para voltar ao começar a se perguntar se tudo aquilo seria outro

beco sem saída.

Seu conselheiro engole em seco.

"Eu juro que seu tempo não está sendo desperdiçado, Comandante. Me disseram que..."

De repente, Romulus para com todos os seus homens ao seu lado, ao sentir uma presença a

poucos metros de distância. O mau cheio é insuportável.

"Chegue mais perto," pede uma voz sombria e rouca do outro lado da caverna. A voz se

assemelha à de um demônio.

Romulus olha para a escuridão, e de repente a caverna é iluminada quando um anel de fogo surge

no chão diante deles. As chamas iluminam um homem franzino do outro lado da caverna, sem pernas

e com os polegares descansando no chão, vestindo uma capa vermelha sem capuz, com a cabeça

calva coberta de verrugas. Suas mãos retorcidas também estão cobertas de verrugas, seu rosto é

redondo e inchado, e ele tem frestas no lugar dos olhos. Ele os abre para encarar Romulus com olhos

negros que refletem as chamas.

"Eu tenho o que você procura," acrescenta o homem.

Romulus dá vários passos à frente, até a borda do anel de fogo, e olha para o feiticeiro do outro

lado das chamas.

Enquanto observa aquela criatura, Romulus sente algo diferente dentro dele. Ele sente um

formigamento, como se pela primeira vez, aquele feiticeiro fosse realmente ajuda-lo.

"Você sabe como parar os dragões?" Pergunta Romulus.

O feiticeiro balança a cabeça.

"Não," ele responde, "eu tenho algo ainda mais poderoso."

"E o que poderia ser mais poderoso do que isso?" indaga Romulus.

O feiticeiro olha para ele com olhos demoníacos e assustadores, piscando diante das chamas.

Romulus estremece por dentro.

"Uma maneira de controlá-los."

Romulus encara o homem, tentando compreender. Há algo sobre ele, algo autêntico -

autenticamente demoníaco.

"Controlá-los?" ele pergunta.

"Durante uma lua," o feiticeiro responde, "os dragões serão seus. Você poderá controlá-los como quiser. Direcioná-los a qualquer lugar que desejar. Eles serão seu próprio exército pessoal, e você

terá a chance de mudar o Império para sempre, fazendo qualquer coisa que você desejar. Você será o

homem mais poderoso de todo o Império."

Romulus fecha os olhos, pensando, e seu coração bate acelerado. Aquilo poderia ser

verdade? ele se pergunta.

"E, se tudo isso é verdade," Romulus diz, "o que você vai quer de mim em troca?"

O feiticeiro ri, um barulho horrível que se parece mais com um milhão de esquilos.

"Apenas a sua alma," ele responde, "Nada mais."

"A minha alma?" Pergunta Romulus.

O feiticeiro assente.

"Após a sua morte, sua alma será minha para fazer o que eu quiser com ela. Você vê, eu sou um

colecionador de almas. Esse é o meu hobby."

Romulus o encara pensativo, e os cabelos em seus braços se arrepiam.

"E o que você faz com essas almas?" ele pergunta.

O feiticeiro franze a testa, descontente.

"Isso não é da sua conta," sua voz ressoa, ecoando de repente pelas paredes, tão alto que quase estoura os tímpanos de Romulus.

Romulus olha para a criatura, e se pergunta o que ele seria. Ele sente que algo intensamente

bizarro paira sobre aquela caverna, e uma parte dele quer virar e correr.

"Mestre, não faça isso," diz o conselheiro de Romulus. "Vamos deixar este lugar de uma vez."

Mas Romulus balança a cabeça e olha para o feiticeiro. Ele pode sentir que o feiticeiro diz a

verdade, e que tem o que Romulus precisa. E ele não poderia deixar essa oportunidade escapar tão

facilmente.

Controlar os dragões. Romulus imagina tudo o que ele poderia fazer com esse tipo de poder. Ele

poderia acabar com todas aquelas revoltas, consolidando o seu poder de uma vez por todas e

controlar o Império - talvez até mesmo assumir o controle do Anel. Ele seria o homem mais poderoso

que jamais existiu, mais poderoso do que ele jamais poderia ter imaginado. Mesmo que fosse apenas

por um ciclo lunar, aquilo valeria a pena. Negociar sua alma sua alma não lhe parece uma má ideia,

afinal, ele iria para o inferno de qualquer maneira. Uma vez que estivesse morto, que diferença faria

o que acontecesse com a sua alma?

"O que eu preciso fazer?" Pergunta Romulus.

O feiticeiro sorri para ele.

"Olhe para baixo, para dentro do meu anel de fogo. Olhe para a água refletida, isso é tudo o que

você deve fazer. "

"Isso é tudo?" Romulus pergunta, incrédulo. Não deveria ser assim tão fácil.

Romulus olha para baixo devagar, e vê o seu reflexo encarando-o através do fogo. Quando ele

olha, vê seu rosto contorcido, mudando de forma e tamanho. Ele fica apavorado ao ver aquilo.

"Bom," o feiticeiro sussurra. "Agora, coloque os braços estendidos para os lados."

Romulus obedece devagar, com cautela.

"Agora caia. Mergulhe de cabeça dentro das águas."

"Mergulhar?" Pergunta Romulus.

Pela primeira vez em sua vida, ele está com medo.

"Quando você atingir a água, você vai ser transformado. Você vai emergir como o Mestre dos

Dragões."

Romulus sente todo seu corpo vibrando, e tem a sensação de que aquilo é verdade. Ele fica

parado com os braços estendidos ao lado do corpo e, lentamente, mergulha de cara, preparando-se

para o impacto contra a piscina rasa, com apenas alguns centímetros de profundidade. Ele espera que

seu rosto vá bater no chão duro.

Assim que Romulus atravessa as chamas, ele se surpreende ao sentir seu corpo mergulhar ao

atingir a água. Aquilo deveria ser impossível, ele sabe; a água tem apenas uma

polegada de

profundidade. Ainda assim, ele submerge, cada vez mais fundo, até mergulhar completamente. Ele

sente seu corpo inteiro sendo penetrado por alguma força, como se estivesse sendo perfurado por

milhares de pequenas agulhas. Ele grita debaixo d'água, mas não emite qualquer som.

De repente, Romulus se levanta e sai da água, explodindo para dentro da caverna e derramando

água ao seu redor.

Ele cai em pé, chocado, e se sente com o dobro de seu tamanho, com o dobro da força que

costumava ter. Ele se sente como um gigante, e sente sua força transbordando para fora dele, como se

nada mais pudesse detê-lo.

Romulus ruge, sentindo seu novo poder correr em suas veias - um rugido capaz de abalar a terra,

que ricocheteia pelas paredes da caverna.

E, assim que ele faz isso, Romulus ouve, ao longe, o rugido de uma série de dragões,

respondendo o seu chamado - prontos, ele sabe, para fazer o que ele quiser.

CAPÍTULO Q UATORZE

Thor carrega Guwayne em seus braços enquanto caminha ao lado de Gwen, e os dois conduzem a

procissão de milhares de pessoas até o topo da montanha. Krohn caminha ao seu lado, e atrás deles

segue uma fila interminável de súditos e simpatizantes de Gwen, todo animados para assistir à

cerimônia de iniciação do bebê, um ritual sagrado que marcaria a transição do bebê para a

vida. Como Guwayne havia nascido na classe guerreira, e como ele era um membro da família real, o

próprio Argon seria presidiria a cerimônia antiga e mística, que seria realizada no auge da Colina do

Rei.

Normalmente, a iniciação de um bebê é testemunhada por algumas pessoas; mas Gwen e Thor são

tão amados pelo povo - que está animado com o nascimento de seu filho – que o grupo atrás deles

continua aumentando à medida que eles avançam. O Anel está em êxtase; depois de toda a tristeza,

finalmente, as pessoas tinham uma razão, um verdadeiro motivo, para comemorar. Um herdeiro do

trono havia nascido, e ainda melhor, ele é o filho de Gwendolyn, filho de uma rainha que eles amam

mais do que qualquer outra que já havia existido antes dela. Toda a demonstração de amor que eles

dirigiam a Gwendolyn, agora eles também dedicam ao seu filho.

Thor também é igualmente amado entre as pessoas do reino - a maioria o vê como um salvador, o

maior guerreiro que já existiu e fonte de lendas, e uma criança fruto da união de Thorgrin e

Gwendolyn, é praticamente considerada filho do próprio povo. Eles seguem Thor e Gwen

animadamente, como avós ávidos, e quando Thor olha para trás, ele vê milhares e milhares de

pessoas, serpenteando ao redor da montanha, todo o caminho de volta até os

portões da Corte do Rei.

A iniciação é mais do que uma mera cerimônia; é também um tempo sagrado, um tempo de

grandes presságios, e todo o reino quer observar cuidadosamente para ver se quaisquer sinais ou

presságios marcariam a iniciação daquela criança. Boatos já tinham se espalhado a respeito de seu

nascimento auspicioso, dos sinais e presságios que surgiram com a chegada de Guwayne; o reino

inteiro já via aquela criança como mais do que uma mera pessoa. Todos já especulam sobre seu

destino, e as pessoas sem dúvida estão ansiosas para ver por si mesmos se alguma coisa aconteceria

durante a cerimônia.

O coração de Thor bate com entusiasmo e expectativa. Enquanto ele segura seu filho em seus

braços, envolto em uma manta perto de seu peito, ele sente uma onda de calor e poder recair sobre

ele. Thor sente um grande vínculo com seu filho, maior do que ele jamais poderia expressar. Quando

Thor olha para o rosto de seu filho, Guwayne abre os olhos e olha para ele, e Thor sente uma

conexão com ele desde outras vidas, em outro reino. Ele agora tem um filho. Um *filho* - ele ainda não consegue acreditar. Ele sente um grande amor por Guwayne, e a mais profunda necessidade de

protegê-lo.

Thor também sente necessidade de proteger Gwendolyn, que caminha lentamente ao seu lado,

ainda se recuperando do parto. Eles caminham o mais lentamente possível,

acompanhando o ritmo de

Gwen e parando de vez em quando para que ela possa recuperar o fôlego. Thor fica feliz em ver que

ela está bem, mais uma vez sobre seus pés. Os últimos dias tinham sido emocionantes para ela, não

só pelo nascimento do bebê, mas também pela morte iminente de sua mãe. A rainha ainda está viva,

mas todo o reino vive na expectativa de ouvir os sinos que anunciariam – a qualquer momento, a sua

morte. É uma época assustadora, mas também um momento propício, e tudo isso deixa Gwen em um

estado de confusão emocional.

Thor volta a pensar na intensidade do encontro entre Gwen e sua mãe em seu leito de morte. A

cena havia feito Thor pensar em sua própria mãe, e ver a rainha a beira da morte o fez pensar na

preciosidade da vida, renovando seu senso de urgência em reencontrá-la. E se, ele pensa com medo,

sua mãe morresse antes que ele tivesse a chance de visita-la?

Ele nunca seria capaz de conviver com se sua morresse; isso o deixaria com um vazio e um

sentimento de culpa que ele sequer consegue imaginar. E também o faria se sentir como se seu

próprio destino estivesse incompleto. Thor decide, mais uma vez, a procurá-la o mais rápido

possível. Agora que seu filho havia nascido, ele sente que é o momento certo. Primeiro, é claro, ele

deve ficar para o seu casamento com Gwen; ele não poderia sair antes disso. Mas assim que tudo

acabasse, ele decide, ele iria partir. Ele não tem escolha. Ele ama Gwen e Guwayne

desesperadamente, e pretende voltar para o lado eles para viverem juntos pelo resto de suas

vidas. Mas, primeiro, ele precisa cumprir o seu destino. Thor tem a sensação estranha de que o

próprio futuro do Anel depende disso.

"Estou orgulhoso de você," Gwen sussurra, virando-se para ele e sorrindo ao colocar a mão

suavemente em seu pulso.

"Por quê, meu amor?" Thor pergunta, intrigado.

"Os Prata," ela responde. "Eu ouvi dizer. *Sir* Thorgrinson," acrescenta ela, abrindo ainda mais seu sorriso.

Thor também sorri, ele está tão distraído com Guwayne, que ainda não tinha pensado sobre

aquilo. Mas agora que Gwen havia tocado no assunto, as lembranças voltam, e ele repassa toda a

cerimônia em sua mente. Ele se lembra da armadura, e em como ele se sente diferente com ela. Mais

forte, mais substancial.

Enquanto caminham, subindo cada vez mais alto na montanha, Thor é surpreendido pela paisagem

deslumbrante vista dali de cima, no Vale do Fogo. Aquele é um lugar estranho e assombrando, a oeste

da Corte do Rei, um vale de antigos vulcões, dezenas deles, levantando-se da terra, adormecidos há

milhares de anos. Eles se elevam sobre a Corte do Rei, um antigo lembrete do que já tinha

sido. Obviamente, eles também representam uma defesa natural para a cidade, e Thor percebe que é

precisamente por isso que a Corte do Rei havia sido construída ali.

Enquanto Thor continua subindo, ele começa a ver os picos dos vulcões, que ele ainda não tinha

visto. Eles são lindos e imponentes, e Thor nota um estranho cheiro no ar, como se o enxofre tivesse

sido absorvido pelo solo. As botas de Thor deslizam no chão seco e no cascalho sob seus pés quando

eles se aproximam do topo da montanha, e uma brisa cada vez mais forte assopra à medida que eles

se aproximam do pico, trazendo um pouco de ar frio apesar do dia quente de verão.

Thor olha para baixo e vê sinais do verão espalhados por toda a Corte do Rei; plantações de

grãos balançando ao vento e vales inteiros de pomares – uma abundância inacreditável. O Vale de

Fogo contrasta com aquela paisagem - como um lembrete austero e constante de que toda aquela

fartura poderia um dia desaparecer.

"Ele está aqui," diz Gwen, ao lado dele.

Thor olha adiante e vê Argon em pé no topo, vestido com seu manto e capuz branco, segurando

seu cajado e olhando para eles, sem expressão, como um pastor aguardando seu rebanho. Thor é

tomado de alívio. Sem Argon, a cerimônia não poderia acontecer e era impossível saber se Argon

iria aparecer.

Eles atingem o topo do antigo vulcão, e quando Thor e Gwen tomam seus lugares ao lado de

Argon, os três deles se viram e olham para o centro do vulcão. O terreno desce suavemente, por

cerca de vinte metros, areia solta e cascalho, em seguida, se transforma em um platô no alto, na forma

de um círculo perfeito, talvez com uma centena de metros de diâmetro, onde há um lago azul-

gelo. Refletindo o céu, as nuvens, e os dois sóis, a visão deixa Thor sem fôlego. Eles abrem caminho

até a beira da água e, atrás deles, Thor ouve os passos suaves de milhares de pessoas que chegam ao

cume, aproximando-se das margens do lago.

Enquanto eles estão ali, Argon olha para Thor, estende as duas mãos, e olha para a criança.

Thor segura o menino, relutante em deixá-lo ir; e então ele sente uma mão suave em seu

antebraço, e vê Gwen, acenando para ele.

"Está tudo bem," ela diz. "Deixe-o ir."

Thor relutantemente coloca Guwayne nos braços de Argon.

Assim que ele faz isso, o silêncio é preenchido com os gritos e choro de Guwayne. O coração de

Thor se parte ao ouvir aquilo, e ele sente uma sensação de vazio quando o calor do corpo de

Guwayne deixa os seus braços.

Argon seguro Guwayne perto do peito e, lentamente, ele começa a parar de chorar. Argon

desenrola Guwayne, uma camada de cada vez, até que ele fique completamente

nu. Argon então

segura o garoto no alto, sobre a sua cabeça, e se vira e olha para o povo.

"Em nome dos sete ancestrais pais, em nome dos pilares antigos, em nome dos campos de luz e

dos campos de cinza, de todos os quatro ventos e da grande divisão, exorto todos os deuses que já

existiram e todos os deuses que ainda virão a abençoar esta criança, dotando-o da força de seu pai e

do espírito de sua mãe. Deem a ele condições para continuar a linhagem real dos MacGil. Dê-nos a

todos um grande guerreiro e um grande líder para os nossos homens."

A multidão aplaude em sinal de aprovação, e Argon se ajoelha na beira do lago, coloca o bebê

de costas sobre a água, e o mergulha.

Gwen suspira e instintivamente se aproxima para salvá-lo, mas Thor agarra seu pulso. Agora é a

vez dele tranquilizá-la.

Argon tira o bebê da água, e Guwayne grita. Argon mergulha Guwayne novamente e, em seguida,

por uma terceira vez.

Quando Argon finalmente levanta a criança no alto, a multidão cai de joelhos e abaixa a

cabeça. Guwayne grita, e quando ele faz isso, Thor se surpreende ao ver a terra de repente começar a

tremer. Todos se entreolham com medo e admiração enquanto um grande terremoto sacode o chão, e

Gwen segura no braço de Thor.

"O que está acontecendo?" ela pergunta. "É ele que está fazendo isso?"

De repente grandes explosões começam a acontecer ao redor deles.

Thor olha para cima e fica surpreso ao ver todos os vulcões ao seu redor explodindo, e grandes

nuvens de fumaça preenchendo o céu de verão, seguida por faíscas e lava. Os vulcões estão

suficientemente longe para que eles não sintam o calor, mas Thor fica extasiado ao ver as dezenas de

vulcões atirando lava no ar, vulcões que estavam adormecidos há séculos. Tudo está acontecendo em

um momento auspicioso, e Thor sabe que existe algum significado para aquilo. Todas as pessoas

presentes se entreolham com terror e admiração. Até Argon olha para o menino, maravilhado,

claramente boquiaberto.

Quem seria esse bebê?

Thor não sabe. Mas ele sabe, ele consegue sentir com cada grama de seu ser, que seu filho é mais

poderoso do que qualquer outra coisa que ele já havia conhecido.

CAPÍTULO Q UINZE

Alistair fica em cima do telhado da pequena fortaleza, passando a mão ao longo dos antigos

parapeitos de pedra, enquanto olha para a zona rural do Anel naquele lindo dia de verão. Dali de

cima, cercada por nada além de colinas, ela vê campos de grama alta verde-limão e violeta

brilhando ao sol, balançando ao vento como se estivessem felizes por estarem vivos. O clima está

perfeito, os dois sóis brilham e Alistair se inclina para trás e respira fundo, absorvendo tudo.

Pela primeira vez, Alistair se sente relaxada, completa, como se tivesse encontrado seu lugar no

mundo. Finalmente, ela havia encontrado um amor em sua vida, um homem que a ama, e também

havia conhecido seu irmão. Logo, ela se casaria, e Argon a estava ajudando a entender quem ela

realmente é. Pela primeira vez em sua vida, Alistair está começando a acreditar que ela não é algum

tipo de aberração, e começando a entender que o que é diferente sobre ela é justamente o que a torna

especial. Que os seus poderes são uma parte normal e natural dela. Uma parte dela da qual ela não

precisa se envergonhar em assumir. Ela se sente fortalecida, especialmente depois de sua viagem ao

Submundo, após a sua batalha contra o Império, e vendo a imensidão de seus poderes.

Desde que Thor havia matado seu pai, Alistair vinha sentindo uma imensa sensação de paz no

mundo. Ela se sente aliviada que todos, especialmente Erec, sabem o seu segredo, e sabem que seu

pai era um monstro. Ela tinha muito medo que quando Erec descobrisse, ele a deixaria. E ela não o

culparia por isso, mas Erec havia permanecido fielmente ao seu lado. Ele jamais a tinha culpado, ou

olhado para ela de forma diferente; pelo contrário, a sua compaixão por ela apenas tinha se

aprofundado, e ela tinha percebido que seus sentimentos por ela não haviam mudado. Afinal, ele

havia dito, eles não eram como seus pais. Pela primeira vez em sua vida, ela está começando a

perceber isso.

Alistair tinha dado uma pausa de todos os preparativos do casamento para visitar Erec a meio-

dia de viagem da Corte do Rei, onde ele estava se dedicando aos trabalhos dos Prata, reconstruindo

e restaurando fortificações, como já fazia há várias luas. Alistair olha para baixo e vê dezenas de

membros da Prata vestindo suas armaduras brilhante, Erec no meio deles, - como sempre, orientando

os homens que trabalham duro na reconstrução das fortificações. Outros cavaleiros cavalgam pelos

campos de treinamento improvisados, engajados em exercícios e duelos, praticando suas

habilidades.

Alistair identifica quatro estradas principais que cortam a pequena cidade, percebe a localização

estratégica do lugar, no centro do reino, e sabe que Erec tem um trabalho importante a fazer ali para

manter todos aqueles aldeões seguros. Erec havia cuidadosamente estacionado seus homens em

diferentes pontos da região, ajudando a consertar estradas, levantar portas, aprofundar fossos, e

carregar as pedras necessárias para reparar os danos que Andronicus havia causado. É surpreendente

que aquele forte sequer tenha sobrevivido aos ataques, pois muitas outras cidades do Anel, com

fortes que existiam há centenas de anos, tinham sido completamente destruídas.

Alistair ouve um estrondo distante e, ao olhar para o horizonte, vê um cavaleiro se dirigindo para

a torre, levantando poeira na estrada empoeirada. Ela vê quando ele se aproxima de Erec, ajoelha-se

diante dele, e lhe entrega um pergaminho. Ela se pergunta o que poderia ser tão urgente para fazê-lo

cavalgar com tanta pressa?

Erec fica quieto por um longo tempo, pondo-se a ler o pergaminho. Finalmente, ele se vira e

caminha em direção ao forte. Ele parece estar perdido em pensamentos, com a testa franzida, e o que

quer que fosse, Alistair deduz pela linguagem corporal dele que não é nada bom.

Alistair ouve passos silenciosos subindo a escada de pedra em espiral, e então Erec aparece no

telhado do forte, segurando o pergaminho e parecendo estar triste.

"O que foi, meu senhor?" Pergunta Alistair, correndo até ele.

Erec olha para baixo e balança a cabeça. Ela vê que os olhos dele estão cheios de lágrimas.

"Meu pai," ele responde com seriedade. "Ele está gravemente doente."

Alistair sente compaixão por Erec, e se aproxima para abraça-lo, e ele retribui o gesto. Ele nunca

tinha falado com ela sobre seu pai, ou sobre seu povo, e ela não sabe muito sobre eles. Tudo o que

ela sabe é que Erec vinhas das Ilhas do Sul.

"O que você vai fazer?" ela pergunta.

Erec olha para o horizonte, pensando.

"Eu tenho que ir até ele," responde Erec. "Preciso vê-lo antes que ele morra."

Os olhos de Alistair se arregalam.

"Você vai para as Ilhas do Sul?" questiona ela.

Ele balança a cabeça, sério.

"É uma longa viagem, minha senhora," ele responde. "Dura e implacável. Vou ter que atravessar o Mar do Sul, que costumar tirar mais vidas do que ele deixa passar. Será mais seguro para você ficar

aqui até que eu volte."

Alistair sente uma onda de determinação, e balança a cabeça.

"Eu nunca vou me separar de você outra vez," ela diz. "Eu jurei a mim mesma, e pretendo manter essa promessa seja qual for o preço. Vou acompanhá-lo."

Erec olha para ela e sua determinação o deixa sensibilizado.

"Mas o casamento de Gwendolyn," ele responde. "Você é a dama de honra."

Alistair suspira.

"Se você tem que ir agora," ela responde, "então eu irei com você. Gwendolyn vai entender."

Erec a abraça, e ela o segura com força, se perguntando como seria aquela viagem e imaginando

como seriam as Ilhas do Sul e a família dele. Será que eles gostariam dela e a aceitariam? Será que

ele conseguiria ver seu pai antes que ele morresse?

E acima de tudo, como isso tudo afetaria o seu casamento? Será que a cerimônia seria adiada?

Será que Gwen realmente entenderia? E quanto a Thor? Será que ela veria seu irmão

novamente? Será que ela e Erec realmente voltariam ao Anel?

Por alguma razão, ela tem a sensação de que eles não voltariam.

*

Alistair cavalga pela Corte do Rei, depois de ter se despedido de Gwendolyn, e seu coração

ainda está partido. Tinha sido doloroso dar a notícia a ela, apesar de Gwen tê-la recebido bem. Ela

se havia se sentido mal ao contar tudo a Gwen, especialmente naquele momento, pouco antes de seu

casamento. Mas ela sente que não tinha escolha. Erec seria seu marido, e ela não poderia se separar

dele novamente. Gwen tinha sido compreensiva, e tornando tudo mais fácil para Alistair. Mas

Alistair sente que, no fundo, Gwen havia ficado magoada, pois fazia questão da presença de Alistair

em seu casamento. Alistair gostaria que as coisas fossem diferentes; mas não é assim que quis o seu

destino.

Ao deixar a Corte, Alistair decide ver seu irmão pela última vez antes de se juntar a Erec, para

poder lhe contar pessoalmente que estava partindo. Quando tudo isso estivesse terminado, Alistair

promete silenciosamente para si mesma que um dia encontraria uma maneira de voltar para o Anel e

ficar junto de Gwendolyn, Thor, e todo o seu povo. Afinal, ela e Gwendolyn haviam passado por

muitas coisas juntas, e Gwen é como uma verdadeira irmã para ela, como a irmã que ela nunca havia

tido. Alistair também sente a necessidade de proteger Gwen, e sente que existe uma ligação entre as

duas, especialmente depois do nascimento do filho dela e de Thor.

Alistair mal pode acreditar que ela agora tem um sobrinho. Quando ela tinha

segurando o bebê no

colo, havia sentido sua energia atravessar seu corpo, sentindo uma forte ligação com aquela criança –

maior do que ela já havia sentido com qualquer outra pessoa. O filho de seu irmão; ela ainda não

consegue acreditar. Ao segurá-lo em seus braços, Alistair teve a certeza de que os dois teriam uma

relação muito próxima futuramente.

Alistair atravessa os portões de pedra recém-reconstruídos que dão acesso ao campo de

treinamento da Legião, passando por todos os novos recrutas alinhando-se no campo na esperança de

chamar a atenção de seu irmão por uma cobiçada vaga na Legião. Ela vê Thor e atravessa o pátio,

desmontando diante dele.

Thor deve ter percebido sua chegada, pois antes mesmo que ela tenha se aproximado dele, ele se

vira e a encara com olhos cinzentos brilhantes, orgulhosamente em pé e cercado por todos os

esperançosos candidatos à uma vaga na Legião. Seu irmão é claramente um líder, e todos aqueles

meninos, alguns mais velhos do que ele, olham para ele como se ele fosse um deus, e ela entende

perfeitamente o porquê. Thor não é somente um guerreiro habilidoso, mas também exala uma energia,

algo místico, quase como uma luz que brilha em torno dele. É difícil determinar exatamente o que há

de tão diferente nele; é quase como se ela estivesse olhando para o produto de uma lenda, em pé

diante dela. Há também algo fugaz a respeito dele, como se ele de alguma forma, por brilhar com

tamanha intensidade, não fosse viver por muito tempo, assim como uma estrela cadente. Ela

estremece com o pensamento, e tenta suprimi-lo.

Mas, quando Alistair caminha até ele, de repente ela se sobressalta. Ela tem um flash, e vê algo

que não consegue reprimir. É uma visão: ela vê seu irmão morto, ainda jovem; ela vê a morte - e

glória - cercando-o por todos os lados.

Alistair para diante de Thor, prestes a abraçá-lo, e seu sorriso se transforma em um olhar severo,

enquanto ela tenta controlar o choro. Eles haviam se aproximado muito durante as últimas luas, e

Thor é a única família de verdade que ela possui, e a ideia de perdê-lo agora, quando ela tinha

acabado de conhecê-lo, é demais para ela suportar.

"O que está acontecendo, minha irmã?" Pergunta Thor, olhando para ela intrigado.

Alistair apenas balança a cabeça, mordendo a língua. Em vez disso, ela se inclina e o abraça, e

ele a abraça de volta. Por cima do ombro, ela enxuga rapidamente algumas lágrimas e se esforça para

sorrir.

Ela se afasta, dizendo, "Não é, meu irmão."

Ele olha para ela, cético e preocupado.

"No entanto, você parece perturbada," ele fala.

"Eu vim para dizer adeus," Alistair responde.

Thor olha para ela com surpresa e decepção estampados no rosto.

"Erec parte para as Ilhas do Sul," continua ela, "e eu devo me juntar a ele. Sinto muito, mas não estarei aqui para assistir seu casamento."

Thor assente compreensivamente.

"Ao lado de Erec é onde você deve estar," ele responde. "Ele é o maior guerreiro do Anel - e, no entanto, ele precisa de você. Você é ainda maior, - proteja-o."

"Assim como você," ela completa.

Thor fica envergonhado e enrubesce.

"Eu sou apenas um garoto de uma pequena vila agrícola," Thor responde humildemente.

Alistair balança a cabeça.

"Você é muito, muito mais do que isso."

Thor suspira e olha para longe, vendo o treino de seus recrutas.

"Estarei partindo em breve, também," ele fala.

Alistair de repente tem uma visão dos pensamentos dele, como sempre acontecia quando estava

perto dele.

"Você vai procurar nossa mãe," ela diz, mais uma afirmação do que uma pergunta.

Thor olha para ela surpreso.

"Como você sabe?" ele pergunta.

Ela dá de ombros.

"Você é um livro aberto para mim," ela explica. "Eu não sei porque. É como se eu pudesse ver o mesmo que você vê."

"O que mais você vê?" Thor pergunta animado, estreitando os olhos. "Será que vou encontrar a nossa mãe?"

Alistair tem mais um súbito lampejo do futuro de Thor. Ela vê que ele de fato a encontraria, mas,

então, a visão é tomada pela escuridão, como se estivesse sendo deliberadamente mascarada pelo

destino. Ela vê Thor em uma grande batalha, uma além até mesmo de seus poderes. Ela vê a escuridão

ao redor deles, e rapidamente fecha os olhos, balançando a cabeça como se quisesse anular a

visão. É tudo muito obscuro e aterrorizante demais.

Ela não quer assustar Thor, e se obriga a manter a compostura. Ela estremece por dentro, mas não

quer deixar transparecer que havia visto algo desagradável.

"Você vai encontrá-la," ela responde.

Thor olha para ela, parecendo não estar convencido.

"E mesmo assim, você hesita," diz ele.

Alistair balança a cabeça e desvia o olhar.

"A última vez que conversamos sobre nossa mãe," ela diz, "eu comecei a lhe dizer que tinha algo que pertence a ela. É justo que você fique com isso, pois não sei se voltarei a vê-la."

Alistair enfia a mão no bolso e extrai um objeto.

"Estenda seu braço," ela pede.

Thor obedece e vê quando Alistair pega um bracelete de ouro com seis centímetros de largura, e

o coloca ao redor de seu pulso. O bracelete cobre o pulso de Thor, a meio caminho de seu antebraço,

brilhando e mudando de cor sob a luz.

Thor o examina com espanto, e Alistair percebe que ele está impressionado.

"A Terra dos Druidas é um lugar assustador," ela explica. "Um lugar de grande poder - mas

também de grande perigo. Você vai precisar disso mais do que eu."

"O que é isso?" Ele pergunta, passando o dedo ao longo da superfície dourada suavemente.

Ela dá de ombros.

"É a única coisa que minha mãe me deixou. Eu não sei o que é, ou o que ele faz. Mas eu sei que

você vai precisar dele no lugar onde está indo."

Thor se inclina e, obviamente grato, abraça Alistair apertado; ela o abraça de volta.

"Fique segura," Thor pede.

"Envie lembranças minhas à nossa mãe," ela pede. "Diga a ela que eu a amo. E um dia, também espero encontrá-la."

CAPÍTULO DEZESSEIS

Criados abrem as portas duplas, e Reece se prepara ao entrar sozinho nos aposentos de sua mãe

doente. Ele sente um vazio na boca do estômago assim que entra no quarto escuro, iluminado apenas

por uma tocha. Enfermeiros pairam sobre cabeceira de sua mãe, colocando emplastros em sua

testa. Reece havia se preocupado durante toda a sua viagem até ali que ele não conseguiria alcançá-la

antes que ela morresse, e fica feliz por ter chegado a tempo. Assim que seu navio havia atracado,

Reece tinha se dirigido até ali, antes mesmo de dar a notícia do casamento a Selese.

A ideia de perder sua mãe dilacera o coração de Reece apart. De todas as

crianças, Reece, o

caçula, sempre tinha sido mais próximo de sua mãe. Eles costumavam compartilhar confidências, e

ela tinha sido mais gentil e suave com ele do que com todos os outros. Ela o tinha protegido da ira

ocasional de seu pai, e sempre havia se certificado de que ele tivesse tudo do melhor. Pensar em sua

morte o faz sentir como se uma parte dele estivesse morrendo também. Ele gostaria mais do que

qualquer outra coisa que ela estivesse viva para seu casamento.

E pensar no casamento iminente deixa Reece confuso. Durante todo o trajeto de navio, voltando

para casa, sua mente tinha sido torturada por pensamentos de Stara, de seu encontro, de seu amor por

ela. Durante a viagem, ele havia permanecido determinado a torná-la sua esposa, preparando-se para

dar a notícia a Selese.

Mas ao chegar em casa, entrar na Corte do Rei, e ver todos os preparativos em andamento para o

casamento, Reece reconsidera sua decisão. É um verdadeiro espetáculo - a Corte do Rei está mais

bonita do que nunca, e milhares e milhares de pessoas finalmente começam a chegar de todos os

cantos do Anel, e do mundo, para assistir à cerimônia; e Reece estaria no centro dela. Ele estaria

decepcionando não só Selese, mas também a sua irmã, e Thorgrin, arruinando o dia especial a que

todos estavam se dedicando tanto. Ele também decepcionaria milhares de pessoas que viviam na

expectativa daquele grande evento.

Como ele poderia fazer isso? Como ele poderia trair o seu povo? E acima de tudo, como ele

poderia trair Selese? Ferir Selese lhe causa uma dor sem fim. Ela, acima de tudo, sempre tinha sido

amável e leal a ele. Será que ele estava certo em seguir suas paixões, ouvindo o seu coração? Ou ele

estaria sendo egoísta, errado ao trair todos ao seu redor?

Reece se sente completamente perdido e sem saber o que fazer. Ele se sente como um traidor,

como o pior traidor do mundo.

Exceto, é claro, em relação a Stara.

Reece pensa nela, e uma onda de amor toma conta dele, tão forte quanto uma onda capaz de lavar

o mundo. É um amor que o motiva, um amor forte o suficiente para desafiar tudo e todos a quem ele

conhecia e amava.

Quando Reece se aproxima de cabeceira de sua mãe, ele se obriga a parar de pensar em sua

situação e se concentrar nela. Ela abre os olhos quando ele coloca a mão em seu pulso, e faz um gesto

para Hafold, que rapidamente reúne todos os criados e sai correndo do quarto.

Reece e sua mãe ficam sozinhos, e Reece, como sempre havia feito, gostaria de lhe confiar seus

segredos, contando seus planos e seus pensamentos, mas não sabe deve fazer isso. Ele não sabe se

ela está em condições de ouvir tudo, ou de responder, e por mais urgente que seja, e por mais

dilacerado que esteja, ele não quer aborrecê-la agora, em seus momentos finais. Além disso, ela tinha

lhe dado seu anel para que ele pedisse Selese em casamento, juntamente com sua bênção. Como ele

poderia dizer a ela que ele agora queria se casar com outra pessoa?

Reece toma a mão inerte de sua mãe entre as suas, e uma lágrima escorre pelo seu rosto quando

ele leva a testa até a palma da mão dela. Seu coração se aperta, dilacerado por um turbilhão de

emoções conflitantes.

Sua mãe se senta um pouco na cama, olha para ele e, então, tosse sem parar, e o som reverbera

em seu peito. É uma tosse que ele nunca tinha ouvido; a tosse de uma mulher velha. Ele fica

aterrorizado, e aperta a mão dela.

"Mãe, eu sinto muito," ele diz. "Me desculpe, eu não consegui voltar mais cedo."

"Você estava em uma importante viagem de negócios," ela responde. "Negócios da Rainha. Afinal de contas, as Ilhas Superiores são importantes, também."

Sua mãe olha para ele com um olhar de sabedoria que ele conhece bem.

"E ouvi dizer que você tinha outros negócios além disso," acrescenta ela.

Reece a encara, atordoado. Como ela sabia? Como ela poderia saber tudo, estando do outro lado

do oceano? Ele a tinha subestimado. Nada passava despercebido para ela. Ele deveria saber disso;

toda a sua vida, sua mãe sempre sabia de tudo. Ela tinha espiões em todos os cantos do reino, e

sempre ficava sabendo antes mesmo que ele fizesse algo - antes mesmo de seu pai. Ele nunca havia

conseguido escapar ileso. Havia um ditado na Corte do Rei: quando os salões sussurram, a Rainha

MacGil fica sabendo ainda antes que o som ecoe pelas paredes do castelo.

"Como você soube?" Pergunta Reece, sabendo que aquela é uma pergunta estúpida.

Ela apenas balança a cabeça.

"Como você pôde fazer isso?" Ela pergunta, descontente.

Reece enrubesce, envergonhado.

"Eu lhe dei o meu anel," acrescenta sua mãe. "O anel que seu pai me deu. Um anel de honra. Um anel que significa que a sua palavra não seria traída. Por qualquer motivo. Aquele é um anel para

toda a eternidade, um anel a ser entregue a Selese, com as minhas bênçãos, e você fez dele uma

piada."

Ela olha para ele com desprezo, e Reece desvia os olhos, humilhado, incapaz de encará-la. Sua

confusão se agrava, e ele se sente cada vez mais incerto.

"Eu sinto muito, mãe," ele diz. "Eu não queria decepcionar você. Eu não tive a intenção de me apaixonar por Stara. Eu nem sequer procurei vê-la."

"No entanto, quando você a viu, você não lhe deu as costas. Essa foi a sua escolha. Essas foram

suas ações. Você pode fazer uma mulher solitária feliz, mas pense em quantas outras pessoas você

vai ferir."

Sua mãe balança a cabeça.

"Isso não lhe diz mais respeito," acrescenta ela. "Você vai ver, à medida que envelhecer, que a luxúria é frequentemente confundida com amor e luxúria é uma coisa infantil. Conforme você

envelhecer, você vai descobrir que o amor - o amor verdadeiro, envolve compromisso e

responsabilidade. Especialmente para você, um membro da família real. Não somos pessoas

comuns; todos somos atores aqui. Todo o reino nos observa; somos um espetáculo para as massas, e

nada mais. Não se engane. Um povo pacificado significa que a família real é livre para governar. Sua

vida não é privada. As pessoas olham para você. Você não pode lançar um manto de desonra sobre a

família real. Você deu sua palavra, e deve honrá-la acima de tudo. Sem isso, o que seria de nós? Que

valor teria a linhagem real?"

O rosto de Reece fica coberto de um suor frio, e ele ergue o braço para secá-lo com as costas da

mão. Sua boca fica seca enquanto ele contempla as palavras da mãe, penetrantes como sempre.

"Eu sinto muito, mãe," ele repete. "Eu vivi toda a minha vida pela honra. Não tive a intenção de desonrar ninguém."

"Na verdade, você teve sim," ela responde.

"Eu não tinha a intenção de desonrar Selese," ele insiste. "No entanto, eu amo Stara. Não é errado ignorar os sentimentos por alguém?"

"Os sentimentos são temporários," ela zomba. "As ações são permanentes. Você poderia seguir suas paixões, se você fosse um plebeu. Mas você não é. Você é filho de um rei. Você não pode se dar

ao luxo de seguir seu coração. Você faz o que é certo, o que é esperado de você. Você não trai a

única pessoa a quem você deu a sua palavra, uma pessoa que confiou em você."

Ela suspira.

"Stara vai se machucar, é verdade. Mas ela é apenas uma pessoa. O resto do reino ficará feliz. É

possível que você se arrependa pelo resto de sua vida. Você pode odiá-la; você pode me odiar. Mas

esse é o preço que você deve pagar por ser um membro da família real. Há muitas formas de honra. A

honra conquistada durante as batalhas é o tipo mais fácil de se conseguir, mas ser um homem honrado

no dia a dia da vida, é difícil. Você deve exibir honra no amor como você faria no campo de

batalha. Uma não é mais importante do que a outra. Mostre-me um guerreiro honrado, que tenha traído

sua esposa, e eu lhe mostrarei um homem que vale menos do que nada."

O tom de sua mãe é mais duro do que Reece já a tinha ouvido usar, e ele percebe que são os sons

de uma mulher em seu leito de morte, uma mulher sem tempo de sobra, com mais nada a perder, e

com urgência em dar seu recado. É um tom que Reece mal reconhece.

E pior de tudo, ele sabe que ela está certa. Ele abaixa a cabeça, desejando estar em qualquer

outro lugar que não aquele quarto sufocante. Ele gostaria que este dilema nunca tivesse

existido. Como sua vida poderia ter se complicado tão rapidamente?

"Você não é mais um menino," ela diz. "Você é um homem agora. É por isso que outros homens lhe ensinam sobre a honra, e não mulheres. Mas isso significa que você está aprendendo apenas

metade do significado da verdadeira honra. Já passou da hora de aprender o ponto de vista de uma

mulher, só então você se tornará um homem de verdade."

Reece sente seu rosto inteiro corado, e fica mais envergonhado do que nunca.

"Você está certa," afirma ele, finalmente, com a voz embargada e dificuldade em pronunciar as

palavras. "Minhas ações têm desonrado o nome de nossa família. Dei a minha palavra, e devo mantê-

la, custe o que custar - seja qual for o preço."

Reece abaixa a cabeça, confuso e desejando que pudesse morrer. Acima de tudo, o fato de ter

decepcionado sua mãe o deixa incomodado, especialmente por saber que ela não tem muito tempo de

vida. Ele gostaria de poder desfazer suas ações, desejando que nunca tivesse visitado as Ilhas

Superiores.

Reece sente sua mãe apertar sua mão com uma força surpreendente, e olha para ela com lágrimas

nos olhos. Ele fica surpreso ao vê-la sorrindo para ele - a mãe carinhosa de quem ele se lembrava.

"Eu estou orgulhosa de você, meu filho," ela fala. "Seu pai também ficaria. Você me ouviu, e fará a coisa certa. Agora vá e case-se com Selese. Use meu anel de forma honrosa. E tire Stara de sua

mente - as Ilhas Superiores só geram problemas, eles sempre fizeram isso."

Reece sorri, sentindo uma onda de amor por sua mãe; ao mesmo tempo, ele também se sente

devastado por saber que a perderia em breve, sua melhor conselheira, a única pessoa em quem ele

confia acima de tudo.

Ele se inclina e a abraça forte, chorando sobre seu ombro com a ideia de perdê-la, e ela estende

a mão e também o abraça, com os braços frágeis envolvendo seu corpo.

"Eu te amo mais que tudo, Reece," ela declara. "De todos os meus filhos, sempre preferi

você. Você sempre foi meu filho predileto."

Reece chora, tomado pela emoção, e de repente sabe o que precisa fazer. Ele precisa correr até

Selese, e sem perder mais nenhum segundo, dizer-lhe o quanto a ama. Dizer-lhe que quer se casar

com ela, somente ela e mais ninguém.

CAPÍTULO DEZESSETE

Selese sai da casa do doente e tira o vestido, com um largo sorriso em seu rosto por ter cumprido

com seus deveres do dia. É uma bela tarde de verão, os dois sóis brilham, o vento joga seus cabelos

para trás, e ela respira fundo. Ela caminha através de um campo de flores, animada como não se

sentia há anos, sonhando a cada minuto com o seu casamento que se aproxima.

Ela sente borboletas no estômago, pois seu casamento com o Reece, o amor de sua vida, será

celebrado em apenas alguns dias, e ela mal consegue pensar em outra coisa além disso. Durante toda

a manhã, mesmo ao cuidar dos doentes, as horas haviam passado voando enquanto ela imaginava

como seria o casamento por vir; ela se vê com Reece andando pelo corredor juntos, vê os milhares

de convidados que estariam ali para testemunhar a cerimônia de casamento duplo com Gwendolyn e

Thorgrin. Acima de tudo, ela imagina Reece beijando-a, segurando-a, fazendo

votos para ficarem

juntos para o resto de suas vidas. Ela imagina a alegria que sentiria ao saber que ela finalmente seria

sua esposa, depois de todas aquelas luas de espera, sabendo que nada poderia separá-los.

Isso é tudo com que Selese havia sonhado. Reece tinha conquistado seu coração no momento em

que ela havia colocado os olhos nele, e casar-se oficialmente com ele seria o dia mais feliz da sua

vida, e o início de uma nova fase. De certa forma, ela sente que sua vida tinha começado no dia em

que o conheceu.

Selese começa a correr, pulando pelos campos, ansiosa para voltar à Corte do Rei e terminar

todos os preparativos para o dia de seu casamento. É preciso experimentar o vestido uma última vez,

analisar as opções de flores e buquês, e diversos outros assuntos esperam por ela, e ela não quer se

atrasar para nenhum deles.

"Selese!" Diz uma voz que ela não conhece.

Selese se vira, surpreendida pela voz estranha, e fica surpresa ao ver um homem desconhecido

caminhando na direção dela. Ele veste uma armadura de algum outro lugar, e leva um tempo até que

ela reconheça a armadura dos MacGil das Ilhas Superiores. Ela se pergunta o que ele poderia estar

fazendo ali, e como ele sabia o nome dela.

"Você é Selese, certo?" ele pergunta, aproximando-se dela e descendo do cavalo

com falta de ar.

Seu coração acelera ao ver a expressão séria no rosto dele. Ela sabe que Reece tinha viajado

recentemente para as Ilhas Superiores - ela estava aguardando ansiosamente seu retorno e de repente

ela se pergunta se aquele homem teria vindo lhe dar más notícias, talvez Reece estivesse doente ou

ferido, ou algo de ruim poderia ter acontecido com ele.

"Está tudo bem?" ela pergunta rapidamente, alarmada.

"Meu nome é Falus. Eu sou o filho mais velho de Tirus, da casa MacGil nas Ilhas

Superiores. Receio que traga más notícias."

O coração de Selese bate acelerando, e ela sente suas mãos começarem a tremer.

"Más notícias?" Ela repete.

Ela para imediatamente, preparando-se para receber a notícia de que algo ruim tinha acontecido

com Reece.

Ela corre e agarra o pulso do homem.

"Diga logo - ele está bem?" Ela implora.

Falus assente com a cabeça, e ela suspira de alívio.

"Reece está bem. Essa não é a notícia que eu trago."

Ela olha para ele, confusa. Que outra notícia ele poderia ter para ela?

Falus estende um pergaminho e, em seguida, o coloca nas mãos dela. Selese continua olhando

para ele, sem entender.

"Eu sinto muito ter que lhe dar esta notícia, mas nós, da família MacGil das Ilhas

Superiores,

levamos a nossa honra muito a sério, e pensamos ser importante que você soubesse disso

imediatamente. O homem que você ama, Reece, está se preparando para traí-la. Ele está apaixonado

por outra pessoa."

Selese sente seu corpo inteiro gelar com ao ouvir aquelas palavras, e ela olha para ele, perplexa,

tentando processar o que ele estava dizendo. Ela perde todo o senso de tempo e lugar; é como se um

pesadelo terrível estivesse se desdobrando diante dela.

Ela fica incapaz de falar.

"Minha irmã, Stara," continua ele, "a prima de Reece, ela está apaixonada por ele, e ele está apaixonado por ela. Seu caso de amor existe desde que eles eram crianças, anos antes de vocês se

encontrarem. Em sua recente viagem para as Ilhas Superiores, Reece procurou Selese e prometeu-lhe

seu amor, e disse que se casaria com ela. Em segredo."

Ele suspira.

"O pergaminho que você tem em mãos contém provas do amor deles. Você vai ver as cartas que

minha enviou para ele, e as dele para ela, jurando amor eterno. Você sem dúvida deve reconhecer a

caligrafia de Reece."

O coração de Selese bate tão alto que ela mal consegue pensar. Com as mãos trêmulas, ela

desenrola o pergaminho, torcendo para que tudo aquilo seja uma mentira, ou um terrível engano.

Mas quando ela começa a ler, Selese reconhece a caligrafia de Reece imediatamente. Ela sente

vontade de vomitar ao ler as declarações de amor entre Reece e Stara. O pergaminho parece velho e

frágil, mas de alguma forma ela não percebe isso, concentrando-se apenas nas palavras de Reece.

Ela sente seu mundo ruir.

Como aquilo poderia ser verdade? Como alguém como Reece, tão orgulhoso e honrado, tão nobre

e dedicado, poderia fazer uma coisa dessas? Como ele poderia traí-la dessa forma? Como ele

poderia ter mentido para ela? Como ele poderia amar outra pessoa?

Sua cabeça fervilha, tentando entender. Nada daquilo faz qualquer sentido – apenas alguns

instantes antes, ela estava disposta a se casar com ele. Ele é o homem que ela amava com cada fibra

do seu ser, e ela tinha certeza de que ele também a amava. Ela poderia ter se enganado tanto? Ela não

considerava Reece uma pessoa desonesta. Ela tinha sido uma idiota?

"Eu sinto muito ter que lhe dar esta notícia," continua Falus. "Mas nós pensamos que você deveria saber que Reece a humilhou diante de ambos os reinos."

Selese começa a chorar – aquilo é mais do que ela poderia suportar. Ela quer responder, dizer a

Falus que a deixe sozinha, ou simplesmente morrer.

Mas a voz dela fica presa em sua garganta, e ele lhe dá as costas, como um mensageiro da morte,

e começa a se afastar em seu corcel negro, chutando-o e se afastando cada vez mais, até desaparecer

no horizonte. Selese continua andando pelos campos floridos, mas agora ela já enxerga a beleza da

paisagem – que agora se parecem mais com campos de espinhos.

Selese olha para os pergaminhos em suas mãos, chorando, e suas lágrimas molham o papel,

borrando a tinta. Ela estende a mão e os rasga em pedaços cada vez menores.

"NÃO!" Ela grita.

A cada lágrima, ela sente seu coração sendo partido em pedaços. Tudo o que ela havia

imaginado, todas as certezas que ela acreditar ter – tudo é reduzido a nada.

CAPÍTULO DEZOITO

Kendrick para diante da ponte sobre o cruzamento Ocidental do Anel, supervisionando seus

homens, supervisionando dezenas dos membros da Prata que trabalham duro para protegê-la,

reconstruindo-a para deixa-la nas mesmas condições de antes. Acompanhado de vários de seus

amigos ilustres, incluindo Atme e Brandt, Kendrick ajuda os homens a rolarem uma pedra, coloca

pedras no lugar e conserta partes do corrimão. Aquela ponte tinha sofrido grandes danos quando o

Escudo tinha sido desativado, e muitas criaturas selvagens haviam aproveitado a oportunidade para

cruzar para o Anel durante a invasão do Império.

Kendrick para por um momento e vê incontáveis cadáveres de animais espalhados pela grama em

seu lado do Canyon. Enquanto ele observa, vários de seus homens os pegam no colo e os colocam na

beirada do Canyon. Ao longo das últimas luas, diversos relatos de um animal selvagem que estava

aterrorizando aldeias haviam chegado. Agora, depois de várias luas em que Kendrick e os Prata os

tinham caçado, matando todos os animais que haviam se infiltrado no Anel enquanto o Escudo

permaneceu desativado, os relatórios estavam parando de chegar. Kendrick está determinado a tornar

o Anel mais seguro do que nunca. Um dia após o outro, eles estão reparando todo o dano que

Andronicus havia causado.

Kendrick está feliz por estar mais uma vez ao lado de seus homens, junto aos Prata, fortalecendo

o Anel – acreditando que é para isso mesmo que ele veio ao mundo. Ele se sente honrado que

Gwendolyn o tenha encarregado de liderar os Prata juntamente com Erec, e dando-lhes a

responsabilidade de tornar o Anel mais forte e mais seguro. Erec tinha se dirigido a Sudeste para

reconstruir os fortes em pontos estratégicos ao longo do Anel, levando metade dos Prata com ele,

enquanto Kendrick havia ficado com o restante dos homens para fortalecer o Canyon.

Ao se virar e olhar para o Canyon, Kendrick vê diversos animais selvagens à espreita no

Deserto, observando seu trabalho. Com o Escudo ativado, aquelas criaturas não ousariam tentar

atravessar. No entanto, elas continuam no Deserto esperando por sua chance, quando quer que fosse,

para cruzar novamente. Kendrick está determinado a não deixar que isso aconteça.

"Levante a pedra mais alto!" Kendrick grita para vários cavaleiros, e eles erguem uma rocha

particularmente grande, colocando-a no lugar.

Kendrick avalia a paisagem, e vê um que eles ainda têm muito trabalho diante deles. Ainda

restam inúmeras aldeias que precisam de proteção, muros que precisam ser reparados, pontes que

precisam ser reconstruídas, cruzamentos que precisam de guardas. Ele precisaria distribuir os

cavaleiros da Prata estrategicamente em determinados postos, fazer sua presença conhecida para

evitar a criminalidade - e para lembrar as pessoas do poder da Corte do Rei. O povo precisam saber

que está sendo protegido, vigiado, e Kendrick deve se preparar caso por algum motivo haja outra

invasão do Anel.

"Meu senhor," diz uma voz.

Kendrick se vira e vê seu novo escudeiro correndo em sua direção, para se ajoelhar sem fôlego

diante dele. Kendrick fica surpreso ao vê-lo; ele não via o garoto há luas, e volta a pensar na última

vez em que ele o tinha despachado. Kendrick havia enviado seu escudeiro a todas as partes do Anel,

para ver se ele poderia descobrir alguma notícia da mãe biológica de Kendrick, que ele nunca tinha

conhecido. Isso estava corroendo Kendrick, que sentia um desejo crescente de conhecê-la, de saber

de onde ele vinha. Ele odeia a ideia de ser considerado um bastardo do mundo, e saber que o Rei

MacGil era seu pai não lhe é suficiente.

O retorno do escudeiro deixa o coração de Kendrick acelerado pela ansiedade. Ele teria

descoberto alguma notícia?

Kendrick sempre havia sonhado que sua mãe era uma princesa em seu próprio direito, talvez em

algum outro país distante. Talvez isso explicasse por que ela nunca tinha voltado para buscá-

lo. Talvez eles estivessem separados por um vasto oceano. Sobretudo, ele espera apenas que ela

esteja viva. Ele espera poder colocar os olhos sobre ela, apenas uma vez, nem que fosse apenas para

lhe perguntar por que ela o tinha abandonado. Por que ela nunca tinha lutado por ele. Será que ela

sequer sabia que ele existia?

O coração de Kendrick se sobressalta quando seu escudeiro se levanta, ainda recuperando o

fôlego. Pelo olhar em seu rosto, Kendrick sente que ele tem notícias.

"Meu senhor," o escudeiro começa, ofegante, "Eu acho que a encontrei."

A garganta de Kendrick fica seca quando seu escudeiro estende a mão e coloca metade de um

medalhão na palma de sua mão. Ele olha para o medalhão de bronze, segurando-o contra a luz e,

lentamente, retira o colar que ele usava desde que conseguia se- a metade de um medalhão de

bronze. Seu pai sempre havia dito que a outra metade pertencia à sua mãe.

Ele coloca as duas partes lado a lado e se surpreende ao ver que é um encaixe perfeito. Há um

buraco no meio, um espaço suficiente para passar uma corrente dentro para fazer um colar.

O medalhão parece autêntico, e as mãos de Kendrick tremem ao segurá-lo; ele sonhava com este

dia desde quando era criança.

"Onde você encontrou isso?" Pergunta Kendrick, mal conseguindo falar.

"Em uma pequena aldeia na parte norte do Anel, meu senhor. Em uma loja. Quando o comprei,

eles me disseram que uma mulher o vendeu para eles."

"Uma mulher?" Pergunta Kendrick. "Ela o vendeu?"

Seria sua mãe? ele se pergunta. Como ela poderia vender aquilo, a única ligação que ela tinha

com ele? Há quanto tempo isso teria acontecido?

Seu escudeiro assente.

"Apenas algumas luas atrás", disse ele. "Eles me disseram de onde ela veio. E o nome dela: Alisa

".

Kendrick olha para trás, estupefato.

"Sua mãe está viva, meu senhor."

Kendrick sente sua mão relaxar, o medalhão queimando dentro dela, enquanto ele olha para o

horizonte.

Sua mãe. Viva.

Depois de todo aquele tempo, ele gostaria de esquecer tudo aquilo; por um momento, ele chega a

lamentar ter enviado seu escudeiro naquela missão.

Contudo, quanto mais ele considera o assunto, mais ele percebe que não há outra coisa a

fazer. Uma curiosidade crescente arde dentro dele. Sua mãe. Viva. Como ela seria? Será que ela se

pareceria com ele? Será que ela ficaria feliz em vê-lo?

Kendrick olha para o horizonte, e sabe que não tem escolha.

Ele precisa encontrá-la.

CAPÍTULO DEZENOVE

Luanda, finalmente no lado certo das Highlands, no Reino Ocidental do Anel, respira com alegria

enquanto cavalga com Bronson pela longa estrada que dá acesso à Corte do Rei. É muito bom estar

em casa novamente. Ondas de alívio tomam conta dela quando ela vê a sua casa, o lugar onde havia

crescido e todas aquelas pessoas – seu povo – perambulando pelas ruas, as multidões se dirigindo

para a cidade para o funeral de sua mãe. Finalmente, ela estava em casa.

Luanda fica chocada ao ver a Corte do Rei tão resplandecente, reconstruída, e mais magnífica do

que ela nunca a tinha visto. Isso a fez perceber quanto tempo ela havia ficado afastada. Por muitas

luas ela havia sido banida, como um exilada comum, e ela ainda mal pode acreditar no que sua irmã

havia feito com ela.

E agora ela se sente vingada, sendo chamada de volta ali pela irmã para o funeral de sua

mãe. Obviamente, Gwendolyn havia mudado de ideia, e percebido que ela estava errada, permitindo

que Luanda voltasse para casa.

Luanda respira fundo enquanto cavalga com Bronson, segurando em sua cintura, e os dois descem

a ladeira em direção a Corte do Rei. Ela se sente rejuvenescida, apesar das circunstâncias

sombrias. Logo, Luanda entraria novamente pelos portões da Corte do Rei, finalmente de volta a uma

cidade civilizada. É possível que haja outras razões para Gwendolyn convidá-la a voltar, talvez

boatos houvessem se espalhado sobre o trabalho fantástico que Luanda tinha feito para ajudar a

acabar com a revolta, matando todos aqueles McCloud e colocando fogo no salão. Entre os MacGil

próximos às Highlands, Luanda agora era considerada uma heroína. Talvez Gwen tivesse percebido

isso, e cedido à demanda do povo pela volta dela.

Desde aquela noite, desde que ela tinha cruelmente acabado com a rebelião, nenhum McCloud

havia causado problemas. Os MacGil agora tinham estabelecido controle sobre a cidade McCloud.

Os MacGil, ela sabe, agora consideram ela, - Luanda, como sua verdadeira líder. Bronson tinha

vacilado, demonstrando fraqueza, e Luanda tinha sido a única a exibir a força necessária para

resolver a situação. A dinâmica havia mudado, e eles agora eram vistos como marido e mulher

governando uma cidade, com Luanda no comando. Bronson parece aceitar bem

isso; ele se sente

sobrecarregado com a situação, e não é um homem inclinado a usar a força. Luanda, no entanto, não

costuma hesitar.

Bronson nunca havia agradecido ou parabenizado seus atos cruéis daquela noite, mas também não

a tinha repreendido. Talvez ele ainda estivesse em estado de choque; ou talvez, no fundo, ele também

sentisse admiração pelo que ela tinha feito.

Quando Luanda volta a pensar naquela noite, ela percebe que também devia muito ao Bronson.

Afinal, se não fosse por ele ter dado um passo à frente para salvá-la, ela agora estaria morta. Ela

aperta a cintura dele com mais força quando eles passam pelos portões. Quanto mais tempo eles

passam juntos, mais Luanda percebe que Bronson é a única pessoa que ela realmente ama no mundo -

a única pessoa em quem ela poderia contar e a única pessoa, a despeito de qualquer fraqueza que ele

possa ter, com quem ela se preocupa e a quem ela respeita. Ela lhe deve sua vida, e isso não é algo

que ela possa ignorar. Ela está determinada a ficar ao seu lado e, se crueldade e brutalidade são as

coisas que faltam em Bronson para governar, então ela ficaria feliz em fornecê-los para ele.

Eles entram pelos grandes portões da Corte do Rei, juntando-se à uma multidão vestida de

preto. Eles desmontam, e Luanda espera ser recebido como uma heroína. Que diferença algumas luas

faziam, quando há não muito tempo, ela tinha saído dali em desgraça. Agora ela está sendo convidada

pela rainha a voltar, depois de suas ações heroicas em nome dos MacGil, e agora que ela

participaria do funeral de sua mãe. Ela tomaria seu lugar uma vez mais como um honrado membro da

família real.

Luanda abre um sorriso largo ao começar a perceber que seu tempo de exílio havia

terminado. Ela espera ansiosa pelo momento em que cumprimentaria todos os seus irmãos, sendo

aplaudida por eles, que pediriam desculpas a ela, permitindo-lhe um lugar de volta na Corte, junto

com Bronson. Luanda mal pode esperar para descobrir que posição Gwen daria a ela, e espera voltar

a se estabelecer ali. Ela jura para si mesma nunca mais deixar Corte do Rei de novo, e acima de tudo,

nunca mais cruzar as Highlands.

Luanda e Bronson abrem caminho pela Corte do Rei em meio às massas, passando por mais um

arco, saindo do outro lado da cidade, e seguem o cortejo fúnebre até uma colina. Sinos tocam a cada

passo que eles dão.

Finalmente, todos chegam a uma parada. A multidão é tão espessa que Luanda mal consegue ver

por cima de suas cabeças, sem conseguir enxergar o túmulo de seus antepassados.

Determinada, Luanda abre caminho entre as massas, apertando a mão de Bronson. À medida que

as pessoas se viram e descobrem quem ela é, eles passam a abrir caminho para ela, e ela consegue

chegar até a frente, e os guardas dão um passo ao lado.

Luanda para na clareira, absorvendo a cena. Ela vê diante dela os antigos túmulos de mármore de

seus antepassados, construídos na encosta, com seus telhados cobertos de grama - o último lugar de

descanso de seu pai, e de seu pai antes dele, e de todos aqueles que viveram antes deles. Há uma

pequena clareira diante dos túmulos, onde jaz o sarcófago de sua mãe, esculpido em mármore e,

felizmente, fechado.

Argon está ao lado dela, de frente para as massas, e em torno dele, em um semicírculo, estão seus

irmãos: Kendrick, Godfrey, Reece e, é claro, Gwendolyn. Luanda se surpreende ao ver Gwendolyn

segurando um bebê. Ela fica chocada; da última vez que Luanda a tinha visto, ela mal estava grávida.

A visão do filho de Gwen enche Luanda de ciúme. Ela tinha sido mantida tão afastada de tudo,

que ainda não tinha sido informada do nascimento dele, seu próprio sobrinho. Pior de tudo, lá está

Gwendolyn, sua irmã mais nova, segurando um bebê -enquanto ela, Luanda, a mais velha, está ali, de

mãos vazias. É injusto, e aquilo causa uma nova onda de ressentimento em Luanda, que calmamente

resolve dobrar seus esforços para ter um filho com Bronson – mesmo que fosse apenas para igualar-

se a sua irmã.

Thorgrin está ao lado Gwendolyn; Illepra ao lado de Godfrey; e ao lado de Kendrick,

Sandara. Krohn, um animal que Luanda nunca havia gostado, está deitado aos pés de Gwendolyn, e

rosna para Luanda assim que ela, acompanhada de Bronson, entra na clareira para tomar seu lugar ao

lado dos outros no espaço reservado apenas para a família.

Bronson fica parado, como se estivesse com medo de entrar na clareira reservada para a família,

mas Luanda agarra a mão dele e o puxa junto com ela, e os dois caminham até o sarcófago, tomando

seu lugar ao lado dos outros.

A multidão fica em silêncio, milhares deles, todos em pé, observando quando Gwendolyn e seus

irmãos se viram e encaram Luanda ao vê-la pela primeira vez em várias luas. Há um olhar de

surpresa reservada em seus rostos; certamente, aquela não está sendo a recepção calorosa que

Luanda havia previsto. Mas, por outro lado, ela argumenta, aquelas não são as melhores

circunstâncias.

Luanda olha para Gwendolyn, e fica surpreso ao ver como ela havia mudado com a

gravidez. Gwen parece muito mais velha agora, aparentando ter muito mais anos de idade. Ela vê

rugas na testa da irmã, olheiras embaixo de seus olhos - e percebe que ser rainha tinha suas

consequências. No entanto, aquele é um preço que Luanda estaria disposta a pagar.

Luanda estuda o rosto de Gwen à procura de qualquer sinal de arrependimento ou remorso; ela

fica confuso ao não encontrar nada. Gwen lança um olhar frio e duro na direção dela, o mesmo olhar

que ela havia usado no dia em que a tinha banido. Todo o calor e compaixão de sua irmã caçula havia

desaparecido, e Luanda não consegue entender o porquê. Afinal de contas, por que ela tinha sido

chamada de volta? Está cada vez mais difícil entender sua irmã mais nova à medida que elas

envelhecem, pensa Luanda.

Não há tempo para falar com ela agora. Argon para diante do sarcófago e ergue os dois braços, e

todos baixam suas cabeças e fecham os olhos.

"Viemos aqui hoje para celebrar a morte de um membro querido da família real MacGil," ele

grita, e sua voz é carregado pelo vento, cortando o silêncio. "A matriarca da família, a esposa

dedicada do nosso amado Rei MacGil. Uma rainha amada por muitos anos, e uma mulher que todos

nós conhecemos e amamos. Uma mulher que finalmente terá a chance de se juntar ao seu marido, que

lhe foi tirado tão cedo."

As palavras de Argon fazem Luanda pensar na relação que ela tinha com sua mãe. Luanda sempre

havia se sentido confiante em seu relacionamento com a mãe, acreditando que ela a compreendia. No

entanto, à medida que Luanda crescia, ela começou a se perguntar se talvez ela tinha entendido algo

errado. Quando era jovem, Luanda a princípio acreditava que ela, sendo a primogênita, era a favorita

de sua mãe, seu orgulho e alegria, e que ela estava sendo preparada para se tornar uma grande

governante e rainha. Eles nunca haviam discutido.

Gwendolyn, por outro lado, sempre tinha tido uma relação mais conturbada com a mãe, que

costumava discutir e gritar com ela. Mas Luanda e sua mãe sempre haviam se dado bem, e quando

ela tinha se unido ao reino McCloud, Luanda havia naturalmente presumido que aquilo tinha

acontecido pois sua mãe acreditava que ela seria uma mulher de grande poder, e que ela havia

consentido com o casamento para que Luanda tivesse a força e posição que merecia. Ao mesmo

tempo, ela tinha deduzido que sua mãe não tinha reservado a Gwendolyn qualquer posição de

respeito, e que a tinha mantido ali, na Corte do Rei, - onde nenhuma mulher poderia conquistar o

poder, para uma vida vazia.

No entanto, agora, muito tempo depois, Luanda começa a se perguntar se ela tinha se

enganada. Agora, olhando para trás, ela vê as coisas de uma forma diferente. Agora ela vê que a

relação pode ter sido exatamente o oposto. Talvez Gwendolyn tinha sido a filha em quem sua mãe

mais acreditava, assim como seu pai. Talvez todas as brigas e discussões com Gwen tinham sido um

sinal de que ela era, paradoxalmente, mais próxima a Gwen. Talvez a ausência

de discussões entre

ela e Luanda não fosse um sinal de seu vínculo, mas sim um sinal da decepção e indiferença de sua

mãe e, talvez, sua mãe havia planejado seu casamento para afastá-la definitivamente do lado MacGil

do reino.

Luanda considera tudo isso. Ela sempre havia acreditado que sua mãe admirava a sua

ambição; mas agora, olhando para trás, vendo a posição reservada para Gwendolyn, Luanda se

começa a se perguntar se sua mãe na verdade detestava sua ambição. Luanda começa a olhar para

todos os seus irmãos de uma nova forma; agora, ela vê que ela não é a líder, - a mais respeitada, mas

sim a filha rejeitada, e a menos querida. A constatação lhe deixa triste, especialmente ao pensar em

como ela tinha sido tola. Como ela poderia não ter visto isso antes? Como ela poderia ter sido tão

cega por tanto tempo?

Luanda volta a se se ressentir contra eles, e olha para o sarcófago de sua mãe sem nenhuma

lágrima nos olhos - diferente de seus irmãos, e se sente completamente indiferente.

Talvez, Luanda pensa, ela tivesse nascido na família errada. Ela deveria ter nascido em uma

família que reconhece o seu valor. Ela merece isso, - afinal de contas, o que há de tão errado com

ela? O que há de errado com sua ambição? Ela havia nascido em uma família real com enorme

ambição, não é esse o exemplo que ela deveria seguir? Por que sua ambição não é apreciada? Ela

tinha tentado seguir o exemplo de todos ao seu redor, e ainda assim, de alguma forma, ela havia

falhado.

Argon abaixa as mãos, terminando seu canto e recitação, e os irmãos se aproximam. Cada um

deles estende a mão e coloca uma pequena pedra na tampa do sarcófago, como manda o costume

antigo.

Luanda se adianta e lentamente coloca sobre o sarcófago uma bela e pequena pedra branca que

ela tinha encontrado nas margens de um rio, e trazido até ali do outro lado do reino. Ela se sente

satisfeita consigo mesma, mas, em seguida, Gwendolyn intervém e coloca uma pedra logo depois

dela, e Luanda vê que se trata de uma pedra brilhante, grande e amarela, - a mais bela pedra que ela

já tinha visto, e Luanda sente uma nova onda de ressentimento e inveja. Mesmo na morte, Gwendolyn

a supera em cada etapa do caminho. Nada nunca sobraria para Luanda? Será que não existe algum

lugar para ela, algo em que ela possa realmente brilhar?

Vários criados se aproximam e levam o sarcófago para dentro do túmulo, e logo ele desaparece

na escuridão - e o corpo de sua mãe é levado embora.

Luanda solta a respiração, percebendo como estava ansiosa. Ela se vir para Gwendolyn,

esperando, agora que a cerimônia havia terminado, que todos os seus irmãos a recebam.

Luanda fica chocada ao ver Gwendolyn virar as costas para ela e começar a se afastar.

"Gwendolyn!" Luanda grita, sua voz estridente cortando o ar.

Gwendolyn se vira e olha para ela, assim como todos seus irmãos, e um silêncio tenso recai

sobre deles.

"Você não tem nada para me dizer?" Pergunta Luanda, surpresa. "Você não me dará boas-

vindas?"

"Recebê-la?" Gwen repete, parecendo perplexa. "Você não está em casa, e não é bem-vinda aqui.

"

Luanda fica ali, atordoada.

"Do que você está falando? Você me convidou para voltar para casa," suplica Luanda, sentindo

seu mundo lentamente ruir ao seu redor. Aquilo era alguma espécie de piada de mau gosto?

Gwendolyn balança a cabeça, firme.

"Você foi chamada de volta para o funeral da nossa mãe," corrige Gwen. "A pedido de nossa

mãe, e não pela minha vontade. Sua sentença não foi suspensa. Você vai voltar para sua casa, do seu

lado das Highlands, agora."

Luanda sente todo seu corpo se encher de raiva, formigando sua pele. Ela sente como se um

punhal tivesse sido mergulhado em seu coração. Ela não podia nem processar

palavras de

Gwendolyn, todo o seu mundo gira ao seu redor. Poderia ser verdade?

"Eu estou *em casa!"* Luanda insiste, sem conseguir pensar com clareza, "E eu nunca mais vou voltar para o outro lado das montanhas! Nunca!"

Gwendolyn enrubesce e fica de frente para ela, igualmente determinada.

"A escolha não é sua," ela diz. "A escolha foi feita por você no dia em que nos traiu a todos. Sua punição deveria ser mortem mas eu fui misericordiosa, e lhe condenei apenas ao exílio."

Luanda sente vontade de chorar.

"E por quanto tempo?" ela pergunta. "Você nunca vai permitir que eu volte?"

"Você está viva," responde Gwendolyn. "Seja grata por isso."

Luanda gostaria de matar sua irmã.

"Você se tornou uma pessoa cruel, uma rainha de coração frio," Luanda diz. "Uma irmã ainda pior, que se esqueceu o significado da palavra misericórdia."

Gwendolyn zomba dela.

"E você mostrou misericórdia no dia em que você propôs a Andronicus matar todos nós?"

Luanda franze a testa.

"Aqueles eram outros tempos," ela responde.

Gwendolyn balança a cabeça.

"Você não mudou, Luanda. E você nunca vai mudar."

Luanda olha para sua irmã, querendo magoá-la de alguma forma. Ela não sabe como, mas precisa

dizer alguma coisa antes de ir embora, algo que realmente a machuque. Luanda, irritada, olha para

baixo e fixa os olhos no bebê de Gwendolyn.

"Eu amaldiçoo o seu filho!" Luanda grita em voz alta.

Um suspiro horrorizado se propaga no meio da multidão.

"Eu o amaldiçoo a sofrer o mesmo castigo a que eu fui condenada! Que você nunca possa

desfrutar de sua presença, enquanto estiver viva! Que ele seja tirado de você, que vocês sejam

separados, e que nunca mais possam viver juntos!" Luanda grita, apontando para Guwayne e

tremendo muito.

Gwendolyn fica vermelha, e parece estar prestes a partir para cima de sua irmã.

"Levem essa criatura para longe de mim," Gwendolyn ordena.

Os guardas correm para a frente, pegam Luanda, e a arrastam para longe.

"NÃO!" Luanda chuta e grita quando as massas de espectadores olham para ela enquanto ela é

arrastada para trás. Bronson tenta tirar os guardas de cima dela, mas não consegue. "Você não pode

me mandar de volta lá! Qualquer lugar menos lá!"

Luanda sente seu coração apertado quando ela é arrastada, sabendo que seria escoltada todo o

caminho de volta até o outro lado das Highlands, a sua visão do inferno, e nunca teria permissão para

colocar os pés em sua terra natal novamente.

CAPÍTULO VINTE

O segundo sol está baixo no horizonte, uma enorme bola vermelha no céu, e Selese olha para

cima e o observa com o rosto coberto de lágrimas. Em sua mão, ela segura os pedaços de pergaminho

que ela tinha rasgado, as cartas amassadas que provam que Reece amava outra pessoa. Depois de

parti-lo em pedaços, ela havia guardado o pergaminho despedaçado. Afinal de contas, aquilo é tudo

de Reece que lhe resta; apesar de tudo que havia acontecido, da maneira como ela a tinha magoado,

ela ainda ama Reece mais do que seria capaz de dizer – e ao se dirigir ao Lago das Dores, ela

precisava de algo que pertencesse a ele.

Selese olha para o sol vermelho sangue e não desvia o olhar, encarando-o fixamente por tanto

tempo que seus olhos começam a arder. Ela não se importa mais – aquela, ela decide, seria a última

vez que ela o veria.

Selese observa o Lago das Dores, brilhando intensamente, refletindo o sol e aparentando estar

vivo, como se fosse um lago em chamas. Suas águas estão perfeitamente imóveis, apenas de um vento

solitário que sopra; as árvores farfalham, um barulho alto, como se estivessem chorando, como se

soubessem o que Selese estava prestes a fazer.

Selese chora sem parar ao dar o primeiro passo e entrar na água, segurando firme os fragmentos

da carta de Reece. Ela pensa em todo o tempo que havia passado com ele, de como ele a tinha feito

sentir, no quanto ela estava ansiosa para o seu casamento, pela sua vida juntos. Seu amor por ele é

tão forte, que ela mal consegue compreendê-lo; ela seria capaz de atravessar o Anel, e faria qualquer

coisa por ele. Mas se ele não a ama da mesma forma, ela não tem mais motivos para viver.

O amor deles tinha dado um novo propósito para sua vida, e todas aquelas luas se preparando

para o casamento tinham sido os melhores dias de sua vida. No entanto, agora, ela estava prestes a

ser publicamente humilhada, desprezada por Reece, que pretende cancelar seu

casamento. Constrangida na frente de todo o reino ao ser abandonada por ele no altar.

Aquilo tudo é demais para Selese compreender. Não é apenas pela humilhação, ou o desprezo -

coisas com as quais ela poderia lidar, mas a falta de amor de Reece por ela lhe dói acima de tudo.

Pensar que ele não retribui o seu amor ou pior – que ele ama outra mulher é mais do que ela pode

suportar.

Selese dá mais um passo na água, e depois outro.

Logo, ela está com água até os joelhos, segurando os pedaços de pergaminho. A água está fria,

implacável, apesar da temporada de verão, e ela começa a tremer.

Selese ouve o grito de um pássaro no alto, e estica o pescoço para ver um falcão circulando o céu

acima dela. Ela mal o reconhece como falcão de Thorgrin, Estopheles. Ele grita sem parar, como se

estivesse tentando convencê-la a não avançar.

Selese tenta ignorar os gritos e olha para o lago antes de dar mais um passo, agora com água até

as coxas.

Selese estende os braços com o os dois punhos fechados, segurando o pergaminho rasgado, e

gentilmente coloca os pedaços nas águas imóveis do lago. Quando ela abre as mãos, ela vê os

pequenos fragmentos de pergaminho flutuarem para longe, cada vez mais longe, até começarem a

afundar, um de cada vez. Selese deixa as mãos esticadas e sente o toque da água fria em sua pele.

Ela dá mais um passo.

Em seguida, mais outro.

Ela está com água até o peito agora, e começa a chorar descontroladamente, seu corpo dilacerado

com soluços. Ela nunca pensou que sua vida acabaria desta forma. Naquele lugar. Naquele instante.

Sozinha. Sem Reece.

A vida tinha sido muito gentil com ela e, no entanto, também tinha sido bastante cruel.

Selese ouve outro grito alto no céu. Ela se vira e flutua de costas em direção ao meio do lago. Ela

permanece boiando completamente imóvel, flutuando sobre a água, e olha para o céu.

Ele está repleto de faixas vermelhas, os dois sóis quase se tocando, e é o céu mais bonito que ela

já tinha visto. Ela continua flutuando de costas até perder a noção do tempo e, lentamente, seus

membros começam a ficar frios, pesados, insensíveis, e ela finalmente começa a afundar.

Ela não resiste, deixando a água leva-la para baixo até que o rosto dela fica submerso. Ela fecha

os olhos e na escuridão gelada ela sente seu corpo afundando lentamente, cada vez mais fundo, até as

profundezas do Lago das Dores.

Um último pensamento lhe ocorre, antes de seu mundo ficar completamente preto:

Reece, eu te amo.

CAPÍTULO VINTE E UM

Reece corre com o coração acelerado pela trilha na floresta, sendo arranhado por galhos e sem

se importar, dirigindo-se ao Lago das Dores. Depois do encontro com sua mãe, Reece tinha

percebido seus erros, e corrido por toda a Corte do Rei à procura de Selese, determinado a dizer a

ela que a ama, e que mal podia esperar para se casar com ela.

Reece está convencido que seu amor por Stara tinha sido uma loucura momentânea. Seus

sentimentos tendo sido reais ou não, ele percebe que precisa tirar Stara de sua mente; ele precisa

ficar com Selese, independentemente de como ele possa se sentir em relação a Stara. Aquela é a

coisa certa, a coisa honrosa, a fazer, e ele sabe que também gosta muito dela. Ele percebe que talvez

não sinta exatamente a mesma paixão que ela sente por ele, mas ele gosta dela de uma maneira

diferente, e embora de algumas formas seu amor não seja tão intenso quanto o dela, de certa maneira

ele é até mais forte.

Quando Reece chegou na Casa dos Enfermos procurando por Selese, ele tinha

encontrado Illepra,

que havia lhe dado a terrível notícia: um dos filhos de Tirus tinha se encontrado com Selese e lhe

mostrado um pergaminho, e desde de então Selese não tinha sido a mesma pessoa. Ela tinha ficado

devastada, retraindo-se e recusando-se a contar a Illepra o que havia acontecido. Tudo o que Illepra

sabia é que Selese tinha fugido em direção ao Lago das Dores. Illepra tinha ficado perplexa.

Illepra tinha dado a Reece um dos fragmentos rasgados do pergaminho, que havia ficado

transtornado ao reconhecer sua própria caligrafia. Ele então havia percebido, em estado de choque,

que aquele era um antigo pergaminho, da época de sua infância, professando seu amor a Stara.

Mas Selese não saberia disso, ele percebe. Ela provavelmente acreditaria que aquilo era recente.

Reece percebe naquele momento – a constatação cai como uma bomba em cima dele – que Tirus

tinha elaborado um plano traiçoeiro, enviando um de seus filhos para convencer Selese de que Reece

amava Stara, para separar Reece e Selese de uma vez, e garantir que Reece fique com Stara - sem

dúvida, para servir os seus próprios propósitos. Tirus queria o poder que união de Reece e Stara

daria a ele.

Reece tinha ficado enrubescido de raiva e humilhação ao descobrir tudo, ao constatar que Selese

agora estava pensando que ele amava Stara e que pretendia cancelar o

casamento deles. A simples

ideia do sofrimento de Selese ao ouvir aquilo, especialmente vindo de um estranho, parte o coração

de Reece.

Quando Illepra havia falado no Lago das Dores, Reece tinha imediatamente presumido o pior. Ele

tinha começado a correr para lá, e não tinha parado desde então.

Por favor, Deus, ele pensa enquanto corre. *Que ela esteja viva. Apenas me dê uma chance, uma chance de dizer a ela que eu a amo, que eu vou me casar com ela, que o pergaminho de Tirus era*

parte de um plano cruel, que tudo era um engano.

Reece corre até seus pulmões estourarem e, finalmente, quando o segundo sol começa a

desaparecer no horizonte, ele sai da floresta e chega às margens do Lago das Dores. Reece esperava

encontrar Selese parada ali.

Mas, o coração de Reece se sobressalta ao chegar ao lado e ver suas margens completamente

vazias. Ele olha para a areia, vê os pedaços rasgados do pergaminho, e percebe que Selese havia

passado por ali e rasgado o pergaminho – o que não poderia ser um bom sinal.

Reece olha para a água em pânico, procurando qualquer sinal dela, mas ele não vê coisa

alguma. Ele analisa a linha das árvores, desesperadamente à procura de qualquer pista, qualquer

indicação de onde ela poderia ter ido. Ainda assim, ele não vê nenhum sinal dela.

À medida que o sol desce e o crepúsculo se espalha por todo o céu, Reece olha para a escuridão

e avista o contorno de algo na margem do lago, uma figura deitada na areia.

Reece corre com o coração acelerado, torcendo para que seja Selese, e para que ela esteja bem.

"Selese!" Ele grita.

Mas ela não se move.

Reece chega até o corpo e cai de joelhos na areia ao lado dele, ofegante. Ele vira o corpo para

cima, rezando para que ela esteja viva.

Por favor, Deus. Que essa seja Selese. Deixe-a ficar bem. Eu lhe darei qualquer coisa. Qualquer coisa.

Quando Reece vira o corpo todo o seu mundo desmorona.

É Selese. De olhos bem abertos, e com a pele muito pálida. A pele, o gelo ao toque.

Reece joga a cabeça para trás e grita para os céus.

"SELESE!"

Reece cai em prantos ao estender o braço e abraça-la, levantando seu corpo e segurando-a firme

em seus braços enquanto balança para frente e para trás. Tudo o que ele mais quer é que o calor de

seu corpo se infiltre no dela, para trazer aquele corpo frio e inerte de volta à vida, e daria qualquer

coisa por isso. Ele tinha sido estúpido, e agora aquela pobre menina, que ele tanto amava, tinha pago

o preço pelos seus erros.

"Selese" ele geme, uma e outra vez. "Eu sinto muito."

Reece a abraça, mais e mais forte, querendo saber como o destino poderia ser tão cruel. Por

quê? Por que tudo aquilo tinha que acontecer daquela forma? Por que ele não poderia ter chegado ali

apenas alguns minutos mais cedo? Por que ele não poderia ter uma chance de se explicar?

É tarde demais para tudo isso agora. Segurando Selese, ele cai na areia, e todo o seu corpo é

sacudido com soluços - sabendo que ele nunca – jamais - seria o mesmo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Gwendolyn fica ao lado de Thor, cercada por seus assistentes na Corte do Rei, observando os

últimos preparativos para seu casamento se desdobrarem no meio da noite. A praça é iluminada por

milhares de tochas, quase tão claras como o dia, e um exército de servos correm para lá e para cá,

carregando milhares de flores, aparando moitas e até mesmo trazendo linhas e requintadas árvores

floridas. Outros trabalhadores organizam cadeiras e decorações, enquanto outros dão os retoques

finais nos altares para a cerimônia. Não há apenas um altar, mas dois, um para Gwendolyn e Thorgrin

e outro para Reece e Selese. Todo o Anel está preparado para o casamento duplo, que seria o maior

e mais grandioso casamento que Corte do Rei já tinha visto, e Gwendolyn está determinada a garantir

que tudo corra bem.

Gwendolyn sabe que é disso que seu povo precisa. Ela também gosta de todo aquele esplendor, é

claro, mas o seu desejo de agradar seu povo é o que a levou a organizar aquele espetáculo, tornando-

o ainda maior. Às vezes, ela sabe, o povo precisa de abrigo e proteção; outras vezes, porém, o que

eles precisam é de alegria e distração. Entretenimento, afinal de contas, é uma necessidade humana

tão vital quanto qualquer outra. A vida seria apenas comida e abrigo? A vida precisa de uma alma, de

alguma distração. Seu pai sempre havia dito que os bons governantes consideram as necessidades do

povo, mas que os grandes governantes consideram seus corações.

Gwen caminha lentamente pelo espaço da cerimônia, grande o suficiente para acomodar uma

cidade inteira, supervisionando os trabalhadores e fazendo pequenos ajustes e dando ordens para o

pequeno exército de servos que trabalham nas decorações, dando seu toque especial ao casamento

para torná-lo tão bonito quanto possível. Ela gostaria que sua mãe pudesse estar com ela agora para

ver tudo aquilo e comemorar com ela. É difícil ir de um funeral a um casamento, e uma parte dela se

pergunta se eles deveriam seguir em frene; mas outra parte dela sabe que isso é

exatamente o que eles

precisam fazer – é disso que as pessoas precisam, e sua própria mãe teria desejado assim.

Gwen também está motivada pelo seu amor por Thor, e por seu amor por seu bebê. Ela quer que

aquele seja a mais bela celebração que o Anel já viu. Thor merece isso, e o amor deles também. Ela e

Thor tinham passado por muita coisa juntos para que sua união fosse uma celebração qualquer.

Gwendolyn também quer que o casamento seja magnífico para Reece e Selese. Afinal, Reece é

seu irmão, um membro da família real, e ele também merece um dos maiores e mais grandiosos

casamentos que o reino poderia oferecer. Ela tem certeza que seu pai e sua mãe, se estivessem vivos,

também fariam questão disso. E como eles não estavam ali para fiscalizá-lo, como fizeram no

casamento de Luanda, tudo recai sobre os ombros de Gwendolyn. Ele sente que precisa agir não

apenas como rainha, e não apenas como a futura noiva, mas também como um pai ausente para

Reece. Mas aquele é uma tarefa fácil, pois ela é próxima de Reece, e também muito próxima a

Selese, que já parece como uma irmã para ela.

Atendentes seguem Gwen, ocupados com um espetacular vestido de casamento. Eles estavam

trabalhando no vestido há luas, e agora eles estão colocando os toques finais nele. Gwen tenta

permanecer imóvel enquanto eles fazem os ajustes, enrolando as finas sedas em

torno de seus braços,

pernas e pulsos, medindo e costurando.

Gwendolyn olha para o vestido e parece se contentar - ainda que lá no fundo, ela esteja

inquieta. Ela se vê pensando e meditando, como seu pai costumava fazer. Ela olha para longe,

apreciando a Corte do Rei, e pondera sobre assuntos de Estado, preocupada. Ela se preocupa como

toda boa rainha deve se preocupar; tudo ali está perfeito, brilhante e resplandecente - mais bonito do

que jamais tinha sido. Ainda assim, de alguma forma, ela não consegue evitar a sensação de que uma

terrível tempestade estava se formando.

"Minha senhora?" Um criado diz. "Nós não temos tempo a perder."

Gwen olha para ele e percebe que ele tem razão. Ela se sente tomada por uma onda de ansiedade

ao se perguntar, pela milionésima vez, onde Reece e Selese poderiam estar. Selese deveria voltado

há horas, e Reece, ela sabe, tinha chegado recentemente das Ilhas Superiores e tinha visto sua mãe

antes que ela morresse. Reece também, deveria estar ali. Onde estaria ele? Eles poderiam ter se

esquecido da hora?

Ela não acha provável.

Está ficando tarde, e Gwen sabe que o ensaio deve continuar, e assente com a cabeça dando a

ordem para que prossigam.

Ao som de uma trombeta, Gwen e Thor andam pelo corredor infinitamente

longo, de mãos dadas,

ambos segurando uma única tocha acesa de cada lado deles. Eles são seguidos por uma fileira de

pessoas enquanto caminham pelo corredor durante o ensaio, dirigindo-se lentamente para os

altares. De ambos os lados, milhares de cadeiras vazias esperam os convidados. Em breve, Gwen

sabe, elas estariam cheias de pessoas. Ela sente borboletas no estômago ao ver tudo se desdobrando

diante dos olhos dela.

É o último ensaio antes do grande dia, e o coração de Gwen está vibrando de empolgação, mas

ela também se sente nervosa. Aquele seria o dia mais importante de sua vida, e ela quer que tudo

corra bem. Todo o reino estaria assistindo, e conhecendo o seu povo, eles estariam em busca de

qualquer sinal de mau presságio.

Chegando aos altares, eles colocam suas tochas nos suportes, e Thor ajuda Gwen quando eles

sobem na plataforma.

Gwen olha para os altares e se pergunta onde estaria Argon, que já deveria estar ali, para

presidir os ritos e cerimônias. Será que ele não tinha vindo por aquele ser apenas um ensaio? Será

que ele compareceria no dia do casamento?

Gwen fica ali, com uma sensação cada vez maior de que algo estava errado. Ela vê as outras duas

tochas sobre o altar, colocadas ali desde cedo – as tochas de Selese e Reece, e se

vira para a

escuridão.

Ela sente que algo está errado. Seu irmão não tinha o costume de simplesmente não aparecer, e

muito menos Selese, que tinha permanecido ali com ela durante todas aquelas luas, durante cada

passo dos preparativos. Todos se casariam juntos, afinal, e Gwen sabe o quanto a cerimônia significa

para Selese.

Será que eles teriam ido juntos a algum lugar?

Gwen olha para a escuridão e começa a sentir seu estômago embrulhado. *Não hoje,* Gwen

pensa. Acima de tudo, ela não quer nada saia errado neste dia.

Quando Gwen olha para a escuridão, além das infinitas fileiras de tochas, ela começa a ver

alguma coisa. Seu mensageiro real está correndo em sua direção. Ele corre mais rápido do que ela já

tinha visto, e vem acompanhado por dois atendentes. Ela vê pelo olhar em seu rosto que a notícia que

ele carrega, seja qual for, não é nada bom.

Gwendolyn pega a mão de Thor e desce os degraus, voltando para o corredor. Todos os seus

atendentes se separam quando eles olham intrigados na direção do mensageiro. Ele se aproxima

correndo de Gwendolyn, que observa com uma sensação de vazio no peito ao vê-lo se ajoelhar

diante dela.

Ele abaixa a cabeça e, em seguida, olha para ela com olhos avermelhados.

"Minha senhora, eu trago notícias," ele diz, hesitante. "Notícias que ninguém deveria ter que suportar."

O coração de Gwen se sobressalta enquanto sua mente se ocupa em imaginar um milhão de

cenários.

"Diga logo, então," diz Gwendolyn rispidamente.

"É..." O mensageiro vai se calando, enxugando as lágrimas. Ele respira fundo. "Minha senhora, é Selese. Ela foi encontrada morta."

Gwen engasga, assim como faz Thor ao lado dela, - e todos os seus assistentes. Ela ergue o braço

e coloca a mão no peito, sentindo como se tivesse acabado de ser esfaqueada.

"Selese?" Ela diz. "O quê? Como? Não é possível."

Gwen olha para todos os preparativos do casamento, metade deles para Selese. Nada disso fazia

sentido. Ela ainda estava viva. Ela tinha que estar.

"Ela foi atacada?" Thor pergunta, com a testa franzida em raiva levando a mão até a espada em

sua cintura.

Mas, para surpresa de Thor, o mensageiro balança a cabeça com tristeza.

"Não, minha senhora. Lamento ter de dizer... a vida dela foi tirada por suas próprias mãos."

Gwen engasga novamente, horrorizada com a notícia. Ela aperta a mão de Thor, e ele aperta a

mão dela de volta. Ela não consegue entender aquilo tudo.

"Eu não compreendo," ela diz. "Por que Selese... acabaria com sua própria vida? Nosso

casamento... resta apenas um dia. Ela estava esperando por este dia, mais do que

qualquer coisa..."

"Eu não sei, minha senhora," o mensageiro continua. "Tudo o que sei é que seu irmão está ao seu lado. No lago das Dores."

Sua amiga, - morta, na noite anterior ao seu casamento? A noite antes do dia mais importante de

sua vida? Como aquilo poderia ter acontecido?

Gwen se sente atordoada, e vê todos os seus planos cuidadosamente colocados em prática

desmoronando diante dos olhos dela.

Ela se vira e olha para Thor, que olha para ela com um olhar igualmente grave, igualmente

irritado. Aquela noite que deveria ser o dia mais feliz até então tinha de repente se transformado em

uma noite de mais profundo luto.

"Levem-me até ele," Gwen pede, já começando a caminhar, - determinada a entender o que havia

acontecido, e sendo seguida por filas de seus companheiros.

*

Gwendolyn segura a mão de Thor enquanto caminham, apertando com força, recebendo dele a

força de que ela precisa. Enquanto eles continuam abrindo caminho pela trilha na floresta, seguindo

em direção ao Lago das Dores, ela fecha os olhos e torce para que tudo aquilo seja apenas um

pesadelo, algum erro terrível, mas uma parte dela consegue afastar a sensação de que tudo é mesmo

real.

Gwen chora em silêncio, e rapidamente enxuga uma lágrima, sabendo que

precisa mostrar a força

de uma rainha. Mas por dentro, seu coração está partido com a notícia que acaba de receber. Selese,

morta. Uma de suas melhores amigas, sua futura cunhada. O amor da vida de Reece, e sua futura

companheira. E ela havia tirado a própria vida. Como aquilo poderia ter acontecido?

Não faz o menor sentido. Gwen sabe o quanto Selese estava ansiosa pelo dia do casamento. Por

que ela faria uma coisa dessas? Selese sempre estava cheia de alegria, era sempre a primeira a

ajudar alguém em necessidade, a voluntariar seu tempo na Casa dos Enfermos.

Gwen suspira - justo quando ela tinha imaginado que toda a escuridão tinha sido deixada para

trás, justamente quando ela tinha imaginado que eles estavam livres do sofrimento e vivendo

momentos de alegria, os tempos de escuridão pareciam ter retornado. É como se houvesse uma

maldição pairando sobre a família real, uma maldição da qual eles nunca conseguiam escapar.

Eles finalmente chegam à clareira na floresta, e Gwen engasga ao ver o Lago das Dores e seu

irmão diante dela, ajoelhado no chão, debruçado sobre o corpo de Selese. Seu sangue gela ao ouvir

os gritos de Reece, e ela sabe, sem sombra de dúvidas, que tudo aquilo está mesmo acontecendo.

Gwen se aproxima, com Thor ao seu lado, - e sua comitiva atrás dela, e quando ela chega perto

dele, vê o rosto pálido de Selese, seu longo cabelo espalhado na areia e iluminado

sob o luar. Gwen

aperta a mão de Thor com força.

Gwen para a um ou dois passos deles, e olha para seu irmão. Ela nunca o tinha visto tão

devastado, devastado de tristeza e parecendo ter perdido qualquer vontade de viver.

Gwendolyn, chorando, se ajoelha e coloca uma mão no ombro de Reece. Ela mal sabe o que

dizer. Ela quer respostas, é claro, mas agora não é o momento.

Reece se vira e olha para ela, com os olhos vermelhos repleto de lágrimas que escorrem sem

parar pelo seu rosto.

"Meu irmão," ela diz.

Ela faz menção de se aproximar, mas em vez de abraçá-la, Reece se vira e olha para Selese,

passando a mão ao longo de seu rosto, como se ainda estivesse tentando trazê-la de volta.

"Ela morre por minha causa," Reece diz, com a voz de um homem quebrado.

Gwen olha para ele em estado de choque.

"Sua culpa?" Ela pergunta.

Ele assente com a cabeça.

Ela fica perplexa.

"Me disseram que ela tirou a própria vida," afirma Gwen.

Reece balança a cabeça.

"Ela fez o que fez," ele explica. "Mas a culpa foi minha. Eu poderia muito bem ter empunhado a adaga."

Gwen franze as sobrancelhas.

"Eu não entendi. Como assim, a culpa é sua?"

Reece suspira.

"Selese recebeu a notícia, através de subterfúgios, de que eu estava apaixonado por outra

mulher. Que o nosso casamento seria cancelado."

Gwen engasga, completamente surpreendida pela notícia.

"E isso é verdade?" Pergunta ela.

Reece dá de ombros.

"Foi uma verdade em parte, uma verdade obscurecida por mentiras. É verdade, eu me apaixonei

novamente pela minha prima, Stara. Mas, desde então, eu havia mudado de ideia. Eu tinha vindo para

encontrar Selese, para dizer a ela que eu amava apenas ela, e que eu queria me casar com ela. Mas

Tirus me enganou. Ele enviou seu filho, que a convenceu de que eu não a amava. Eu fui traído, mas a

culpa é minha."

Reece soluça.

"Se eu pudesse voltar atrás, eu daria qualquer coisa. Mas agora é tarde demais."

Reece soluça, e Thor coloca a mão em seu ombro.

"Não importa quais foram as circunstâncias," Thor diz. "Você não a matou. Como você diz, ela foi enganada. E quem está por trás dessa traição deve ser levado à justiça."

Mas Reece o ignora, sacudido por soluços.

Gwendolyn sente seu coração partir enquanto tenta processar aquela terrível tragédia. Ela sente

necessidade de agir, de fazer *alguma coisa.* Ela vê que o corpo de Selese está duro e frio, e percebe que Reece já estava ai há muitas horas, e sabe que algo precisa ser feito.

"Ela terá um enterro digno," declara Gwendolyn. "Com todas as honras e glórias de nosso reino."

Reece balança a cabeça.

"Não, ela não vai. O cemitério real não vai aceitá-la. Os suicídios não são permitidos, lembra?"

Gwendolyn pensa, e então de repente ela consegue se lembrar; aquela era a única regra que seu

pai seguia de maneira rigorosa: ninguém que tirasse a própria vida poderia ser enterrado com seus

antepassados reais.

Gwen conclui que havia chegado o momento de tomar uma decisão importante.

"Eu sou a rainha," ela diz com confiança, "e eu determino o que é lei. Selese será enterrada com todas as glórias e honras no Cemitério Real."

Reece olha para ela e, pela primeira vez, parece ter algum sentimento de paz.

"Minha senhora, isso abriria um precedente terrível," Aberthol começa a dizer, dando um passo à frente.

"Eu sou a rainha, e ela será enterrada como eu determinar," ela responde, lançando um olhar

fulminante para Aberthol, até que finalmente ele se afasta.

Gwen coloca a mão no ombro de seu irmão, e ele se vira e olha para ela, ligeiramente mais

conformado.

"Ela vai ser enterrada, meu irmão, como convém a uma mulher como ela. Nosso casamento será

adiado, e amanhã, em vez disso, teremos o seu funeral. Você pode levá-la para o

cemitério, para que

seu corpo seja preparado?"

Gwen precisa encontrar uma maneira de incluir Reece, para que ele possa se sentir como se fosse

uma parte de tudo, e para que eles possam começar a seguir em frente.

Reece olha para ela, - como se estivesse considerando as possibilidades, e, finalmente, ele acena

com a cabeça, parecendo satisfeito.

"Se ela será enterrada como você diz, com todas as honras, então sim, eu a levarei."

Os atendentes de Gwen se aproxima para levar o corpo, mas Reece empurra todos eles para

longe. Ele está enlouquecido pela dor, e não deixa ninguém se aproximar dela.

Em vez disso, Reece se abaixa e a pega no colo. Ele fica parado, segurando Selese em seus

braços, e depois, lentamente, sai com ela pela trilha na floresta.

Gwendolyn e Thor ficam para trás. Eles ficam ali e olham nos olhos um do outro, com os rostos

cheios de pesar e choque iluminados pelo luar.

"Nosso casamento terá que ser adiado," Gwen diz, sua voz cheia de tristeza e decepção. "A dor que será sentida por todo o nosso reino será profunda. Temo que nosso casamento não possa ser

realizado por muitas luas."

Thor balança a cabeça, concordando.

"Nossos sinos de casamento serão substituídos por sinos fúnebres," ele fala. "Assim é a vida."

Thor a abraça, e ela aperta o corpo dele com força, retribuindo o gesto.

Por cima do ombro dele, Gwen chora silenciosamente, sobrecarregada pela dor, pela sensação

de perda. Ela não evitar a sensação de que aquele é apenas o começo do fim, o começo de uma nova

e ainda maior período de trevas, e de que nada jamais seria o mesmo na Corte do Rei.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Romulus marcha pela ampla estrada, esmagando cascalho sob seus pés enquanto lidera milhares

de soldados, - uma divisão inteira de seu exército, seguindo para a guerra. Romulus marcha com

confiança, dando passos longos, sem medo, com a camisa aberta e seu amuleto grande e brilhante

verde visível em seu peito.

Romulus se sente como um novo homem, renascido após a cerimônia na caverna. Depois que ele

tinha ressuscitado das águas, sua iniciação na poça de fogo, o feiticeiro tinha lhe dado aquele

amuleto, juntamente com a profecia de que ele o usaria para se tornar o senhor dos dragões. Ele havia

lhe assegura que, durante o próximo ciclo da lua, nada naquele planeta seria capaz de impedi-lo, nem

mesmo os dragões, e nem mesmo o Anel. Tudo – qualquer coisa que ele pudesse imaginar - seria

dele.

Romulus sente que aquilo é verdade. Desde que havia deixado aquela caverna, ele vinha

colocando a profecia à prova, consolidando seu poder sobre o Império, impiedosamente

assassinando todos os seus inimigos, incutindo medo em todos os seus homens, e assumindo o

controle, uma de cada vez, de todas as legiões que pertenciam a Andronicus. Ele tinha abolido o

Conselho do Império, e agora governava sozinho com pulso de ferro, deixando um rastro de sangue

atrás dele. Ele vinha tendo sucesso em sua jornada, ninguém tinha sido capaz de detê-lo, e todo o

Império se agora acovarda diante da visão dele. A cerimônia tinha funcionado.

E hoje, Romulus sabe, seria o teste final de seu poder. O povo de Romulus agora acreditava nele,

por causa da profecia, por causa dos boatos que já tinham ouvido. Todos eles já o veem como senhor

dos dragões.

Mas Romulus não tinha provado isso ainda, e seu povo sabe disso. Ele sabe que este teste final

seria o mais importante: para tornar-se uma figura lendária de uma vez por todas, para assegurar um

lugar que ninguém poderia roubar dele, ele precisaria de uma exibição deslumbrante de poder. Ele

precisaria demonstrar para p seu povo que ele realmente é capaz de acabar com os dragões.

Romulus marcha com todos os seus homens através dos campos ao sul do Império, em direção a

cidade de Ganos, uma antiga grande cidade do Império, que agora estava em ruínas, destruída por

uma série de ataques de dragões. Ao longo das últimas luas, relatos haviam chegado do rastro de

devastação deixado pelos dragões, que haviam sido provocados quando Romulus

tinha entrado em

seu território e tentado roubar de volta a espada Destino. Agora, os dragões estavam se vingando, e

varrendo o território, cuspindo uma chuva de fogo e acabando com cidade após cidade do

Império. Ninguém havia encontrado uma maneira de impedi-los; Romulus tinha enviado muitas

divisões para tentar, só para vê-los obliterados. O Império estava perdendo terreno, e as pessoas

estavam perdendo a fé nele. Se ele não fizesse algo rápido, haveria uma revolta.

Agora, é a hora de Romulus dar uma grande demonstração de seu novo poder, e provar ao seu

povo que ele de fato é o senhor dos dragões. Se ele conseguir parar e controlar os dragões, fará com

que a outra profecia também seja verdadeira: que ele conseguiria quebrar o Escudo e entrar no

Anel. Ele sorri com a ideia. Ele controlaria cada centímetro de todos os cantos do mundo, e seria o

maior governante de todos os tempos.

O coração de Romulus bate enquanto ele marcha para Ganos, preparando-se para arriscar sua

vida ao enfrentar os dragões. Se ele morrer, pelo menos seria em um momento de glória - e se ele

sobrevivesse, bem, sua vida nunca mais seria a mesma.

"Meu Lorde, você tem certeza que quer mesmo tentar isso?"

Romulus vira e vê seus generais atrás dele, em pânico ao começarem a subir o último morro

antes da chegada a Ganos. Ele pode ver o medo em seus olhos, aqueles homens

que nunca haviam

sentido medo. Ele entende; assim que atingissem o topo de montanha, eles seriam vistos e não teriam

escolha a não ser enfrentar os dragões. E se eles se saíssem da mesma maneira que todos os outros

exércitos do Império, eles também em breve estariam mortos.

"Meu Lorde, por favor, volte," diz outro general. "Todos os nossos homens morrem pelo fogo desses dragões. E se a profecia não for verdadeira? Afinal de contas, você é, apenas um homem."

Romulus o ignora, marchando cada vez mais rápido, e ao atingir o topo da serra, ele sorri para si

mesmo, sentindo que ganharia. Mas caso não ganhe, ele não se importa. Ele ficaria feliz em ser

queimado vivo, junto com todos os seus homens. Na verdade, ele acha que chegaria até a se

divertir. Ele não tem medo da morte como esses homens, e sabe que ela chegará para ele em breve. E

se ele não tiver sido feito para dominar o mundo, então ele prefere simplesmente encontrar sua morte

agora.

Romulus chega ao topo e para no meio do caminho, ofegante com a visão que tem diante de

si. Toda a paisagem diante dele se abre, e Rômulo vê dezenas de dragões batendo suas grandes asas

no ar, gritando, arqueando as costas, se entrelaçando no ar, voando para cima e mergulhando para

destruir a cidade abaixo. Alguns deles soltam fogo em edifícios já incendiados. Outros descem com

suas grandes garras e arrancam edifícios antigos do chão como se fossem

brinquedos, levando-os

para o céu para em seguida, deixá-los cair. Eles parecem estar se divertindo com toda aquela

destruição.

Os homens de Romulus param ao lado dele, e ele ouve seus suspiros de ansiedade. Ele pode

sentir o cheiro medo no ar, misturado ao cheiro de enxofre. É possível sentir o calor das chamas ali

em cima, e em volta deles os dragões não param de gritar.

Mas Romulus não demonstra medo. Ele sente a presença do novo amuleto em seu peito, e vê que

ele pulsa com uma estranha luz verde, e se sente infundido com uma força que ele não consegue

compreender. É uma força primitiva, uma força sobrenatural. Ele não tem medo de um encontro com

os dragões; ele anseia por um.

O grupo de dragões, como se sentindo a presença dele, de repente se vira na direção dele. Eles

param o que estavam fazendo, arqueiam as costas, e gritam furiosos. Eles, então, começam a voar em

direção a ele com a velocidade de um raio, mergulhando diretamente em cima dele.

Romulus se mantém firme, sem medo, enquanto muitos de seus homens se viram e fogem

gritando. Romulus continua esperando, enquanto as enormes criaturas escurecem o céu, descendo no

rumo dele. Eles abrem suas bocas enormes e cospem fogo.

Romulus sente o calor quando uma onda de fogo vem em sua direção. Ele sabe

que sua hora havia

chegado.

Mas ele ainda não demonstra medo. Em vez disso, ele levanta uma única mão na direção do fogo,

e vê quando os dragões param no ar, vários metros antes de chegarem a ele. Ele empurra a palma da

mão para a frente, e quando ele faz isso, a chuva de fogo que se aproxima dele de repente se inverte,

e uma tempestade de chamas engole os dragões.

Os dragões gritam, em seguida, se afastam de Romulus, em um acesso de raiva.

Eles circulam o céu acima dele, determinados, descendo na direção dele novamente com suas

grandes garras estendidas e suas enormes mandíbulas abertas; desta vez, Romulus estende as duas

mãos.

Uma luz azul é lançada adiante, subindo para o céu e envolvendo todos os dragões. Ele sente o

amuleto pulsar, a nova força percorrendo seu corpo, e dentro de instantes, ele sente que está

controlando os dragões. Ele levanta os braços, e os dragões param no ar. Romulus continua erguendo

os braços cada vez mais, até que os dragões estejam exatamente onde ele queria.

Eles olham para ele, confusos, batendo suas asas, incapazes de se mover, incapazes de cuspir

fogo nele.

Eles olham para ele com uma nova expressão nos olhos. É o olhar de um animal que vê o seu

verdadeiro mestre.

CAPÍTULO VINTE E Q UATRO

Reece se ajoelha sobre os penhascos na escuridão da noite, embalando o corpo de Selese em

seus braços, como fazia há horas, insensível ao frio e ao vento e ao mundo ao seu redor. Milhares de

pessoas seguram tochas naquela noite, aglomerados ao redor da sepultura aberta, todos esperando

silenciosamente, pacientemente, que Reece abandone o corpo de Selese.

Mas Reece não consegue se despedir dela. Ele fica segurando o corpo de Selese por horas,

chorando tanto que não tem mais lágrimas para derramar, e se sentindo completamente vazio.

Ele ainda sente que tudo tinha sido culpa dele. Como ele tinha sido estúpido e imprudente e

irresponsável ao se deixar levar por suas paixões nas Ilhas Superiores, culpando-se até mesmo por

ter olhado para Stara. Ele não consegue se desculpar pelo lapso de seu comportamento.

Por causa de seus sentimentos estúpidos, por causa de seu desejo por Stara, agora aquela linda

menina, que tinha sido tão dedicada a ele, que tinha arriscado tudo por ele, estava morta.

Tudo o que Reece mais queria era uma chance para compensar o seu erro. Se não fosse pelo filho

de Tirus, Reece certamente teria tido essa oportunidade. Afinal de contas, ninguém sequer sabia de

seu encontro com Stara, ou de seus sentimentos por ela. Selese nunca teria ficado sabendo daquilo, e

estaria viva até hoje. Se não tivesse sido pelo filho de Tirus, Reece estaria se casando com Selese

agora, em vez de ter que enterrá-la.

Reece se odeia, mas acima de tudo, que ele odeia Tirus e seus filhos.

Enquanto continua ajoelhado ali, Reece sente que a alma de Selese chora por vingança, e se

decido a não descansar até que a tenha conseguido.

"Reece," diz uma voz suave.

Reece sente uma mão tocar gentilmente seu ombro, e vê Gwendolyn ajoelhada ao lado dele.

"É hora de deixá-la ir. Eu sei que você não quer, mas segurá-la aqui não vai trazê-la de volta

para nós. Ela foi embora agora. O destino deve levar o que é seu."

Reece foi tomado de angústia com a ideia de abandonar Selese ali. Ele quer apenas que ela

acorde novamente. Ele só quer que aquele pesadelo acabe. Ele só queria mais uma chance para fazer

as coisas direito. Por que ele não poderia ter apenas mais uma chance? Por que seu único erro na

vida tinha que ser tão fatal?

Enquanto Reece continua segurando Selese com força, ele sabe que algum nível de seu consciente

que Gwendolyn está certa. Ele não poderia trazê-la de volta. A hora de fazer isso já tinha passado.

Reece se inclina e lenta e suavemente repousa o corpo de Selese na sepultura aberta, embaixo da

terra.

Ele chora quando seu corpo desliza para dentro da terra fresca. O corpo de

Selese gira e cai com

o rosto para cima, olhando para o céu com os olhos abertos. Um de seus braços fica inclinado com o

dedo apontado para Reece. O sangue de Reece gela, e ele sente que aquilo é uma espécie de

acusação contra ele. Ele chora profundamente, e observa quando os outros ao redor dele começam a

colocar terra fresca sobre o corpo de Selese.

"NÃO!" Reece grita.

Vários homens fortes o seguram e, logo, o corpo de Selese desaparece sob a terra. Tudo aquilo

se parece com um pesadelo horrível. Vagamente, Reece recebe as condolências das pessoas que ele

conhecia e amava, Gwendolyn e Thorgrin, seus irmãos da Legião, rostos que se mostram contorcidos

pela dor e pelo luto. Todos tentam consolá-lo, mas ele está além de qualquer consolo.

O amor de sua vida, o verdadeiro amor de sua vida, agora estava morto e enterrado. Ele não

poderia trazê-la de volta, mas ele poderia se vingar.

Reece lentamente começa a endurecer por dentro, à medida que uma determinação começa a se

fortalecer. Ele olha para a escuridão da noite, na direção dos ventos uivantes, e promete que, não

importa o que acontecesse, a vingança seria dele.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Steffen se senta no topo da montanha, num pequeno planalto, olhando para a paisagem diante dele

w, ainda se recuperando de seu encontro com sua família, enxuga uma lágrima que escorre pelo seu

rosto. Depois de instruir a caravana real a esperar lá embaixo, ele havia caminhado até ali sozinho,

um lugar que ele se lembrava de sua infância – e onde costumava para ficar sozinho. O cume, feito de

pedras e cascalho, ergue-se acentuadamente, e a cratera no topo é uma pequena lagoa rasa, com um

raio de cerca de vinte pés. O lugar é calmo e vazio – o lugar perfeito para refletir, onde não há nada

além do céu, rochas, água e vento.

Uma rajada de vento joga seu cabelo para trás, e Steffen olha para as águas onduladas que

refletem os dois sóis no céu. Estar ali traz de volta lembranças de sua infância; muitas vezes, ele

vinha até ali para ficar longe de todos eles, e olhava para aquelas águas esperando ver uma pessoa

diferente olhando de volta para ele. Uma pessoa que não fosse desfigurada, com o corpo perfeito e

em forma, assim como o de seus irmãos, - uma pessoa alta, e forte, de quem seu pai pudesse se

orgulhar.

Normalmente, depois de certo tempo, ele parava de olhar, desviando os olhos, decepcionado

consigo mesmo, e compreendendo por que os outros também sempre ficavam desapontados com ele.

Desta vez, enquanto fica sentado ali, Steffen se obriga a continuar olhando para a água. Ele vê seu

corpo desfigurado, sua baixa estatura, e examina com cuidado o que vê. Ele não

tem a boa aparência

de todos os outros; mas, no entanto, desta vez, ele também vê algo mais. Ele vê que seus olhos, cor

de creme claro, não são completamente sem atrativos; nem mesmo seu cabelo ruivo, grosso e

ondulado, que passa de seus ouvidos. Se não fosse pela sua forma, pelo seu corpo, ele não seria o

homem mais feio do mundo.

Quando ele olha para o rosto dele, ele vê um rosto muito grande para aquele corpo, mas também

vê uma mandíbula longa e um queixo forte, vê um homem orgulhoso e determinado. Um homem que

não deixaria que os outros o deixassem deprimido. Um homem que não trataria os outros da mesma

forma como tinha sido tratado. Steffen tem orgulho disso; tem um coração maior do que o de todos

eles, do que todas aquelas pessoas cruéis que viviam naquela aldeia. Isso o faz se perguntar: quem,

de fato, é mais desfigurado? Por que ele dava esse poder para aquelas pessoas?

Ele nunca teria a aprovação de sua família, mas poderia viver com isso. Sua própria aceitação,

ele começa a perceber, poderia ser suficiente.

"Steffen?" diz uma voz.

Steffen vira, surpreso que alguém esteja ali em cima e ainda mais surpreso ao ver uma mulher

bonita aparentando ter vinte anos diante dele, vestindo o traje simples dos aldeões.

Ela olha para ele com doçura, e não com o ódio dos outros, a mesma doçura que

ele tinha

detectado em sua voz. Poucas pessoas usavam aquele tom com ele, gentil e compassivo. Ele olha

para cima, piscando, e se pergunta por um momento quem ela era.

"Você se lembra de mim?" ela pergunta.

Steffen a examina de perto. O rosto dela é lindo; ela tem olhos amendoados, o queixo e maçãs do

rosto esculpidos, lábios carnudos e cabelo castanho claro. Ela é alta e magra, e quando ele a

examina, ele nota dois dedos faltando em sua mão direita.

Seus olhos brilham assim que ele finalmente começa a reconhecer quem é a garota.

"Arliss?" ele pergunta.

Arliss assente docemente, e sorri.

"Posso me sentar com você?" Ela pergunta.

Steffen olha para ela com admiração. Ele mal consegue dizer qualquer coisa, ou pensar em

quanto tempo tinha se passado desde que a tinha visto, em como ela tinha ficado bonita - e o fato de

que ela tinha vindo todo o caminho até ali e, na verdade, queria se sentar com ele. Ele olha para ela

com os olhos arregalados de choque.

"Quando foi a última vez que te vi?" Pergunta ele, confuso.

Ela sorri docemente.

"Quando tínhamos seis anos," responde ela.

Ele olha para ela, boquiaberto.

"Você cresceu," ele diz.

Ela ri.

"Acho que você também."

Ele fica corado, sem saber o que mais poderia dizer.

Steffen nunca a tinha esquecido. Enquanto crescia, Arliss tinha sido a única pessoa na sua aldeia

que tinha sido gentil com ele. Talvez fosse porque ela tinha dois dedos faltando - imperfeita, como

ele, ela compreendia; os outros também tinham sido cruéis com ela. Mas Steffen sempre tinha visto

como ela era bonita - a garota mais bonita da aldeia e sempre se sentiu muito grato por sua

bondade. Na verdade, ela tinha sido a única coisa que lhe deu forças até ele ir embora, dando-lhe

apoio em seus momentos mais sombrios. Ele nunca havia se esquecido dela, e sempre se perguntava

se voltaria a vê-la.

"Posso me sentar com você?" Ela repete.

Steffen lembrou a si mesmo; ele deslizou sobre imediatamente, abrindo espaço para que ela se

sentasse ao seu lado.

"O que você está fazendo aqui?", Perguntou.

"A notícia que você estava na cidade se espalhou, e eu sabia que poderia encontra-lo aqui," ela responde.

Steffen suspira e balança a cabeça.

"Algumas coisas nunca mudam," ele comenta.

"Então você já viu a sua família?" Pergunta Arliss.

Ele balança a cabeça, olhando para baixo.

"Eu deveria ter desconfiado," ele fala.

"Eu sinto muito," ela fala, compreendendo tudo pela voz dele, como costumava fazer. Ela entende muito bem.

"Eu não moro mais aqui perto," ele declara. "Eu moro na Corte do Rei agora, sirvo a rainha. "

"Eu sei," ela comenta, sorrindo para ele. "As notícias se espalham rápido aqui."

Steffen sorri.

"Eu tinha me esquecido. As casas nesta cidade não têm paredes."

Ela ri, um som despreocupado e leve que deixa Steffen recuperado, fazendo com que ele esqueça

seus problemas.

"Sua visita aqui com esse cortejo real é provavelmente a coisa mais emocionante - e mais

humilhante - que já aconteceu nessa pobre aldeia. Eu acho que eles estão todos sentados lá em baixo

com vergonha agora, pelo menos, eu espero que estejam."

Steffen franze a testa.

"Não foi minha intenção humilhar ninguém," diz ele, humildemente. "Eu vim aqui porque a rainha me enviou. Caso contrário, eu nunca teria voltado."

Arliss coloca a mão em seu pulso.

"Eu sei," ela diz, tranquilizando ele. "Eu sei quem você é. Nós crescemos juntos. Nunca me esqueci de você. "

Steffen vira e olha para ela, e a vê olhando para ele com olhos cheios de amor e

compaixão. Ninguém nunca tinha olhado para ele daquele jeito antes, e seu coração começa a bater

forte. Seria possível? Toda a sua vida, Steffen nunca havia recebido um olhar de

carinho de uma

mulher; Ele não tinha ideia de qual era a sensação, mas agora, a menos que seus olhos o estejam

enganando, ele acha que é exatamente isso que está vendo.

"Eu também nunca esqueci que você, Arliss," ele diz. "Eu achei que você tinha crescido e ido embora, - que provavelmente tivesse se casado com um senhor local."

Arliss ri.

"Eu? Casar-me com um senhor? Você está louco?"

"E por que não? Você é a mulher mais bonita na aldeia."

Arliss fica corada.

"Aos seus olhos, talvez. Não aos olhos dos outros. Aos olhos deles," continua ela, segurando sua mão onde faltam-lhe dedos," eu sou uma aberração. "

Agora Steffen ri.

"E eu não sou?" Ele responde.

Arliss também sorri, e eles riem juntos. É tão bom para Steffen poder rir, algo que ele raramente

fazia, e toda a tensão do dia começa a se dissipar. Apenas ficar sentado ao lado de Arliss o faz

sentir-se bem. Ela é alguém que realmente se importa com ele; alguém que tem algo em comum com

ele, que também tinha sido igualmente oprimida por aquele lugar; alguém que o entendia.

"E então?" Pergunta Steffen. "Você alguma vez chegou a se casar?"

Arliss balança a cabeça, olhando para baixo.

"É uma aldeia pequena. Não há muitos homens para escolher. Ninguém aqui jamais me olhou de

outra forma, que não com desprezo."

Steffen sente um pouco mais de esperança ao ouvir que ela está solteira.

"Gostaria de deixar este lugar?" ele pergunta.

Aquela é a coisa mais ousada que ele já tinha dito, e as palavras simplesmente saem de sua boca,

sem que ele possa tirar um momento para pensar sobre o que ele está dizendo. Ele se sente bem;

Arliss estava claramente presa ali, e Steffen queria libertá-la daquela escravidão, tirá-la daquele

lugar horrível com pessoas mesquinhas. No entanto, se ele tivesse tido tempo para pensar,

provavelmente não teria tido coragem para perguntar qualquer coisa. E ao mesmo tempo é mais do

que apenas isso; ele também sente que a ama.

Arliss olha para ele, com os olhos arregalados de surpresa e admiração.

"E como eu faria isso?" Pergunta ela.

"Você poderia vir comigo," ele se vê dizendo, confuso enquanto fala, e as palavras continuam

saindo e mudando a sua vida, - e a dela, para sempre. "Venha comigo à Corte do Rei. Você pode

ficar no castelo, há muitos quartos."

"Tenho certeza que a Rainha adoraria isso," ela diz, sarcástica.

Steffen balança a cabeça.

"Você não entende. Eu sou uma das mãos direitas da Rainha. Se eu pedir alguma coisa, e eu

nunca pedi nada, ela iria concedê-lo. Mais do que isso, ela pode ver através das pessoas. Ela veria

imediatamente a sua boa natureza, e com certeza adoraria conhece-la. Na verdade, estou certo que

ela ficaria lisonjeada em recebê-la na Corte."

Os olhos de Arliss se enchem de lágrimas, e ela ri enquanto as lágrimas escorrem pelo seu

rosto. Ela as enxuga rapidamente e desvia o rosto, e então olha de volta para Steffen.

"Ninguém nunca falou comigo assim," ela diz. "Eu não sei se devo acreditar nisso. Estou tão acostumado a ser feita de boba."

"Eu entendo," ele fala.

Steffen percebe que precisa mostrar como ele está sério sobre tudo aquilo.

Ele se levanta e estende a mão, olhando para baixo, sério. Lentamente, hesitante, Arliss aceita a

mão estendida.

"Esses dias fazem parte do seu passado agora," ele diz. "Nunca, na minha presença, você será considerada uma piada novamente."

Arliss se levanta, segura a mão de Steffen, e olha em seus olhos por bastante tempo. Eles se

encaram fixamente, e Steffen sente-se perdido naquele olhar, perdido em outro mundo, em algo maior

que ele mesmo - algo que ele nunca tinha experimentado antes.

Arliss não desvia o olhar, e Steffen, de repente se inclina para beijá-la, tomado pela emoção.

Arliss não recua. Em vez disso, ela espera e, no último segundo, também se aproxima e encosta

seus lábios trêmulos nos dele.

Eles se beijam; é a primeira vez que Steffen beija uma mulher, e ele tem a sensação de que o

beijo dura para sempre. Quando eles terminam, ele se sente um novo homem, como se finalmente

tivesse conhecido o significado do amor.

"Perdoe-me, minha senhora," ele diz, incerto. "Eu não tive a intenção de parecer abusado."

Arliss olha para baixo, aperta sua mão e a segura firmemente. Então, ela olha para cima e sorri.

"Nada," ela diz, "nunca me deixou tão feliz."

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Alistair caminha ao lado de Erec segurando seu cavalo pelas rédeas, e ambos são seguidos por

uma dúzia dos Prata. Ela está feliz por finalmente ter desmontado e poder caminhar calmamente com

Erec por algum tempo. Aquela viagem rumo ao sul, para poderem embarcar para as Ilhas do Sul,

tinha sido cansativa, principalmente porque Alistair não tinha tido muito tempo com Erec. Agora,

finalmente, ela e Erec andam na frente, os dois sozinhos, caminhando próximos um do outro. Eles

tinham montado a maior parte do caminho, mas ao chegarem naquela passagem estreita na montanha,

todos haviam decidido levar seus cavalos pelas rédeas na trilha rochosa; seria uma queda íngreme

em qualquer direção que caíssem.

Alistair fica feliz, e agradece a oportunidade de poder caminhar ao lado de Erec, para finalmente

ter a chance de conversar com ele sem o som dos cavalos galopando em seus ouvidos. Há muita

coisa que ela gostaria de dizer a ele; acima de tudo, ela quer apenas ficar ao lado dele. Ela está um

pouco nervosa em deixar o Anel, em ter que cruzar o oceano, e embarcar na grande aventura diante

deles. Eles deixariam sua terra natal, e entrariam em um reino estrangeiro. Será que o povo de Erec

gostaria dela?

Alistair tem a sensação de que nunca tinha uma oportunidade de passar um tempo a sós com Erec,

para realmente se aproximar dele - sempre acontecia alguma coisa entre eles. E agora que eles

finalmente estão sozinhos, há muitas coisas que ela gostaria de lhe perguntar. Tantas, na verdade, que

sua mente entra em pane, e ela não consegue pensar em nada.

Mas ela não se incomoda; apenas estar com ele em silêncio é suficiente.

Enquanto caminham lado a lado, Alistair se surpreende com a paisagem que se desdobra diante

deles. Ela vê vales e picos deslumbrantes, iluminados pelos lindos sóis verão, e campos gramados

balançando ao vento. Como o Anel é lindo, ela pensa, especialmente agora, no verão, com vales

inteiros cheios de árvores de todas as cores. É um lugar de incrível generosidade, de muita

prosperidade e paz. Uma parte dela quer ficar ali para sempre.

Alistair é inundada por emoções conflitantes ao voltar a pensar em tudo que ela estaria deixando

para trás. Seu irmão, Thorgrin, justo quando ela estava começando a conhecê-lo melhor – e uma parte

dela também gostaria de sair à procura de sua mãe.

Ela também pensa em sua nova cunhada e amiga, Gwendolyn; Alistair também estava ansiosa

para o seu casamento dela, e gostaria de poder ficar e assistir à cerimônia, como havia prometido a

Gwendolyn. Alistair tem a sensação de que está decepcionando ela e seu irmão, Thor.

O que mais incomoda Alistair é sua premonição, - não importa o que ela faça para esquecê-la –

de que coisas terríveis estavam prestes a acontecer no Anel. Ela tenta ignorar seus pensamentos,

descartá-los como um disparate. Afinal de contas, o Anel nunca tinha sido mais seguro. O que de

ruim poderia acontecer agora?

Alistair estende a mão para segurar a mão de Erec e, quando faz isso, pode sentir o calor do

corpo dele, e sabe que, acima de qualquer outra coisa, ela precisa estar ali ao lado de seu

marido. Ela *quer* estar ali. Apesar de tudo, não há outro lugar onde ela queira estar. Seu povo precisa dela, mas seu marido precisa mais, e ela não seria feliz se não estivesse ao seu lado.

Erec aperta a mão dela.

"Obrigado por ter vindo comigo," ele fala. "Essa é uma viagem que eu não gostaria de fazer sem você. Eu mal posso esperar para você conhecer minha família."

Erec sorri, e ela sorri de volta enquanto segura a mão dele, chegando à conclusão de que tinha

tomado a decisão certa. Afinal, o pai dele estava morrendo, e já estava mais do que na hora dele

voltar à terra natal. E uma vez que eles chegassem as Ilhas do Sul, eles se casariam. Nada é mais

importante para Alistair do que isso.

"Eu viajaria com você até os confins da terra, meu senhor," Alistair responde.

Eles caminham até uma bifurcação na trilha, e param no meio do caminho. Para a esquerda, no

topo da colinha que eles estavam subindo, o caminho continua, mas há também uma trilha para a

direita que desce acentuadamente, curvando-se em uma direção diferente.

Erec e seus homens começam a pegar o caminho para baixo, mas Alistair para de andar, seu

corpo inteiro de repente sentindo frio. Ela arregala os olhos ao pressentir algo – uma sensação

extremamente poderosa. Ela fica ali parada, completamente paralisada.

Finalmente, Erec e seus homens percebem, e eles também param, virando-se na direção dela.

Erec olha para ela com ar de preocupação.

"O que está acontecendo?" ele pergunta.

Alistair olha para a trilha que eles estavam prestes a seguir, absolutamente aterrorizada.

"Nós não podemos ir por ali," ela diz. "Aquela trilha não é segura."

"O que quer dizer com isso, minha senhora?" Um dos Prata pergunta. "Esta trilha é usada há séculos e, além disso, contra guerreiros como nós, os ladrões não têm a menor chance."

Alistair olha para a trilha, e não volta atrás – ela sente algo de estranho.

"Eu não sei o que é," ela responde, "mas sei que não é seguro. Se você tomar esse caminho, você vai morrer."

Todos olham para a trilha, pensando - céticos.

Erec caminha até ela e pega sua mão. Ele enfrenta seus homens.

"Se minha senhora diz que a trilha não é segura, então ela não é segura. Vamos ouvi-la."

"Mas, meu senhor," um deles protesta, "essa trilha é o caminho mais curto para o navio. Qualquer outro caminho nos custaria dias de viagem, e poderíamos perder o navio. E por quê? Por causa de

uma premonição? "

Erec começa a ficar irritado ao ouvir a referência à Alistair.

"Eu disse que não vamos por essa trilha," Erec repete com firmeza.

Erec se vira e, tomando a mão de Alistair, começa a seguir a trilha colina acima. Relutantemente,

todos os seus homens começam a caminhar atrás dele.

Enquanto andam, Erec aperta a mão dela, inclina-se e sussurra no ouvido dela, "Eu confio em

você, minha senhora."

Alistair está prestes a responder, mas de repente, antes que ela possa falar, eles ouvem um grande

estrondo. Todos se viram e olham para baixo, e veem quando de repente uma tremenda avalanche

começa, - pedras enormes que haviam se soltado do topo da montanha íngreme rolam para baixo. Em

instantes, elas enchem completamente a trilha abaixo deles, a trilha que todos teriam tomado se

tivessem escolhido continuar seguindo naquele caminho momentos antes.

Todos lançam olhares de agradecimento na direção de Alistair, admirados.

Ela sente seus olhares sobre ela, e eles sabem que se tivessem seguido para o outro lado, agora

todos estariam mortos.

Alistair não sabe de onde vem seu poder, e uma parte dela não quer saber.

Ele seria ainda maior do que ela jamais teria imaginado?

CAPÍTULO VINTE E SETE

Kendrick desmonta ao entrar na pequena aldeia na região norte do Anel, uma parte desolada do

país, onde as aldeias são poucas e raras. Ele havia seguido uma estrada sinuosa longa e poeirenta

sempre rumo ao norte, e passado a viagem inteira perguntando se a notícia poderia ser

verdade. Kendrick tinha seguido várias pistas falsas ao longo dos anos, todas elas levando-o até uma

mulher que claramente não era sua mãe.

No entanto, desta vez alo parecia diferente. O coração de Kendrick bate acelerado enquanto ele

segura as duas metades do medalhão na palma de sua mão.

Kendrick segue as instruções com cuidado, tecendo o seu caminho através do Anel, galopando até

aquela cidade solitária no norte do país. Esta cidade é um pouco maior do que as outras, com muitas

tabernas; Kendrick passa diante de muitos tipos brutos perambulando pelas ruas, tropeçando,

bêbados, mesmo durante o dia. Seu coração se acelera ao examinar os rostos de todas as pessoas que

ele encontra, se perguntando se alguma delas poderia ser sua mãe.

Mas uma parte dele insiste que aquilo não era possível. Por que sua mãe viveria em um lugar

como aquele? Ela não era uma princesa? Ele sempre tinha imaginado sua vida em um castelo, mas

quando ele olhou à sua volta, não vê nada além de casas humildes. Nada daquilo faz sentido para

ele. Seu escudeiro teria cometido um erro?

Kendrick se pergunta, pela milionésima vez, se sua mãe sabia sobre ele. Certamente, ela deve

saber que tem um filho. Afinal, Kendrick tinha ficado famoso como o filho bastardo do Rei. Por que,

ele se pergunta, ela nunca havia assumido ser a mãe dele? Será que os homens do rei a tinham

assustado?

Kendrick secretamente espera que sim. Ele secretamente espera encontrar uma mulher solitária,

triste sem ele, eufórica ao vê-lo e restaurada de uma depressão profunda da qual vinha sofrendo

todos aqueles anos. Ela teria uma explicação perfeita por ter permanecido afastada. Ele espera que

ela diga que ela havia procurado por ele durante toda a sua vida, que queria vê-lo, mas que tinha sido

proibida, impedida por algum motivo.

Kendrick anda pelas ruas com grandes esperanças, sentindo que um dos momentos mais

marcantes da sua vida está prestes a acontecer.

Ele examina os rostos, incerto sobre o que procura. Ele olha para uma mulher de meia-idade que

pode se parecer com ele, procurando o rosto que tinha imaginado em seus sonhos durante toda a vida.

No entanto, ele não encontra ninguém.

Kendrick corre até uma velha que está sentada na frente de uma taberna, assistindo as pessoas

que passam, e se pergunta se ela saberia.

"Desculpe-me," ele diz, "mas você conhece uma mulher chamada Alisa?"

A mulher olha para ele com desconfiança.

"Alisa?" Ela repete lentamente. "Todo mundo conhece Alisa. O que você quer com ela?"

O coração de Kendrick acelera.

"Por favor, me diga onde ela está. Eu sou seu filho.

Os olhos da mulher se arregalam.

"Seu *filho*?!"

A velha cai em uma gargalhada histérica, uma gargalhada que deixa o cabelo de Kendrick

arrepiado.

"Filho!" Ela repete, rindo, como se achasse aquilo a coisa mais engraçada do mundo.

Kendrick enrubesce, irritado, perplexo com a resposta dela e começando a perder a

paciência. Ele não entende por que ela achava aquilo engraçado.

"Você me insulta, por algum motivo que eu não entendo," diz Kendrick. "Eu sou um membro da Prata. Mostre seu respeito e dobre a sua língua."

A risada da mulher aos poucos diminui, e sua expressão se transforma em medo.

"Você pode encontrar sua mãe na Estalagem Cavalo Vermelho," ela diz. "A última casa no fim da rua."

Kendrick vira e vai embora, e a risada da mulher recomeça. Ele não entende o que aquilo

significa, e desconsidera o ocorrido como as reflexões de uma velha louca. Afinal, aquela é uma

cidade pequena, longe de qualquer cidade grande, e as pessoas ali lhe parecem rudes. Mais uma vez,

ele se pergunta o que sua mãe poderia estar fazendo ali. Ele estaria no lugar errado?

Kendrick finalmente chega na Estalagem Cavalo Vermelho e amarra seu cavalo do lado de

fora. Com o coração acelerado e as palmas das mãos transpirando, ele começa a se encaminhar até a

porta quando, de repente, três homens explodem para fora dela, lutando até o chão. Kendrick se

afasta bem na hora que um dos homens derruba seu adversário no chão, levantando poeira. Eles estão

bêbados, xingando e chutando um ao outro.

Kendrick se vira e olha para dentro da porta aberta, e ouve gritos e risos vindos do interior, e se

pergunta como aquele poderia ser o lugar certo. Aquilo parece ser uma taberna de má reputação, um

lugar impróprio para qualquer um dos Prata – e acima de tudo para o seu *líder*.

Kendrick se prepara e entra, batendo na porta com sua manopla de prata e fazendo todos virarem

na direção dele.

O lugar se silencia quando todos param e avaliam Kendrick, com olhares que misturam respeito e

medo em seus olhos, assim que ele entra na sala, suas esporas tilintando nos pisos de madeira. Ele

caminha até um atendente no bar.

"Estou procurando uma mulher chamada Alisa," informa Kendrick.

O atendente faz um gesto com a cabeça.

"No quarto dos fundos," ele fala. "De cabelo vermelho. Mas eu acho que é muito cedo para ela,"

ele acrescenta.

Kendrick não entende o que o atendente quer dizer, mas antes que ele possa perguntar, o homem

já partiu para outro cliente.

Kendrick se vira e corre para o quarto dos fundos da taverna, com um pressentimento cada vez

pior. Ele sente que há algo de errado com aquela estória, e que nada daquilo faz o menor sentido. Ele

agora está quase certo de que seu escudeiro tinha se enganado. O que a sua mãe, que um dia havia

conhecido o rei, estaria fazendo ali?

Kendrick empurra uma cortina de veludo preto que dá acesso ao quarto dos fundos, e ele para no

meio do caminho, chocado com o que vê.

Diante dele, dezenas de mulheres seminuas se relacionam com homens atrás de pequenas

partições separadas por véus transparentes. Dezenas de outras mulheres andam pelo lugar, e

Kendrick enrubesce quando percebe imediatamente o que é aquele lugar: um bordel.

Antes que ele possa virar para sair, o sangue de Kendrick gela quando ele vê uma mulher de

meia-idade caminhando em direção a ele com um sorriso no rosto - a única mulher naquele quarto

que tem o cabelo vermelho. Ele sente seu mundo desmoronando lentamente enquanto examina o rosto

dela, e percebe que ela se parece exatamente com ele. A mulher é uma versão mais antiga – feminina

- dele.

Ela sorri quando se aproxima.

Não, ele pensa. *Isso não pode ser verdade. Ela não. Não a minha mãe.*

"Como posso ajudá-lo?" ela pergunta para Kendrick sorrindo, colocando a mão em seu

ombro. "Um membro da Prata em nosso estabelecimento. A que devo essa honra?"

O rosto de Kendrick desaba quando ele olha para aquela mulher, perdendo todas as esperanças

que ele cultivava desde a infância.

"Eu vim para ver minha mãe," ele responde, sua voz suave, humilde, e com os olhos cheios de

tristeza.

De repente, o rosto da mulher se transforma; seu sorriso desaparece enquanto ela olha para ele

com confusa, e então ela o reconhece. Ela muda a postura e recolhe a mão estendida como se tivesse

tocado uma cobra, e seu rosto demonstra sua vergonha à medida que ela rapidamente se cobre,

colocando o xale sobre os ombros modestamente.

Ela coloca uma mão trêmula na boca enquanto olha para ele, com os olhos arregalados.

"Kendrick?" Pergunta ela.

Kendrick fica ali, paralisado, sem saber o que dizer. Ele fica sem reação,

controlado pelo medo e

horror. Vergonha. Repulsa.

Acima de tudo, ele sente decepção - uma decepção esmagadora. Toda a sua vida tinha sido

vivida como um bastardo e, secretamente, ele sempre esperava provar ao mundo que eles estavam

errados, provar que ele tinha vindo de uma mãe nobre, e provar que ele não tinha nada do que se

envergonhar.

Mas, agora, ele vê os outros estavam certos o tempo todo. Ele não é nada além de um

bastardo. Ele nunca se sentiu tão mal.

"Como você me encontrou?" ela pergunta.

Mas Kendrick não tem mais nada a dizer a ela. Ele não consegue conciliar a imagem que ele vê

diante de si com a visão que sempre tinha imaginado em sua mente. Aquela mulher não podia ser sua

mãe, não seria justo.

"Eu procurei você por toda a minha vida," diz ele lentamente, com a voz embargada. "Ao

contrário de você, que nunca se preocupou em me procurar. Agora eu entendo o porquê."

O rosto de sua mãe fica corado de vergonha.

"Você não deveria me ver aqui," ela fala.

"Você é minha mãe," ele diz, em tom de acusação. "Como você pôde fazer isso? Como você pode viver a sua vida assim? Você não tem sangue nobre em suas veias? "

Ela faz uma careta, ficando vermelha. Aquele é um olhar que ele reconhece; ele

mesmo costuma

usar aquele olhar quando estava com raiva.

"Você não sabe a vida que eu vivi!" Ela responde, indignada. "Você não é ninguém para me

julgar!"

"Ah, mas eu sou sim," ele diz. "Eu sou seu filho. Se não eu puder, quem o fará?"

Ela olha para ele, e seus olhos se enchem de lágrimas.

"Você deve ir embora," ela fala. "Você não deveria estar aqui."

Ele olha para ela, seus olhos cheios de lágrimas.

"E você deveria?" ele pergunta.

De repente, ela solta em um soluço, e seguro seu rosto entre as mãos.

Kendricknão aguenta mais; ele se vira, agasta a cortina de veludo, e se apressa para atravessar a

taverna.

"Ei," Diz um homem musculoso, estendendo a mão e agarrando o pulso de Kendrick

rispidamente. "Você foi atrás da cortina e você não pagou. Todos pagam, provando a mercadoria ou

não."

Num acesso de raiva, Kendricktorce o braço do homem para trás, e puxa o rosto do homem na

direção de seu joelho, quebrando a cara dele em sua armadura de prata.

O homem cai no chão, e o resto dos presentes na taverna congelam, pensando duas vezes antes de

passar em qualquer lugar perto dele. Todo o bar fica parado, enquanto os homens se encaram em

silêncio.

Kendrick se vira e atravessa a porta, saindo à luz do dia, determinado a tirar aquele lugar da

memória e nunca mais pensar sobre aquilo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Conven, finalmente em casa, entra em sua aldeia, esfarrapado, cansado, e com as pernas

dormentes depois de caminhar todas aquelas milhas. Conven tinha ido até ali sozinho, a pé, andando,

desde que havia se separado da Legião, decidindo que não tinha aonde ir, exceto ali. Sua casa. Ainda

em luto pela morte de seu irmão, ele precisa de um tempo para clarear a cabeça; para ficar sozinho e

longe de tudo e de todos.

Uma parte da Conven sente que ele deveria estar na Corte do Rei, comemorando com seus outros

irmãos da Legião; mas outra parte dele, uma parte maior, ainda está insensível ao mundo. Os

pensamentos de seu irmão gêmeo morto o consomem, tornando difícil para ele se concentrar em

qualquer outra coisa. Ele não é capaz de ignorar sua dor, e também não quer fazer isso. Seu irmão

gêmeo era como uma parte dele mesmo, e quando ele tinha morrido no Império, a melhor parte de

Conven havia morrido com ele.

Conven tinha ficado insensível ao mundo durante toda a viagem até ali, caminhando sem rumo,

quase sem pensar na direção em que estava seguindo, sem querer participar de

todas as celebrações.

No entanto, agora que ele havia chegado, agora que ele tinha atravessado os portões de sua antiga

aldeia, pela primeira vez em muito tempo, algo dentro dele dá sinais de vida. Ele olha para cima,

reconhecendo as antigas ruas e prédios do lugar onde ele e seu irmão tinham sido criados; muitos

anos haviam se passado, e ele começa a se lembrar por que ele tinha voltado ali. Algo dentro dele

começa a despertar, e por um momento, ele começa a sentir um senso de propósito novamente. Pela

primeira vez, outros pensamentos, além da lembrança de seu irmão morto, invadem a sua mente.

Alexa. Sua esposa.

Ao longo de suas viagens pelo Império, quando seu irmão ainda estava vivo, pensamentos de

Alexa costumavam fazer Conven sofrer; ele não pensava em outra coisa – exceto nela, triste por ter

sido forçado a deixá-la. Ele havia prometido voltar para ela, voltar para aquela aldeia, quando ele

voltasse do Império.

Conven e seu irmão tinham se casado em um casamento duplo, e desde aquele dia, os dois

falavam sem parar sobre voltarem para suas noivas para começarem uma vida em sua aldeia. Conven

se sente culpado por voltar sem seu irmão; mas, ao mesmo tempo, enquanto caminha pelas ruas, os

pensamentos de Alexa invadem a mente dele, e Conven se lembra por que tinha voltado; pensar nela

lhe dá uma centelha de esperança pela primeira vez em muito tempo.

Alexa é a única coisa que Conven sente que ainda tem no mundo, a única coisa que resta à qual

ele pode se prender, fazendo-o sentir que poderia ter uma chance de começar a vida

novamente. Afinal, Alexa sempre o entendia; ela sempre tinha uma maneira de fazê-lo se sentir

melhor sobre tudo. Ela conhecia seu irmão, ela entenderia, melhor do que ninguém, e seria capaz de

se relacionar com a dor de Conven. Talvez, apenas talvez, ela pudesse fazê-lo encontrar alegria na

vida. Ela tinha a capacidade de fazer isso, como sempre havia feito.

Conven caminha pela aldeia, ignorando as pessoas ocupadas ao seu redor, indo diretamente para

sua casa antiga, onde ele sabe que encontraria Alexa. Ele vira a esquina e vê a pequena casa branca,

com a antiga porta amarela entreaberta. Ele ouve uma voz de mulher cantando alegremente lá dentro -

e seu coração acelera ao ouvi-la. Alexa. É a voz de sua esposa.

Ela está cantando, e aquilo traz muitas lembranças de volta; Conven se lembra de como ela

costumava cantar, e como aquele som era capaz de lhe causar mais alegria do que qualquer coisa na

terra.

O coração de Conven bate mais rápido, e ele corre para a frente, ansioso para ver o rosto dela,

abraçá-la apertado, e contar-lhe tudo. Ele sente que quando contar tudo e tirar aquilo de seu peito,

ele se sentiria melhor e muito mais leve. Então, talvez, apenas talvez, ele pudesse ser capaz de

começar a vida de novo.

Conven corre e empurra a porta ainda mais. Ele entra, com o coração batendo forte, ansioso para

surpreendê-la, já antecipando a alegria em seu rosto ao vê-lo ali. Ele entra sem bater e fica parado,

esperando vê-la em pé, de costas para ele, limpando suas tigelas na janela, cantando para si mesma,

como ela sempre fazia.

Mas Conven para em seu caminho com a cena diante dele, incapaz de processar o que ele vê. Ali

está Alexa, cantando, sorrindo; feliz como nunca.

Mas ela não está limpando suas tigelas. Em vez disso, ela está olhando nos olhos de outra pessoa

– os olhos de um homem.

Alexa está inclinada para a frente, sorrindo e beijando um homem, que a beija de volta.

Conven fica ali, paralisado – completamente atordoado, querendo diminuir até desaparecer por

completo.

Como aquilo poderia ter acontecido? Alexa? Sua esposa? Com outro homem?

De repente, Alexa se vira, olha para Conven com uma expressão de horror, e grita. O homem ao

lado dela também salta para trás, ambos assustados.

Conven simplesmente fica ali, olhando para eles sem expressão. Ele mal sabe o que dizer, e sente

o chão desaparecer embaixo dele.

"Quem é você?" O homem grita para Conven.

"Quem é você?" Conven grita de volta, tentando controlar sua raiva.

"Eu sou o marido de Alexa. Como você ousa invadir a nossa casa!"

O coração de Conven se sobressalta ouvir as palavras daquele homem.

"Marido?" ele repete, perplexo. "Do que você está falando? *Eu* sou o marido dela!"

O homem alterna o olhar entre Alexa e Conven, intrigado.

Alexa irrompe em lágrimas, cobrindo-se rapidamente com um xale, e olha para Conven com uma

expressão de horror.

"Conven," ela fala, "o que você está fazendo aqui? Eu pensei que você estivesse morto."

Conven se vê incapaz de falar, chocado demais com aquelas palavras.

"Eles me disseram que você tinha morrido!" Acrescenta ela, implorando.

Conven balança a cabeça.

"Não, meu irmão morreu. Porém, vendo isso, eu gostaria que tivesse sido eu."

Alexa chora sem parar.

"Eu esperei por você!" Ela grita, entre lágrimas. "Eu esperei por você por muitas luas! Você nunca chegou em casa. Eles me disseram que você estava morto, Conven!"

Chorando, ela atravessa a sala em direção a ele.

"Você tem que entender. Eles me disseram que você estava morto! E agora, eu me casei com

outra pessoa ".

Conven sente os olhos cheios de lágrimas.

"Você tem que entender!" Ela implora, chorando, correndo para a frente e agarrando as mãos

dele. "Eu não fazia ideia! Sinto muito. Eu sinto muito!"

Conven tira suas mãos das dela, como se tivesse sido picado por uma cobra.

"Então é assim?" Pergunta Conven com a voz embargada. "Nosso casamento não significa

nada? Eu não volto a tempo, e você foge e se casa com outra pessoa? "

Alexa explode em lágrimas, e seu rosto fica corado.

"Eu não fazia ideia!" Ela grita. "Você tem que acreditar em mim!"

"Bem, aqui estou eu," diz Conven. "Vivo. De volta para casa. Eu voltei para você. Eu sou o seu

marido, afinal, e essa é a minha casa."

Alexa fecha os olhos e balança a cabeça várias vezes, como se quisesse acordar de um pesadelo.

"Eu sinto muito," ela fala. "Eu tive que seguir em frente. Foi tudo muito doloroso. Eu tenho uma vida nova agora. Sinto muito. Mas eu não posso voltar agora. Eu tenho uma nova vida agora, é tarde

demais pra nós dois."

Conven abaixa a cabeça em desespero, e Alexa se aproxima e coloca o braço em volta dele. Ele

fica espantado com a injustiça do mundo, em como o desespero sempre parece vir acompanhado de

mais desespero. Ele já não tinha sofrido o suficiente?

Acima de tudo, ele se sente tolo, e coberto de vergonha. Ele havia presumido que o amor dela

por ele ainda estivesse vivo, e tão forte quanto nunca. Ele havia presumido que suas viagens não

mudariam isso.

Agora, finalmente, ele não tem mais ninguém - nem seu irmão, nem sua esposa. Ninguém.

Sem dizer outra palavra, Conven se vira e sai da casa.

"Conven!" Alexa grita atrás dele.

Mas ele já tinha batido a porta atrás dele, fechando-se para sua voz, para o seu mundo, para tudo

em relação a ela.

*

Conven caminha em transe através de sua cidade, sem ver ou sentir o mundo ao seu

redor. Pessoas esbarram nele, e ele continua andando como um morto-vivo, sem perceber. Como

poderia ser? Como tudo o que ele amava no mundo poderia ter sido tirado dele?

De alguma forma, talvez por instinto, Conven começa a entrar em uma taverna, e se senta no

bar. Ele nem sequer se lembra de pedir canecas de cerveja, mas elas aparecem diante dele, e ele

bebe todas elas, uma após a outra. Ele fica sentado ali, com os olhos fechados, balançando a cabeça,

tentando esquecer de tudo.

Não pode ser - apenas algumas luas atrás, Coven tinha tudo o que queria. Ele havia tido um

casamento feliz, em uma cerimônia dupla, com seu irmão. Ele tinha conquistado um lugar cobiçado

na Legião, junto com seu irmão. Eles tinham planejado retornar com sucesso de sua busca por glória

no Império, retornando como heróis; e Thorgrin recuperaria a espada Destino. Eles tinham um plano

de se tornar cavaleiros, de voltar para casa e viver uma vida pacata.

Como tudo poderia ter dado tão errado? Conven não consegue entender.

Conven bebe outra cerveja, pensando em colocar um fim em tudo aquilo. Afinal de contas, da

maneira como ele vê as coisas, ele não tem mais qualquer motivo para continuar vivendo.

De repente, Conven é quase arremessado para fora de sua cadeira quando um homem grande e

gordo esbarra nele ao se sentar ao seu lado, de costas para ele. Conven recupera o equilíbrio

enquanto o homem se vira para ele.

"Cuidado onde você se senta, magrelo," ele fala.

Conven olha para ele, e sua mente ferve de raiva em seu estado de embriaguez.

"Não olhe para mim desse jeito," o homem sorri. "A menos que você queira apanhar até tirar esse olhar do rosto."

Conven fica parado, irritado e pensando sobre como reagir, quando o homem de repente se

levanta da cadeira e, antes que Conven pudesse perceber o que estava acontecendo, lhe dá um tapa

forte no rosto com a palma suada de sua mão.

O tapa ecoa por todo lugar, e o bar de repente entra em silêncio e todas as cabeças se viram na

direção deles.

Vários homens lentamente se aproximam do homem grande, obviamente alguns amigos dele,

como se estivessem esperando por uma luta.

É quando tudo acontece - algo dentro de Conven estala. Ele se transforma em um

homem que

tinha sido provocado demais, levado à beira do desespero, e ele não consegue mais se conter.

Conven ataca como um animal encurralado num canto, e pula em cima do homem, levantando sua

cadeira de madeira, e batendo com ela na cabeça do homem.

O homem grita, levando as mãos ao rosto ensanguentado ao mesmo tempo em que ele tropeça,

mas Conven não espera. Ele salta para a frente e chuta o grande homem no intestino com tanta força

que ele cai, e então Conven rapidamente dá uma joelhada no rosto dele.

O nariz do homem quebra com um estalo e, em seguida, ele cai no chão como uma árvore morta.

Os amigos do homem, tão grandes quanto ele, correm na direção de Conven, interessados em

fazer parte da briga.

Conven, ansioso para causar mais estragos, não espera que eles cheguem até ele; pelo contrário,

ele salta na direção deles.

O primeiro homem se aproxima de Conven com uma clava, e Conven arranca a arma de suas

mãos e dá um tapa nela, em seguida, ele usa a clava para bater na cabeça do homem.

Em seguida, Conven se vira e derruba mais três homens, arrancando facas improvisadas de suas

mãos e levando todos eles ao chão.

Mais uma dúzia de homens, aparentemente amigos daquelas pessoas, atacam Conven, cercando-o

por todos os lados.

Conven luta como um homem possuído, dando chutes, socos e cotoveladas e abrindo caminho

pela taverna, enquanto derruba um homem após o outro. Ele pega um homem no colo e joga o corpo

dele do outro lado da sala, partindo uma mesa do bar ao meio. Ele usa a cabeça para bater na cabeça

de outro adversário, dá uma cotovelada em outro na lateral da mandíbula, e joga ainda outro por

cima do ombro.

Conven é uma máquina de demolição de um homem só, preparado para encarar a morte de

frente. Ele não tem mais nada com que se preocupar, e mais nenhum motivo para viver. Ele ficaria

feliz em morrer ali, levando quantos homens puder junto com ele.

Conven usa as habilidades que havia aprendido como um membro da Legião; mesmo estando

bêbado, ele ainda é um lutador melhor do que o melhor homem ali, e antes que ele termine, Conven já

tinha nocauteado quase todos os patronos do lugar quando, sem fôlego, ele ouve som metálico de

grilhões atrás dele.

Conven olha por cima do ombro, mas é tarde demais; uma dúzia de oficiais da justiça saltam

sobre suas costas, erguendo clavas e batendo com elas na parte de trás de sua cabeça. Ele luta com

aqueles homens também, apesar das probabilidades, chutando e resistindo.

Mas ele já está cansado, e há muitos deles. Um após o outro, os golpes acertam a

cabeça dele, e

em instantes Conven é algemado – primeiro pelos pulsos e, em seguida, pelos tornozelos.

Incapaz de se mover, mais e mais golpes o acertam. Logo, seus olhos estão se fechando, inchados

pelas contusões, e quando o seu mundo escurece, ele ouve o som de das batidas. Seu pensamento

final, antes que seus olhos se fechem por completo, é que ele gostaria que seu irmão estivesse ali

para lutar ao seu lado.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Matus, irritado, marcha para o antigo castelo de seu pai, travando a mandíbula enquanto se

prepara para enfrentar seus dois irmãos. Ele caminha pelos corredores do lugar, um lugar que

costumava contar com a presença de seu pai, representando o ponto de encontro das Ilhas Superiores,

mas que agora é usado apenas pelos dois irmãos de Matus, Karus e Falus, como uma sala de reunião,

um lugar para fomentar a revolução e rebelião desde a prisão de seu pai.

Matus simplesmente não vê o mundo como seus irmãos - ele nunca concordava com eles. Ele era

feito de um material diferente que Karus e Falus, que eram quase clones de seu pai em todos os

sentidos - até mesmo fisicamente, altos e magros, com a mesma intensidade nos olhos pretos

brilhantes e cabelos lisos. Matus, por outro lado, é mais baixo, tem os olhos castanhos e cabelos

encaracolados herdados de sua falecida mãe. Sendo o mais jovem, ele sempre tinha sido pouco

próximo a eles, e desde que seu pai tinha sido preso, ele tinha ficado ainda mais distante deles do

que antes.

Matus nunca tinha concordado com ações de seu pai, ou com sua traição dupla a

Gwendolyn. Matus sente que se seu pai não concordava com algo, ele deveria falar abertamente

sobre isso e se eles não pudessem chegar a um acordo, então ele deveria levar sua causa para o

campo de batalha, não de forma sorrateira, e certamente não com um ato de traição. É errado que seu

pai tenha violado o código de honra, qualquer que tenha sido motivo. Aos olhos de sua família, o fim

justifica os meios; aos olhos dele, isso não é verdade – a honra é ainda mais sagrada.

Aos olhos de Matus, seu pai merece ter sido preso, o que na verdade foi um ato generoso da parte

de Gwendolyn.

Seus irmãos, porém, não poderiam discordar mais dele, e quando Matus entra na sala, é recebido

pelo olhar hostil de Karus, que está sentado em torno da longa mesa de madeira com a cara

amarrada, discutindo com vários outros soldados sentados com ele. Intrigas, como de costume. Matus

se pergunta onde estaria Falus. Certamente, ele presume, o que quer que Falus esteja fazendo não

deve ser nada bom.

"Por que você tentaram envenenar Srog?" Matus pergunta.

"Por que você é leal a esse tolo?" Karus rebate.

Matus faz uma careta.

"Ele é o regente da rainha."

"Ela não é a nossa rainha," Karus retruca. "Seu julgamento não condiz com a realidade. Você não sabe onde está sua lealdade. Sua tarefa é defender os seus irmãos; seu pai."

"Nosso pai não manda em mais nada," declara Matus. "Já passou da hora de vocês enfrentarem a realidade. É hora de mudança, Srog é o nosso líder agora, e ele responde para Gwendolyn. Nosso

pai encontra-se na prisão, e ele nunca mais será libertado."

"Ah, vai sim," diz Karus, determinado, ficando em pé e pondo-se a andar pela sala, aproximando-

se para colocar mais lenha na fogueira. Ele joga a madeira com tanta raiva que ela quase acerta um

cachorro, que salta e sai correndo quando faíscas voam por todo o chão de pedra.

"Se você acha que ele vai se ficar lá, apodrecendo na prisão pelo resto de sua vida, está

redondamente errado."

Matus encara seu irmão em estado de choque. Seus irmãos nunca desistiriam.

"O que você está tramando, exatamente?" Pergunta Matus.

Karus se vira e olha com conhecimento de causa para os outros soldados no quarto, homens

brutos, mercenários que eram leais a seu pai. Karus hesita, como se guardasse algum segredo e

estivesse debatendo se deveria ou não contar tudo a Matus.

"Eu tenho planos," ele responde, enigmaticamente.

"Que tipo de planos?" Matus pressiona. "Você seria insensato em arriscar qualquer tipo de

rebelião. O exército de Gwendolyn, os Prata, e os MacGil, são muito mais poderosos do que

nós. Você não aprendeu a lição?"

"Você está conosco ou contra nós?" Karus exige, batendo com o punho na mesa e dando um passo

à frente. "Eu preciso saber."

"Se você pretende desafiar a coroa, eu estou contra vocês," Matus responde orgulhosamente.

Karus avança e bate forte no rosto de Matus.

Matus, atordoado, olha para ele.

"Você está traindo o nosso pai," diz Karus. "Você escolhe a rainha ao invés de sua família, preferindo estranhos a nós. Você deixaria seu pai apodrecer na cadeia para o resto de sua vida por

tentar fazer defender a nossa causa, por tentar *nos* transformar nos governantes do Anel, por tentar dar um futuro melhor para nossa família. Se você ama esses MacGil tanto assim, deveria viver com

eles. Você já não faz parte desta família."

Matus fica atordoado ao ouvir aquelas palavras, que lhe causam tanto dor quanto o golpe.

"Você também não é leal a nosso pai," Matus responde, sua voz fria como o aço. "Não finja ser o que você não é. Você é leal apenas a si mesmo e à traição. Você me enoja. Sou a favor da honra,

custe o que custar. Se isso me faz agir contra o meu pai, e contra você, então que assim seja."

Karus zomba dele.

"Você é jovem e ingênuo. Você sempre foi assim. Você, seu cavalheirismo e sua honra - onde foi

isso o ajudou? Você não é melhor do que qualquer um de nós."

Karus aponta um dedo ameaçador.

"Interfira em nossos assuntos novamente, e Srog não será o único a ter que prestar atenção a sua

bebida."

Vários dos nobres se levantam agressivamente, demonstrando seu apoio à Karus.

Matus, decepcionado com todos eles, sentindo-se traído, - como um estranho em sua própria

família e entre seu povo, se vira e começa a caminhar para fora da sala.

Mas alguns soldados de repente param diante da porta, bloqueando seu caminho.

"Eu ainda não terminei com você, irmão," Karus continua.

Matus, indignado, cerra os punhos e se vira lentamente.

"Abra essa porta," ele dispara.

Karus sorri.

"Eu vou, quando eu estiver pronto. Mas antes que você vá, há algo que você precisa saber."

Karus dá alguns passos, abrindo um grande sorriso, e Matus é invadido por um pressentimento

ruim ao ver o seu olhar. Ele sente que, o que quer que fosse, a notícia seria muito, muito ruim.

*

Stara sobe a escadaria de pedra em espiral, indo para o telhado do castelo, ansiosa à espera dos

falcões, para ver se novos pergaminhos haviam chegado do continente. Ela está desesperada para

saber o que tinha acontecido com Reece, se ele já tinha dado a notícia para Selese - e para saber

quando ele voltaria para ela.

Stara sobe três degraus de cada vez e, então, para de repente no meio do caminho ao ouvir um

grito abafado vindo de um dos quartos do castelo.

Ela desce a escada e corre para ver do que se trata.

Stara passa vários soldados até alcançar o quarto de seu irmão. Dois guardas estão parados

diante da porta, barrando seu caminho.

"Minha senhora, seus irmãos estão em uma discussão acalorada. Eu não a aconselharia a entrar."

Stara consegue ouvir os gritos atrás da porta, e se pergunta o que diabos estaria acontecendo lá

dentro.

Ela lança um olhar sombrio para o soldado.

"Abra a porta para mim de uma vez," ela ordena.

O soldado dá um passo para o lado e abre a porta, e Stara entra e encontra o quarto

completamente tomado pelos gritos de uma discussão.

Ela fica surpresa ao ver Matus e Karus em uma discussão acalorada, cara a cara, sem que

qualquer um deles recue. Eles estão tão envolvidos que sequer notam a presença dela.

"É a coisa mais estúpida que você poderia ter feito!" Matus grita, com o rosto vermelho.

Karus, por outro lado, parece discordar, mostrando-se satisfeito.

"Você não sabe o que está falando. Essas foram as ordens de nosso Pai. Tudo está prestes a

mudar, o caminho está livre para o casamento deles."

Matus balança a cabeça.

"Isso será considerado um ato de traição," ele comenta. "Nosso país agora terá que se preparar para a guerra."

Karus desconsidera suas palavras.

"O que está acontecendo aqui?" Stara finalmente intervém, confusa e com a estranha sensação, ao ouvir a palavra "casamento", de que tudo aquilo diz respeito a ela.

Eles se viram e olham na direção de Stara, assustados com a presença dela, e ambos entram em

silêncio. Eles ficam parados, respirando com dificuldade, controlados pela raiva.

"Nós realizamos o seu sonho para você, minha querida irmã." Karus sorri, segurando um

pergaminho. "Isso chegou pelo falcão hoje."

Stara tem uma vaga sensação de catástrofe iminente ao pegar o pergaminho, - que ela abre

rapidamente, correndo os olhos sobre as palavras escritas. Ela lê a mensagem, mas sua visão fica

turva e ela sente como se estivesse girando.

"Selese está morta?" Ela pergunta em voz alta, lendo o pergaminho e quase sem acreditar no que

vê. "Tirou sua própria vida... um funeral real."

"Exatamente o que você esperava, não é?" Karus pergunta com um sorriso satisfeito. "Sua rival fora do seu caminho, e Reece finalmente livre para se casar."

As mãos de Stara começam a tremer, e todo seu corpo fica gelado quando ela deixa o pergaminho

cair, sem conseguir acreditar naquilo. Ela olha para Karus.

"É isso mesmo," ele diz. "Falus fez uma visita ao continente e contou a ela sobre seu encontro com Reece. Ele realizou a tarefa dele de forma bastante eficaz, aparentemente. Ela tirou a própria

vida antes que Reece pudesse alcançá-la."

Stara sente todo o seu mundo desmoronar, e não consegue acreditar no que está ouvindo. Ela ama

Reece, mas ela nunca desejou ver sua rival morta - especialmente por culpa dela.

Ainda pior, ao considerar as consequências desses acontecimentos, ela percebe que aquilo só

prejudicaria seu relacionamento com Reece. Um funeral real.... Reece deveria estar se sentindo

esmagado pelo sentimento de culpa... todo o reino o culparia. Ela também seria culpada... E o plano

de seus irmãos resultaria apenas em separá-los.

Stara sente vontade de chorar por dentro. Aquilo tudo forçaria Reece *nunca* se casar com ela. Ele

não teria outra escolha agora.

"TOLO!" Ela grita, jogando o pergaminho de volta na cara de Karus. "Você arruinou tudo!"

Karus olha para trás, sem compreender.

"O que você quer dizer?" Ele pergunta.

"Você realmente acha que Reece vai querer se casar comigo depois que a vida de seu grande

amor foi tirada por suas próprias mãos? Devido a traição de nossa família? Você acaba de me

destruir e de destruir o nosso amor, tornando-nos inimigos do Anel. Você destruiu nossa chance de

casamento!"

"O que você está falando?" Diz Karus. "Você deveria estar feliz. Isso é o que você queria, e o que nosso pai queria. Ele disse que isso garantiria o seu casamento."

"Nosso pai é um tolo!" Ela grita. "Um tolo cego! Ele não sabe nada dos assuntos do coração, e arruinou tudo. Ele é um idiota, e é por isso que ele está onde está hoje."

"Não fale assim do nosso pai," Karus a adverte.

"Ela está certa," concorda Matus. "Você criou um inimigo, não só em Reece, mas em todo o

continente do Anel. Todas as esperanças que tínhamos para qualquer união agora estão arruinadas."

Stara sente seu mundo desmoronar ao seu redor, enquanto pensa sobre as implicações

daquilo. Ela começa a chorar, percebendo que o que ela tinha com Reece havia acabado. O amor

deles nunca sobreviveria a isso. Eles - seus irmãos, seu pai, e suas conspirações ridículas – tinham

destruído o único e verdadeiro amor de sua vida.

Pior ainda, Stara sente que suas mãos também estão sujas com o sangue daquela pobre mulher.

Os olhos de Stara escurecem quando ela volta sua atenção para Karus.

"Eu te ODEIO!" Ela grita.

Ela corre até ele e, erguendo os braços, arranha o rosto dele. Pego de surpresa, ele leva as mãos

ao rosto, mas é tarde demais, e ele é arremessado por cima da mesa, caindo em uma cadeira com um

estrondo.

Em seguida, Stara vira e sai correndo do quarto, abrindo a porta e batendo-a atrás

dela. Ela

atravessa os corredores do castelo correndo, sem parar, chorando por saber que tudo que ela mais

amava no mundo tinha sido tirado dela para todo o sempre.

CAPÍTULO TRINTA

Thor está no centro dos campos de treinamento da Legião, observando recruta após recruta

passar correndo por ele, galopando em seus cavalos com lanças estendidas, tentando acertar o centro

de um pequeno aro. Enquanto Thor fica ali, vestido com sua nova e brilhante armadura dos Prata,

com seu novo punhal no cinto, ele repassa mais uma vez em sua mente sua iniciação na Prata. Ser

reconhecido entre todos aqueles homens tinha sido surreal. Aquela era a maior honra que ele jamais

poderia ter esperado, uma honra com a qual ele nem sequer havia se atrevido a sonhar durante toda a

sua vida. Agora, usando aquela armadura, ele se sente um homem diferente. Ele olha para baixo e,

vendo o reflexo dos sóis em sua armadura, Thor se sente invencível.

Thor ouve cavalos galopando e ao olhar para cima vê vários recrutas da Legião passando por

ele, aproximando-se fervorosamente do aro, apenas para errar o alvo. Um recruta após o outro erra,

e Thor balança a cabeça, preocupado com o estado lastimável de alguns daqueles meninos.

Enquanto ele observa, alguns conseguem acertar o aro maior com suas lanças, recolhendo os

anéis de metal na ponta; mas ao continuarem em direção ao próximo aro, ainda menor, eles

erram. Apenas um recruta, Ario, o pequeno menino do Império, consegue furar um aro após o outro

com sua lança. Thor observa com surpresa quando ele termina o percurso inteiro, e orgulhosamente

ergue sua lança cheia de pequenos anéis de metal.

Todos os recrutas desmontam, e os outros meninos, respirando com dificuldade, olham para ele

com inveja.

Thor anda para cima e para baixo das linhas, examinando-os. Depois de muitos dias de

treinamento, ele está começando a ver alguns dos recrutas aprimorando suas habilidades em

determinados exercícios, mas não em outros. Aquele é um grupo bastante variado, e. Thor vê

promessa em muitos deles; mas alguns outros já tinham deixado claro que não passariam nos testes.

Thor se sente mal por ter que enviar alguns deles embora, mas sabe que não há motivos para

adiar o inevitável.

"Você, você, e você," Thor diz, apontando para três recrutas. "Sinto muito, mas é melhor vocês irem agora."

Um silêncio tenso toma conta do ar quando os três recrutas se adiantam e caminham em direção

aos portões. Um deles para e se dirige a Thor.

"Mas Thorgrin, senhor, eu não compreendo," ele fala. "Eu peguei os anéis, quando muitos dos outros meninos não conseguiram. Por que você decidiu me mandar para casa?"

Thor balança a cabeça.

"Você não entende," Thor responde. "Este exercício não foi feito para pegar os anéis. Isso foi incidental."

O menino olha para ele, intrigado.

"Então qual foi o teste?" ele pergunta.

"Essa lança," pergunta Thor, “por acaso é sua?"

O menino olha para a lança que ele havia deixado para trás, e parece perturbado.

"É. Eu a peguei quando todos nós corremos para as armas."

Thor olha para ele com calma, sem expressão, esperando a resposta adequada. Uma resposta

diferente.

Finalmente, o rapaz parece perceber o que Thor sabe, e olha para o chão, envergonhado.

"Eu a tirei das mãos de um menino," ele admite.

Thor assente, satisfeito.

"Ser um membro da Legião não é apenas ser um guerreiro hábil," explica Thor. "Trata-se de

cuidar de seus irmãos. Quando você está no campo de batalha, o que te faz forte são os outros. O

melhor guerreiro é aquele que pensa em seus irmãos em primeiro lugar. Somente pensando nos outros

é que você vai conseguir se salvar. Isso é a honra. É para isso que nós nos esforçamos aqui. Eu não

quero apenas os melhores guerreiros; quero o melhor grupo de irmãos."

O menino finalmente se afasta de cabeça baixa, percebendo seu erro.

Thor se vira para os outros, que o encaram com medo e respeito.

Thor analisa o campo de treinamento, olhando para as armas disponíveis, procurando algo para

testar os meninos que ele ainda não tinha experimentado. Seus exercícios e testes estavam excluindo

os garotos, um de cada vez.

"Espadas pesadas!" Thor ordena.

Juntos, eles correm para o local onde as espadas longas estão alinhadas; elas são duas vezes mais

compridas e grossas que as outras e, de tão pesadas, elas precisam ser empunhadas com as duas

mãos. Thor observa quando cada garoto se esforça para levantá-las.

"Elas são pesadas," Thor grita, observando-os segurar as espadas com esforço,

cambaleantes. "Elas foram projetadas assim, pois são espadas de treinamento - mais pesadas do que

qualquer outra arma que vocês possam usar em uma batalha. Agora, eu quero que cada um de vocês

erga uma segunda espada, e segura as duas juntas."

Todos eles se viram e encaram Thor como se ele fosse louco.

"Duas espadas, meu senhor?" Pergunta um menino. "Vai ser muito difícil."

Thor continua encarando os recrutas, firme, até todos eles seguem o seu comando, agarrando duas

espadas pesadas cada e se esforçando para levantá-las.

"Essas duas espadas que vocês estão segurando são mais pesadas do que qualquer espada que

vocês podem usar no futuro, e os deixarão mais fortes. Cada um de vocês deve virar para o homem

ao seu lado e, com aquelas cordas que estão ali, vocês devem amarrar as duas espadas de seus pares,

tornando-as uma só. "

Os rapazes partem para a ação, amarrando as espadas uns dos outros. Quando eles terminam, os

recrutas erguem as duas espadas amarradas, esforçando-se para suportar o peso com as duas mãos, já

que as espadas são duas vezes mais grossas que qualquer outra arma.

Thor assente com satisfação.

"Agora levantem suas espadas bem no alto, e mantenham-nas diante de vocês."

Sob o olhar atento de Thor, todos os garotos levantam espadas duplas com os braços tremendo,

lutando para mantê-las estáveis. Eles vacilam com o vento, e alguns meninos deixam suas espadas

caírem com um grunhido. Apenas um punhado de meninos é capaz de segurá-las, e Thor observa o

fato.

"Mas ela é muito pesada, senhor!" Um menino grita, transpirando devido ao esforço. "Ninguém nunca será capaz de empunhar uma espada assim!" Sua espada cai no chão. "Qual é a razão disso?"

Thor se vira e caminha até ele, encarando-o com seriedade.

"E é exatamente esse o motivo," responde Thor. "Na batalha, você deve ser capaz de empunhar armas com o dobro do peso do seu oponente. Você deve ser mais rápido do que eles, mais forte do

que eles. Você deve ser capaz de empunhar uma espada mais pesada do que a que você pode um dia

usar. Só então você será capaz de vencer seu oponente. É a velocidade, mesmo que apenas de um

segundo, que vai determinar sua vida ou sua morte. "

Thor se vira e examina a linha, e vê que apenas uma dúzia de meninos ainda

continua segurando

suas espadas, gemendo e suando. Os meninos que permanecem ali são os mais altos, mais fortes e

com ombros mais largos que o restante dos recrutas.

Todos com exceção de um: Merek. O ladrão. Ele não é tão grande quanto os outros, e ainda assim

está mostrando ser ainda mais forte do que a maioria. Ele consegue segurar a espada firme, e por

mais tempo, do que os meninos com o dobro do seu tamanho. Thor fica impressionado.

"Muito bem!" Thor grita.

O restante dos meninos deixa cair suas espadas com alívio, todos respirando com dificuldade,

absolutamente exaustos.

"Nós duramos mais tempo do que os outros," diz um menino. "Isso quer dizer que entramos na Legião?" Ele pergunta, esperançoso.

Thor balança a cabeça e sorri.

"Isso significa apenas que vocês agora podem lutar entre si. Todos vocês, formem um círculo em

torno deles!"

Uma dúzia de meninos se aproximar de Thor empolgados, enquanto os outros se reúnem em torno

deles.

"Vocês agora devem formar pares e lutar," informa Thor, "usando suas espadas duplas! Formem seus pares, e vamos ver do que vocês são capazes!"

Os rapazes correm para a formação, e se alinham de frente uns com os outros. As espadas são tão

pesadas que eles mal conseguem levantá-las, e quando eles finalmente

conseguem, alguns garotos

caem para trás, enquanto golpeiam de forma tão lenta e desajeitada que não chegam nem perto de seu

oponente.

Seus adversários, porém, são igualmente lentos, praticamente incapazes de levantar suas próprias

espadas para bloquear ou se esquivar.

Thor anda entre os meninos que duelam, balançando a cabeça em sinal de desgosto.

"Vocês são tão lentos," ele grita, "que eu posso andar entre vocês!"

Quando um menino ergue a espada, Thor se prepara e usa o pé para empurrá-lo no peito,

mandando-o para trás. Thor bate com o ombro em outro menino enquanto ele levanta a espada,

derrubando-o.

Um de cada vez, Thor derruba cada um deles de bunda no chão, e eles caem com suas espadas

pesadas. Logo, estão todos no chão, ofegantes e exaustos.

"E você poderia fazer melhor?" Um dos recrutas, sentado com o rosto corado, pergunta para

Thor.

Todos os garotos se viram, horrorizados com a falta de desrespeito com Thor. O garoto é uma

criança grande, cheio de marcas de catapora e vindo de uma província do noroeste, - um garoto de

quem Thor não gosta. Ele o tinha mantido ali por causa de seu tamanho, mas Thor não fica surpreso

com o seu desrespeito.

"Vamos descobrir," declara Thor. "Pegue uma única espada para você, e me entregue um par

delas."

O menino se anima com a ideia; ele corre e pega uma espada leve e se dirige a com Thor com um

sorriso arrogante, certo de sua vitória.

Thor levanta a dupla espada facilmente; em seguida, ele troca de mãos, jogando-a de um lado ao

outro, segurando-a com apenas uma mão diante dos olhares chocados de todos os recrutas.

"Tragam a terceira espada!" Thor ordena.

Os meninos olham com admiração quando um dos recrutas corre para a frente, pega uma terceira

espada, e a amarra com cordas à espada dupla de Thor.

Os meninos observam boquiabertos quando Thor ergue as três espadas com as duas mãos, com o

corado pelo esforço.

O menino que tinha enfrentado Thor assiste aquilo, agora parecendo muito mais inseguro e com

medo.

Thor não espera; ele parte para cima do menino, erguendo a espada tripla e golpeando com tal

velocidade que, quando o menino ergue sua espada, Thor a parte ao meio, com um som que corta o

ar.

Thor, em seguida, enfia sua espada na terra para usá-la como um poste, usando seu cabo como

apoio para chutar o menino no peito, fazendo-o voar para trás, caindo de bunda no chão.

Thor já está em cima dele quando o menino olha para cima, surpreso.

"Você pode ir para casa agora, também," diz Thorgrin. "Você pode voltar se um dia você

aprender a falar com seus superiores com respeito."

O menino se vira e começa a se dirigir para fora, correndo para se afastar dos campos de

treinamento da Legião. Todos os outros recrutas olham para Thor com admiração.

"Apenas três espadas, então?" Grita uma voz alegre.

Thor olha na direção da voz, entusiasmado ao ouvir o som familiar, e fica emocionado ao ver

seus amigos mais íntimos, seus irmãos da Legião, Elden e O'Connor, se aproximando.

Elden caminha diretamente até as espadas duplas, pega uma delas, e a levanta acima de sua

cabeça com uma única mão.

"Parece que o padrão para a formação da Legião está diminuindo, pelo que eu me lembro," ele

fala com um sorriso.

Elden corre para a frente segurando as espadas no alto e, com um grito de guerra, corta uma tora

que está pendurada no campo de treinamento. Com um grande barulho de madeira partindo, tora é

cortada na metade.

Todos os garotos olham para Elden impressionados.

Elden deixa as espadas no chão, se aproximando de Thor, e o abraça, seguido de

O'Connor. Thor

fica feliz ao ver seus antigos membros da Legião novamente. Todo aquele treinamento, todos os dias,

estava fazendo Thor pensar com frequência neles.

"Parece que você tem um grupo de recrutas lastimável aqui," comenta Elden em voz alta, para

que todos os meninos possam ouvir. "Eu me pergunto se algum deles vai conseguir passar nos

testes?"

"Talvez alguns," Thor também responde em voz alta, pelos mesmos motivos.

"Qual é a próxima atividade nos treinamentos do dia?" O'Connor pergunta com um sorriso.

"Bem, engraçado você perguntar isso - é hora de treinarmos com arcos."

Thor tem uma ideia, e vira para se dirigir ao grupo.

"Alguém aqui acredita ser capaz de disparar uma flecha melhor do que o meu amigo

O'Connor? Se alguém conseguir, será automaticamente aprovado como um membro da Legião."

Todos olham O'Connor de cima embaixo e, aparentemente, - considerando a sua estrutura frágil e

seu sorriso de menino, seu cabelo vermelho e sardas – decidem que ele não é um adversário digno.

Todos eles correm para a frente, pegam um dos arcos alinhados ao longo da lateral do campo, e

miram as grandes pilhas de feno a cerca de trinta metros deles. Apenas um punhado deles atinge o

alvo, apenas alguns chegam perto do círculo interno, e apenas um deles atinge o centro do alvo. Ele é

um rapaz alto e magro, duas vezes mais alto que os outros, com o cabelo castanho desgrenhado e

comprido que ele usa preso em um rabo de cavalo. Ele fica ali, satisfeito consigo mesmo, claramente

o melhor candidato do grupo. Thor toma nota.

O'Connor, sorrindo abertamente, tira o arco de suas costas, dá um passo para a frente, lambe o

dedo e sente a direção do vento. Ele olha para cima, como se estivesse examinando o céu e, em

seguida, abaixa a cabeça, levanta seu arco, e dispara três flechas rápidas.

As três flechas atravessam o ar em um grande arco, e passam voando pelo alvo. Elas continuam

atravessando o ar até chegarem no alvo mais distante, a cinquenta metros de distância. Todas as

flechas acertam o alvo central.

Os meninos assistem boquiabertos - O'Connor ainda não se dá por satisfeito. Ele prepara mais

uma flecha, mira e dispara. A fecha atravessa o ar, e acerta em cima da flecha do garoto que havia

atingido o alvo central – um tiro tão preciso que parte a flecha do recruta ao meio.

Os meninos ficam admirados com as habilidades de O'Connor, e Thor sorri.

"O'Connor é o produto de anos de treinamento na Legião," Thor explica. "Se vocês tiverem o que é preciso, e treinarem o suficiente, em breve estarão lutando com a gente. E é isso que vamos exigir

de você. Pensem sobre isso ao dormirem esta noite, e decidam se vocês querem voltar na parte da

manhã. Agora estão todos liberados!"

Os garotos lentamente se levantam e começam a sair dos campos de treinamento apoiados uns aos

outros, esgotados depois do dia cansativo.

Thor então olha para Elden e O'Connor; vê-los ali lhe traz muitas lembranças e ele se percebe o

quanto sente a falta deles.

Eles avaliam a nova armadura de Thor, com os olhos brilhando.

"Olhe para você!" Elden exclama. "Um membro da Prata!"

"Essa armadura de vocês é tão brilhante, que é preciso proteger meus olhos!" O'Connor

acrescenta, fingindo esconder os olhos.

"Imagine isso," diz Elden, "um dos nossos – um membro dos Prata!"

"Nós sabíamos que você conseguiria fazer isso um dia," diz O'Connor.

Eles colocam as mãos no ombro de Thor, felizes como se tivessem sido eles os empossados, e

Thor fica satisfeito com a aprovação deles.

"Obrigado, meus irmãos," ele fala com orgulho, "e obrigado por voltar aqui em tão pouco

tempo."

"Por você, faríamos qualquer coisa," responde Elden.

"A visita à minha cidade natal pode esperar," completa O'Connor.

"Eu sinto muito por isso," continua Thor. "Mas eu preciso de vocês aqui. Eu quero que vocês dois sejam os primeiros a saber: Eu estou deixando o Anel."

Ambos o encaram, claramente atordoados.

"Eu preciso encontrar minha mãe," explica Thor. "Devo partir para a Terra dos Druidas."

"Sozinho?" Elden pergunta.

"Vamos nos juntar a você!" O'Connor implora.

Thor balança a cabeça, apertando seus ombros.

"Não há outra companhia que eu apreciaria mais," ele fala, "mas essa é uma viagem que devo fazer sozinho. Estarei com Mycoples. Preciso encontrar minha mãe, e então eu vou voltar. Vou voltar

mais forte, e vou ajudar a fortalecer o Anel."

Thor observa enquanto os recrutas saem.

"Entretanto," ele acrescenta, "o treinamento da Legião tem que continuar. Em quem mais eu

poderia confiar, além de meus irmãos da Legião? Eu preciso que vocês assumam o treinamento dos

recrutas enquanto eu estiver fora. Vocês conseguem transformar esses meninos em homens?"

As expressões de O'Connor e de Elden se transformam em expressões de honra e apreço.

"Nós somos irmãos até o fim," Elden declara. "O que você pedir será considerado uma tarefa sagrada. Estamos honrados que você tenha nos procurado."

"Quando você voltar, estes meninos serão homens," O'Connor completa. "Então você poderá

escolher com quem você gostaria de ficar."

Thor fica muito aliviado; ele está prestes a responder quando, de repente, Merek se aproxima,

parando a apenas um metro de distância, como se estivesse ansioso para falar com ele.

"Sinto muito por interromper, meu senhor," diz Merek. "Mas eu trago uma notícia que não pode esperar."

"O que é, então?" Pergunta Thor, preocupado.

Merek olha para Elden e O'Connor, para ter certeza se deve falar na frente deles.

"Qualquer notícia para mim, meus irmãos também podem ouvir," Thor lhe assegura.

Merek assente e começa: "Um dos meus colegas, que ainda chafurda nas masmorras desde nossos

dias como ladrões, conhece todo mundo que entra e sai. Ele acaba de me dizer que um de seus irmãos

da Legião foi preso na masmorra real. Conven."

Thor, Elden, e O'Connor se entreolham, chocados.

"Conven?" Pergunta Thor. "Você tem certeza?"

Merek assente.

"Obrigado," Thor diz. "Você tem feito o seu dever muito bem. Não me esquecerei disso."

Merek assente e corre.

"Eu preciso falar com ele de uma vez, e descobrir o que aconteceu. Ele tem que ser solto."

"Vamos com você," declaram Elden e O'Connor. "Também fazemos parte da Legião."

Thor acena de volta, e os três saem correndo, montam em seus cavalos e partem na direção do

calabouço real - Thor determinado a libertar o seu irmão seja qual for o problema em que ele se

encontra.

*

Thor se dirige até os portões principais da masmorra real, acompanhado de Elden e O'Connor, e

vários guardas entram em atenção, surpresos com a sua presença. Eles fazem uma saudação e abrem

as portas, e Thor e os outros entram.

À medida que os três se apressam a descer a escada de pedra e chegam a um salão de teto baixo,

o som de suas botas e armaduras ecoam e Thor se pergunta o que Conven poderia ter feito para

acabar naquele lugar. O que quer que tenha sido, ele sabe que não era bom e teme, como sempre

fazia, pelo futuro de seu irmão. Períodos de turbulência, Thor começa a perceber, não passam para

alguns tão facilmente quanto para outros.

Eles caminham pelo corredor escuro e frio do calabouço, e prisioneiros fazem ruídos ao redor

deles, batendo nas barras de ferro com suas canecas. O grupo passa por eles, dirigindo-se ao final do

corredor, passando diante de diversas celas até, finalmente, serem levados pelos guardas a uma cela

grande no final do calabouço.

O guarda pega sua chave mestra e abre a porta, e o metal reverbera no corredor da masmorra.

Quando a porta se abre, Thor olha para dentro da cela da solitária e vê, jogado no canto, quase

invisível sob a luz da tocha, seu irmão da Legião. Conven está curvado, completamente abatido, com

a barba por fazer, e o cabelo comprido e desgrenhado; Thor sente um vazio na boca do estômago ao

ver seu amigo naquela situação. Como ele tinha chegado naquele ponto? Conven, geralmente tão

feliz, tão jovial, um membro orgulhoso e destemido da Legião, agora está ali sentado, jogado em sua

cela, como se fosse apenas mais um preso comum.

Thor não consegue suportar ver aquilo. Nenhum membro da Legião deveria ser tratado daquela

forma.

Thor sente ainda uma tremenda tristeza pela morte de Conval, que ele ainda não tinha conseguido

esquecer, mas ao menos Thor tinha sido capaz de seguir em frente.

Conven obviamente ainda não tinha, e vinha decaindo desde então, até terminar ali, naquele

lugar. Thor teme que, se algo não mudar, seu amigo não viveria por muito mais tempo.

Thor entra na cela, Elden e O'Connor atrás dele, e caminha até a Conven, ficando em pé sobre

ele. Conven sequer parece notar a sua presença.

Thor agacha diante de Conven, olhando-o nos olhos; parece que toda a vida e espírito havia

saído dele. O amor e a alegria que um dia ele havia sentido desapareceu por completo.

"Conven?" Thor diz suavemente.

Conven não se move.

Thor estende a mão e cutuca o ombro dele.

"Conven?" Pergunta Thor novamente.

Lentamente, Conven começa a se mexer.

"Por que você veio aqui?" Pergunta Conven, sem olhar nos olhos de Thor.

"Porque eu sou seu irmão," Thor responde.

"Somos todos seus irmãos," Elden e O'Connor acrescentam.

Conven olha para eles, então balança a cabeça lentamente.

"Vocês são meus irmãos de outra vida," diz Conven.

"Errado," Thor responde. "Somos irmãos para *toda* hora."

Conven balança a cabeça.

"Nós somos seus irmãos, quando você está no seu pico de glória," acrescenta Thor, "e seus

irmãos quando você está apuros. Isso é o que significa ser um irmão. Um irmão é mais do que um

amigo. Irmandade significa que, quando um de nós está por baixo, todos nós somos estamos por

baixo."

Thor faz Conven olhar em seus olhos.

" *Nenhum homem é deixado para trás,* " ele fala com firmeza, inabalável.

Conven se vira e olha para baixo, e Thor vê uma lágrima escorrendo pelo seu rosto.

"Eu não sou digno de salvação," Conven fala. "Estou feliz aqui. Não sobrou nada para mim lá em cima. "

"Estamos aqui para você," diz Elden. "Isso não significa nada?"

Conven continua sentado, em silêncio.

"Você ainda tem toda a sua vida diante de você," diz O'Connor. "Você é jovem. Você é um

grande guerreiro. Você vai apodrecer aqui embaixo como um criminoso comum."

"Eu vou sim," Conven responde.

"Você *não* vai," Thor afirma enfaticamente. "Eu não vou permitir isso."

"Você não pode me impedir!" Conven grita, desafiador.

Thor pensa sobre isso, surpreso com a resposta da Conven. Finalmente, ele suspira.

"Você está certo," Thor finalmente diz. "Eu não posso impedi-lo. A vida é sua para fazer o que quiser, mas lembre-se de uma coisa: se você destruir sua vida, você destruirá não só a sua, mas

também a nossa. Você fere não somente a si mesmo, mas também aqueles que o rodeiam. Nós somos

seus irmãos. Você precisa de nós, mas o que você está esquecendo é que precisamos de você,

também. Talvez não hoje, mas, seguramente, chegará um dia em que nós estaremos por baixo, e

vamos precisar de você, e você vai estar lá para nós."

Thor faz uma pausa, e vê que Conven está escutando, absorvendo tudo. Ele pode senti-lo

pensando, debatendo. Um longo silêncio se segue.

"A Legião deve ser reconstruída," Thor finalmente continua. "Eu devo deixar o Anel em

breve. Elden e O'Connor irão supervisionar os recrutas e eles precisam de você, também. Eu preciso

de você. Venha com a gente. Junte-se a nós. Ajude-nos a reconstruir a Legião. Se você não quer fazer

isso por si mesmo, então, faça-o pelos outros. Você seria egoísta em permanecer aqui quando

precisamos de sua ajuda. "

Thor se inclina e estende uma única mão, esperando.

Conven continua sentado, hesitando, num silêncio que parece durar para sempre. Thor está

começando a se perguntar se Conven não responderia, se todas as suas palavras tinham sido em vão.

Por fim, lentamente, Conven olha para cima e encontra os olhos de Thor. Thor vê uma faísca

neles, uma pequena centelha, possivelmente de esperança. De luz.

Conven se inclina lentamente para frente e aperta a mão de Thor. É um aperto de mão do homem

que ele conhecia. - o aperto de mão de um irmão de guerra.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Reece caminha até a longa e estreita prancha de madeira, inclinada desde a doca até o convés do

enorme navio à sua frente. A prancha se estende por quase vinte metros, e Reece atravessa

rapidamente, seus passos ecoando na madeira oca, que balança a cada passo. Lá em cima, ele pode

ver os habitantes das Ilhas Superiores, os homens de Falus, todos ocupados em uma sequência de

atividades, desatando as cordas, levantando velas, e se preparando para deixar o continente em

direção às Ilhas Superiores. Reece, fervendo de raiva e determinação, tenta se controlar, obrigando-

se a respirar fundo e manter a calma, para esperar o momento certo para poder se vingar de todos

eles.

Reece desce para o convés principal e imediatamente olha para os soldados de Falus, avaliando

a reação deles. Nenhum deles percebe a presença dele, e Reece respira com alívio - seu disfarce

estava funcionando. Totalmente vestido com a armadura de um habitante das Ilhas Superiores; desde

seu capacete até suas esporas, todos eles, como Reece havia previsto, acreditam que ele seja um

deles.

Reece tinha feito bem o seu trabalho. No caminho até ali, perto das docas, ele havia nocauteado

um soldado desavisado quando ninguém estava olhando. Ele havia arrastado o homem desacordado

até um beco e tirado o uniforme dele, vestindo-o em seguida. Ele sabe que precisaria dele para seguir

em frente com seu plano.

Reece tinha cavalgado a noite toda, dirigindo-se ao porto diretamente após o funeral de Selese,

ainda sofrendo a sua perda e com os olhos vermelhos de tanto chorar. Suas unhas ainda carregam a

sujeira do solo fresco onde ele a tinha enterrado, e ele ainda pode sentir a presença dela ao seu lado,

clamando por vingança. Afinal, se não fosse pela trapaça de Falus, Reece teria encontrado Selese

viva e feliz, e teria se casado com ela no dia seguinte – e esse erro não poderia ficar impune.

Reece tinha descoberto quando e onde Falus estaria partindo do continente e tinha corrido até ali,

até aquela região insólita nos limites do Império, determinado a garantir que ele não consiga

fugir. Reece sabe que ele estaria embarcando em um navio inimigo, e sabe que aquilo é algo que ele

deve fazer sozinho. Seu disfarce, ao menos, está lhe dando algum tempo para

colocar o plano em

ação.

Reece atravessa rapidamente o convés do navio, satisfeito por ter chegado antes que ele

partisse. Ele anda em meio a centenas de soldados, todos ocupados se preparando para partir,

determinado a encontrar Falus. A morte de Selese não ficaria sem resposta.

Reece observa as várias atividades e, vendo mais cordas serem arremessadas para dentro do

navio, percebe que o navio pode partir antes que ele consiga descer, mas Reece já não se importa

mais com isso. Se ele tiver que viajar com aquelas pessoas, se ele acabar sendo capturado e morto

por todos eles, não importa - desde que ele consiga matar Falus primeiro.

Reece atravessa o navio infinitamente longo, segurando um punhal escondido no cinto, com a mão

firme em volta dele e com o coração batendo em seus ouvidos. Finalmente, ele chega a uma porta que

ele sabe daria acesso a cabine de Falus. Seu coração acelera ao perceber que Falus – o homem que

havia tirado a vida de Selese, está atrás daquela porta.

Dois soldados leais à Falus estão parados do lado de fora, montando guarda, e quando Reece se

aproxima, eles se adiantam e baixam as suas lanças.

"Onde você pensa que está indo?" Um deles pergunta para Reece ironicamente, bloqueando seu

caminho.

Reece tinha previsto aquilo, afinal, Falus tinha muitos homens à sua disposição, e

ele sabia que

alguns faziam parte de sua guarda permanente.

Sem perder o ritmo, Reece, preparado, se abaixa e puxa um longo pergaminho de sua cintura,

segurando-o em direção aos guardas.

"Eu trago notícias que chegaram com o falcão esta manhã," Reece calmamente responde, na

esperança de eles acreditem nele.

Um deles olha Reece nos olhos, desconfiado, e depois estende a mão para pegar o pergaminho.

Reece puxa o pergaminho de volta.

"Assuntos oficiais," Reece fala. "Você está vendo o selo?"

Reece vira o pergaminho e exibe o brasão de cera.

Os dois guardas se entreolham, sem saber como agir. Reece fica ali parado, com o coração

batendo acelerado e torcendo para que eles não percebam que seu uniforme não tem o tamanho

correto, para que acreditem na estória do pergaminho e para que eles abram caminho para ele. Caso

contrário, ele seria forçado a matar os dois guardas. Mas Reece teme que se ele fizer isso, com todos

os outros soldados por perto, é possível que ele nunca chegue ao interior da cabine.

Reece espera algum tempo, com o coração batendo forte - os segundos mais longos da sua vida.

Vamos, Reece pede. *Selese, por favor me ajude. Por favor. Ajude-me em sua memória. Eu sei que tenho sido um péssimo marido. Você não tem que me amar. Você não tem que me*

perdoar. Apenas ajude-me a conseguir minha vingança em seu nome.

Finalmente, para seu grande alívio, os guardas dão um passo ao lado, levantando suas lanças, e

um deles abre a porta para Reece.

Reece se apressa a entrar, e a porta bate atrás dele.

Os olhos de Reece se ajustam à escuridão da cabine e ele dá vários passos ao entrar em um

quarto comprido. Há apenas um homem na sala, e Reece se sente aliviado com a constatação. O

homem está sentado diante de uma mesa, de costas para Reece, escrevendo algo com uma

pena. Aquela é provavelmente uma mensagem para comunicar sua vitória, Reece percebe, - uma

mensagem para informar aos outros que seu plano tinha sido um sucesso, contando detalhes da morte

de Selese devido a sua traição.

O corpo de Reece fica vermelho de raiva diante do homem responsável pela morte de sua futura

esposa.

Quando Reece atravessa a sala com suas esporas tilintando, Falus finalmente se vira,

completamente desprevenido.

Ele se levanta, indignado.

"Quem é você?" ele pergunta. "Eu pedi que nenhum dos meus soldados me perturbasse

agora. Você está segurando um pergaminho? Que notícias você traz?"

Ele olha para Reece, dando um passo em direção a ele, de cara feia, e Reece continua se

aproximando dele calmamente, e então para a apenas um metro de distância.

Reece levanta sua viseira, querendo que Falus veja o seu rosto.

Falus olha para ele, e arregala os olhos de surpresa, reconhecendo imediatamente o rosto de seu

primo.

"É uma mensagem do seu primo," Reece responde.

Enquanto ele pronuncia as palavras, Reece se aproxima, puxa o longo punhal da cintura e

esfaqueia seu primo no coração.

Falus engasga com o sangue que escorre de sua boca enquanto ele cambaleia para trás. Reece o

segura firme com a outra mão, agarrando a camisa de Falus, fazendo uma careta ao enfiar o punhal

cada vez mais fundo no coração de Falus.

Reece, de cara amarrada, segura o punhal no lugar com o rosto a centímetros de distância do

rosto de Falus, olhando em seus olhos.

"Olhe em meus olhos," ordena Reece. "Eu quero que você veja meu rosto antes de morrer."

Falus, com os olhos esbugalhados, incapaz de se mover, encara Reece.

"Você tirou tudo de mim," continua Reece. "Você roubou tudo o que eu tinha de mais importante neste mundo. E agora, você vai pagar o preço."

"Você nunca vai conseguir escapar," declara Falus, engasgando enquanto seus olhos viram para

trás de sua cabeça.

Seus olhos se fecham de repente, e ele cai no chão.

Reece deixa o corpo dele no chão da cabine, com a adaga ainda enfiada em seu coração. Falus

fica no chão, paralisado - morto.

"Eu já escapei," responde Reece.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Luanda fica ao lado Bronson no pátio do antigo castelo McCloud, observando em silêncio tenso

as diversas fileiras de prisioneiros McCloud. Quatrocentos dos mais famosos guerreiros McCloud

estão ali, diante deles com os braços amarrados atrás deles com cordas, aguardando a sua

punição. Aqueles homens tinham sido presos depois da noite de rebelião –os homens que tinham

conhecimento do plano. Eles não estavam lá naquela noite, mas todos eles tinham sido cúmplices,

juntamente com Koovia, no plano de prender e assassinar os MacGil.

Luanda, olha para aqueles homens, a escória McCloud, e sabe exatamente o que faria se a

decisão fosse dela: ela ordenaria que todos eles fossem executados publicamente, fazendo uma

demonstração pública do ocorrido. Isso solidificaria sua posição de poder de uma vez por todas, e

ensinaria a todos os McCloud como ele pretendia governar o reino. Assim, ninguém nunca mais se

rebelaria.

Mas Luanda não é a governante, e não cabe a ela tomar qualquer decisão. Luanda fica ali,

fervendo de raiva e completamente impotente, sabendo que aquela é uma decisão que seu marido

Bronson, - que Gwendolyn tinha colocado no comando, deve tomar. Luanda ama Bronson acima de

qualquer coisa, mas, ainda assim, ela despreza a sua fraqueza, e despreza o fato de que ele é um

soldado leal a Gwendolyn, e a determinação dele em seguir as determinações políticas de sua

irmã. As políticas de Gwendolyn são políticas estúpidas, Luanda sabe - políticas ditadas pela

fraqueza e ingenuidade. Pacificar o inimigo, sonhar com a paz – é o mesmo tipo de coisa que seu pai

teria feito.

Luanda anseia por essa responsabilidade, para ter a chance de definir o resultado de uma maneira

diferente. Mas ela sabe que não é para ser. Desde que tinha voltado em desgraça, de volta para este

lado das Highlands, banida mais uma vez por sua irmã, Luanda andava fora de si. Ela havia chorado

por vários dias, lamentando seu exílio, sua incapacidade de algum dia retornar a Corte do Rei.

Mas Luanda tinha visto o olhar de desprezo e ódio nos olhos de seus irmãos, e finalmente havia

percebido que ela era um pária em sua própria família, entre seu próprio povo, e dentro de sua

própria casa. Ela sente que eles tinham sido cruéis demais com ela; sim, ela tinha cometido alguns

erros, mas será que ela merecia aquele castigo? Em seus olhos, ela tinha sido novamente humilhada–

e, desta vez, tinha sido ainda pior do que antes.

Luanda havia endurecido internamente depois da última viagem, desde o seu retorno até ali; algo

dentro dela havia se partido, e agora ela sente mais qualquer amor por seus irmãos; agora, ela odeia a

sua família e, acima de tudo, ela odeia Gwendolyn. Ela mataria todos se pudesse,

como punição por

torná-la um pária e por ter sido submetida a toda aquela humilhação.

A única pessoa no mundo que Luanda realmente ama está em pé ao lado dela – Bronson, e é

somente por lealdade a ele que ela está ali, concordando com todas as suas decisões como

governante.

"Em nome de Gwendolyn, Rainha do Reino Ocidental do Anel, concedo a todos os aqui presentes

o perdão," Bronson declara aos soldados McCloud. "Todos vocês serão colocados em

liberdade. Vocês serão perdoados por seus pecados passados, e devem se juntar ao exército MacGil,

realizando patrulhas conjuntas em ambos os lados das Highlands. Todos vocês que desejam jurar

lealdade a Gwendolyn, e que estão dispostos a trabalhar pela paz e pela harmonia, ajoelhem-se."

Centenas dos guerreiros McCloud caem de joelhos, abaixando a cabeça.

"Vocês juram lealdade a Gwendolyn?" Bronson grita.

"JURAMOS!" Eles gritam de volta em uníssono.

"Vocês juram lealdade eterna e prometem se dedicar à paz e harmonia entre os clãs?"

"JURAMOS!"

Bronson acena para seus assistentes, e dezenas de seus homens passam pelas fileiras soltando as

amarras de todos os homens McCloud. Os McCloud se entreolham com espanto e surpresa.

A multidão de soldados se dispersam, e assim que eles fazem isso Luanda se

dirige a Bronson.

"Esse foi o maior erro da sua vida," ela fala para ele, em um acesso de raiva. "Você realmente acha que esses homens vão ser leais? Acredita que eles pretendem lutar pela causa de Gwen?"

"Eles já sofreram o suficiente," diz Bronson. "Todos os seus líderes foram mortos. Matar mais homens não levaria a nada, exceto mais derramamento de sangue. Em um certo momento, precisamos

confiar neles, se quisermos um dia alcançar a paz."

Luanda faz uma careta.

"Essas são as políticas de minha irmã, não as suas."

"Eu sou um súdito de sua irmã," responde Bronson. "E você também. É minha responsabilidade seguir as ordens dela."

"As decisões dela resultarão na morte de todos nós. Você acabou de tornar o nosso reino

inseguro."

Ele balança a cabeça.

"Discordo. Eu sinto que nós estamos deixando tudo mais seguro."

Bronson se vira quando seus assistentes começam a discutir outros assuntos.

Luanda fica ali, observando-o, e em seguida se vira e olha para os soldados McCloud, tão

felizes, deleitando-se com seus companheiros enquanto eles se dispersam. Ela sente, sem dúvida

alguma, que nada daquilo terminaria bem.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Thor fica diante do Canyon, olhando para a grande divisão diante dele, envolto em um

redemoinho de névoa multicolorida, ao mesmo tempo em que seu coração se

parte. Ele se vira e olha

para Gwen, em pé diante dele com Guwayne nos braços; ele quase não consegue olhar em seus olhos,

e tem ainda mais dificuldade para encarar o seu filho. Enquanto Gwen fica ali, seu filho,

completamente acordado, olha para Thor – alerta, e Thor sente uma força vindo dele que ele não

consegue compreender.

Thor se sente preso ao chão, como se conseguisse deixar aquele lugar. Ele tem um pressentimento

estranho, uma sensação de perigo que se aproxima do Anel; ele sabe que aquilo não faz sentido, com

o escudo restaurado, com Ralibar ficando ali, e com o Anel mais forte do que nunca. Ainda assim, ele

se pergunta novamente se sua saída poderia de algum modo colocar o reino em perigo.

Mas, ao mesmo tempo, Thor sente urgência em procurar sua mãe, e sente que ela o espera. Ele

tem a sensação de que há algo importante esperando por ele na Terra dos Druidas, alguns poderes ou

armas que lhe permitiriam fortalecer significativamente o Anel. Ele também acredita que é disso que

ele precisa para completar a sua formação, e para saber quem ele é.

Thor encontra os olhos de Gwen, que tenta controlar o choro, mostrando-se forte, especialmente

na frente de todo o seu povo - milhares de soldados que se tinham se reunido para a despedida de

Thor. Thor já havia dito algumas palavras para o povo do reino e para seus irmãos de guerra, e agora

resta apenas Gwendolyn. Aos pés de Thor está Krohn, e atrás dele, esperando impacientemente, está

Mycoples - ao lado de Ralibar, que abaixa a cabeça tristemente, esfregando-a contra o pescoço de

Mycoples. O comportamento de Ralibar é estranho, ele deve ter percebido que eles estão partindo.

Ralibar, de repente, arqueia o pescoço para trás e grita; aquele é um som feroz, que assusta todos

os presentes, especialmente por ser um comportamento incomum para o dragão. Gwen pensava que o

conhecia, mas naquele momento, ela percebe que não; seu rosto é feroz, como se ele estivesse

angustiado, e de repente ele bate as asas, vira as costas para todos eles, e voa para o horizonte.

Gwen observa assustada, se perguntando onde ele estaria indo, e querendo saber se ele voltaria.

Todos eles observam Ralibar se afastando, e então Thor finalmente se dirige a ela.

"Eu não gostaria de deixar você, meu amor," Thor fala para Gwendolyn, fazendo o máximo para

conter suas próprias lágrimas. "Também não quero deixar Guwayne."

"Você vai encontrar a sua mãe," Gwen responde, tentando permanecer forte, "e você estará de volta antes de uma lua. Você vai voltar mais forte. Vá; essa sua viagem está prevista em todos os

livros, o Anel precisa de você. Sua mãe precisa de você."

"E, no entanto," Thor responde, "você também precisa de mim."

Gwen assente.

"É verdade. Mas acima de tudo, eu preciso de você forte. Eu não sou mais importante que o

Anel."

Thor estende o braço e aperta a mão de Gwen.

"Eu sinto muito por termos adiado o casamento, meu amor," ele diz.

Os olhos de Gwen umedecem, apenas o suficiente para Thor notar.

"Não era a hora certa," ela responde, "não com um funeral tão recente."

"Quando eu voltar," Thor diz, "passaremos nossa vida juntos."

Gwen assente.

"Quando você retornar," ela confirma.

Thorgrin se agacha, coloca as duas mãos na testa de Guwayne, e o beija. Ele sente uma tremenda

energia correndo por ele, e ele não quer sair do lado de seu filho.

Thor, então, estende o braço, segurando o rosto de Gwen em ambas as mãos, e se inclina para

beijá-la.

"Proteja o nosso filho," disse Thor. "Proteja nosso Anel. Você tem Ralibar, o escudo está mais forte do que nunca, os melhores guerreiros conhecidos pelo homem estão ao seu lado, e você também

tem Krohn. Eu espero estar de volta antes que uma lua tenha passado."

"Não há nada a temer," Gwen responde.

Apesar de sua demonstração de força, Thor vê o lábio inferior de Gwen tremendo, e percebe ver

que ela está se esforçando para não chorar.

Ela rapidamente afasta uma lágrima dos olhos dela.

"Vá," ela diz, claramente com medo de falar mais por receio de irromper em lágrimas.

Aquilo parte o coração de Thor, que pensa em mudar de ideia e permanecer ali.

Mas ele sabe que não pode fazer isso. Thor se vira e olha para o horizonte, para Mycoples

esperando ao lado dele, e sabe que o seu destino está lá fora. Havia chegado a hora de começar a sua

jornada.

Krohn geme, e Thor se inclina e dá um tapinha nele, acariciando seus cabelos, beijando o rosto

dele enquanto Krohn lambe o seu.

"Cuide deles," Thor pede.

Krohn choraminga, como se estivesse respondendo.

Sem dizer outra palavra, Thor se vira, monta em Mycoples, e dá uma última olhada para seus

compatriotas. Milhares deles estão ali, observando, esperando para vê-lo partir, entre eles muitos

membros da Prata. O coração de Thor se enche de amor por todas aquelas pessoas que tanto ama.

"THORGRINSON!" Todos eles gritam ao mesmo tempo, levantando os punhos numa saudação de

respeito.

Thorgrin levanta o punho como resposta.

Então Mycoples grita e bate as asas, decolando em direção ao céu, virando as costas para o povo

de Thor, para o Anel, e para tudo o que Thor conhece, e eles voam em meio à névoa, sobrevoando o

Canyon rumo a mundo que Thor nunca havia conhecido.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Godfrey se senta na pequena taberna da cidade McCloud, com Akorth e Fulton

sentados ao lado

dele, bebendo profundamente. Godfrey precisa de uma bebida hoje mais do que nunca, tentando

esquecer, tirar de sua mente as imagens do funeral de sua mãe. Ele dá mais um longo gole, terminando

mais uma caneca, e imediatamente começa a beber outra, determinado a se afogar na bebida.

Os últimos dias tinham sido difíceis. Em primeiro lugar, seus esforços para unir as famílias

MacGil e McCloud culminaram em uma briga na taverna, destruindo todos os seus esforços pela paz,

que tinham fracassado completamente. Então, ele tinha sido chamado de volta a Corte do Rei para o

funeral de sua mãe, e teve que ficar lá e ver quando eles finalmente enterraram o seu corpo. Ele

trouxe à tona sentimentos antigos, sentimentos Godfrey desejou tinha permanecido enterrados.

O relacionamento de Godfrey com sua mãe sempre tinha sido no mínimo problemático – não

muito diferente, na verdade, do seu relacionamento com seu pai. Ambos o viam como uma decepção,

e tinham deixado claro que ele era o oposto do filho real com que sonhavam. Godfrey acreditava ter

suprimido todos os seus sentimentos por sua mãe anos atrás; mas ao vê-la sendo enterrada as

lembranças havia invadido a mente dele novamente. Ele nunca tinha tido a aprovação dela, e ele

realmente acreditava não se importar com isso até assistir ao seu funeral e perceber que estava

errado. Ele não tinha percebido quantas coisas mal resolvidas havia entre eles, e se viu chorando e

soluçando no funeral, como um idiota; e ele não consegue compreender por quê. Talvez ele estivesse

chorando pela relação que ele gostaria de ter tido.

Ele não quer pensar mais nisso. Godfrey prefere muito mais se afogar na bebida, exorcizar-se de

tudo, - toda a sua horrível educação real, tornando tudo apenas uma memória distante.

Godfrey é empurrado por um soldado McCloud, e sai de seu devaneio, encarando-o. Agora que

Bronson tinha soltado todos os McCloud, as tabernas estão repletas deles novamente, e o clima aqui

na cidade, antes bastante jovial, está instável. Godfrey tinha passado seus dias em tabernas durante

toda a sua vida, convivendo com homens imprudentes e sem tato, e nada disso o tinha afetado. No

entanto, ali, naquela cidade, com aqueles homens, ele sente algo diferente no ar – algo em que ele não

confia. Ele sente como se a qualquer momento um daqueles homens pudesse esfaqueá-lo pelas costas

com a mesma facilidade que poderia cumprimenta-lo.

Sua irmã tinha decidido que o gesto de libertar os homens McCloud criaria uma onda de boa

vontade e paz com os McCloud, e faria as coisas voltarem ao normal mais uma vez. E, ao menos

aparentemente, seu plano havia funcionado. Mas Godfrey não pode deixar de detectar algo mais no

ar, uma sensação geral de mal-estar, e não consegue evitar um mau

pressentimento.

Godfrey não sabe nada de política, e é um soldado pobre, mas ele conhece os homens. Ele

conhece, acima de tudo, o homem comum, e sabe reconhecer ressentimento entre as massas quando

ela está tão evidente entre a população. Ele sente algo no ar, por mais que ele não queira, e não

consegue deixar de se perguntar se sua irmã tomado uma péssima decisão. Talvez ela deveria

simplesmente abandonar aquele lugar e apenas patrulhar a fronteira, como seu pai tinha feito. Ela

deveria esquecer os McCloud e se concentrar em seu próprio lado do reino.

No entanto, enquanto sua política continuar sendo a de conseguir a paz entre eles, Godfrey ficaria

ali, tentando amparar sua causa da maneira que pudesse, como havia prometido quando ela o tinha

enviado.

De repente, ocorre uma confusão do outro lado da sala, e Godfrey vê vários homens McCloud

derrubar vários outros no chão, e observa quando metade dos presentes se envolve na briga.

Godfrey volta a olhar para sua bebida, sem querer se envolver naquela que é a segunda brida da

noite.

"Alguns leões não podem ser domados," Akorth observa calmamente para Godfrey e Fulton.

"O mesmo remédio pode não curar a todos," acrescenta Fulton.

Godfrey dá de ombros.

"Isso não é problema nosso," diz Akorth. "Contanto que a bebida seja boa e forte, eu vou

continuar bebendo."

"E quando eles não tiverem mais bebida?" Pergunta Fulton.

"Então nós vamos para outro lugar!" Akorth responde com uma risada.

Godfrey tenta ignorar seus amigos. Ele está cansado de suas brincadeiras sem fim, que sempre

enchem seus ouvidos, e de seu comportamento juvenil. No passado, ele sempre costumava participar

de suas brincadeiras; mas ultimamente, alguma mudança estava acontecendo dentro de Godfrey,

especialmente desde o funeral de sua mãe. Pela primeira vez, ele está começando a ver seus amigos

como infantis, e fica realmente incomodando; pela primeira vez, apesar de tudo, ele se vê querendo

repreendê-los por não serem mais maduros. Maturidade. Essa é uma palavra assustadora para

Godfrey, e ele não entende totalmente por que ele está começando a vê-la de forma diferente. Ele

estremece, torcendo para não se ficar igual ao homem que ele mais odeia - seu pai.

Godfrey está prestes a se levantar e sair dali para tomar um pouco de ar fresco quando, de

repente, ele vê um rosto familiar – uma mulher – que se aproxima dele.

"E o que você está fazendo aqui, bebendo?" ela pergunta, em pé sobre ele com um olhar de

desaprovação no rosto.

Godfrey fica chocado ao perceber que ela o tinha seguido até ali, e desvia o

olhar,

envergonhado. Ele havia prometido a ela que não beberia, e agora ele tinha sido pego em flagrante.

"Eu estou apenas tomando uma bebida rápida," Godfrey responde, olhando para longe.

Illepra balança a cabeça e pega a bebida de sua mão.

"Você está desperdiçando sua vida aqui, você não vê isso? Sua mãe acaba de ser enterrada. Você

não vê como a vida é preciosa?"

Godfrey se irrita.

"Você não precisa me lembrar disso," ele responde.

"Então por que você está aqui?" Ela pergunta.

"Onde mais eu poderia estar?" Pergunta Godfrey.

"Onde mais?" Ela repete, intrigada "Em qualquer lugar, menos aqui. Você deveria estar lá fora, com seus irmãos e irmãs, ajudando a reconstruir o Anel, defendendo o nosso reino. Você poderia

fazer uma infinidade de coisas, mas prefere ficar aqui sentando sem fazer coisa alguma."

"Talvez eu esteja alcançando grandes resultados ficando aqui sentado," Godfrey rebate, ajustando a postura de forma desafiadora.

"Como o quê por exemplo?" Illepra pergunta.

"Eu estou me divertindo," ele responde. "Isso é ótimo, de certa forma, não é? Olhe quantos grandes homens passam a vida inteira construindo e mandando e matando –e no entanto, nunca

desfrutam de um único momento da vida. "

Illepra balança a cabeça em desgosto.

"Eu acreditei em você," ela fala. "Eu sei que você pode ser mais do que parece ser. Mas você nunca será um grande homem se continuar se afogando na bebida.

Nunca."

Ela finalmente consegue afetá-lo, apertado todas as suas feridas, fazendo Godfrey pensar em seu

pai. Agora, finalmente, ele está chateado, e ele fica vermelho de raiva.

"E então me diga," ele pergunta, "como é que matar um ao outro torna os homens tão

importantes? Como é que levantar uma espada e tirar a vida de alguém faz de você um homem a quem

os outros devem admirar? A sua definição de grandeza é um tanto restrita. Eu não vejo virtude em

matar outros homens, e eu não vejo como isso transforma alguém em um homem. Para mim, virtude

significa curtir a vida. Por que é tão melhor esfaquear e matar um homem do que se sentar, rir, e

desfrutar de uma bebida com ele?"

Illepra, com as mãos nos quadris, sacode a cabeça.

"Essas são as desculpas esfarrapadas de um bêbado," ela fala. "Não do filho de um rei"

Godfrey não recua.

"Você está errada," ele retruca. "Você realmente quer saber o que eu acho? Eu acho que a maioria dos homens neste reino, incluindo seus preciosos cavaleiros, são tão obcecados em matarem uns aos

outros que eles se esquecem o que significa viver. Eu acho que eles matam uns aos outros pela

simples razão de não saberem como viver -como viver *de verdade*. Em seguida, eles se cobrem com

seus termos e grandes títulos, cavalaria, honra, glória, valentia. Cavaleiros, comandantes... É tudo

uma fuga. Afinal, é muito mais fácil abraçar a morte do que é abraçar a vida."

Illepra, com o rosto vermelho, se irrita.

"E você já descobriu como realmente viver?" Ela responde. "Esta é a vida? Afogar-se na

bebida? Esconder-se da vida?"

Godfrey fica calado, um pouco perturbado e incapaz de pensar em uma boa resposta.

Ela balança a cabeça.

"Você me cansa," ela fala. "Eu não vou mais procurá-lo. Eu gosto de você. Há algo especial em você, mas eu não posso mais viver assim. Se algum dia você crescer e se tornar um homem, então me

procure. Caso contrário, eu lhe desejo tudo de bom."

Illepra se vira e sai da taberna, batendo a porta atrás dela.

Akorth e Fulton olham para Godfrey, assobiando e revirando os olhos.

"Parece que ela gosta de você," diz Akorth.

"Talvez você devesse apenas convidá-la para voltar e tomar uma bebida!" Fulton completa.

Ambos caem na gargalhada, divertindo-se com suas próprias piadas.

Mas Godfrey continua sentado ali, franzindo a testa e refletindo sobre suas palavras, que tinham -

lhe tocado profundamente. Em parte porque ela havia dito as mesmas coisas com as quais ele estava

pensando. Qual, afinal, seria o propósito da vida? Godfrey não acredita, como muitos de seus amigos,

que a solução para os problemas da vida seja matar os outros em um campo de batalha. E, no entanto,

ao mesmo tempo ele sabe que seu caminho atual não demonstra qualquer virtude, também. Então qual

seria o sentido de tudo? O que faz a vida de homem ser considerada digna?

Godfrey se levanta, cambaleando, percebendo o quanto ele tinha bebido ao perceber sua falta de

equilíbrio. Ele agora precisa de outra bebida, e o barman se encontra do outro lado do bar, para onde

Godfrey se dirige.

Assim que Godfrey encontra um novo lugar, do outro lado da taverna, ele ouve duas vozes

sussurrando atrás dele. Ele olha por cima do ombro e vê dois soldados McCloud juntos, falando em

tom conspiratório.

"Quando é que vamos partir?" Pergunta um deles.

"Antes que o sol se ponha," responde o outro. "Eles estão se reunindo neste momento."

"Quem vai participar?"

O outro se inclina para perto.

"Quem não vai? Contaremos com todos os homens McCloud. A estrada é de mão única, e os

MacGil estão em sua peregrinação. Mancharemos os portões da Corte do Rei com sangue."

Godfrey sente os cabelos em seu braço se arrepiarem. Ele se vira e olha para frente, fingindo que

não tinha ouvido nada.

Godfrey lenta e calmamente pega sua nova bebida do atendente e caminha de volta pela taberna

como se não tivesse ouvido nada.

Ele vai até Akorth e Fulton, com mãos trêmulas. Ele se inclina entre os dois,

tentando ser ouvido

no meio de suas risadas.

"Sigam-me, *agora,"* ele diz em voz baixa e com urgência, "se quiserem permanecer vivos."

Godfrey não espera por uma resposta, e continua andando em linha reta até a porta, torcendo para

que ninguém esteja olhando para ele. Akorth e Fulton o seguem de perto.

Eles saem na tarde nublada, e em meio ao ar fresco, Godfrey se permite entrar em pânico ao se

virar e encarar seus amigos, que olham para ele com uma expressão confusa. Antes que eles comecem

a falar, ele começa:

"Eu ouvi algo preferiria não ter escutado," ele afirma. "Os McCloud estão preparando uma

rebelião, e nenhum MacGil sobreviverá."

Godfrey fica ali, cambaleando, debatendo sobre como agir, completamente bêbado e sem

equilíbrio. Finalmente, ele se vira e caminha em direção ao seu cavalo.

"Onde você está indo?" Pergunta Akorth, arrotando.

"Preciso fazer algo a respeito disso," Godfrey responde e, então, chuta seu cavalo e parte a

galope, sem ter ideia do que estava fazendo, mas sabendo que algo precisava ser feito.

*

Godfrey desmonta no ponto mais alto das Highlands, seguido por Akorth e Fulton que cavalgam

atrás dele. Ele precisava chegar à um lugar alto para conseguir ver o que queria, para ver por si

mesmo se o que ele tinha ouvido era verdade, ou apenas a conversa de dois bêbados.

Godfrey respira com dificuldade enquanto corre em direção o topo, sem fôlego, e Akorth e Fulton

correm ao lado dele, arfando, quase incapazes de acompanhá-lo. Godfrey sabe que ele está fora de

forma, mas aqueles dois estão ainda piores do que ele. Enquanto corre, o ar fresco da montanha o

ajuda a lentamente voltar de seu estupor alcoólico.

"Onde você está indo agora?" Akorth grita, correndo atrás dele.

"O que deu em você?" Fulton dispara.

Godfrey ignora os dois, tropeçando e caindo enquanto corre cada vez mais, até que, finalmente,

ofegante, ele chega ao topo.

A visão confirma seus piores temores. Diante dele, reunidos em um cume distante das Highlands,

está um grande e bem organizado exército de soldados McCloud, todos reunidos e se preparando

para o que seria claramente um ataque organizado. Mais homens chegam a cada minuto, e o coração

de Godfrey se sobressalta quando ele percebe que seus piores temores se tornariam realidade: todos

aqueles homens pretendiam lançar um ataque às Highlands, diretamente no coração da Corte do Rei.

Normalmente, a Corte do Rei não teria nada a temer; mas considerando que aquele é o Dia de

Peregrinação, todos os cavaleiros que protegem a Corte do Rei certamente estariam ausentes. Os

McCloud tinham planejado bem aquele ato de traição; não haveria muitas pessoas cuidando da

defesa da cidade, e sua irmã estaria em perigo, juntamente com o seu novo sobrinho.

Godfrey fica ali, ofegante, e sabe de deveria fazer alguma coisa. Ele precisa chegar à Corte do

Rei antes daqueles homens, e precisa avisar Gwendolyn. Godfrey não é um lutador, mas também não

é um covarde.

O primeiro pensamento de Godfrey é enviar um falcão, mas ele vê que a falcoaria está

vazia. Claramente, os McCloud tinham planejado bem aquilo, tirando-lhes todos os meios de

notificar a Corte do Rei. Eles também tinham sido muito astutos se rebelarem no Dia de

Peregrinação, e devem ter tido bastante tempo para planejar aquilo. Godfrey se pergunta se eles

atacariam Bronson, também, e tem o terrível pressentimento de que o fariam.

"Temos que detê-los," Godfrey diz para si mesmo.

Akorth abafa uma risada.

"Você está louco? Nós três - *impedi-los?* "

"Eles atacarão a Corte do Rei sem que ninguém perceba. Minha irmã está lá, e eles vão matá-la."

Fulton balança a cabeça.

"Você está louco," ele diz. "Não há nenhuma maneira de chegarmos à Corte do Rei – a não ser se partirmos agora e galoparmos durante toda a noite, orando a Deus para chegarmos antes que esses

homens matem todos nós."

Godfrey fica parado com as mãos nos quadris, arfando e olhando para o nada. Então ele parecer

chegar a uma decisão.

"Então, isso é exatamente o que precisamos fazer."

Os dois se viram para ele.

"Você *está* louco," diz Akorth.

Godfrey sabe que aquilo é uma loucura, e não consegue entender sua decisão; apenas um

momento atrás ele estava protestando contra batalha, contra o cavalheirismo. No entanto, agora que

ele se via confrontado por aquela circunstância, ele se vê reagindo exatamente da mesma

maneira. Pela primeira vez, Godfrey começa a entender o que Illepra havia tentado lhe dizer. Ele está

pensando nos outros, não em si mesmo, e isso o faz se sentir melhor a respeito de si mesmo, como se

sua vida finalmente tivesse um senso de propósito.

"Pense bem," Fulton fala. "Você vai morrer nesta missão. Você pode salvar a sua irmã, e alguns outros. Mas você estará morto."

"Eu não estou pedindo para você se juntar a mim," Godfrey responde, montando em seu cavalo,

agarrando suas rédeas e se preparando para partir.

"Godfrey, você *é* um tolo," afirma Fulton.

Fulton e Akorth olham para Godfrey em estado de choque e, pela primeira vez, com um novo

olhar – algo parecido com respeito. Eles baixam a cabeça envergonhados, e fica claro que eles não

pretender acompanha-lo.

Godfrey chuta seu cavalo, e sai galopando encosta abaixo, sozinho, à frente do exército McCloud

que se reúne e preparado para galopar até a Corte do Rei para salvar a vida de sua irmã.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Srog senta na velha escrivaninha de carvalho no antigo forte de Tirus, tentando se concentrar

enquanto escreve uma missiva para Gwendolyn. Aquela é mais tarde nublada nas Ilhas Superiores, e

uma névoa espessa paira no céu do lado de fora de suas janelas, deixando o dia escuro como

sempre. Srog não suporta ficar naquele lugar por nem mais um dia.

Ele leva as mãos à cabeça, tentando se concentrar. Mas ele está tendo dificuldades, pois por um

bom tempo, seu trabalho é interrompido pelo barulho, gritos perturbadores - parecidos com gritos de

guerra, vindo de algum lugar distante abaixo. Srog tinha ido até as janelas várias vezes para tentar ver

o que estava acontecendo, mas sua visão tinha sido impedida pela névoa.

Srog tenta ignorar o barulho, que é, provavelmente, apenas mais alguma disputa do clã, ou alguma

discussão entre os vendedores no pátio abaixo. Talvez o barulho viesse de uma das tabernas, com

seus patronos barulhentos saindo para a rua envolvidos em outra briga de bar.

Mas, quando Srog volta a escrever, tentando colocar em palavras a profundidade de sua tristeza

ali, as vaias da multidão continuam, cada vez mais fortes, até que Srog finalmente percebe que está

distraído demais para pensar.

Ele coloca sua pena na escrivaninha em frustração, se levanta e atravessa a sala novamente, indo

para a janela aberta e enfiando a cabeça para fora, determinado a descobrir a fonte de todo aquele

barulho. Claramente, alguma coisa está acontecendo lá fora. Seria algum tipo de celebração? Algum

tipo de protesto? Naquela ilha de descontentes, nunca se sabe.

De repente, a enorme porta de madeira do quarto de Srog se abre, assustando-o. É a primeira vez

que sua porta é aberta sem sua permissão, e Srog se vira, surpreso, ao ver um de seus mensageiros

correndo em sua direção com os olhos arregalados de medo.

"Meu senhor, você deve deixar o forte imediatamente! Fomos invadidos! Estamos cercados!"

Srog olha para o homem, confuso, tentando entender o que ele estava dizendo. Cercados?

O mensageiro corre e agarra o pulso de Srog.

"Fale com calma, homem," Srog ordena. "Eu tenho que ir embora? Por quê? Quem nos cercou?"

Srog ouve outro grito, agora vindo de dentro do forte, e de repente ele percebe que algo está

errado, muito errado - e muito mais perto do que ele pensava.

"São os homens de Tirus!" O mensageiro responde. "Houve uma rebelião na ilha. Tirus foi

libertado! Eles estão vindo para matar você agora!"

Srog olha de volta para ele, chocado.

"Uma rebelião?" ele pergunta. "Provocada por quê? E o que aconteceu com

nossos homens?"

O mensageiro balança a cabeça, tentando recuperar o fôlego.

"Eles mataram todos os nossos homens! Não há ninguém para ficar de guarda para você. Você não

ouviu? Um barco chegou com um corpo morto, era o filho de Tirus, Falus. Ele foi morto pelas mãos

de Reece - ele provocou essa rebelião. Toda a ilha está em pé de guerra. Meu senhor, você tem que

entender. Você não tem muito tempo."

De repente, o mensageiro agarra Srog colocando ambas as mãos em seus ombros, olha para ele

com os olhos arregalados, e se inclina na direção de seus braços, como se fosse abraçá-lo.

Srog fica confuso, até que ele vê o sangue na boca do mensageiro. O homem cai morto em seus

braços, e quando ele desliza para o chão, Srog vê uma faca de arremesso alojada nas costas dele.

Srog olha para cima e vê, entrando no quarto, cinco soldados de Tirus avançando na direção

dele.

Srog, com o coração batendo furiosamente, sabe que não conseguiria fugir. Ele está encurralado –

tinha sido emboscado. Srog pensa câmara secreta escondida no quarto, a saída que ele poderia usar,

construída na parede de pedra precisamente para momentos como aquele. Mas isso não é quem ele

é. Ele era um cavaleiro, e não pretende fugir. Se ele estiver indo ao encontro da morte, ele iria

encontrá-la de frente, com a espada na mão, de frente para o seu inimigo. Ele lutaria para abrir

caminho ou morreria tentando.

E essa é exatamente o tipo de situação que ele gosta.

Srog dá um grande grito de guerra e, sem esperar por eles, parte para o ataque. Ele saca a espada,

segurando-a diante de si, e quando o soldado pega outra faca de arremesso e se prepara para jogá-la,

Srog corre para a frente e golpeia sua espada, cortando o pulso do homem antes que ele pudesse

atacá-lo. O soldado cai no chão, gritando.

Srog não para, e balança sua espada repetidas vezes, mais rápido do que todos eles, decapitando

um e esfaqueando outro através do coração. Anos de combate o tinham deixado sem medo de

emboscadas, ensinando-o a nunca hesitar, e Srog derruba três homens em um piscar de olhos.

Os outros dois homens se aproximam dele por trás, e Srog rapidamente gira e bloqueia seus

golpes com a sua espada, lutando contra ambos de uma única vez. Srog está fazendo um trabalho

magistral de lutar contra dois atacantes de uma só vez, mesmo enquanto ele recua pelo quarto. O

barulho de metal ecoa pelas paredes de pedra ao mesmo tempo em que os homens gemem, lutando

por suas vidas.

Srog finalmente encontra uma abertura, levanta o pé, e chuta um deles no peito. O homem

cambaleia para trás e cai, e Srog vira e dá uma cotovelada no outro na lateral da mandíbula,

deixando-o de joelhos.

Srog fica satisfeito ao ver seus cinco atacantes esparramados no chão, mas antes que possa

terminar de avaliar os danos, ele de repente sente uma dor aguda nas costas.

Srog, exposto enquanto lutava contra os outros, não nota quando um sexto soldado entra no quarto

e, aproximando-se atrás dele, esfaqueia suas costas. Gemendo de dor, Srog ainda consegue juntar

forças; ele se vira, agarra o homem, e dá uma cabeçada nele, quebrando seu nariz e fazendo-o cair no

chão.

Em seguida, Srog estica o braço e segura o punho da espada curta alojada em sua coluna,

retirando-a de suas costas.

Srog grita com a dor torturante e cai de joelhos. Mas pelo menos ele tinha conseguido retirar a

espada, e agora ele agarra seu punho, se levanta e enfia a espada com força no coração de seu

atacante.

Srog, gravemente ferido, se apoia em um joelho e tosse, cuspindo sangue. Há uma pausa

momentânea na batalha, mas agora ele percebe que, com aquela lesão, não lhe resta muito tempo.

Ele ouve o som de outro soldado correndo para o quarto, e Srog se força a ficar e enfrentá-lo,

apesar da dor. Srog não sabe se terá força para levantar a espada novamente,

mas fica muito aliviado

ao ver que é Matus, o filho mais novo do rei, correndo em direção a ele. Matus corre para dentro do

quarto, e fecha as portas, colocando as barras no lugar.

"Meu senhor," diz Matus, virando e correndo em direção a ele. "Você está ferido."

Srog assente, ajoelhado novamente devido à dor insuportável e a sensação de fraqueza.

Matus corre e agarra seu braço.

"Você tem sorte de estar vivo," Matus declara rapidamente. "Todos os homens que estavam no castelo estão mortos. Eu estou vivo apenas porque eu sou um compatriota. Eles vão te matar, você

precisa ir para um lugar seguro!"

"O que você está fazendo aqui, Matus?" Disse Srog, fraco. "Eles vão matar você se descobrirem que você está me ajudando. Vá, e salve-se."

Matus balança a cabeça.

"Não," ele diz. "Eu não vou deixá-lo aqui sozinho."

De repente, eles ouvem uma pancada na porta, o som de homens tentando entrar.

Matus olha para Srog, o medo evidente em seu olhar.

"Não temos tempo. Temos de sair! Agora!"

"Eu vou ficar e lutar," responde Srog.

Matus balança a cabeça.

"Há muitos homens lá fora, e você certamente será morto. Viva, e lute outro dia. Venha comigo."

Srog finalmente concorda, por respeito a Matus, para certificar-se de que o garoto viva, e

também por saber que ele não seria capaz de resistir a mais um confronto.

Eles atravessam a sala em direção à a passagem secreta escondida na parede de pedra, e Matus

apalpa a parede com as mãos. Ele finalmente encontra uma pedra um pouco mais flexível do que as

outras e a puxa, e quando ele faz isso uma abertura estreita aparece na pedra, apenas grande o

suficiente para que eles entrem.

O barulho do lado de fora da porta fica mais alto, e Matus agarra Srog quando ele parece hesitar.

"Você não vai ser capaz de ajudar Gwendolyn se estiver morto," diz Matus.

Srog concorda e permite que Matus o arraste para dentro, e ambos se escondem na escuridão

quando a parede de pedra se fecha diante deles. Assim que eles entram, há um estrondo atrás deles, o

som da porta se abrindo, e dezenas de homens correm para dentro do quarto. Eles continuam

andando, caminhando mais fundo no corredor, guiados por Matus até um lugar seguro. Srog está

mancando, sem saber quanto tempo de vida ainda lhe resta – e sabendo que as Ilhas Superiores e o

Anel nunca mais seriam os mesmos.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Gwendolyn está sentada no antigo escritório de seu pai, lendo mais uma pilha de pergaminhos,

lentamente cuidado dos assuntos do reino. Gwen gosta de passar um tempo ali, no escritório do pai,

onde ela ainda se sente ligada a ele. Ela costumava passar incontáveis dias ali quando ainda era uma

menina, cercada pelas paredes escuras forradas com os antigos livros que seu pai havia adquirido em

todos os cantos do reino, e que lhe faziam companhia. Na verdade, quando ela tinha reconstruído a

Corte do Rei, ela tinha feito questão de fazer daquele escritório um ponto central do castelo, e o

restaurado ao seu antigo esplendor. Ele é mais bonito agora do que jamais tinha sido, e Gwen

gostaria de ver a reação de seu pai se ele pudesse vê-lo depois da reforma. Ela sabe que ele teria

ficado emocionado.

Gwen olha para os pergaminhos, e tenta voltar ao trabalho de governar o seu reino, tentando fazer

as coisas voltarem ao normal. No entanto, ela sabe que nada está sequer perto da normalidade. Ela

mal consegue se concentrar; ela se sente instável por dentro, e oprimida de tristeza pela partida de

Thor e pelas lembranças da morte de Selese que insistem em invadir sua mente.

Gwen finalmente deixa os pergaminhos na escrivaninha, esfrega os olhos e massageia as

têmporas Ela suspira, seus olhos turvos pelo excesso de leitura. Governar o Anel é um trabalho

interminável, e não importa quantos pergaminhos ela leia, sempre há mais por vir. O dia está

terminando, e ela tinha passado a noite acordada ao lado de Guwayne, sentindo-se mais sozinha do

que nunca com a ausência de Thor. Ela não está mais conseguindo pensar com clareza, e percebe que

precisa de um descanso.

Gwen se levanta da mesa de seu pai e atravessa a grande porta arqueada que dá acesso à varanda

de pedra. É um belo dia de verão, e ela se sente bem por estar ao ar livre, sentindo a brisa suave que

assopra e respirando um pouco de ar puro. Ela olha para baixo ao longo da Corte do Rei, para todas

as pessoas se movendo alegremente abaixo dela. Na superfície, tudo parece bem; mas por dentro,

Gwen está tremendo.

Gwen olha para os enormes estandartes que ela tinha encomendado para serem pendurados a

meio mastro em homenagem a Selese batendo levemente ao vento. As lembranças do funeral ainda

pairam sobre a mente de Gwen - assim como o cancelamento de seu próprio casamento. Ela se sente

abalada desde a morte de sua nova amiga, e se por seu dia de alegria – para o qual ela havia se

preparado durante várias luas – ter sido transformado tão de repente em um dia de tristeza. Gwen está

começando a se perguntar se alguém ficaria em sua vida permanentemente. Ela também se pergunta se

ela e Thor um dia se casariam; uma parte dela se pergunta se eles deveriam apenas fugir e se casarem

sozinhos, em algum lugar recluso, longe dos olhos de todos. Ela não se importa com pompa e

circunstância; tudo o que ela quer é se casar com ele.

Gwen não sente vontade de qualquer comemoração. Ela se sente mal desde o ocorrido com

Selese, o sofrimento de seu irmão e todo aquele trágico desencontro de

informações. Ela já havia

percebido que Reece nunca mais seria o mesmo, o que a assusta. Uma parte dela sente que ela tinha

perdido um irmão; eles tinham sido muito próximos durante toda a sua vida – e sempre havia

admirado a maneira feliz, alegre e despreocupada com que ele encarava a vida, e ela nunca o tinha

visto tão feliz quando ele tinha sido ao lado de Selese.

E agora, ela pode ver nos olhos de Reece que ele nunca mais seria o mesmo – e que ele culpa a si

mesmo por tudo que havia acontecido.

Gwen não consegue evitar a sensação de que, uma a uma, todas as pessoas que ela ama estão

sendo tiradas dela. Ela olha para o céu e pensa em Thor, se perguntando o que ele estaria fazendo

naquele momento, quando ele voltava para ela - *se* um dia ele voltasse.

Felizmente, pelo menos, Gwen tem Guwayne. Ela passa quase todas as horas com ele, segurando

seu filho contra o peito e valorizando o dom precioso da vida a cada segundo. Ela se via chorando

sem motivo, pensando constantemente na fragilidade da vida, e reza para todos os deuses que ele

conhece para que nada de ruim aconteça com ele.

Pela primeira vez em muito tempo, Gwen se sente instável, vulnerável, sem saber o que fazer a

seguir. Toda a sua vida, durante as últimas luas, tinha girado em torno de seu casamento, e agora, sem

aviso, tudo tinha mudado. Gwen não consegue evitar a sensação de que a

tragédia com Selese tinha

sido apenas o começo, tendo o constante pressentimento de que coisas horríveis estão prestes a

acontecer.

Gwen se assusta ao ouvir uma batida repentina na porta do escritório de seu pai, e o batente de

ferro batendo na porta lhe causa um arrepio, como se estivesse confirmando seus pensamentos

terríveis.

Gwen se vira e caminha de volta ao escritório – mas sem esperar por sua resposta, a porta se

abre sozinha. Apressado, Aberthol entra no quarto, seguido por Steffen e vários outros atendentes,

seus rostos sérios, com expressões de urgência. Aberthol segura um pergaminho, e atravessa o

escritório indo diretamente até Gwen. Ao vê-los, ela sente um buraco no estômago; ela sabe que o

que quer que fosse, deveria ser muito, muito sério. Nenhum daqueles homens entraria no escritório de

seu pai sem ser convidado a menos que se tratasse de uma questão de vida ou morte.

"Minha senhora," diz Aberthol, curvando-se com os outros ao se aproximar dela, um tom de

urgência em sua voz. "Perdoe-me a interrupção, mas eu trago notícias urgentes."

Ele faz uma pausa, e Gwen percebe que ele está hesitando, e se prepara para o que quer que seja.

"Diga logo," ela ordena.

Aberthol engole em seco, estende o pergaminho com a mão trêmula para que

Gwen possa pegá-

lo.

"Parece que o filho mais velho de Tirus, Falus, foi assassinado. Ele foi encontrado morto em seu

navio esta manhã. E todos os fatos apontam que o assassinato foi cometido pelas mãos de seu irmão,

Reece."

Gwen sente seu sangue gelar quando ouve a notícia. Ela segura o pergaminho e olha para

Aberthol, sem precisar abri-lo, sem querer ler mais uma mensagem. Lentamente, ela processa as

palavras de Aberthol, e consegue visualizar as ramificações de seus atos.

"Reece?" Pergunta Gwen, tentando processar tudo.

Aberthol assente.

Ela deveria ter previsto isso. Reece estava louco de dor, desesperado por vingança; como ela foi

estúpida em não controlá-lo.

A mente de Gwen se aflige ao considerar todas as implicações – o filho mais velho de Tirus,

morto. Ela sabe que os filhos de Tirus são amados pelos habitantes das Ilhas Superiores, e percebe

que a notícia provavelmente já tinha se espalhado. Quem poderia prever que atitudes eles

tomariam? Ela sabe que não seria nada bom, e que o quer que fosse, poderia arruinar seus esforços

para unir as duas famílias MacGil.

"Há mais, minha senhora," continua Aberthol. "Temos recebido relatos de que rebeliões

eclodiram nas Ilhas Superiores. Eles destruíram a metade de sua frota, minha senhora, e Tirus foi

libertado."

"Libertado?!" Gwen pergunta, horrorizada.

Aberthol assente.

"É ainda pior, minha senhora. Eles emboscaram o castelo de Srog e ele foi gravemente

ferido. Enquanto falamos, ele está sendo mantido em cativeiro. Eles mandaram dizer que eles vão

matar Srog e destruir o restante de sua frota, se não fizermos algo pela morte de Falus."

O coração de Gwen bate acelerado; aquilo é como um pesadelo que se desenrola diante dela.

"O que eles esperam que eu faça?" Pergunta Gwen.

Aberthol pigarreia.

"Eles querem que Reece vá até as Ilhas Superiores e peça desculpas a Tirus pessoalmente pela

morte de Falus. Só então eles vão soltar Srog, e garantir a paz."

Gwen involuntariamente bate com o punho na mesa de seu pai, o mesmo gesto que ele costumava

fazer quando estava chateado. Ela está ardendo de frustração; todos os seus planos cuidadosamente

elaborados tinham sido destruídos pela ação impensada de seu irmão, que impulsivamente havia

assassinado Falus. Agora Srog, seu emissário de confiança, tinha sido ferido, estava sendo mantido

como refém e metade de sua frota tinha sido destruída. Eles eram sua responsabilidade, e ela sente

que a culpa recai sobre ela.

E, no entanto, ao mesmo tempo, Gwen se lembra da profecia de Argon sobre a invasão do Anel, e

sabe que não poderia abandonar as Ilhas Superiores. Ela precisa de um lugar de refúgio, agora mais

do que nunca. O que Reece tinha desencadeado é a pior coisa que poderia acontecer no pior momento

possível.

Gwen não pode abandonar Srog, tampouco - ou sua frota. Ela tem que fazer o que for preciso para

fazer as pazes, para trazer a paz para seu reino. Especialmente se tudo o que for necessário é apenas

um pedido de desculpas.

"Eu quero ver o meu irmão," diz Gwen friamente, endurecendo.

Aberthol assente.

"Eu sabia que você diria isso, minha senhora. Ele espera lá fora."

"Tragam-no," ela ordena. "E o resto de vocês, deixe-nos a sós."

Aberthol e os outros se curvam e saem correndo da sala.

Enquanto eles caminham para fora, Reece entra, sozinho, com os olhos injetados de sangue, frio a

enlouquecido pela, parecendo em nada com o irmão que Gwen tinha conhecido durante toda a sua

vida.

"Feche a porta atrás de você," Gwen ordena com a voz de uma rainha, e não de uma irmã, tão fria e dura quanto a expressão no rosto de Reece.

Reece estende a mão e bate a porta de carvalho do antigo escritório de seu pai, e Gwen se

aproxima dele ao mesmo tempo em que ele avança para cumprimentá-la.

Ao se aproximarem um do outro, Gwen, furiosa com Reece por ter colocado seu reino naquela

confusão, estende a mão e bate com força no rosto de Reece. É a primeira vez em sua vida que ela faz

algo assim, e o som ecoa por todo o quarto.

Reece olha para ela, chocado.

"Como se atreve a me desafiar!" Gwen fala para ele, com fúria em sua voz.

Reece a encara, e seu choque se transforma em raiva - suas bochechas começam a ficar

vermelhas.

"Eu nunca desafiei você!"

"Não?!", ela grita. "Você acha que matar nosso primo - um MacGil, filho de Tirus, um dos líderes de fato das Ilhas Superiores - é algo que você tinha a liberdade de fazer livremente, sem o meu

comando?"

"Ele mereceu aquilo - e muito mais!"

"Eu não me importo se ele merecia isso!" Gwen grita, com o rosto ardendo de raiva. "Eu tenho um reino para governar! Há muitos homens que merecem morrer e mesmo assim eu não ordeno suas

mortes. Você pode ser dar esse luxo, e não eu."

"Então você pretende sacrificar a justiça em nome da política?" Reece pergunta.

"Não me fale de justiça," diz Gwen. "Muitos de nossos homens - bons homens - morreram nas

Ilhas Superiores hoje por causa de suas ações. E o que você diz quanto a justiça para eles?"

"Então mataremos as pessoas que os mataram, também."

Gwen balança a cabeça, frustrada além do que ela acreditava ser possível.

"Você pode ser um bom guerreiro," ela diz, "mas você não sabe como governar um reino."

"Você deveria ficar ao meu lado," Reece protesta. "Você é minha irmã."

"Eu sou sua *rainha,"* corrige Gwen.

O rosto de Reece caiu em surpresa.

Eles ficam parados ali, um de frente para o outro em meio ao silêncio, Gwen respirando com

dificuldade, sentindo-se privada de sono, e sobrecarregada com emoções conflitantes.

"O que você fez afeta o estado, afeta o Anel e a segurança de todos nós," continua ela. "Srog está ferido. Ele agora está à beira da morte. Metade da minha frota foi destruída. Isso significa que

centenas de nossos homens foram mortos. E tudo isso é consequência de suas ações precipitadas."

Reece enrubesce.

"Eu não comecei essa guerra," ele diz, *"* foram *eles* que fizeram isso. Falus conseguiu o que merecia, ele me traiu; ele nos traiu."

"Você se traiu," corrige Gwen. "Falus não a matou, ele apenas lhe deu a notícia; notícias em parte verdadeiras, consequência de suas ações. Pode ter sido hipócrita, e merecia uma punição, ou até

mesmo a morte, mas você deve reconhecer o seu papel neste processo. E você tem que perceber que

puni-lo não era sua responsabilidade - certamente não sem minha autorização."

Gwendolyn se vira e atravessa a sala, precisando clarear sua mente.

Ela chega até a mesa de seu pai, e joga todos os livros, derrubando-os no chão com um grande

estrondo e levantando uma nuvem de poeira. Ela grita de frustração.

No silêncio tenso que se segue, Reece não se move e fica olhando para ela. Gwen suspira e vai

até a janela e olhando para fora, respirando fundo e tentando manter a calma. Uma parte dela sabe

que Reece tinha razão. Ela também odeia os MacGil, e adorava Selese. Na verdade, uma parte dela

admira o que seu irmão tinha feito, e está feliz que Falus tinha sido morto.

Mas como rainha, o que ela quer ou admira não importa; ela precisa governar com equilíbrio.

"Eu não te entendo," Reece finalmente fala, quebrando o silêncio. "Você amava Selese tanto quanto eu. Será que você também não anseia por vingança pela morte dela?"

"Eu a amava como uma amiga," Gwen responde, mais calma. "E como minha futura cunhada."

Ela suspira.

"Mas, como uma rainha, eu preciso equilibrar a vingança com o julgamento. Eu não mataria um

homem se isso resultasse em centenas de outros homens mortos. Também não posso permitir que

você o faça – independentemente de ser meu irmão ou não."

Ela fica parada, com a cabeça inclinada enquanto sua mente fervilha.

"Você me colocar em uma situação difícil" continua ela. "Eu não posso permitir que Srog seja morto, ou qualquer um dos meus outros homens. Além do mais, o resto da minha frota é muito

valiosa, e eu não posso abandonar as Ilhas Superiores, por razões que desconhece."

Ela suspira, pensando em tudo aquilo.

"Eu vejo apenas uma solução," ela completa, virando-se para o irmão. "Você vai viajar para as Ilhas Superiores imediatamente, e pedir desculpas a Tirus."

Reece engasga.

"Eu NUNCA farei isso!" Exclama Reece.

Gwen endurece.

"SIM, VOCÊ VAI!" Gwen grita de volta, duas vezes mais alto, com o rosto vermelho de raiva. É

um grito que também a deixa assustada - a voz de uma rainha enfurecida, uma mulher poderosa. É a

voz de seu pai renascida dentro dela.

No entanto, Reece, seu irmão, também carrega a voz de seu pai. Eles ficam ali, no escritório de

seu pai, encarando-se com a força de seus pais, com igual força de vontade.

"Se você não fizer isso," ela diz, "Serei forçada a prendê-lo por suas ações criminosas."

Reece olha para ela, e seu rosto cai em descrença.

"Aprisionar-me? Seu próprio irmão? Por ter feito justiça?"

Ele olha para ela com um olhar de dor, um olhar que diz que ela o tinha traído.

"Você é meu irmão," ela fala, "mas primeiro você é meu súdito. Você vai fazer o que eu

digo. Saia da minha frente, e não volte até que você tenha se desculpado."

Reece, de boca aberta em choque, a dor e angústia estampadas em seu rosto, encara a irmã, sem

palavras. Ela gostaria de demonstrar compaixão por ele, mas não lhe resta compaixão suficiente para

isso.

Lentamente, Reece se vira, caminha até a porta como se estivesse em transe e sai, batendo-a atrás

dele.

Gwen fica ali em silêncio, desejando estar em qualquer outro lugar do mundo, exceto ali, e

querendo ser qualquer outra pessoa, qualquer uma, exceto a rainha.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Erec galopa em seu cavalo branco, com Alistair na garupa com as mãos ao redor de sua cintura,

sentindo-se mais realizado do que nunca em toda a sua vida. Ali está ele, viajando rumo ao Sul, em

direção à sua terra natal, acompanhado de Alistair e, finalmente, depois de todos aqueles anos,

prestes a voltar para sua terra natal, para se reunir com sua família. Erec mal pode esperar para

apresentar Alistair a sua família, para seu povo, e também para se casar com ela. Conhecer Alistair

tinha sido a melhor coisa que poderia ter acontecido com ele, e ele não consegue imaginar sua vida

sem ela, nem por um minuto. Ele havia ficado muito feliz quando ela tinha decidido acompanhá-lo.

Enquanto se aproximam cada vez mais do Sul, como já faziam há dias, Erec pode sentir o ar

ficando mais pesado com a umidade e a brisa do oceano, e sabe que eles estão chegando cada vez

mais perto da costa. Seu coração acelera - ele sabe que ao virar da curva eles veriam as falésias, o

mar e o navio que espera por ele, para levá-los para sua terra natal. Erec não visitava sua terra natal

desde que ainda era um menino, e fica emocionado por finalmente ter a oportunidade de voltar. Ele

sentia falta de sua família e, acima de tudo, anseia em ver seu pai antes que ele

morresse, e espera

que eles consigam chegar a tempo.

Enquanto Erec avança, ele sente um misto de emoções em relação ao Anel. Afinal de contas, o

Anel tinha se tornado sua casa. Ele tinha sido levado até ali quando ainda era jovem, e tinha

conseguido se tornar o maior cavaleiro do reino; o Rei MacGil tinha sido como um segundo pai para

ele. Ele tinha sido levado para ser criado na Corte do Rei como se fosse sua própria casa. Ele tinha

sido criado com a irmandade da Prata e, atrás dele, Erec pode ouvir o barulho de suas esporas - uma

dúzia deles o acompanha em um gesto de respeito. Eles são verdadeiros irmãos para ele, e uma parte

de Erec se sente culpado em deixá-los, em deixar o Anel desprotegido.

Mas, ao mesmo tempo, Erec sabe que está deixando o Anel em boas mãos, com Kendricke todos

os outros ainda dedicados em protegê-lo. Ele também sabe que o Anel está mais forte do que nunca,

com todas as suas fortalezas e castelos reparados, o Canyon protegido, o Escudo ativado, e pontes e

fortes fortalecidos. E acima de tudo, Ralibar está lá para vigiá-lo. Abandonar o Anel tinha sido

doloroso, mas, pelo menos, Erec se sente confiante que o Anel está inexpugnável - e, se houvesse um

bom momento para retornar à sua terra natal, agora, - com o seu pai à beira da morte e sua promessa

de casar com Alistair entre seu povo, seria o momento certo.

Finalmente, ao chegarem ao topo de uma colina, todos param e olham para a paisagem diante

deles. Erec vê as dramáticas ondas do Oceano Austral e, embaixo dos penhascos, enormes nuvens de

espuma formadas quando as ondas se encontram com a encosta.

Erec observa as margens, procurando encontrar o enorme navio que os levaria para casa

esperando por ele na costa.

No entanto, quando todos os cavaleiros param ao lado dele, Erec olha para baixo, perplexo.

Seu navio não está onde ele esperava encontra-lo.

Erec, confuso, examina a costa de um lado ao outro.

"Não pode ser," ele fala para si mesmo.

"O que aconteceu, meu senhor?" Um dos cavaleiros pergunta.

"O nosso navio," ele responde. "Ele não está aqui."

Erec monta em seu cavalo, querendo saber o que tinha acontecido, como aquilo poderia ser

possível. Não há como chegar em casa sem ele. Será que eles teriam que voltar?

Ele sabe que existe apenas uma maneira de descobrir - eles teriam que descer e ver por si

mesmos.

Erec chuta seu cavalo, e eles descem os penhascos íngremes, com trilhas sinuosas cortadas na

rocha, dando voltas e mais voltas até que finalmente chegarem até a costa.

Eles andam pela areia até a borda da água, e Erec olha para a esquerda e para a direita,

procurando qualquer sinal do navio. Ao longe, à sua esquerda, ele vê outro navio,

mas ele tem velas

de cores diferentes, pretas e verdes, que ele não conhece. Ele sabe apenas que aquele não é o seu

navio.

"Eu não entendo," Erec diz. "O navio que meu pai enviou deveria estar aqui, onde deveríamos encontrar com eles. Eu não sei o que poderia ter acontecido."

"Ele se foi!" diz uma voz.

Erec se vira e vê um homem grande com um queixo barbado e um pouco careca, que parece um

dia ter sido um guerreiro, mas que agora parece um pouco acabado. Ele sai de trás de um penhasco,

ladeado por vários homens com roupas esfarrapadas, marinheiros, e todos eles começam a se

aproximar de Erec.

"Eles partiram há três dias!" O homem grita novamente, à medida que se aproxima. "Eles

esperaram, então devem ter chegado à conclusão que você não viria. Eles voltaram para o lugar de

onde vieram. Aparentemente, você está atrasado."

"Nós tomamos uma rota diferente," um dos cavaleiros de Erec responde. "Pegamos outro caminho na bifurcação da estrada."

Erec balança a cabeça.

"Estamos apenas com três dias de atraso," ele afirma. "Eles deveriam ter esperado."

"Outro grupo chegou ontem," o homem fala, "e eles pagaram mais. Eles tinham um cliente, e

aproveitaram a oportunidade."

Erec enrubesce.

"Eles deram sua palavra ao meu pai. Será que não existe mais honra? " Ele pergunta em voz alta

para si mesmo.

"Onde vocês pretendem ir?" O homem pergunta, chegando mais perto e acendendo um

cachimbo. "Aquele é o meu navio," ele acrescenta, apontando por cima do ombro para o outro navio na costa. "Talvez eu possa levá-los até lá."

Erec olha o homem de cima embaixo, desconfiado. Ele não tem um bom pressentimento, mas olha

na direção do navio, - que claramente já tinha visto dias melhores. O navio é sujo, desgastado e, -

mesmo à distância, parece estar repleto de homens brutos.

"Estamos indo para as Ilhas do Sul," responde Erec. "A minha pátria - e meu pai, o Rei, nos esperam."

"Pelo preço certo, eu poderia levá-los," o homem fala.

"Pelo preço certo?" Um dos cavaleiros de Erec repete, avançando em seu cavalo. "Você não sabe com quem está falando? Este é Erec, um campeão da Prata. Você deve falar com ele com mais

respeito."

O homem olha para ele, sem expressão, imperturbável, enquanto continua fumando calmamente o

seu cachimbo.

"Prata ou não, todo mundo tem um preço," diz o homem com calma. "Sou um homem de negócios, e não tenho nada a ganhar com cavalheirismo."

Erec olha mais uma vez para o navio, debatendo. Ele suspira, percebendo que não tem muitas

opções. Ele precisar visitar seu pai.

"Dinheiro não é problema," afirma Erec. "O que me interessa é a segurança do

seu navio. Eu não colocaria minha mulher em cima de um navio com vazamentos. "

O homem sorri e lança olhar que Erec não gosta na direção de Alistair.

"Meu navio é o mais seguro de todo o mar. Não deixe que sua aparência frágil o engane. Um saco

de ouro, e a viagem é sua. Caso contrário," ele diz, levantando o chapéu, "foi um prazer conversar com vocês."

"Um saco inteiro!" Um dos cavaleiros de Erec grita. "Isso é exorbitante!"

Erec olha o homem de cima embaixo, e pensa muito. Aquilo não é o que ele queria, mas não lhe

resta outra opção. Ele precisa ver seu pai antes que ele morra.

Erec leva a mão à cintura, pega um saco de ouro, e o joga para o homem. Ele acerta o homem no

peito, que pega o saco na mão, abrindo-o com um sorriso satisfeito nos lábios.

"Aí está sua taxa, e muito mais," Erec fala. "Leve-nos até lá rapidamente - e com segurança."

O homem faz uma saudação com um sorriso largo nos lábios.

Erec se vira, desmontando e ajudando Alistais a descer, e abraça seus irmãos.

"Protejam o Anel," diz Erec.

Eles o abraçam de volta.

"Nos veremos novamente em breve, meu senhor," eles respondem.

"Sim, em breve."

Erec pega a mão de Alistair, e juntos eles descem até costa, seguindo o grupo de homens

esfarrapados. No fundo, Erec sabe que há algo de errado, mas ele não consegue descobrir o

que. Enquanto caminha rumo ao navio, segurando a mão de Alistair com

firmeza, ele se vira e olha

para trás, e vê que seus homens já haviam partido. Ele olha de volta para o enorme navio diante

deles, se aproximando cada vez mais, e começa a se perguntar se ele tinha acabado de cometer o

maior erro de sua vida.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Luanda mergulha na nascente fria, sozinha no alto das montanhas das Highlands, como era seu

costume todas as manhãs. Ela joga água fria em seu cabelo, agora mais uma vez comprido, e a

sensação gelada em seu couro cabeludo a faz sentir-se viva, acordada. Isso a faz lembrar que ela não

está em casa, e sim em uma terra estrangeira -no lado errado das Highlands. Uma exilada, que nunca

mais poderia voltar para casa. A água fria a faz pensar no que havia acontecido, como fazia todas as

manhãs, e de certa forma, ela tinha aprendido a apreciá-la. Aquela é sua maneira de se lembrar o que

a sua vida tinha se tornado.

Não há mais ninguém na nascente, rodeada por densos bosques e folhagens, e coberta pela névoa

da manhã. E, apesar de odiar tudo naquele lado das Highlands, Luanda tem que admitir que ela

realmente gosta de ir até ali, naquele lugar que ninguém mais conhece. Ela o tinha descoberto

acidentalmente um dia, em uma de suas longas caminhadas, e tinha vindo até ali todos os dias desde

então.

Quando Luanda lentamente sai da água, ela se enxuga com a toalha de lã fina que ela tinha trazido

e, em seguida, como era seu hábito todas as manhãs, ela pega a longo ramo de ervas que o boticário

lhe dera, e faz xixi em cima dele. Ela coloca as ervas em uma pedra à luz do sol, ao lado da água, e

espera. Ela observa de perto a sua cor verde, como vinha fazendo todos os dias há luas, esperando

que as ervas fiquem brancas. Se isso acontecesse, o farmacêutico havia lhe dito, seria um sinal de

que ela estava grávida.

Todas as manhãs Luanda tinha vindo até ali, e observado as folhas longas e curvas - e todas as

manhãs até então, ela tinha se decepcionado. Ela já havia perdido as esperanças; agora, é apenas uma

questão de rotina.

Luanda está começando a perceber que ela nunca iria engravidar. Sua irmã a venceria nesse

quesito, também. A vida também seria cruel com ela nessa área, como havia sido em todas as outras.

Luanda se debruça sobre a água e olha para seu reflexo. As águas refletem perfeitamente o céu de

verão, as nuvens, os dois sóis, e Luanda reflete sobre as voltas e reviravoltas se sua vida. Alguém

algum dia a tinha realmente amado? Ela já não tem tanta certeza. Ela sabe que ela ama Bronson, e que

ele a ama de volta – e talvez isso deva ser o suficiente, com ou sem filhos.

Luanda recolhe suas coisas e se prepara para sair; então, puramente por hábito, ela olha para o

ramo que descansa sobre a pedra.

Ela fica paralisada, prendendo a respiração.

Ela não pode acreditar: diante dela, sob o sol, o ramo havia ficado branco.

Luanda engasga. Ela leva a mão à boca, com receio de estender a mão para pegá-lo. Ela o levanta

com as mãos trêmulas, e o examina de perto. Ele está branco – branco como a neve, diferente de

todas as outras vezes.

Luanda, apesar de seus esforços, começa a chorar. Ela se desmancha em lágrimas, dominada pela

emoção. Ela se abaixa, levando as mãos ao ventre, e se sente renascer, completamente tomada pela

alegria e felicidade. Finalmente, a vida havia decidido a seu favor. Finalmente, ela teria tudo que

Gwendolyn tinha.

Luanda se vira e deixa a nascente, atravessando a floresta e descendo a colina. À distância, ela já

pode ver o forte onde está seu marido. Ela corre a toda velocidade, com lágrimas escorrendo pelo

rosto, lágrimas de alegria. Ela mal pode esperar para contar-lhe a notícia. Pela primeira vez, desde

que ela consegue se lembrar, Luanda está feliz.

Ela está realmente feliz.

*

Luanda entra no salão do castelo, corre pelos guardas, subindo as escadas de pedra em espiral

três degraus de cada vez. Sem fôlego, ela corre sem parar, morrendo de vontade de ver Bronson. Ela

não pode esperar para ver a reação dele. Ele, Bronson, o homem que ela amava mais do que qualquer

coisa no mundo, e que também tinha passado a sonhar em ter seu próprio filho.

Finalmente, os seus sonhos se tornariam realidade. Finalmente, eles seriam uma família - uma

família completa.

Luanda chega ao final do corredor e entra pelas portas arqueadas, nem mesmo percebendo que

não há guardas ali, que a porta já estava aberta, sem perceber nada do que normalmente costumava

observar. Ela corre para dentro do quarto e para.

Ela fica confusa – há algo de errado ali.

O mundo começa a se mover em câmera lenta em torno de Luanda, enquanto ela olha pela sala, e

lá, no chão de pedra fria, ao lado da porta, ela nota dois corpos. São os guardas de Bronson, ambos

mortos.

Antes que ela possa registrar a cena, Luanda localiza, deitado no fundo da sala, outro corpo. Ela

reconhece a roupa imediatamente: Bronson. Ele está deitado de costas, e não se move. Seus olhos

estão abertos, e ele olha fixamente para o teto.

Luanda sente seu corpo todo tremer violentamente, como se alguém a estivesse partindo em

dois. Ela cambaleia até ele, com joelhos fracos, e cai no chão, ao lado do corpo do marido.

Ela aperta as mãos frias de Bronson e olha para seu rosto azul, com facadas por todo o corpo. E

lenta e certamente, seu mundo se desmorona.

Seu marido. A única coisa que ela ainda amava no mundo. O pai de seu filho. Morto.

Assassinado.

"NÃO!" Luanda chora, uma e outra vez, sacudindo Bronson, como se de alguma forma ela

pudesse trazê-lo de volta. Ela chora sem parar, segurando seu corpo, completamente afogada em

lágrimas.

Luanda precisa de alguém, de alguma coisa, para culpar. Há os McCloud, é claro, que tinham

feito aquilo, e que ela deseja ver mortos. Se apenas Bronson a tivesse escutado, se ele não os tivesse

libertado.

Mas isso não seria o suficiente. Ela precisa culpar mais alguém, a pessoa por trás de tudo isso.

Em sua mente, Luanda pensa apenas em uma pessoa: sua irmã.

Gwendolyn.

Aquilo tudo tinha sido culpa dela. Suas políticas; sua ingenuidade estúpida; tudo aquilo tinha

levado à morte de seu marido. Ela havia arruinado tudo. Ela não só tinha tirado a sua vida, mas a vida

da única pessoa que Luanda amava no mundo.

Luanda grita, fora de si, determinada. Agora, com a morte de Bronson, não há mais nada para ela

no mundo. Tudo o que lhe resta é causar aos outros o mesmo sofrimento que tinham lhe causado.

Ela faria isso.

Luanda se levanta, fria e dura - resolvida. Ela se vira e atravessa o forte com o coração

acelerado. Ela tem uma ideia, algo que arruinaria Gwendolyn de uma vez por todas.

E já está mais que na hora de colocar seu plano em prática.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Kendrick, devastado desde seu encontro com sua mãe, tenta limpar sua mente e aliviar os seus

pensamentos naquele dia santo, enquanto caminha lentamente pela montanha, seguindo a trilha em

círculos suaves e largos, caminhando com centenas dos membros da Prata e soldados em direção à

montanha sagrada, cada um com uma pedra na mão. O Dia da Peregrinação tinha chegado, um dos

dias mais sagrados do ano, e como fazia todos os anos, Kendrick se junta aos seus irmãos de guerra

na caminhada para aquele lugar. Eles tinham passado a manhã no rio, recolhendo as mais seletas

rochas, em seguida, todos tinham iniciado a longa caminhada até a montanha, andando devagar e

abrindo caminho até o topo da montanha, subindo cada vez mais alto.

Quando chegassem ao topo, a tradição seria colocar uma pedra no chão, ajoelhar-se e rezar

pedindo perdão pelos pecados do ano que se passou, e proteção para o ano que se inicia. Aquele é

um dia sagrado para todos aqueles que defendem o reino, e caminhar ao lado da mulher amada era

considerado especialmente auspicioso para os cavaleiros. Kendrick havia convidado Sandara, e ela

tinha concorda em acompanha-lo. Ela caminha agora ao seu lado, também imersa em silêncio.

Por mais que ele tente, é difícil para Kendrick deixar de pensar em seu encontro com a sua

mãe. Apesar das centenas de quilômetros que haviam percorrido desde o encontro, as lembranças

ainda perduram em seu coração. Ele gostaria de nunca tê-la visto; que nunca a tivesse procurado. Em

vez disso, Kendrick preferiria ter vivido com o mistério pelo resto de sua vida, vivendo com a

fantasia de que sua mãe era outra pessoa. Às vezes, ele percebe, a fantasia é mais interessante do que

a realidade. Uma fantasia poderia sustentá-lo, ao passo que a vida real poderia esmagá-lo.

"Você está bem, meu senhor?" Pergunta Sandara.

Kendrick se vira e olha para ela, interrompendo seus pensamentos. Como sempre, a visão dela o

faz esquecer todas as suas preocupações. Ele ama Sandara mais do que ele poderia dizer. Ela é linda,

alta, de ombros largos, pele escura, olhos escuros, e a aparência da raça Império – exótica e muito

diferente de qualquer outra que ele já tinha visto. Ele estende a mão e pega a mão dela enquanto

caminham.

"Eu vou ficar bem," ele afirma.

"Eu acho, meu senhor, você ainda está chateado pelo encontro com a sua mãe," ela fala.

Kendrick morde a língua, sabendo que ela está certa, mas não se sentindo pronto para falar sobre

aquilo.

Sandara suspira.

"Minha mãe era uma mulher impiedosa, fria e cruel," continua ela. "Ela me odiava. Meu pai era um grande guerreiro, e gentil com todos. Eu não sou cruel ou má, como minha mãe costumava ser. Eu

escolhi assumir as características de meu pai."

Ele olha para ela e vê que ela o observa intensamente.

"Você não vê?" Ela diz. "Quem sua mãe ou seu pai foram, não afeta você. Você procura por si mesmo neles, mas você é você mesmo. Para entender quem você é, basta olhar para si mesmo. Seja a

pessoa que você *escolheu* ser. Você escolhe quem você é, moldando-se a cada momento de cada

dia."

Kendrick considera aquelas palavras enquanto caminham, circulando a montanha, e percebe que

elas demonstram uma grande sabedoria. É algo difícil de fazer, mas ele precisa esquecer seus

pais. Ele precisa descobrir quem ele é, independente de quem seus pais tenham sido.

Kendrick já se sente melhor, e olha para Sandara, analisando-a.

"Meus pais nunca se casaram," ele fala. "Eles não passaram a vida juntos. Eu mesmo não gostaria de viver uma vida assim, desejo um dia me casar. Quero ter filhos que me conheçam – filhos que

sejam considerados legítimos. Sandara," diz Kendrick, limpando a garganta, "eu gostaria de me casar com você. Eu sei que eu já lhe disse isso antes. Mas eu

realmente quero que você pense sobre isso,

por favor."

Sandara olha para o chão, e seus olhos se enchem de lágrimas.

"Eu te amo, meu senhor," responde ela. "Eu realmente o amo. Mas eu venho de muito longe, se não houvesse um oceano entre nós, sim, eu me casaria com você. Mas devo voltar para casa, para o

meu povo - no Império. Preciso voltar para aqueles que eu conheço e amo."

"Mas você não está lá," Kendrick declara. "Você está aqui agora, e sua família está escravizado lá."

Sandara dá de ombros.

"É verdade, mas eu prefiro viver como uma escrava em minha terra do que ser livre e viver longe

de meu povo."

Kendrick realmente não consegue entender, mas sabe que teria que aceitar a vontade dela.

"Pelo menos eu estou com você agora, meu senhor," ela diz. "E ainda não vou partir por vários dias."

Kendrick segura a mão de Sandara mais apertado, e se pergunta por que todas as mulheres com

que ele se preocupa em todo o mundo tinham que se afastar dele. Ele sabe que deveria apenas

valorizar o tempo que ele tem com ela agora. Mas o pensamento de sua partida torna isso difícil.

Eles caminham em silêncio, com centenas de outros, até finalmente chegarem ao pico da

montanha. Um sentimento solene e tranquilo paira no ar, evidenciando o momento sagrado, e

Kendrick imediatamente se sente em paz.

Ele se ajoelha na grama do grande planalto e, junto com outros cavaleiros, coloca a pedra sobre

o crescente monte de pedras. Ao fazer isso, Kendrick abaixa a cabeça.

Por favor, Deus, ele ora em silêncio, *não leve essa linda mulher para longe de mim. Permita que fiquemos juntos. Encontre alguma forma. Eu não desejo me separar dela.*

Kendrick abre os olhos e lentamente se levanta, surpreso com a oração que havia escolhido. Ele

não havia planejado aquilo; geralmente ele orava para o ano que se iniciava, pedindo força contra os

seus inimigos, coragem, a valentia. Mas aquela tinha sido a oração que invadiu sua mente, e Kendrick

havia prosseguido.

Ele se vira para Sandara, e ela sorri de volta.

"Eu orei por você, meu senhor," ela fale. "Que você encontre sabedoria e paz."

Kendrick sorri de volta.

"Eu também fiz uma oração muito especial."

Quando Kendrick olha por cima do ombro de Sandara, ele detecta movimento no horizonte

distante e, de repente, seu sorriso se desfaz. Ele fica confuso com o que vê; aquilo não faz sentido.

Kendrick empurra Sandara de lado e estuda o horizonte com os olhos de um guerreiro

experiente. Ao fazer isso, seu coração começa a bater mais rápido em seu peito.

Não pode ser - no horizonte, em meio a uma nuvem de poeira e fumaça preta, milhares de

guerreiros com armaduras se aproximam, descendo a estrada em direção à Corte do Rei, que está

desprotegida. Aquele é o único dia do ano, o Dia da Peregrinação, quando os portões são deixados

abertos. Naturalmente, Kendrick não havia pensado que eles precisassem ser protegidos. Quem na

terra poderia querer atacá-los quando o Anel estava tão seguro?

Quando Kendrick olha de perto, seu rosto enrubesce ao reconhecer a armadura dos McCloud. Ele

se irrita, sentindo raiva de si mesmo por não ter deixado mais soldados para trás. Ele está quase a

meio dia de viagem, e os McCloud estão muito perto - já se aproximando dos portões da Corte do

Rei.

Em instantes, Kendrick percebe com surpresa – sua irmã, desprotegida, estaria morta.

Kendrick solta um grande grito de guerra, e todos os seus homens se viram e veem o que ele vê;

em seguida, todos seguem seu exemplo e rapidamente descem a encosta da montanha, correndo com

seus cavalos – ansiosos para se juntar à luta, mas percebendo, com um sentimento de angústia, que já

é tarde demais.

Dentro de instantes, todos que eles conheciam e amavam estariam mortos.

CAPÍTULO Q UARENTA

Godfrey galopa pela longa estrada, como vinha fazendo durante toda a noite, sozinho, tentando

recuperar o fôlego, olhando por cima do ombro à procura de qualquer sinal do exército

McCloud. Ele pode vê-los, como fazia durante toda a sua viagem, levantando

uma enorme nuvem de

poeira no horizonte, não mais do que meia hora de distância atrás dele. Godfrey engole em seco e

chuta seu cavalo com mais força.

Godfrey sabe que não há espaço para erros e, mais exausto do que nunca havia ficado em toda

sua vida e completamente curado de sua bebedeira, ele sente que pode desmaiar a qualquer

momento. Ele está suando, muito fora de forma para aquilo, e o suor escorre pela sua testa e irrita

seus olhos. O cume está diante dele, e Godfrey reza para todos os deuses que conhece para que

quando ele atingir o topo a Corte do Rei esteja à vista.

Suas orações se tornam realidade. Finalmente, Godfrey fica aliviado ao ver, à distância, os

portões reconstruídos da Corte do Rei. Como ele suspeitava, eles estão bem abertos, com apenas um

punhado de soldados montando guarda. Claro. É o Dia de Peregrinação, e as centenas de cavaleiros

que geralmente montavam guarda estariam longe, em cima da montanha, e não voltariam até a

noite. Mas então, Godfrey sabe, seria tarde demais. Todos estariam mortos, toda a cidade saqueada.

Godfrey chuta seu cavalo com determinação renovada ao mesmo tempo em que ele avança a uma

velocidade vertiginosa, quase sem respirar, com o coração batendo em seu peito.

Finalmente, quando ele se aproxima dos portões da cidade, os poucos guardas presentes - jovens

soldados novatos, olham para ele surpresos, sem entender.

"BARREM OS PORTÕES!" Godfrey grita.

"O quê?!" um deles grita de volta.

Os soldados se entreolham, intrigados, como se presumindo que Godfrey estivesse louco. Na

verdade, Godfrey percebe, ele provavelmente parece um louco, dada sua aparência desleixada, seu

suor, a barba por fazer, sua ressaca, o cabelo em seus olhos e por ter montado a noite toda.

Godfrey enrubesce, determinado.

"UM EXÉRCITO SE APROXIMA!" Ele grita. "FECHEM OS PORTÕES OU EU MESMO OS

MATAREI!"

Os soldados finalmente olham atrás de Godfrey, em direção ao horizonte; a princípio, eles se

mostram inexpressivos, desconfiados.

Mas, em seguida, Godfrey vê seus olhos bem abertos em pânico, e percebe que os McCloud

devem ter atingido o topo da montanha.

Os soldados, de repente frenéticos, correm para baixar os portões.

"SOEM O ALARME!" Godfrey grita enquanto atravessa os portões abertos, instantes antes que

os homens terminem de fechá-los.

O som do alarme toma conta da cidade, ecoando um após o outro em uma sucessão de

disparos. Elas soam em um padrão de três, o som para a evacuação da cidade, um som que Godfrey

nunca tinha ouvido em toda sua vida.

Milhares de civis emergem rapidamente de suas habitações, bem disciplinados, preparados,

correndo pelas ruas da cidade de forma ordenada em direção a uma rota de evacuação da

cidade. Gwendolyn tinha pensado em tudo, e tinha preparado bem o seu povo. Godfrey fica satisfeito

ao ver que estava funcionando, e sente uma sensação estranha, que nunca havia sentido antes – ele

tem a sensação agradável de finalmente ter encontrado um propósito; a sensação de ter contribuído,

de ter feito a diferença. De ser destemido. De ser desejado e necessário.

É um sentimento de responsabilidade, uma sensação estranha para Godfrey, mas que ele aprecia.

Godfrey, encorajado, se dirige imediatamente ao castelo onde ele sabe que sua irmã estaria e,

enquanto corre, criados abrem as portas para ele, reconhecendo-o como irmão da Rainha.

Ele não tem tempo para desmontar, e atravessa as portas com seu cavalo, galopando pelo

corredor principal até chegar à escada que leva aos aposentos de Gwendolyn.

Ele salta do cavalo e cai no chão, ofegante, correndo em direção às escadas, subindo os degraus

três ou quatro de cada vez, quase sem fôlego.

Finalmente, ele chega ao andar superior, corre pelo corredor, e chega às portas da Sala do

Conselho da rainha, onde seu pai costumava se reunir com o seu conselho.

Godfrey não para quando os guardas tentam bloquear seu caminho; ele bate

neles com o ombro,

tirando-os do caminho; em seguida, ele abre as portas e entra na sala, assustando todos os

presentes. Sua irmã, sentada em seu trono com Guwayne nos braços, rapidamente se levanta - assim

como fazem dezenas dos membros do conselho, que olham para ele, chocados. É evidente que ele

tinha interrompido uma reunião importante.

"Godfrey," diz Gwendolyn, "por que você está aqui? O que você pensa..."

"Evacuem o castelo, imediatamente!" Godfrey grita, sem fôlego. "Vocês não ouviram os

alarmes? Estamos sendo atacados!"

O quarto irrompe em caos quando Gwen e seus conselheiros correm para as janelas, Gwen

segurando seu bebê, e abrem os vitrais instalados recentemente. Quando eles fazem isso, o som dos

alarmes invade o quarto, assim como o som do tumulto e caos abaixo deles.

Godfrey se junta a eles, e ao olharem para fora, seus rostos se transformam em uma expressão de

horror. Godfrey, em pé ao lado de sua irmã, pode ver o exército McCloud se aproximando dos

portões da cidade.

Enquanto pânico e medo se espalha por toda a sala, mesmo entre todos aqueles soldados

experientes, Gwen permanece calmo. Ela havia se tornado um líder firme, ele percebe, ainda mais

determinado do que todos aqueles homens.

"Evacuem imediatamente!" Gwendolyn comanda seus homens. "Faça o que

meu irmão diz. Todos

vocês, agora!"

Os vereadores partem para a ação, correndo da sala. Steffen, porém, recusa-se a sair do lado

dela, aproximando-se e ficando em pé ao lado dela.

Gwen fica segurando Guwayne, Steffen o único que ainda resta no quarto com ela, além de

Godfrey.

"Você deve ir com eles," Gwen fala para Godfrey.

"E quanto a você?" Pergunta ele, espantado com a própria calma, por seu destemor.

Gwen balança a cabeça.

"Eu vou ficar bem," ela diz.

No entanto, Godfrey suspeita que ela está apenas tentando parecer forte; e ao olhar para ele, ele

se sente inspirado por sua força.

"Não," algo dentro dele o faz responder. "Eu não posso ir embora. Os homens precisarão de ajuda para proteger nossos portões."

Gwen balança a cabeça.

"Você vai morrer," ela fala.

"Então que assim seja," declara Godfrey. E, pela primeira vez, ele não sente medo. Ele está

verdadeiramente sem qualquer receio.

Gwen, ao perceber a mudança nele, porque, pela primeira vez em sua vida, olha para ele de

forma diferente.

Ela estende o braço e coloca uma mão em seu ombro, olhando seu irmão firmemente nos olhos.

"Papai estaria orgulhoso do que você fez hoje," ela diz.

Godfrey se sente aquecido de apreço e amor; é a primeira vez que alguém em sua família lhe

demonstrava apreço, ele nunca tinha sido visto como nada além de um bêbado.

Godfrey acena de volta, com os olhos marejados, e dá uma última olhada em Gwen, torcendo

para que um dia ele pudesse ver sua irmã novamente, mas temendo que não o faria.

"Fique bem, minha irmã."

Godfrey se vira e corre para fora, determinado, correndo pelas escadas e saindo pelas portas do

castelo em direção aos enormes portões na entrada da cidade. Ele não para, e imediatamente começa

a ajudar uma dúzia de soldados que luta para fechar os portões. Ele começa a empurrar e logo faz a

diferença; graças à sua ajuda, o portão de ferro finalmente se fecha, e Godfrey rapidamente ajuda os

homens a içarem uma barra de ferro grossa e coloca-la embaixo das barras.

E bem a tempo - poucos segundos depois, o exército McCloud alcança os portões e se choca

contra eles. Eles param, incapazes de derrubá-los.

Godfrey segue outro soldado, correndo pelas escadas até o nível superior do forte, e pega um

arco com os outros. Ele se ajoelha e toma um lugar entre as muralhas com os soldados, mirando e

disparando sua primeira flecha.

Ele se sente bem – estava defendendo a cidade. Ele sabe que não ganharia; na verdade, ele sabe

que iria morrer ali, aquele dia. Mas isso já não importa para ele; tudo o que importa é que ele dê seu

último suspiro em um verdadeiro ato de honra.

CAPÍTULO Q UARENTA E UM

Gwendolyn está nas muralhas superiores do seu castelo com Guwayne em seus braços, chorando,

Steffen ao lado dela, e olha para o horizonte em direção ao leste. Seu coração se parte ao ver,

preenchendo o horizonte, diversas fileiras de bandeiras pretas, carregadas por guerreiros McCloud,

milhares e milhares deles a cavalo, todos cavalgando na direção certa da Corte do Rei. No horizonte

distante atrás deles, nuvens de fumaça negra cobrem o céu em cima de aldeias que claramente já

haviam sido saqueadas.

É um rio de devastação que se rapidamente se aproxima dela.

Alarmes soam incessantemente ao longo das muralhas do castelo e, abaixo deles, os súditos de

Gwendolyn correm para evacuar a Corte do Rei, como ela os tinha ensinado durante as últimas

luas. A evacuação está sendo mais organizada do que ela havia imaginado, sem dúvida, porque ela

tinha planejado e ensaiado isso tão bem, e quando ela olha para baixo, ela fica satisfeita em ver que a

Corte do Rei está praticamente vazia, com todos os moradores deixando a cidade pelo portão dos

fundos em direção a uma infinita variedade de cavalos e carroças que os aguardam do lado de fora,

para levá-los, como planejado, em direção à costa, em direção a uma frota de navios que os levaria

para longe dali, para as Ilhas Superiores – um lugar seguro.

Eles começam a ouvir o barulho dos soldados McCloud batendo em seus portões sem parar, e

quando o ferro começa a ceder, ela olha para baixo e percebe que os McCloud pretendem destruir a

cidade - e tudo o que ela tinha trabalhado tão duro para reconstruir.

Mas eles não matariam seu povo. Enquanto Gwen grita por dentro pelo que aconteceria com sua

cidade, ela ao menos tem a satisfação de saber que seu povo não seria prejudicado. Os McCloud

poderiam ter a cidade e todas as suas riquezas; mas seu povo viveria mais um dia.

"Minha senhora, nós não temos muito tempo," Steffen diz, ao lado dela.

Gwendolyn avalia os céus, seu coração aos pulos, e deseja agora, mais do que nunca, que Thor

estivesse ali, ao seu lado, que chegasse com Mycoples para salvá-los.

Mas seu futuro marido está muito longe, em alguma terra distante, e ela não sabe se um dia ele

voltaria.

Thor, ela ora. *Volte para mim. Eu preciso de você.*

Gwen fecha os olhos e, silenciosamente, pede pela volta dele. Ela também pede que Ralibar

apareça – mas no fundo, ela sente que isso não aconteceria. A partida de Mycoples tinha causado

alguma mudança nele, e ela não o tinha visto desde então. É como se ele tivesse entrado em algum

tipo de depressão; ele costumava visita-la todas as manhãs, mas há dias isso não acontecia. Ela não

consegue deixar de se perguntar se ele a tinha abandonado para sempre.

Gwen abre os olhos, esperançosa, mas o céu permanece vazio, preenchido apenas pelos gritos

dos homens envolvidos na batalha abaixo. Nenhum sinal de Thor, ou de Ralibar.

Ela está sozinha, mais uma vez. Ela sabia que, como sempre, ela teria que confiar em si mesma e

em mais ninguém.

"Minha senhora?" Steffen pergunta, um tom de alarme em sua voz.

"Eu ordenei que você vá," ela fala para ele.

Steffen balança a cabeça.

"Lamento muito, minha senhora," ele fala, "mas essa é uma ordem sua que não poderei

respeitar. Eu não vou sair sem você."

Guwayne se contorce e chora em seus braços, e Gwen olha para baixo e sente todo o amor

possível pelo seu filho. Gwen não consegue suportar a ideia de deixar sua cidade - e ainda assim ela

sabe que não ela muito tempo para levá-lo até um lugar seguro.

"Este é o meu lar," Gwen diz, agarrando-se ao lugar, resistindo. "A casa de meu pai."

Gwen fica observando tudo, e não aceita a ideia de deixar a cidade, o lugar onde ela havia

nascido. Depois de tudo o que ela tinha feito para reconstruí-lo, ela não quer deixar tudo à mercê

daqueles bárbaros.

"É hora de encontrar outro lar," Steffen declara.

Gwen procura nos céus uma última vez, procurando por algum sinal de Thor ou de Ralibar, e

procura nas estradas, esperando encontrar algum sinal da Prata. Mas as estradas também estão vazias,

como ela sabia que estariam. Os membros da Prata estão muito longe, envolvidos em sua

peregrinação; os McCloud haviam cronometrado bem o ataque.

Gwen respira fundo e solta lentamente o ar.

"Vamos," ela diz.

Gwen se vira e, agarrando Guwayne, que agora está gritando, se apressa com Steffen através das

muralhas, descendo a escada em espiral. Eles logo atingem o piso térreo do castelo e correm para se

juntar ao resto do fluxo que sai pelos portões nos fundos da Corte do Rei, dirigindo-se para os

cavalos e carroças que os aguardam.

Quando Gwen e Steffen chegam ao portão, Gwen vê que vários criados estão parados diante

dele, segurando-os abertos, esperando por ela. Na verdade, todos os seus súditos estão esperando

por ela, sentados em suas carroças e recusando-se a partir sem ela.

Gwen é a última pessoa a passar pelos portões. Assim que ela passa, os guardas fecham os

portões de ferro, batendo-os com um estrondo que ecoa pela cidade.

Gwen sobe em uma carroça com Guwayne, a última a deixar a Corte do Rei. O

guarda chicoteia o

cavalo, e ela - e todo o seu povo, começam a se afastar.

Gwen se vira e olha por cima do ombro enquanto eles avançam, e vê quando a Corte do Rei

desaparece de vista. O som dos portões se fechando e ecoa em sua mente enquanto ela observa a

cidade que ela amava ficando cada vez menor - condenada, ela sabe, a se tornar uma pilha de

escombros e cinzas. Tudo à que ela tinha se dedicado estava prestes a ser destruído.

Eles se dirigem às Ilhas Superiores, para outro lugar hostil, e ela sabe o tipo de vida que os

espera por lá. A vida deles, ela percebe, nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO Q UARENTA E DOIS

Romulus marcha, levando seu exército através das florestas fumegantes das Terras Selvagens - o

som de milhares de botas marchando atrás dele, e o céu completamente tomado pelo som de dragões

acima dele, e ele sorri em triunfo. Ali estava ele, invencível, tendo atravessado o oceano com uma

frota de navios, levando o seu exército, e os dragões, na última etapa de sua jornada, a poucos passos

de chegar ao Canyon e ser capaz de destruir o Escudo. A hora de sua vingança, de finalmente obter o

controle completo do mundo, havia chegado.

Enquanto eles avançam, os dragões mergulham, lançando uma chuva de fogo sobre as Terras

Selvagens, destruindo quilômetros de floresta e dizimando as criaturas que viviam

naquele lado do

Canyon. Os dragões forçam as criaturas para flora da floresta, e hordas inteiras aparecem gritando,

correndo diretamente na direção de Romulus e seus homens.

Romulus corre pra frente com a espada erguida, e corta a cabeça de um animal selvagem após o

outro, seguido de perto por todos os seus homens. É um banho de sangue, os homens destruindo tudo

em seu caminho como uma praga de gafanhotos, matando qualquer coisa que os dragões tenham

deixado para trás. Romulus não se divertia assim desde que ele ainda era um menino.

Romulus continua avançando, sentindo-se vitorioso, triunfante, preparando-se para a maior

vitória de sua vida. Em instantes, ele destruiria o Escudo, invadiria o Anel, tomaria o controle da

Corte do Rei e mataria Gwendolyn. Ele conseguiria o que todos os seus antecessores, até mesmo

Andronicus, nunca haviam conseguido: o domínio completo do mundo – e pretendia escravizar e

torturar todos os seus inimigos.

Romulus sorri e respira fundo com o pensamento; ele quase já consegue sentir o gosto de sangue.

O feiticeiro tinha profetizado que Romulus destruiria o Escudo, mas ele não tinha especificado

exatamente como. Romulus só pode supor que, com todos aqueles dragões em seu poder, sua força se

juntaria à dele para destruí-lo, e abriria o caminho para que ele atravessasse o Canyon até o

Anel. Afinal, como o Escudo poderia resistir à força daqueles dragões?

Romulus finalmente faz uma curva e respira fundo ao ver a cena da qual nunca se cansava: ali,

diante dele, está o grande Canyon, coberto de neblina, tentando-o a se aproximar. Diante dele,

Romulus vê o seu destino.

Romulus caminha até a borda do Canyon, até a grande ponte que une os dois mundos, e então ele

olha para cima e espera. Ele fecha os olhos e manda o seu exército de dragões avançar, direto para

cima do escudo invisível.

Ele abre os olhos e vê quando eles voam na direção do Canyon, e seu coração bate forte de

emoção. Ele se prepara para a destruição. Para o seu momento.

Mas, enquanto ele observa, Romulus fica chocado ao ver todos os dragões baterem no muro

invisível e saltarem para trás. Os dragões gritam em fúria, circulam, e saltam para cima do Escudo

repetidas vezes - mas eles não conseguem ultrapassar o Escudo.

Romulus fica ali, perplexo, completamente arrasado pela decepção. Como o Escudo poderia

resistir ao poder de todos aqueles dragões? Ele estava destinado a entrar no Anel, isso havia sido

profetizado. O que estava errado?

Romulus, queimando de frustração, sabe que precisa testar o Escudo de outra maneira. Ele

estende a mão, pega um de seus homens, e joga o soldado em cima do escudo invisível.

O homem voa de cara para o Escudo e grita quando é completamente queimado, reduzido a uma

pilha de cinzas no chão.

Romulus fica enfurecido – aquilo não poderia ser possível. O que estava errado? Ele tinha sido

enganado? Será que ele seria forçado a voltar atrás, humilhado mais uma vez? A ideia é demais para

ele suportar.

Não faz sentido, ele é o senhor dos dragões. Não há nada neste planeta – nada - que pudesse detê-

lo.

Romulus levanta os olhos e observa o continente do Anel ao longe. Enquanto ele olha, todas as

suas esperanças e sonhos começam a desmoronar. Pela primeira vez, seu senso de poder insuperável

começa a se abalar. O que ele estaria faltando?

Enquanto Romulus espera, observando, percebendo com vergonha que teria que se virar e

abandonar seus planos de uma vez por todas, de repente e lentamente, algo surge na distância. É uma

mulher. Ela caminha lentamente, do outro lado do Canyon, e os pés sobre a ponte.

Ela se movimente com cautela no começo, dando um passo de cada vez. Ela estende os braços

para o lado dela e, a cada passo que dá, ela chega um pouco mais perto, até que Romulus a

reconhece.

Poderia ser? Seus olhos poderiam estar pregando uma peça nele?

Aquilo não faz sentido - uma mulher está voluntariamente atravessando a ponte, em direção ao

seu lado do Anel. É uma mulher que ele reconhece, a primeira e única mulher de quem ele mais

precisava no mundo. Luanda.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Luanda para diante da grande ponte sobre o Canyon e, com o coração frio e endurecido, -

insensível ao mundo, ela olha para a visão à sua frente. Do outro lado do Canyon, na terra dos

Selvagens, há milhares de soldados do Império, liderados por Romulus, que fica parado ali,

esperando para atravessar. Acima deles há uma série de dragões, gritando e batendo suas asas contra

o Escudo. Romulus fica em pé diante do outro lado da ponte, com as mãos nos quadris, observando.

Luanda se sente pronta para acabar com tudo ao dar o primeiro passo na ponte, sozinha, sem

nenhum motivo para continuar vivendo. Uma rajada de vento bate em seu rosto, gelada apesar do dia

de verão. Com Bronson morto, Luanda é uma pessoa fria, amargurada, seu coração está

completamente morto por dentro. Ela sabe que tem um bebê em seu corpo, mas agora aquilo lhe

parece uma piada cruel, um bebê sem um pai, um bebê condenado pelo destino. Que outros truques

cruéis a vida teria guardados para ela? Ela perderia seu bebê, também?

Já é tempo, ela sente, de deixar aquele mundo. É hora de deixar o Anel, deixar aquele planeta.

Mas antes de fazer isso, ela primeiro, mais do que tudo, sente um desejo ardente de vingança

contra Gwendolyn. Ela sente a necessidade de destruir Gwendolyn e os MacGil, sua antiga família, a

Corte do Rei, e tudo de bom que ainda existia no Anel. Ela quer que todos eles sofram, que conheçam

a mesma dor que ela estava sentindo. Ela quer que eles aprendam qual é a sensação de ser um pária,

uma exilada.

Luanda, atordoada, dá mais um passo em cima da ponte. Em seguida, outro.

Ela sabe que Romulus quer que ela atravesse. Ela sabe que ela é a chave. Ela sabe que, assim

que atravessar para o outro lado, o Escudo seria desativado. Romulus poderia entrar no Anel com

seus homens e seus dragões, e o destruiria para sempre. E é exatamente isso que ela quer - é a única

coisa que ela ainda espera dessa vida.

Luanda dá mais um passo, e depois outro. Já na metade da ponte, ela fecha os olhos e estende os

braços, expondo as palmas das mãos diante dela. Ela continua andando de olhos fechados, inclinando

a cabeça para trás, olhando para o céu.

Luanda pensa em seu pai morto, em sua mãe morta. Seu marido morto. Ela pensa em tudo o que

ela já havia amado, e em como tudo isso está longe dela agora.

Ela sente o mundo se movendo embaixo de seus pés, ouve o grito dos dragões, sente a umidade

da neblina ao redor dela – e sabe que em poucos momentos, ela estaria do outro

lado, nos braços de

Romulus. Certamente, ele a mataria - mas isso não importa mais.

Tudo o que importa é que ela não tinha chegado a tempo de salvar seu marido da morte.

Por favor, Bronson, ela pede. *Perdoe-me.*

Perdoe-me.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Reece, no castelo de Tirus nas Ilhas Superiores, caminha lentamente pelo longo corredor

vermelho acarpetado, levando a um enorme trono sobre o qual Tirus está sentado. Por dentro, Reece

está ardendo de raiva, quase sem conseguir acreditar que está ali. A grande câmara está lotada com

centenas de súditos leais de Tirus, seus guardas alinhados em ambos os lados da sala, juntamente

com centenas dos habitantes das ilhas, todos lotando o salão para testemunhar o momento. Para

testemunhar o pedido de desculpas de Reece.

Reece caminha lentamente, sentindo centenas de olhos sobre ele, dando cada passo

deliberadamente. Ele olha ao longe e vê que Tirus o observa, triunfante, claramente saboreando o

momento. A tensão é tão pesada que pode ser sentida no ar. A cada passo que Reece dá, suas esporas

tilintam, o único som em uma sala completamente silenciosa.

Gwendolyn tinha enviado Reece ali naquela missão humilhante, para fazer uma trégua entre as

duas famílias MacGil, para unir as Ilhas Superiores, para cumprir sua agenda

maior, o que quer que

isso quisesse dizer. Ele ama e respeita sua irmã mais do que qualquer coisa, e sabe que ela precisa

disso. Ela precisa disso para todo o seu reino, para o Anel, por seu súdito leal, Srog, que estava

ferido e que Reece pode ver até mesmo agora, amarrado ao lado de Tirus, junto com seu primo,

Matus. O pedido de desculpas de Reece resultaria na libertação de ambos, o que traria uma trégua

entre os reinos. Isso ajudaria o plano maior de Gwendolyn, unindo as Ilhas Superiores – e também

libertaria a outra metade da frota de Gwendolyn, e os milhares de marinheiros a bordo, que estavam

sendo mantidos cercados pelos homens de Tirus. Reece sabe o que precisa ser feito, por mais que

seu orgulho lhe diga para fazer o contrário.

A cada passo que Reece dá, ele pensa em Selese, e lembra da vingança que havia conseguido

contra Falus, e em como ela tinha sido gratificante. Mas nada jamais traria Selese de volta para ele, e

ele nunca seria capaz de mudar o que tinha acontecido com ela. Para Reece, aquilo tinha sido apenas

o começo; ele quer matar todos eles, cada uma das pessoas presentes naquela sala – Tirus acima de

tudo, mesmo ele sendo o homem a quem Reece estava sendo forçado a se desculpar.

Reece chega mais perto de Tirus, que ainda está sentado. Reece começa a subir os degraus de

marfim que dão acesso ao trono um de cada vez, subindo cada vez mais alto,

chegando cada vez mais

perto dele. Ele sente que todos o observam, todos os arrogantes e presunçosos habitantes das Ilhas

Superiores parecem estar saboreando aquele momento histórico, o momento em que um guerreiro

verdadeiro e honesto seria forçado a se ajoelhar e pedir desculpas a um traidor, a um mentiroso

imundo.

Reece queima de raiva da maneira como a política força as pessoas a agirem; traindo seus

ideais; traindo seu senso de justiça e forçando as pessoas a comprometerem seus princípios, e até

mesmo sua integridade, em nome de um bem maior. Mas não eram os princípios e a integridade em si

um bem maior? O que as pessoas seriam sem eles?

Reece compreende as decisões de Gwen, que são as decisões de um governante sábio e

temperado. Mas se é isso que significa ser um governante, aquilo é algo do qual Reece quer

distância. Ele prefere ser um guerreiro do que um governante, preferindo um poder limitado e viver a

sua vida com a mais alta integridade, do que ter mais poder e tem que comprometer quem ele era.

Reece termina de subir a etapa final e para diante de Tirus, encarando-o desafiadoramente

enquanto Tirus olha para ele.

A tensão é espessa na sala, palpável no ar, e Reece quase pode senti-la na pela.

"Você tirou um de meus filhos de mim," Tirus diz com a voz fria e dura.

"Assassinou meu filho a sangue frio."

"E ele tinha tirado minha esposa de mim," Reece rebate, igualmente sombrio.

Tirus franze a testa.

"Ela não era sua esposa," ele responde. "Ainda não, de qualquer maneira. E ele não a matou. Ela tirou a própria vida."

Reece faz uma careta.

"Ela tirou a própria vida por causa dos falsos relatos que seu filho lhe deu. Foi ele quem a

matou."

"Ele não empunhava uma espada," fala Tirus.

"Ele empunhava uma mensagem," Reece rebate, "que foi mais mortal do que uma lâmina."

Tirus enrubesce, claramente irritado.

"Seu ato é merecedor da pena de morte," ele conclui. "Mas, como um ato de misericórdia para Gwendolyn, eu escolhi permitir-lhe viver. Tudo que você precisa fazer é pedir desculpas. Ajoelhe-se, e peça desculpas por tirar a vida do meu filho."

Reece arde com emoções conflitantes, tudo dentro dele gritando que aquilo é errado. *Tudo* aquilo

estava errado, e poderia até mesmo ser uma boa política, mas ia contra o código de honra de um

cavaleiro. O filho de Tirus merecia morrer e Tirus merecia morrer - aquele porco que havia traído o

Anel, que tinha uma parceria com Andronicus e tinha tentado matar todos eles.

No entanto, apesar de cada grama de seu corpo protestar, Reece lenta e dolorosamente, se obriga

a tomar um joelho diante de Tirus.

Tirus sorri, saboreando o momento.

"Muito bem," ele fala. "Agora, peça desculpas. E faça com que eu acredite."

"Peço desculpas..." Reece começa, e então para de falar quando as palavras ficam presas em sua

garganta.

Tirus olha para baixo, impaciente.

"Por quê?" Tirus pergunta.

Reece se sente dominado pela emoção - pela paixão, e é incapaz de contê-la. O mundo inteiro

para suspenso, e sua mente gira. Ele sente como se toda a sua vida o vinha preparando exatamente

para aquele momento, como se seu destino estivesse convergindo, bem ali. O momento em sua vida

em que todos os caminhos se encontrariam, a interseção entre o que era sábio e que era *direito*.

Reece levanta a cabeça, olha para cima, e encara Tirus nos olhos.

"Peço desculpas..." ele continua, "... por não ter tirado a sua vida, também."

Enquanto ele pronuncia as palavras, Reece se abaixa, pega uma adaga no cinto, pula para a frente

e, antes que ele ou qualquer outra pessoa possa reagir, mergulha a adaga no coração de Tirus.

Tirus dá um grito terrível quando Reece se inclinou para perto, de cara amarrada, ainda

segurando o punhal. Reece sabe que tinha acabado de assinar sua sentença de morte; ele sabe que

estava totalmente cercado, e prestes a ser morto por todos naquela sala. Ele sabe que ele tinha

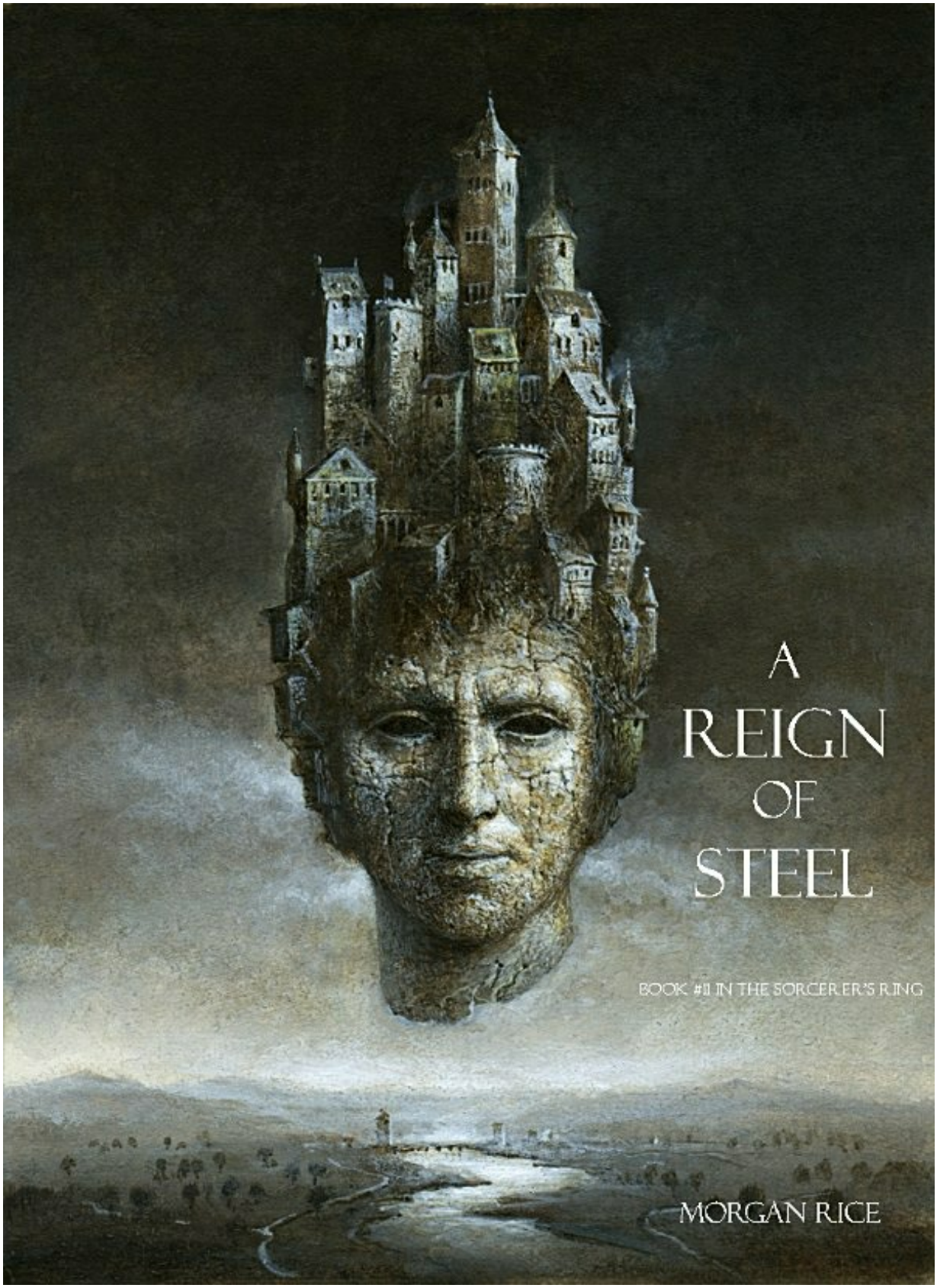
acabado de criar um problema para o Anel, uma guerra civil, e que milhares de homens se

encontrariam suas mortes.

Mas ele não se importa mais. Ele tinha feito o que era *certo*, sua amada Selese tinha sido

vingada. Sua honra tinha sido restaurada e, não importa o que acontecesse, ele morreria com honra.

"Saudações," Reece fala, "em nome de Selese."



AGORA DISPONÍVEL!

UM REINADO DE AÇO

LIVRO Nº11 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO

Clique aqui para efetuar o download de UM REINADO DE AÇO na Amazon agora!

Em UM REINADO DE AÇO (LIVRO Nº11 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO), Gwendolyn deve proteger o seu povo ao ver seu reino dominado. Ela luta para evacuar o Anel – mas há um problema: seu povo se recusa a partir. Quando uma batalha de vontades se segue, Gwen vê seu reinado colocado à prova pela primeira vez – enquanto a maior ameaça ao Anel se aproxima.

Além dos McCloud existe a ameaça de Romulus e seus dragões que, com o Escudo destruído, começam uma invasão catastrófica que não deixa nada entre eles e a destruição completa do Anel. Romulus, com o apoio de Luanda, está invencível até o final do ciclo da lua, e Gwen deve lutar pela sobrevivência – sua, de seu filho e de todos os seus súditos – em meio a uma batalha épica entre homens e dragões. Kendrick lidera os Prata em uma batalha corajosa, e recebe a ajuda de Elden e dos novos recrutas da Legião juntamente com seu irmão Godfrey, que surpreende a todos, incluindo ele mesmo, com seus atos de bravura. Mas, mesmo assim, tudo isso pode não ser o suficiente.

Enquanto isso, Thor embarca na viagem de sua vida na Terra dos Druidas, atravessando uma região assustadora e mágica, diferente de todas as outras e regida por suas próprias leis. Atravessar aquela terra exigirá todas as habilidades e experiência de Thor, forçando-o a buscar dentro de si a força para se tornar o guerreiro – e druida – que ele está destinado a ser. Ao encontrar monstros e desafios maiores do que nunca, Thor terá que colocar sua vida em risco para encontrar sua mãe.

Erec e Alistair viajam para as Ilhas do Sul, onde são recebidos pelos conterrâneos dele, incluindo seu competitivo irmão e sua irmã invejosa. Erec tem um dramático último encontro com seu pai, e a ilha se prepara para levá-lo ao trono. Mas, nas Ilhas do Sul, deve-se lutar pelo direito ao trono, e Erec é coloca à prova como nunca antes. Em uma reviravolta dramática, descobrimos que existe traição também no mundo dos nobres guerreiros.

Reece, cercado nas Ilhas Superiores, deve lutar por sua vida após sua vingança contra Tirus. Desesperado, ele se vê unido a Stara, ambos mutuamente receosos, embora unidos na luta pela sobrevivência – uma luta que terminará com uma batalha naval épica que colocará toda a ilha em risco.

Gwen conseguirá atravessar o mar em segurança? Será que Romulus conseguirá

destruir o Anel? Reece e Stara ficarão juntos? Erec será coroado Rei? E Thor, será que ele vai encontrar sua mãe? O quê acontecerá com Guwayne? Alguém sobreviverá à tudo isso?

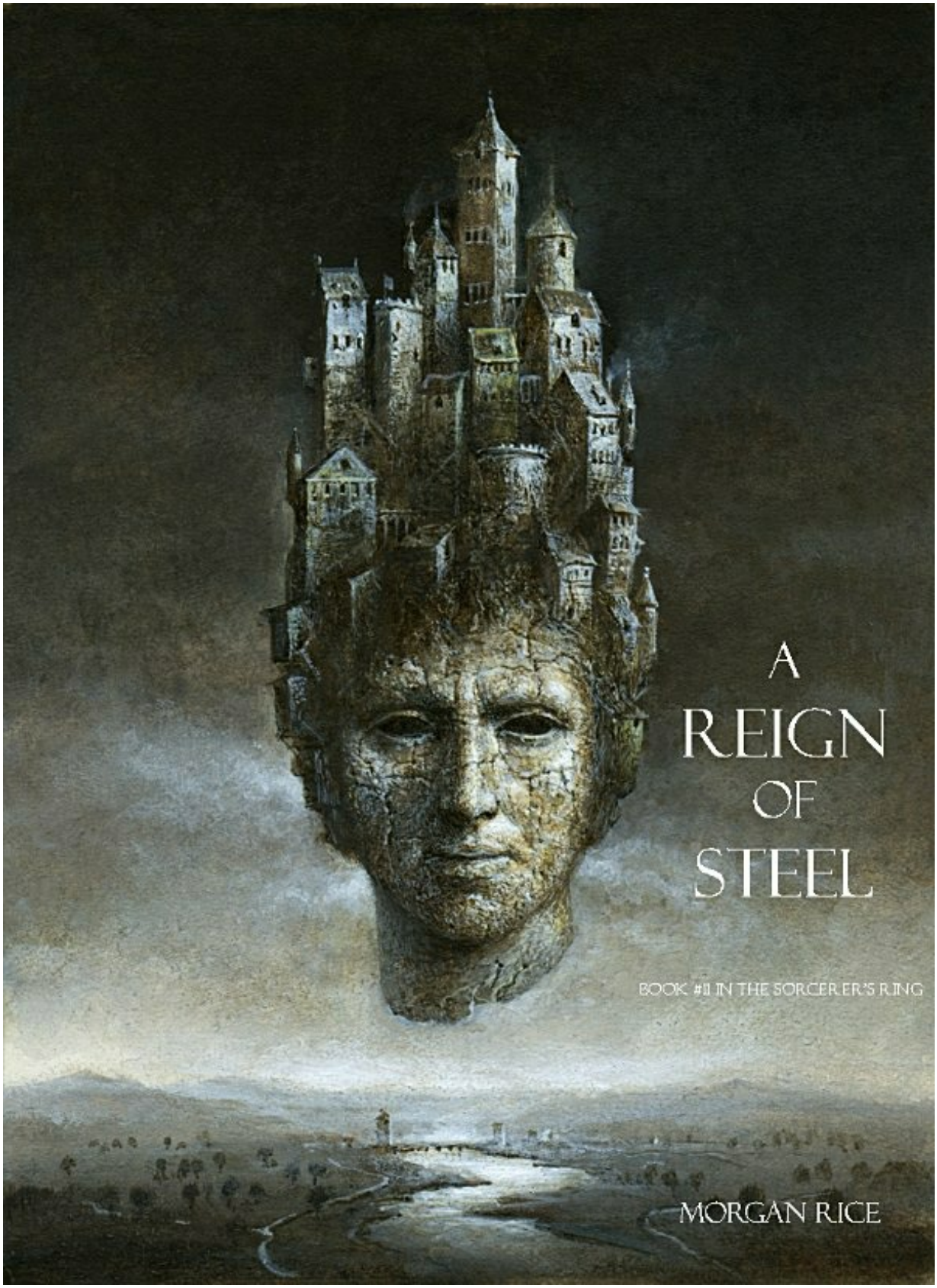
Com um enredo e caracterização sofisticados, UM REINADO DE AÇO é uma estória épica de amigos e amantes, rivais e interesses românticos, cavaleiros e dragões, intrigas e manipulações políticas e da mudança para a vida adulta, de corações partidos, decepções, ambição e traição. Uma estória de honra e coragem, de destino e magia. Uma fantasia que nos leva a um mundo inesquecível, e que atrai leitores de todas as idades e gêneros.

Livros Nº 12 - 15 também estão disponíveis!

UM REINADO DE AÇO

LIVRO N º11 DA SÉRIE O ANEL DO FEITICEIRO

Clique aqui para efetuar o download de UM REINADO DE AÇO agora!


A
REIGN
OF
STEEL
BOOK #1 IN THE SORCERER'S RING
MORGAN RICE



[Faça o download dos livros de Morgan Rice agora!]



Ouça a série O ANEL DO FEITICEIRO em formato de áudio livro!

Livros de Morgan Rice

O ANEL DO FEITICEIRO

EM BUSCA DE HERÓIS (Livro nº1)

UMA MARCHA DE REIS (Livro nº2)

UM DESTINO DE DRAGÕES (Livro nº3)

UM GRITO DE HONRA (Livro nº4)

UM VOTO DE GLÓRIA (Livro nº5)

UMA CARGA DE VALOR (Livro nº6)

UM RITO DE ESPADAS (Livro nº7)

UM ESCUDO DE ARMAS (Livro nº8)

UM CÉU DE FEITIÇOS (Livro nº9)

UM MAR DE ESCUDOS (Livro nº10)

UM REINADO DE AÇO (Livro nº11)

UMA TERRA DE FOGO (Livro nº12)

UM GOVERNO DE RAINHAS (Livro nº 13)

UM JURAMENTO DE IRMÃOS (Livro nº 14)

UM SONHO DE MORTAIS (Livro nº 15)

UMA JUSTA DE CAVALEIROS (Livro nº 16)

O PRESENTE DA BATALHA (Livro nº 17)

TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA

ARENA UM: TRAFICANTES DE ESCRAVOS (Livro nº 1)

ARENA DOIS (Livro nº 2)

MEMÓRIAS DE UM VAMPIRO

TRANSFORMADA (Livro nº 1)

AMADA (Livro nº 2)

TRAÍDA (Livro nº 3)

PREDESTINADA (Livro nº 4)

DESEJADA (Livro nº 5)

COMPROMETIDA (Livro nº 6)

PROMETIDA (Livro nº 7)

ENCONTRADA (Livro nº 8)

RESSUSCITADA (Livro nº 9)

ALMEJADA (Livro nº 10)

DESTINADA (Livro nº 11)

Sobre Morgan Rice

Morgan Rice é a autora do bestseller Nº1 DIÁRIOS DE UM VAMPIRO, uma série destinada a jovens adultos composta por onze livros (em progresso); da série bestseller Nº1 TRILOGIA DE SOBREVIVÊNCIA, um thriller pós-apocalíptico composto por dois livros (em progresso); e da série bestseller Nº1 de fantasia épica O ANEL DO FEITICEIRO, composta por treze livros (e contando).

Os livros de Morgan estão disponíveis em áudio e versões impressas, e traduções dos livros estão disponíveis em alemão, francês, italiano, espanhol, português, japonês, chinês, sueco, holandês, turco, húngaro, eslovaco (e mais idiomas em breve).

TRANSFORMADA (Livro Nº1 da série Diários de um Vampiro), ARENA UM (Livro Nº1 da série Trilogia de Sobrevivência) e EM

BUSCA DE HERÓIS (Livro Nº1 da série O Anel do Feiticeiro) estão disponíveis gratuitamente no Google Play!

Morgan gosta de ouvir sua opinião, então por favor, sinta-se à vontade em visitar www.morganricebooks.com para se juntar à lista de correspondência, receber um livro grátis, receber brindes, efetuar o download do aplicativo gratuito, receber as últimas notícias exclusivas, se conectar com o Facebooke o Twitter, e manter contato!

Document Outline

- CAPÍTULO UM
- CAPÍTULO DOIS
- CAPÍTULO TRÊS
- CAPÍTULO QUATRO
- CAPÍTULO CINCO
- CAPÍTULO SEIS
- CAPÍTULO SETE
- CAPÍTULO OITO
- CAPÍTULO NOVE
- CAPÍTULO DEZ
- CAPÍTULO ONZE
- CAPÍTULO DOZE
- CAPÍTULO TREZE
- CAPÍTULO QUATORZE
- CAPÍTULO QUINZE
- CAPÍTULO DEZESSEIS
- CAPÍTULO DEZESSETE
- CAPÍTULO DEZOITO
- CAPÍTULO DEZENOVE
- CAPÍTULO VINTE
- CAPÍTULO VINTE E UM
- CAPÍTULO VINTE E DOIS
- CAPÍTULO VINTE E TRÊS
- CAPÍTULO VINTE E QUATRO
- CAPÍTULO VINTE E CINCO
- CAPÍTULO VINTE E SEIS
- CAPÍTULO VINTE E SETE
- CAPÍTULO VINTE E OITO
- CAPÍTULO VINTE E NOVE
- CAPÍTULO TRINTA
- CAPÍTULO TRINTA E UM
- CAPÍTULO TRINTA E DOIS
- CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
- CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
- CAPÍTULO TRINTA E CINCO
- CAPÍTULO TRINTA E SEIS
- CAPÍTULO TRINTA E SETE
- CAPÍTULO TRINTA E OITO
- CAPÍTULO TRINTA E NOVE

- CAPÍTULO QUARENTA
- CAPÍTULO QUARENTA E UM
- CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
- CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
- CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO